

**Sun Myung Moon
Os Primeiros Anos**

1920 a 1953



Reverendo Sun Myung Moon



**Sun Myung Moon,
Os Primeiros Anos, 1920 a 1953**

Por Michael Breen
Tradução: Prof. Marcos Alonso

Índice

Mapa	5
Agradecimentos	7
Prefácio	9
Notas de nomes coreanos e sua grafia	11
1. O Vilarejo Moon	13
2. A Conversão	23
3. A Igreja que Chora	31
4. Emoto Ryumei	39
5. O Segundo Israel	43
6. Jerusalém do Oriente	53
7. Campo de Morte	67
8. Quarenta Dias em Pyongyang	89
9. A Trilha do Refugiado	95
10. A Rocha de Lágrimas	103
Notas	125
Nomes Coreanos	149



Sobre o Autor

Michael Breen é consultor e escritor, que foi para a Coreia como correspondente em 1982. Ele cobriu o norte e o sul da Coreia em momentos diferentes para os *The Washington Times*, *The Guardian* e *The Times*. Ele foi o presidente do ‘Clube de Correspondentes Estrangeiros’ em Seul por três anos durante o período de democratização da Coreia do Sul, e viajou muito pela Coreia do Norte. Ele é casado e tem três filhos, e mora em *Sussex* na Inglaterra.

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de várias pessoas. Em particular, eu gostaria de agradecer a Mark Setton, um estudante de Confucionismo e filosofia coreana que lançou o conceito original da esfera do debate e encorajou-me a torná-lo real. Sem sua convicção, o projeto nunca teria iniciado. Da mesma forma, Daniel Davies, um teólogo e especialista em história cristã coreana, cujo interesse entusiástico na pesquisa nunca oscilou. Sem seu encorajamento, as entrevistas nunca teriam sido escritas e o livro nunca teria sido impresso.

Entre as centenas de fontes de informação, várias foram especialmente generosas com muitas horas de seu tempo e com paciência suportaram interrogatórios e chamadas telefônicas toda hora. Em particular, eu agradeço a Moon Seung yong, Park Chong Hwa e Im Nam Sook.

Muitas entrevistas foram conduzidas na Coreia. Eu estou eternamente endividado às pessoas a seguir, que em compensação ao meu desconhecimento do idioma, se uniram a mim na aventura de descobrir fontes e revelar suas histórias: Lee Han woo, Lee Jung hee, Mallory Ieece, Pak Kyong Do, Mark Setton e Herbert Wolf. Nas interpretações e traduções, agradeço à Im Myeong Shin, Kim Hye Sun, Pak Hyo Hyun, Karl Heinz Schultz e Shin Sang Soo.

Eileen Barker, William Chasseaud, Andrew Davies, Daniel Davie, Dan Fefferman, Rupert Pollard, George Robertson e Paul Rogers leram parte ou o todo dos últimos rascunhos. O texto está melhor por suas valiosas sugestões e comentários.

Gostaria também de agradecer minhas secretárias Im Mi-hi e Lee Juhg hee, por seu auxílio na busca e agendamento de entrevistas, e Lee Sun jin, que traduziu o texto final para o coreano na Inglaterra, e eu gostaria de agradecer a William Chasseaud e George Robertson pelos conselhos e ajuda adicionais.

Prefácio

Sun Myung Moon esteve preso seis vezes em quatro países, declarado como um herege por todos os púlpitos de sua terra natal, a Coreia, foi aviltado em seu lar adotado, os Estados Unidos, e barrado várias vezes no Japão, Inglaterra, França, Alemanha e vários outros países da Europa.

Apesar da convicção dos Estados Unidos em 1982 por sonegação de impostos, todavia, os governos e a imprensa nestes países não sugerem que Moon seja um criminoso, e certamente não é um terrorista. Contudo eles o trataram como se pertencesse a tais grupos. Por quê? O regime comunista na Coreia do Norte provavelmente forneceu a resposta mais direta em 1948 quando achou Moon culpado de, entre outras coisas, “trazer desordem para a sociedade”. Como o fundador de um novo movimento religioso, Moon, como outras figuras religiosas, perturbava a sociedade. A resposta norte coreana foi sentenciá-lo há cinco anos em um campo de trabalho forçado, onde as condições na prisão eram tão severas, que centenas morreram de esgotamento e fome. Ao descrever este período, Moon disse que sua oração constante era, "Deus, não se preocupe comigo." Sua compreensão era que, se Deus pudesse libertá-lo, Ele o faria. Mas se Deus não pudesse, lembrá-Lo de seu sofrimento e pedir por ajuda causaria angústia a Deus.

E assim, existem duas imagens de Sun Myung Moon, o amplamente conhecido perturbador da sociedade, e o homem que não quer ferir os sentimentos de Deus. Este livro é sobre o homem menos conhecido. E assim deveria ser, pois se líderes religiosos são lembrados, é por sua fé, suas convicções e como estas foram expressas em sua vida e na vida de seus seguidores, e não pelas pessoas que foram incomodadas.

É minha convicção que, quando a poeira assentar, Sun Myung Moon será lembrado principalmente por uma única lição. Essa lição é, que Deus tem paixão. As visões de Moon baseiam-se em uma crença que Deus não é o criador insensível ou mentor intelectual de alguma crença moderna, nem o impositor de crenças antigas. Seu Deus sente, de forma acurada, e anseia por um relacionamento pleno e independente com cada pessoa. Embora esta visão possa não ser original, Moon é único na forma como a trouxe para o cenário central em sua espiritualidade pessoal.

Desde sua adolescência, ele tem perseguido, ao ponto da obsessão por esse objetivo principal: liberar Deus do que ele entende ser uma agonia cósmica, causada pela criação rebelde, a humanidade. Moon tem buscado curar o coração triste de Deus, ao ser seu filho devotado. Sua mensagem é, naturalmente, que deveríamos nos esforçar para fazer a mesma coisa. Até que façamos isso, Deus está miserável, ele acredita.

Este livro não pretende persuadir o leitor sobre esse conceito. Ao invés, ele foi concebido para explorar como as visões de Moon sobre Deus se desenvolveram e deram expressão no período anterior de sua vida antes da fundação da Igreja de Unificação em 1954. Esta é uma obra não oficial. Histórias entre os Unificacionistas que Moon uma vez pegou um martelo contra uma estatueta feita dele por um seguidor, e que ele declinou em cooperar com uma solicitação feita por um seguidor japonês para fazer uma biografia, não me convenceram a procurar qualquer informação sobre esse assunto. Assim, tanto a biografia oficial como a história completa deste período da vida de Moon continua a ser escrita.

Nos estágios iniciais da pesquisa, eu ignorei as fontes escritas Unificacionistas, porque a maioria do material sobre Moon está na forma de discursos transcritos de líderes seguidores. Como estes foram proferidos para o propósito de educação ou conversão do público, eles são suspeitos como história.

A informação neste livro está baseada principalmente em entrevistas, as quais foram conduzidas por vários anos. As fontes incluem membros da família de Moon, companheiros prisioneiros, e antigos seguidores, alguns dos quais ainda estão com ele e alguns que mais tarde se opuseram a ele. Todas as fontes são primárias. Em outras palavras, eu não levei em conta os comentários que não têm experiência sobre o que estavam testemunhando. Fontes primárias, naturalmente, apresentam seu próprio conjunto de problemas. Algumas são desonestas. Algumas buscam exagerar sua importância na vida de Moon ou compreensivelmente minimizar incidentes que colocaram eles ou membros de sua família em uma situação inferior. Uma frustração foi que alguns que deixaram Moon haviam esquecido os detalhes de incidentes que foram significantes para nossa história, mas que agora significam muito pouco para eles.

Devo anotar que lembranças pessoais, especialmente sobre eventos que ocorreram décadas anteriores, não se submetem a precisão. Em alguns casos, fontes foram contraditórias entre si. O julgamento sobre relativa credibilidade é meu e, onde não tenho certeza, as diferenças são explicadas em notas de rodapé. Onde as fontes foram indisponíveis, o texto se baseia em informação publicada anteriormente, como indicado nas notas de rodapé.

No início da pesquisa, um seguidor idoso coreano expressou sua educada irritação em minha insistência sobre detalhes, e propôs que eu prestasse mais atenção ao significado da experiência de Sun Myung Moon. Estou ciente de que alguns Unificacionistas podem considerar que, ao ignorar este conselho e apresentar os detalhes com um mínimo de comentário, a narrativa possa desvirtuar o significado da vida de Moon. Para isto, eu posso somente dizer que este é o trabalho de um jornalista. Este livro não foi escrito com uma visão consciente de tornar a espiritualidade de Moon mais acessível para seus seguidores. Entretanto, ocorre para mim em minha própria defesa que os detalhes comuns tornam humano um homem espiritual, e que sua humanidade o torna acessível. Tendo dito isso, peço desculpas se alguém se sentir ofendido em qualquer parte deste livro, pois esta não é a intenção. Embora tenha me esforçado para manter a objetividade, a fim de evitar uma hagiografia, não sou obrigado a permanecer neutro. Este livro está concebido como uma biografia amigável sobre um homem extraordinário.

Ao mesmo tempo, também estou ciente que muitos leitores não Unificacionistas têm ostentado sérias e genuínas preocupações sobre o impacto dos ensinamentos de Moon. Eu terei falhado em minha tarefa, se estes leitores acharem que minha abordagem surge como uma hagiografia disfarçada. Embora eu não reivindique ter produzido uma interpretação abrangente sobre Moon, espero que este trabalho ao menos derrame alguma luz sobre a parte desconhecida de sua vida de formação, de uma forma que possa auxiliar os leitores a fazer sua própria avaliação.

Seul,
Setembro de 1997

Notas sobre Nomes Coreanos e sua Grafia

Nomes coreanos são difíceis para leitores de outros idiomas, na melhor das hipóteses, e são completamente causadores de confusão quando aparecem com frequência, como neste texto. O leitor pode desejar consultar a lista de nomes, no final do livro (p. 147), das pessoas que figuram na narrativa.

Nomes coreanos começam com um nome de família com uma única sílaba ou, em casos raros, com duas sílabas. As duas sílabas que se seguem são o nome específico, por exemplo, alguém chamada Kim Kyung já seria chamada de Sra. Kim em circunstâncias formais e de Kyung já por seus amigos. Destas duas sílabas, uma é o nome da geração compartilhado por irmãos e primos. Assim, a prima de Kyung já poderia se chamar Kyung mee. Às vezes o nome específico somente tem uma sílaba.

No ocidente, muitos coreanos invertem seus nomes. Moon é conhecido na Coreia como Moon Sun Myung. No ocidente ele é conhecido como Sun Myung Moon. Eu mantive esta forma invertida como os leitores estarão mais familiarizados. Entretanto, no texto eu coloquei hífen nas duas primeiras sílabas para manter coerência com outros nomes coreanos, e para lembrar os leitores que seu nome é 'Sun myung', e não 'Sun', como ele é às vezes chamado de forma errônea. Uma exceção também foi feita, pela mesma razão de familiaridade, com Syngman Rhee, o primeiro presidente sul coreano. Na Coreia, ele é Rhee Syng man.

Não há nenhum sistema uniformemente aceito ou proposto para palavras em coreano para o alfabeto romano, por isso fiz uma transcrição literal com precisão e simplicidade. Sempre que necessário, a simplicidade foi sacrificada pela exatidão; por exemplo, nos nomes de lugares como Heungnam, Heuksok dong e Dok heung ri, o 'e' poderia ser descartado. Entretanto, ele está mantido para distinguir a vogal, que é como o 'u' no inglês sulista como em 'hurt', diferente do 'u' em 'hung'. Palavras longas foram quebradas por hífen para torná-las mais fáceis de ler. Com nomes mais conhecidos, o autor aceitou as ortografias comuns. A cidade de Pusan, por exemplo, deveria ser, e frequentemente é, escrita como 'Busan.' Da mesma forma, Syngman Rhee deveria de fato ser Lee Seung man.



Assinatura do Reverendo Sun Myung Moon

Capítulo 1 O Vilarejo Moon

Sun Myung Moon nasceu no inverno de 1920 na pequena casa de palha de uma família de agricultores no noroeste da Coreia. A casa era uma das quinze que compunham as minúsculas aldeias que eram conhecidas como Sangsa-ri e Dok heung-ri. Ninguém sabia qual era o nome oficial, embora 'Sangsa-ri' era o mais usado. Porém, extra-oficialmente, os moradores a chamavam 'Vilarejo Moon' porque dez das casas eram do clã Moon, e sete delas eram parentes próximos.



*Remanescentes da casa de Moon em Sangsa-ri atualmente na Coreia do Norte.
(AES-UCM, Seul)*

Algumas milhas a oeste era Jeongju, uma cidade de apenas cerca de dez mil habitantes, e uma parada na ferrovia principal do país, que conduzia viajantes e cargas para o norte na fronteira com a Manchúria e para o sul, na

capital Seul, e seguia para a extremidade da península, para a cidade portuária de Pusan. Jeongju é uma região levemente inclinada a partir das montanhas e se espalha por cerca de quinhentas e cinquenta milhas quadradas de terra costeira fértil. Era a principal cidade produtora de arroz da Província Norte de Pyong-an, e também tinha uma próspera indústria de pesca. As planícies eram ricas em turfas, e nas montanhas havia ouro.



Dia de mercado em Jeongju, a cidade próxima do vilarejo de Moon.

A cidade e seus pequenos vilarejos ao redor tiveram seus filhos proeminentes. Durante a dinastia Yi, antes da anexação do país em 1910 pelos japoneses, a maioria dos estudantes da cidade de Jeongju passou no exame de serviço civil de maior prestígio, do que em qualquer outra área da Coreia, incluindo Seul. Duas figuras literárias proeminentes deste século, o poeta Kim So wol e o escritor Lee Kwang su, são de Jeongju.

As famílias no 'Vilarejo Moon' e as vilas vizinhas cultivavam a terra, plantando arroz, milhete, milho, feijão, couve e rabanete. Pelo menos metade arrendava seus campos, entregando metade de sua produção como pagamento aos proprietários. O arroz de melhor qualidade não era para comer, ao menos não nas mesas locais. Após a invasão japonesa, o arroz era tirado de Jeongju, onde havia um mercado a cada cinco dias, processado e enviado para o Japão. Os moradores comiam principalmente milhete no lugar do arroz, com milho, feijão e couve e rabanete em conserva. Eles criavam galinhas para obter seus ovos, e comiam carne de porco ou de galinha em ocasiões especiais, geralmente em aniversários. Era uma vida difícil, mas ninguém passava fome.

Outras vilas próximas também eram constituídas quase que inteiramente de clãs. Um grupo de duzentas famílias era conhecido como a Vila Chun. Outra vila era constituída de quinze famílias Chun. Na estrada mais adiante havia duas vilas Cho. Sangsa-ri era uma vila indeterminada sem qualquer importância específica,¹ em contraste com outros lugares mais distintos próximos como 'Vila do Conhecimento do Tao' e 'Vila que dá água pura.'

Uma das vilas Cho era uma *yangban*, ou classe superior. Uma pessoa *yangban*, cuja reivindicação de superioridade repousava no sucesso de seus antepassados em terem uma vez passado no exame de serviço civil nos tempos antes do domínio japonês, raramente trabalhava com suas mãos. Fazer isso era abaixo de sua dignidade. Essa pessoa frequentemente preferiria viver em pobreza extrema, ao menos em aparência, a se preocupar com autocultivo moral. As pessoas comuns deveriam se inclinar em um gesto de respeito, quando passavam por indivíduos *yangban*, mesmo em suas vilas.

Os Moons de Sangsa-ri eram pessoas comuns, descendentes de um clã que traça sua origem ao século IV e um Moon Da-song, que viveu em Nampyong perto da cidade sul coreana de Kwangju.² O ancestral mais conhecido é Moon Ik-jum que, de acordo com os textos históricos nas escolas no sul da Coreia, foi a pessoa que introduziu o algodão na Coreia. Ele era o secretário de um diplomata da dinastia Koryo, e em 1363 contrabandeou as primeiras sementes de algodão através da fronteira chinesa dentro de seus pincéis de escrita. Seu sogro plantou as sementes e construiu uma roda de fiar algodão, o que se tornou o material padrão para o vestuário, substituindo o cânhamo que os coreanos haviam utilizado até então. A família de Sun Myung Moon é descendente do terceiro filho de Ik-jum, que se mudou para o noroeste para assumir um posto no governo no século XIV.

Além do registro dos nomes dos antepassados masculinos no livro do clã, pouco é conhecido sobre os antepassados de Sun-myung Moon até meados de 1880 quando se estabeleceram em Sangsa-ri. Sun-myung Moon e seus primos diziam que seu bisavô, Jong-ul, era reconhecido por sua bondade. Ele era conhecido como 'Sun ok', o que significa 'jóia virtuosa.'³ Era dito que, no tempo de Jong-ul, os Moons não precisavam levar seu arroz até o mercado como os outros agricultores faziam. Aparentemente eles davam medidas generosas para os clientes que viessem até eles. Eles ganharam menos dinheiro, mas obtiveram uma boa reputação, tanto que seus filhos estavam no topo nas listas dos casamenteiros como candidatos ao casamento. Mendigos também eram bem tratados na casa de Moon Jong-ul. Uma pobre mulher costumava passar pela vila vendendo peixe seco que ela carregava em um cesto na cabeça. Jong-ul costumava dar arroz para ela por nada. Moradores da vila lembram de ouvir uma história que uma vez Jong-ul comprou um pato e o libertou no caminho do mercado para casa.

"Se eu não o tivesse comprado e libertado, alguém o teria comido," ele considerou.⁴ Era comum na antiga Coreia que as pessoas comprassem pássaros, peixes, e até mesmo tartarugas, e os libertassem na esperança que a bondade seria recompensada.

O ponto desta história para os coreanos não é que Jong-ul era simpático com os animais, mas que ele estava buscando boa sorte para sua família.

Um ato ainda mais significativo, ao menos como seus descendentes estão referenciando, foi a construção de um santuário para os antepassados e um cemitério. Ele vendeu uma cultura de dois hectares, a despeito da pobreza de sua família, para comprar o terreno. A partir do ponto de vista da ética confucionista, tal gesto exemplar de piedade filial garantiu que sua linhagem fosse abençoada.

Quando Jong-ul morreu em 1918, Chi kook, o mais velho de seus três filhos, assumiu como o chefe da família, assumindo a responsabilidade pela observância dos ancestrais confucionistas. Chi kook parece ter sido, acima de tudo, um homem de intuição. Ele foi o primeiro a reconhecer que seu segundo neto, Sun-myung, era especial e instruiu a família a apoiar sua educação, uma decisão importante em um país onde a maioria das crianças não recebia nem mesmo escolaridade primária.⁵ Os primos de Sun-myung ainda lembram as sentenças proferidas pelo avô sobre ele. "Ele será muito grande ou muito mal," ele disse, quando veio a notícia na década de 1940 que as autoridades comunistas haviam atirado Sun-myung na prisão.

O avô Chi kook disse que a família não deveria se juntar ao êxodo para o norte em direção da Manchúria para fugir da opressão japonesa durante os anos de vinte e trinta. "No futuro, a América e o Japão lutarão," ele previu, citando o antigo livro coreano de profecias, o *Chunggam-nok*,⁶ ele disse que a família deveria se mudar para o sul, ou para as montanhas da Província de Kang won, ou para o Monte Gye ryong no Sul da Província de Chungchong, o qual ainda é considerado por algumas seitas religiosas como sendo a capital espiritual da Coreia. Seu irmão mais jovem e os homens mais jovens da família seguiram seu conselho, como veremos, mas Chi kook ficou onde estava. Ele ainda estava vivo, em seus oitenta anos, quando os comunistas tomaram o norte da Coreia e a fronteira foi fechada.

Em sua velhice, Chi kook e sua esposa viveram com seu filho mais velho, Kyung yoo. A casa era construída em quatro seções ao redor de um pátio.⁷ Havia quartos para os avôs, os pais o filho mais velho e sua família, e dois para os filhos. Além disso, naturalmente, havia uma cozinha, um banheiro, espaço para dispensa e um pequeno estábulo para os animais da fazenda. Kyung yoo era responsável pelo sa-dang, o espaço especial onde os nomes dos antepassados estavam escritos e onde as cerimônias confucionistas eram realizadas. O irmão de Kyung yoo, Kyung bok, e seu primo, Kyung chun, eram seus vizinhos mais próximos.⁸

Kyung yoo, que era o pai de Sun-myung, era um homem gentil. Embora fosse um agricultor, ele havia recebido alguma educação escolar e era bem versado nos clássicos confucionistas. Ele gostava dos ditados dos sábios. Os primos de Moon disseram que nunca ouviram ele dizer uma palavra atravessada para alguém em sua vida, nem mesmo para seus próprios filhos. Os pais coreanos no tempo de Kyung yoo geralmente deixavam a criação dos filhos e os assuntos de família para suas esposas, e se envolviam somente nas grandes decisões sobre o casamento, educação e emprego, particularmente se fosse sobre o filho mais velho. Os pais tendem a viver na periferia da vida familiar, bebendo com os amigos e se preocupando somente sobre a fazenda e o futuro. Mas Kyung yoo era mais dedicado a sua família do que a maioria. Ele não fumava ou bebia. Ele era bondoso com os mendigos que vinham para a região, e até mesmo os convidava para descansar em sua casa.⁹ Sun-myung Moon se referiu a isto em um discurso aos Unificacionistas:

“Minha própria família tinha este tipo de tradição. Eles nunca deixavam alguém sair de nossa casa com o estômago vazio. Nossa casa costumava ser como um local de reunião de mendigos: todas as pessoas mais pobres da vizinhança sabiam que seriam bem tratadas, por isso elas vinham para nossa casa. Ninguém era maltratado. Minha mãe servia nossos avôs e também servia os mendigos que passavam. Ela os alimentaria sempre que viessem. Este era um sacrifício físico pesado para minha mãe. Em uma ocasião, ela não alimentou um mendigo, então meu pai pegou sua própria refeição e a deu para ele. Por isso minha mãe tinha que alimentar os mendigos, do contrário meu pai ficaria com fome.”¹⁰ Enquanto o pai de Sun-myung tinha alguma escolaridade e era comedido em suas ações, sua mãe agia com espontaneidade. “Minha mãe intuitivamente decidia o que era bom, enquanto meu pai esperava e analisava tudo lentamente antes de tomar decisões,” ele disse uma vez. Assim, eles sempre estavam em algum conflito sobre decisões.¹¹

Tanto em caráter como em aparência, Sun-myung parece mais com sua mãe do que com seu pai. Uma mulher alta e bonita, Kim Kyung gye nasceu em uma vila próxima em 1888,¹² uma entre doze filhos.¹³ Ela se juntou a família Moon em um matrimônio arranjado entre as duas famílias por volta de 1905, quando os russos e japoneses estavam em guerra pela Coreia e Manchúria. O fato que ela estava com dezesseis anos e seu esposo somente com doze anos quando se casaram não era incomum. Na verdade, era típico. Naqueles tempos não era raro ver noivas esperando do lado de fora das escolas por seus jovens esposos para levá-los para casa após a aula.



Kim Kyung-gye, Mãe de Moon.
(AES-UCM, Seul)

Dos doze filhos, oito sobreviveram. Duas filhas morreram de doenças antes de Sun myung Moon nascer. Na ausência da medicina moderna, sempre havia preocupação sobre doenças. Durante sua sexta gravidez, a epidemia de influenza de 1918, a qual tirou cerca de vinte milhões de vidas ao redor do mundo, atingiu oitenta por cento da população do noroeste da Coreia, matando muitos. Quando ela estava grávida de Sun myung, houve um surto de cólera, e uma colheita pobre devido à seca, para aumentar seus medos.

Vários meses antes do nascimento de Sun-myung, o vidente 'Pak, o Cego', que vivia na vila próxima, previu que 'um grande homem' nasceria no clã Moon. A shaman local, que usava o nome incomum e retumbante de Dong bang Chang bong, concordou.¹⁴ As sete famílias Moon, que estavam em uma permanente expectativa de um bebê, não sabiam a qual mãe grávida estava sendo referida e não discutiam esta questão.

A esperança era escassa e os adivinhos, que representavam um mundo misterioso e temeroso, eram apreciados pelo encorajamento que forneciam. Para sua mãe, uma profecia de que um bebê sobreviveria teria sido de bastante conforto. Os moradores da vila estavam acostumados aos sinais e profecias. Certa manhã bem cedo na vila Moon, uma das mulheres notou uma garça dourada nas árvores perto de sua casa.

No dia seguinte ela apareceu novamente. Ninguém viu onde estava se aninhando. De fato, este pode não ter sido um pássaro de verdade. O primo de Moon, Yong gi, descreve este como um pássaro real, enquanto seu irmão, Yong sun, diz que foi "um fenômeno" que sua mãe "viu". Eles lembram de ser dito que todos os dias por três anos, ela voava para o leste e aparecia na manhã seguinte. No início de 1919 ela parou de aparecer. Os moradores da vila tomaram isto como um sinal, despertando dentro deles um sentimento que não foram esquecidos por Deus.

Sendo real ou imaginário, o pássaro incomum pode ter inspirado especialmente o irmão mais jovem do avô Chi kook, Yoon kook, que era o ministro presbiteriano local, e um de seus anciões, Lee Myong nyong. Ambos eram fervorosamente contra a subjugação colonial japonesa da Coreia, e esperavam pela liberdade de seu país. Eles eram típicos ativistas religiosos que estavam para assumir o manto da liderança moral, perdida pelo imperador e a nobreza, após terem assinado a entrega do país, sem luta, para o Japão.

Moon Yoon kook, o ministro, tinha sido um professor da escola quando se converteu ao Cristianismo em 1910, o ano que a Coreia se tornou uma colônia japonesa e foi renomeada como Chosen. Em 1918, na idade de quarenta anos, ele se graduou no Seminário União Teológica na cidade de Pyongyang, e se tornou o pastor de três igrejas, a Igreja Presbiteriana Dok heung na vila Morum, e as igrejas próximas em Dosung e Yunbong. O ancião Lee Myong nyong era o homem mais rico na vila Morum, e se tornou uma das figuras nacionalistas mais conhecidas do país.

Para as autoridades japonesas, as igrejas cristãs representavam uma ameaça iminente. As igrejas eram as únicas organizações independentes deixadas no país após o golpe japonês, e os fiéis se tornaram imbuídos com as idéias estrangeiras de liberação e liberdade pessoal introduzida pelos missionários ocidentais. O choque inevitável veio em 1911, quando cento e cinco pessoas foram julgadas sob acusações forjadas de conspirar para assassinar o Governador Geral japonês. Noventa e oito dos acusados era cristãos, e metade deles era da cidade de Jeongju. O incidente se tornou conhecido como o Caso da Conspiração, e destacou o noroeste como um forte centro de resistência cristã.

Em 1º de março de 1919, Cristãos, Budistas e líderes Chondo-kyo ¹⁵ tomaram de surpresa as autoridades pela declaração da independência da Coreia. Os trinta e três assinantes da Declaração da Independência, que incluía o ancião Lee Myong nyong, foram imediatamente aprisionados, mas nas semanas que se seguiram, cerca de dois milhões de coreanos de todas as classes sociais apoiaram este chamado em centenas de manifestações por todo o país. Este foi o maior movimento em massa na história coreana.

Os japoneses responderam com selvageria. De acordo com figuras nacionalistas, sete mil e quinhentos coreanos foram assassinados, e cinquenta mil foram aprisionados. "Em Tyungju, (Jeongju) pessoas foram abatidas com baionetas como porcos," relatou o jornal Coreano Independente. O pastor da igreja Presbiteriana na cidade foi "espancado quase até a morte e sua igreja queimada," de acordo com o relato de um missionário. O Rev Moon Yoon kook realizou uma reunião com dez mil na Academia Osan, de acordo com uma história de vida manuscrita descoberta anos mais tarde após sua morte. A escola foi saqueada pela polícia e incendiada.

O levante nacional foi esmagado. Isto nem mesmo havia minado a moral japonesa, e não obteve nada mais do que a simpatia das nações cristãs. Mas a despeito deste fracasso político, algo havia mudado. Dezesete milhões de coreanos oprimidos, entorpecidos por séculos de um antigo e rígido sistema de castas, intimidados em sua história por poderes mais fortes, e agora desprovidos de sua nação, foram golpeados com uma única voz. A Coreia havia reencontrado sua alma.¹⁶

O Rev. Moon Yoon kook foi aprisionado, torturado e sentenciado a dois anos de prisão. Em sua libertação, ele retornou para sua vila e recomeçou a pregar. Sua paixão pela independência da Coreia ardia mais forte do que antes, e continuaria a colocá-lo em apuros com as autoridades japonesas. Na sequência do levante, ativistas pela independência se dividiram, alguns mudando para a atividade de guerrilha e alguns para as novas idéias dos partidos comunistas russo, chinês e japonês. Yoon kook lançou sua sorte com o governo provisório, instituído em abril de 1919, pelos exilados nacionalistas em Shanghai, na China.

Os políticos exilados precisavam de fundos. Yoon kook sentiu que a família deveria dar tudo que tinha para apoiar a causa da independência, mas sabia que não seria capaz de convencê-los. Ele decidiu enganá-los para fazer uma doação. Ele persuadiu seu irmão mais velho, o avô Chi kook, a vender as terras da família, dizendo que eles deveriam investir o dinheiro em uma mina de carvão na Província de Kang won. Chi kook concordou, para desgosto de sua nora, a mãe de Sun-myung. Ela secretamente colocou algum do seu próprio dinheiro em uma terra perto da vila de sua família, algumas milhas distante. Com certeza, a mina alegada de Yoon kook nunca veio para a fortuna da família, e setenta mil Wons, uma soma considerável, foi perdida.¹⁷

A mãe de Sun-myung Moon vendeu sua terra nova e a família foi capaz de comprar três lotes, cerca de seis hectares, perto da casa. Ela os salvou da miséria. Como resultado deste incidente, ela sempre olharia para o estranho pássaro dourado como um prenúncio de desgraça. Yoon kook, uma vez o respeitado pastor Presbiteriano, agora não era mais confiável para a família. "Ele sempre era encarado como um tolo," um de seus familiares lembrou. Sob constante vigilância policial, ele se demitiu de suas três igrejas e, em 1928, deixou a vila para se esconder das autoridades, retornando ocasionalmente para ver sua esposa e os três filhos.

Não antes de 1965, a verdade sobre a história de Yoon kook surgiu e ele foi inocentado. Os primos de Moon no sul da Coreia descobriram que seu tio avô Yoon kook havia de fato fugido para o sul antes do início da Guerra da Coreia em 1950, e morreu em uma vila remota, como um pobre professor de caligrafia, em 1959. Ele deixou um manuscrito com o conteúdo de sua vida a partir destes incidentes.¹⁸ Em seu testemunho, o velho cristão lutador pela independência descreve como ele se deparou contra um novo inimigo:

"Eu fui separado da minha esposa, dos meus filhos e meus familiares. Com lágrimas em meus olhos, eu caminhei em direção ao sul e jurei para Deus: 'Eu estou separado da minha esposa e do meu jovem filho. Eu oro ao Senhor, e seguirei as nuvens para o sul. Eu suportarei e trabalharei pela democracia neste país. Mesmo se eles me matarem, eu nunca seguirei os comunistas na Coreia do Norte.' Após uma longa jornada através de montanhas e rios, finalmente cheguei na casa do meu primo."

O tolo da família tornou-se o herói da família. Os Moons solicitaram ao governo de Seul um reconhecimento a Yoon kook por sua contribuição para o movimento de independência. Os investigadores do governo foram capazes de fundamentar todos os principais elementos da história de Yoon kook, exceto sobre a doação para o governo provisório, que não há registros e recibos de tais doações. Yoon kook foi designado como um Patriota Especial, e está agora enterrado no Cemitério da Igreja de Unificação em Paju, perto da fronteira com a Coreia do Norte.

Sun-myung Moon nasceu, em meio à prisão de seu tio avô Yoon kook, em 28 de fevereiro de 1920, que nesse ano era 6 de janeiro de acordo com o calendário lunar, pelo qual os coreanos registram seus aniversários.¹⁹ Ele recebeu o nome de Yong-myung. Ele mudou seu nome para Sun-myung na década de 1950 após sua fuga para o sul durante a Guerra da Coreia.²⁰ Nesse primeiro verão, sua mãe cuidou dele e o deitou no chão, abanando-o e assistindo seu crescimento enquanto as semanas se passavam. No inverno, ele estava sentado amarrado nas costas de sua mãe, envolvido em acolchoado de algodão, calmamente observando o mundo. Na época quando ele estava dando seus primeiros passos, sua mãe já estava grávida novamente, e ele foi cada vez mais para os cuidados de suas irmãs mais velhas. "Yong meng!" Eles o chamavam no sotaque local. "Yong meng a!" E ele vinha correndo, com o rosto radiante, queimado pelo sol do verão.

Como uma criança, ele era forte e selvagem, tal como o caráter estereotipado da Província de Pyongan, que se diz ser como 'um tigre saindo dos arbustos.' Este tigre era difícil de controlar. De fato, seus pais sentiam que ele os controlava. Sua mãe disse para um dos seus seguidores, anos mais tarde, que ela nunca tinha sido capaz de discipliná-lo. Um primo lembrou que ela bateu nele uma vez quando estava com seis anos de idade. Ela o golpeou tão forte, que ele caiu e perdeu a consciência por algum tempo. Isto a chocou tanto, que ela nunca mais fez isso de novo.

Moradores da vila dizem que reconheciam que desde a idade de cinco anos ele tinha um caráter incomum.²¹ Quando ficava irritado, ele se bateria tanto no chão áspero que acabaria esfolando a pele das costas de suas mãos ou a parte de trás de sua cabeça. Quando chorava, ele continuaria por horas, ou mesmo por dias. Uma vez, seu tio Kyung chun, que era considerado o ancião da vila, veio para casa após assistir Sun-myung brincando, e disse: "Esse menino, vai se tornar um rei ou um terrível traidor." A família entendeu isto como significando que, sob o domínio colonial era impossível para um coreano se tornar rei, então Sun-myung provavelmente acabaria se tornando um líder subversivo e causaria muitos problemas para o clã Moon.

O próprio Moon não tem falado muito sobre suas antigas memórias. Mas ele lembrou em uma conversa que, como uma jovem criança, ele era intuitivo sobre as pessoas, e podia ver como elas eram espiritualmente.²² Ele também disse que sentia uma grande revolta contra a injustiça desde uma idade precoce.²³ Ele desenvolveu um amor pela natureza.²⁴ Ele disse uma vez para seus seguidores que, como um jovem rapaz, após orar ao ar livre, sentiu como se a relva e as árvores estivessem apelando a ele, dizendo a ele que tinham sido abandonadas pela humanidade.²⁵

Os moradores da vila vestiam roupas tradicionais brancas feitas em casa. Os homens tinham um colete, um casaco e calças largas, enquanto as mulheres vestiam vestidos longos. No inverno, um forro de algodão era usado. A natureza do cultivo de arroz, e a irrigação e transplante envolvidos, significava que eles tinham que trabalhar juntos.

Alguns dos melhores momentos seria quando havia algum projeto como a construção ou reforma da casa de alguém. Todos os familiares se juntariam. Haveria muita brincadeira, e muitas ordens contraditórias, mais de auto-afirmação do que de estratégia. Na cozinha, as mulheres faziam piadas enquanto mantinha o fluir da comida e bebida. As crianças corriam ao redor, parando às vezes para ajudar ou atrapalhar, e então tinham uma pausa para o lanche.

As crianças jogavam *tamachigi*, um jogo com contas, e *batchi*, no qual você empilha cartas e tenta vencer a pilha do seu oponente atirando uma moeda nela. Se você perde, ele ganha o dinheiro.

Até que estivesse com cerca de dez anos de idade, Sun-myung foi travesso e lutava muito com os outros meninos. Os outros meninos evitavam lutas com ele, porque ele era forte e tinham medo de apanhar dele. Uma vez quando ele estava com nove anos de idade, ele teve um conflito sério com um menino da vila chamado Lee, que era três ou quatro anos mais velho.²⁶ Isto começou como brincadeira, e se tornou uma briga, com Lee ficando por cima. Os moradores se reuniram ao redor para assistir, sabendo do caráter de Sun-myung, e curiosos para saber como ele iria lidar com uma surra. Embora estivesse por baixo, Sun-myung se recusava a ceder e continuava a se mexer e chutar. Lee não podia soltá-lo e não podia ficar onde estava. Ele olhou para os adultos, esperando que alguém viesse e o fizesse parar, mas ninguém se moveu. Lee começou a chorar e deixou seu oponente ir. Liberado, Sun-myung saltou e montou no menino mais velho, agarrando suas orelhas e começando a bater sua cabeça no chão. Nesse momento os adultos interviram para parar a briga.

Logo após este incidente, Sun-myung parou de brigar. Ele se tornou mais pensativo e lacônico. "Ele parecia pesar suas palavras e estar pensando profundamente sobre as coisas," lembrou seu primo Seung gyun.

Sun-myung era próximo de seu irmão mais velho, Yong soo. "Eu tenho um irmão maravilhoso que realmente me ama," ele disse para seguidores americanos em 1965. "Ele teve algumas experiências espirituais. De fato, ele é a (única) pessoa em minha família que realmente compreendeu minha missão."²⁷ Yong-soo começou a sentir que seu irmão mais jovem era muito especial, e mais tarde, foi compartilhar seu fervor religioso. Uma vez, Yong-soo repreendeu a primeira esposa de Sun-myung, por reclamar sobre sua devoção com seu trabalho religioso. "Você não sabe sobre ele. Você não o entende," ele disse para ela. "Ele será um grande homem."²⁸ Como o irmão mais velho, Yong-soo estava destinado a herdar a fazenda e não recebeu a educação que Sun-myung recebeu. Ele ficou com seus pais quando os comunistas tomaram o poder em 1945. Quando Moon retornou para a Coreia do Norte em 1991 pela primeira vez desde a Guerra da Coreia, a viúva de Yong-soo disse que ele tinha sido morto durante a Guerra da Coreia quando um avião americano bombardeou a vila e destruiu parcialmente a casa.²⁹

A primeira alfabetização de Sun-myung foi a instrução tradicional em caracteres chineses, que tem sido ensinado na Coreia por séculos. A sala de aula, ou so dang, não tinha carteiras ou cadeiras. Os alunos se sentavam no chão de madeira e eram instruídos nos textos de Confúcio. O primo Yong-sun, que era seis meses mais jovem do que Sun-myung, era um colega de turma. "Havia cerca de quarenta crianças em nosso so dang," ele lembrou.

"Começávamos cerca de oito ou nove horas da manhã, e seguíamos até cerca de cinco horas da tarde, com um intervalo para o almoço. Trazíamos nosso almoço em uma caixa." Se o clima estivesse muito quente ou muito frio, eles nos dariam o dia de folga e íamos pescar, ou no inverno, patinar. Do contrário, era escola sete dias por semana.

A educação *so dang* durava sete anos.³⁰ No primeiro ano, eles foram ensinados por Moon Hyong chong no *so dang*, anexo à igreja da vila Morum, onde o tio avô Yoon kook ainda era o ministro. Lá Sun-myung começou a aprender os mil caracteres chineses básicos,³¹ estudando por quatro anos com Pak Chang je e Chong Shin taek no *so dang* perto da casa de Pak - o Cego. Ele então estudou por dois anos em Sangsa ri com Pak Ki ho.

Na época que tinha treze anos, ele conhecia os caracteres chineses essenciais de cabeça e tinha estudado os provérbios dos sábios. O estudo dos provérbios filosóficos, da história e da literatura era, na teoria, destinado a tornar o aluno um jovem cidadão ético, e equipá-lo com um avanço social, ao invés de um simples emprego. Ele aprendeu que, na visão confucionista, a família, ao invés do indivíduo, é a menor unidade social, e que as virtudes que caracterizam o homem ideal são lealdade, fidelidade, e outras virtudes que se manifestam nos relacionamentos, ao invés de qualidades individuais tais como bravura ou humildade. A moralidade confucionista, ele aprendeu, se concentra em relações adequadas. O núcleo do sistema era piedade filial. Como o estudioso coreano do século XIX Chong Yak yong coloca: "Os estudos do cavalheiro confucionista começam com o atendimento dos pais e termina com o atendimento ao Céu."

Se Sun-myung Moon era um adequado pequeno cavalheiro confucionista como seus mestres pretendiam, é outro assunto. De acordo com o primo Seung gyun, que estudou com ele, Sun-myung era o pupilo principal em caligrafia, e frequentemente era solicitado para mostrar para a turma como escrever um caracter chinês específico de forma adequada. Uma vez ele desafiou seus colegas estudantes, dominando duas técnicas originais de segura o pincel em sua boca e entre seus dedos dos pés. "Um dia estávamos brincando e ele escreveu alguns caracteres com o pincel entre seus dentes e seus dedos dos pés. As outras crianças escreveram com as mãos, e então levamos os trabalhos para o mestre analisar. 'Quem é este?' o professor perguntou. Este é desse e daquele, eles responderam. E este é Yong-myung escrevendo com seus dedos dos pés: O mestre ficou zangado e o repreendeu."

Ele cresceu para se tornar um adolescente robusto, "como um carvalho," disse um morador da vila. A imagem que emergiu nas entrevistas foi de uma criança que era muito ativa, sempre correndo, nunca andando, em qualquer momento. Ele costumava enfiar suas mãos nos buracos nos telhados, buscando por ninhos de pássaros. De fato, a captura de pássaros era um passatempo principal. À noite, os meninos Moon estariam mexendo nas pilhas de lenha onde os pardais faziam ninhos. Um atiraria uma rede sobre uma extremidade da pilha enquanto os outros bateriam na madeira na outra extremidade para assustar um pássaro, que voaria direto para a rede. Havia então o problema de como segurar o pássaro enquanto eles procuravam pelo próximo. Se eles o colocassem no bolso de suas túnicas, ele voaria para fora. A solução era colocá-lo dentro de suas calças largas, que eram amarradas nos tornozelos. No final da tarde eles cozinhariam os pardais para as crianças.³²

Uma vez, Sun-myung capturou um casal de pássaros e os colocou em uma gaiola para observá-los acasalar. "Eu queria vê-los cantar e expressar seu amor um pelo outro," ele disse. "Naturalmente, mais tarde eu compreendi que amor genuíno pode somente ser realizado em um ambiente natural, não em uma gaiola." "Esta foi uma das coisas travessas que fiz em minha infância... O mundo natural me ensinou um tipo mais fundamental de conhecimento do que a escola." ³³ Ele também inventou sua própria arma para atirar em pássaros. Era uma barra feita a partir de um guarda-chuva e tinha um longo cabo de madeira.

Outra brincadeira era esgueirar-se no campo de melão de seu tio. Ao invés de apenas comer um melão, Sun-myung em sua pressa e esperteza, rasgaria somente a casca para que seu tio pudesse ver os melões. Quando seu tio vinha para o campo de manhã, ele sabia quem era o culpado. Sun-myung e seus primos eram repreendidos. ³⁴

Quando eles iam colher nozes, ele sempre tentava pegar as nozes no topo da árvore, apenas pelo desafio. Ele amarrava varas para alcançar as nozes. Então ele dava as nozes para as crianças menores. Um dia quando estava com cerca de dez ou onze anos de idade, ele seguiu uma doninha a noite inteira, seguindo-a pela neve, e conseguindo capturá-la. Ele retornou para casa de manhã, e amenizou a ira de seus pais pelo fato que eles puderam vender a doninha pelo equivalente a cerca de \$ 150 em valores de hoje.

No verão, as crianças costumavam capturar peixe em um riacho não muito fundo. Elas utilizam uma rede, mas os peixes se moviam tão rápido que era difícil capturá-los. Em uma ocasião, ele pediu para seu primo Seung-gyun correr pela água atrás dele com a rede. Desta forma, Sun-myung dispersava os peixes, que se reagrupavam atrás dele exatamente no momento de serem capturados por Seung-gyun. Com esta nova técnica, eles destronaram os peixes e capturaram dois ou três com cada corrida.

Entretanto, a melhor demonstração da ingenuidade juvenil de Sun-myung era a maneira como ele capturava enguias. Era possível usar uma rede nelas, mas isso era muito simples. Ele gostava de agarrar as pequenas enguias, apertá-las até abrirem suas bocas, colocar seu polegar na boca das enguias, e então arremessá-las para a margem. Outro método era bloquear todos os buracos que elas entravam, exceto um, e agarrá-las quando saíssem. Mas de longe, a melhor técnica, pelo estilo, era capturá-las em seus dentes. "Ele colocaria sua cabeça em baixo d'água perto do buraco da enguia," Seung-gyun lembrou. "A enguia sairia primeiramente com a cauda e ele a agarraria em seus dentes. Então ele segurou minha cabeça debaixo d'água enquanto eu fazia isto. Eu protestei que isto fez minha gengiva inflamar e sugeri que usássemos uma rede, mas ele disse que seria muito fácil." Uma advertência para Seung-gyun ser cuidadoso, no caso da enguia não ferir sua garganta, não o encorajava muito. Desta forma, eles podiam capturar vinte enguias em um dia. Eles enfiavam as enguias em um arame, levando-as para casa, e fazendo a vila inteira feder.

Capítulo 2 A Conversão

A conversão da família Moon para o Cristianismo foi precipitada por uma série de desastres que ocorreram por volta de 1931. Tudo começou quando a irmã de Sun-myung, Hyo Shim, desenvolveu algum tipo de doença mental. A causa da doença não está clara, mas seus familiares acreditavam que era espiritual. Eles disseram que isto começou com as cerimônias xamanistas realizadas por ela nas leis para apaziguar o espírito de um tigre que tinha matado um de seus antepassados. Os ritos envolviam colocar carne de cachorro em um altar como uma oferta para o tigre. Tudo isto era muito supersticioso para Hyo Shim, que, por bravata cínica, uma vez comeu um pouco da carne durante a cerimônia. O profundo medo dos espíritos, que o xamanismo havia instilado na maioria dos coreanos, deve ter crescido e devastado sua mente. Os moradores diziam que o espírito do tigre a pegou. A família trouxe um curandeiro cristão, um ancião Sohn, da igreja Nam so myon em Jeongju, onde sua irmã vivia, e ela começou a melhorar.¹ Quando ela se recuperou, o 'tigre' pegou o irmão mais velho de Sun-myung, Yong-soo. Ele desenvolveu os mesmos sintomas. Ele não podia controlar suas emoções e saía assustando as pessoas. Ele ficou tão perturbado por um tempo que teve que parar de trabalhar. Ele também foi levado para o mesmo curandeiro e curado.



Irmão de Moon, Yong-soo, cuja família sobrevivente na Coreia do Norte alega que foi morto durante um ataque aéreo americano na Guerra da Coreia. (AES-UCM, Seul)

Ao mesmo tempo, houve uma série de contratempos na casa de um dos tios de Sun-myung, chamado Kyung-koo: o cachorro mordeu a orelha de um dos bebês; então um grande pote caiu no cachorro e quebrou suas costas; a chaminé, um grande tronco de árvore escavado, tombou e quebrou todos os vasos de barro onde o alimento era guardado; todos os animais da família morreram, o boi, o cavalo, e em um acidente, os sete porcos, que fugiram do estábulo em uma noite e caíram no poço.

Confrontados com tantos acidentes aparentemente inexplicáveis, eles acreditaram que, ou havia um antepassado perturbado ou uma série de espíritos estava com eles. Deve ter parecido que os antepassados que eles veneravam nas cerimônias confucionistas em casa, ou estavam zangados, ou impotentes. A família de Sun-myung, e seus dois tios e suas famílias, começaram a frequentar a igreja sob o conselho de outro tio, Kyung-chun, que era vizinho e cuja família já era cristã por muitos anos. Como os Presbiterianos desaprovavam as observâncias tradicionais, o pai de Sun-myung entregou as responsabilidades pelos rituais dos antepassados, que ele carregava como o filho mais velho, para seu irmão, Kyung bok.

Sun-myung e seu irmão, agora recuperado de sua doença, assumiram a nova religião com entusiasmo. Eles frequentavam a igreja regularmente e começaram a fazer oração antes das refeições. Frequentemente eles caminhavam para as colinas para orar. Assim, começou a jornada espiritual de Sun-myung, na qual ele caracteristicamente lançou suas energias.

Se a história da conversão da família Moon alcançou os missionários Presbiterianos americanos nas proximidades de Soonchon, ninguém parece ter escrito sobre isto. Isto não foi algo surpreendente. Este teria sido apenas um entre centenas nesse ano, pois o nordeste foi a região com o mais rápido crescimento cristão, em um país que foi considerado pelas igrejas Protestantes, após quase cinquenta anos de trabalho missionário, como um milagre de crescimento.²

Cerca de um terço dos moradores da vila em Sangsa ri e Morum eram cristãos. Os primeiros convertidos estabeleceram a igreja na vila Morum por volta da virada do século. Em 1930, ela foi reconstruída cerca de 300 metros na direção de Sangsa ri, cerca de 150 metros da casa da família Moon. Sob os princípios adotados pelas missões Protestantes, logo após seu estabelecimento no final do século XIX, as igrejas eram construídas e operadas com recursos fornecidos pela congregação, não pela sede da missão. Apesar dos problemas que isto criou para algumas igrejas, este princípio foi mais tarde considerado como um fator chave para o grande crescimento do Cristianismo coreano, pois isto criou um sentimento de propriedade entre os fiéis no tempo do regime colonial, quando tudo mais estava sendo tirado deles, e novas práticas e regras estavam sendo impostas sobre eles pelo poder estrangeiro. Felizmente para os cristãos em Morum e Sangsa ri, o ancião da igreja e ativista pela independência, Lee Myong-nyong era um rico fazendeiro. Ele forneceu a maior parte do dinheiro para a reconstrução. O jovem ministro na igreja era o Rev. Gye Hyo-on,³ que foi substituído pelo tio avô de Sun-myung, Yoon kook, em 1927.



Lee Myong-nyong, ancião na igreja do vilarejo, era um dos 33 signatários da Declaração de Independência da Coreia em 1919. (Lee Dae-young)

Logo depois da conversão de sua família ao Cristianismo, o irmão mais jovem de Sun-myung e a irmã mais jovem caíram doentes.⁴ Com a ausência de tratamento médico disponível naquele tempo, a doença deles nem mesmo foi diagnosticada. Eles receberam ervas medicinais, mas ambos morreram. A perda levou a família além do motivo original para a conversão, que tinha sido a busca do poderoso apoio do Deus cristão e o fim da má fortuna, e aprofundar na nova fé. Sua própria dor, e a dor de ver a aflição de seus pais por seus filhos, ressaltou para o jovem Sun Myung Moon o que mais tarde se tornaria seu ensinamento principal: que Deus é o pai aflito de uma humanidade perdida.

Deus também havia perdido seus filhos e filhas. Esta resposta aos sentimentos percebidos de Deus formaria sua fé mais profundamente do que as preocupações por salvação pessoal ou libertação nacional que inflamava os cristãos com quem ele se associou mais tarde.

Por volta desta época, ele completou seus sete anos de educação confucionista. Então ele atendeu uma escola chamada Instituto Unyong nas proximidades de Wonbong-dong por um ano. Os centenas de estudantes na escola não podiam acompanhar o estilo ocidental de educação da escola elementar. O padrão era abaixo da média. Depois de um ano ele saiu dessa escola e se matriculou na idade de quatorze anos no terceiro período da Escola Elementar Osan onde aprendeu novas matérias – escrita coreana, geografia, história e matemática.

A escola, fundada por um proeminente cristão nacionalista, Lee Seung-hoon, era considerada a melhor na região. Todos os dias, ele e seu primo Seung-gyun, que estava no segundo período, caminhavam as seis milhas para a escola, saindo às sete horas toda manhã para chegar na escola na hora das aulas que começavam às nove. A lembrança de Seung-gyun das caminhadas diárias fornece uma visão sobre Sun-myung como um menino com um caráter resistente e dinâmico:

“Ele caminhava muito rápido. Eu tinha que correr para me manter com ele. Quando eu o alcançava, ele saltaria para frente novamente. Era através do interior, e passávamos por algumas casas no caminho. A maioria das pessoas não podia se dar ao luxo de enviar seus filhos para a escola, e às vezes os estudantes seriam atacados pelos meninos pobres no caminho para a escola. Mas esses meninos não brigavam com ele, porque ele era bastante forte.”⁵

Após um ano na Escola Osan, eles mudaram novamente e se matricularam na Escola Elementar Jeongju. Moon disse que a decisão de mudar foi sua, e não de seus pais. O idioma japonês não era ensinado em Osan, e ele queria aprender o idioma a fim de “conhecer nosso inimigo.”⁶ Ele entrou no quarto período e completou o quinto e sexto períodos antes de se graduar.

A educação, que não era obrigatória na Coreia na época, estava dividida entre os estilos confucionista e o moderno. Entretanto, na escola do estado, o estudo de ética japonesa, introduzida após os protestos da independência de 1919, era obrigatório. Havia mil e quinhentos alunos na escola. Sun-myung era mais velho do que a maioria dos rapazes em sua turma, embora alguns dos estudantes estivessem em seus vinte anos e tivessem seus próprios filhos.

Durante as férias de verão ele participava em cursos na igreja da vila, onde cerca de vinte e cinco rapazes da vila, sendo que a maioria desses não foi para a escola, não estudaram leitura, escrita, matemática e japonês. A escola tinha como professor, o Rev. Gye e um estudante da faculdade, Kang Dosun.

No início de sua adolescência, Sun-myung começou a desenvolver um desejo de fazer algo grande e significativo. “Eu tinha um forte desejo de viver uma vida elevada, uma vida de dimensão elevada,” ele falou para uma platéia americana em 1965. Tal idealismo não era incomum em si mesmo, mas seu escopo e expressão eram notáveis, porque não estavam limitados pelo temor aos santos, e nem mesmo ao próprio Cristo.

Aos treze anos, ele disse que começou a orar por coisas extraordinárias. “Eu pedia por uma sabedoria maior do que a sabedoria de Salomão, por uma fé maior do que a fé do Apóstolo Paulo, e por um amor maior do que o amor que Jesus tinha.”⁷

Enquanto sua fé se desenvolvia, um desejo nascente de libertar o mundo do sofrimento se cristalizava dentro dele. À sua volta, ele via a dificuldade material e o sofrimento espiritual. As pessoas não estavam felizes ou satisfeitas. No santuário dos antepassados na colina acima da vila, ele pensava sobre seus antepassados e sentia que eles também tinham sofrido, e que seus espíritos ainda estavam sofrendo. A morte não traz a perfeição. No mundo espiritual, um homem continua como ele é na vida. Seus descendentes também enfrentariam os mesmos problemas, por gerações, a menos que fossem liberados.

Em 17 de abril de 1935, ele estava orando na Colina Sul,⁸ que ficava cerca de oitocentos metros de sua casa, quando Jesus apareceu para ele.⁹ Direcionando a ambição juvenil de Moon, Jesus pediu a ele para cumprir sua obra de vida. Ele recusou. Sonhar é uma coisa, mas prometer para Deus é algo totalmente diferente. Ele não era de fazer promessas levianamente, por causa de um desejo de agradar ou no temor de uma experiência espiritual. Jesus pediu a ele novamente: "Esta é minha obra, minha missão, e eu quero que você a assuma."

Moon recusou novamente. Jesus pediu a ele uma terceira vez: "Não há ninguém mais que possa fazer este trabalho." Suas meditações sobre um mundo em sofrimento perpétuo retornaram a Ele. A partir do conforto de seus ideais de juventude, ele olhou por cima dos abismos de dificuldades que teria pela frente e decidiu: "Eu farei isto," ele prometeu.¹⁰

Com este juramento, sua vida foi mudada para sempre. Embora, como qualquer criança normal, ele tenha estudado, pescado e praticado esportes com seus amigos e primos, ele viveu uma vida interior que não podia compartilhar com ninguém. Ninguém teria entendido a missão que ele havia resolvido empreender. Se ele tivesse revelado, sua família e amigos poderiam ter tentado fazê-lo desistir ou persuadi-lo a ser mais realista, e assim, destruir seu sonho em desenvolvimento, tão facilmente como uma árvore é esmagada sob os pés quando ainda é apenas uma semente.

Para encontrar um padrão para sua fé, ele leu e orou sobre os personagens bíblicos e os santos cristãos. Ele estudou como eles se relacionaram com seus ambientes. Ele era curioso sobre suas motivações e seus objetivos. "Todos estes grandes homens começaram suas vidas de fé centrados não em si mesmos, mas em Deus," ele falou aos seguidores americanos no início da década de 1970.¹¹ Ele aprendeu que todos eles experimentaram uma luta entre sua vida de fé e a realidade prática de suas circunstâncias, uma luta que eles venceram quando sacrificaram seus próprios desejos e se concentraram na vontade de Deus.

Em suas orações, ele encontrou espiritualmente e conversou com Jesus e os discípulos. "Eu não confiei neles," ele disse. "Eu estava analisando sua revelação da verdade. Através deste período de análise, eu busquei conhecer a situação e o coração de Jesus mais do que qualquer outro."¹² Ele queria saber o que era real e verdadeiro. "Eu estudei ciências. Eu sou uma pessoa muito científica, e não quero ter uma fé cega. Eu não quero o Deus de conceito. Eu quero o Deus de vida, e Deus é vida, a vida em si mesmo. Esse é o Deus que eu busco. O Deus que pode governar a própria vida e que pode ser a espinha dorsal, a real verdade do mundo."¹³

Ele compreendeu que nenhum sistema de pensamento, nenhuma religião, nem mesmo o Cristianismo com sua promessa de salvação, haviam fornecido para a humanidade uma forma completa para sair do inferno. Nenhum cristão alcançou a perfeição depois de Cristo. Porque não? Ele perguntou. Se caímos distantes de Deus e ninguém subiu de volta, então está faltando alguma coisa. O que está nos bloqueando de chegar a Deus? Como deveria ser nosso relacionamento com Deus? Porque Deus nos criou? Como caímos? Como seremos salvos? Porque entre os milhões de livros publicados, não há nenhum que responda estas coisas? Porque ninguém sabe? As questões se acumularam umas sobre as outras.

Tinha que haver uma razão também, porque as respostas não podiam apenas surgir em sua cabeça. Se o dilema humano era puramente intelectual, pensadores teriam encontrado a solução séculos atrás. Os problemas, ele descobriu, eram espirituais. Era como se o espírito humano estivesse doente. Para encontrar a cura, ele precisaria continuar seguindo o caminho do crescimento espiritual que Jesus seguiu. Ele teria que se tornar uma unidade com Deus.

Como Jesus disse: “Portanto, seja perfeito como vosso Pai Celeste é perfeito.” Este esforço atraiu todas as formas de tentações e lutas imprevistas. Em suas orações, ele lutou com as forças das trevas. Às vezes, grandes ondas de medo vagaram através de sua alma.

Ele uma vez tentou explicar a experiência destes anos, mas não pôde encontrar palavras. “Se vocês soubessem como era, seu coração pararia,” ele disse. A fé o mantinha seguindo. “Eu sabia que Deus estava vivo. Eu sabia que Deus havia me escolhido para esta missão. Portanto, eu acreditava que este era o único caminho para o homem seguir, incluindo a mim mesmo.”¹⁴

Ao longo dos anos, a busca interior através das vidas dos principais intervenientes na história bíblica o levou a simpatizar com eles:

“Quando compreendi a queda de Adão e Eva, eu senti como se este fosse meu próprio assunto. Eu senti a tristeza de Deus ao ver a queda de Adão. Eu senti a tristeza do próprio Adão. Me coloquei na posição daqueles envolvidos e senti com eles e com Deus, tudo através da história. Esta não é a história de qualquer outra pessoa, mas a minha própria vida.”¹⁵

Ele viu que a vida do povo de Deus é uma vida de sofrimento, que a experiência de Deus por toda a história humana tem sido de tristeza, compartilhando o sofrimento de seus filhos. Na jornada para a experiência do coração de Deus, ele também encontrou dor e perda. “Eu tenho derramado tantas lágrimas. Eu não compreendi somente o Princípio, mas o vivi.”¹⁶

Moon tem dito que as revelações vieram a ele tanto através de intuição como na forma de símbolos, os quais ele teve que interpretar. Em 1965 ele explicou o processo com algum detalhe em uma sessão de perguntas e respostas com alguns jovens seguidores americanos e seus convidados:

“Embora explicarei isto, vocês não podem compreender plenamente a menos que vocês mesmos tenham tido experiências espirituais. Para encontrar a mais elevada verdade, você deve ir até mesmo além da consciência. Esta é uma expressão oriental. Você diria 'clarear' a consciência, mas nosso termo é 'nivelar' a consciência, o que significa não ser tendenciosa ou preconceituosa. Este é um nível horizontal. Então o coração de Deus ou o espírito de Deus funcionará de uma forma vertical e um ângulo de 90 graus é criado. Se a consciência não está nivelada, o ângulo formado não é 90 graus e você receberá a mensagem ou a revelação de forma errada. Se o ângulo de 90 graus é mantido, quando você enfrenta um problema, você sabe imediatamente se é bom ou mal. A reflexão é muito exata. Quando você encontra pessoas e as ouve falar, você imediatamente sabe o que está errado e o que está certo. Isto é muito importante [a fim de] receber qualquer coisa.”

“Então suponha que você quer saber sobre a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. ¹⁷ O que é isto? Até certo nível, os espíritos podem dizer a você o que é. Mas para verdades mais elevadas, os espíritos não podem ajudar você. Eles não dirão nada a você porque eles não sabem. E Deus não dirá para você de forma direta. Portanto, você deve buscar, deve encontrar por si mesmo. Por isso, a partir desta posição de 90 graus, você pode perguntar para Deus: 'Esta Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é uma árvore real?' Você imediatamente saberá que isto não está certo. Ela é algo mais. Você continuamente pergunta e certamente descobrirá o que é isto. Então, muito naturalmente, você saberá que a árvore tem algo a ver com a qualidade do nosso sangue.”

“Em outras palavras, quando se torna uma unidade com Deus, você pode conhecer as respostas. Você vai adivinhar as respostas para suas questões e trazê-las até Deus, dizendo: 'Isto não é assim?' Quando está correto, você saberá. Dessa forma, eu descobri o crime de Satanás.” ¹⁸

Qual foi o crime de Satanás? A chave para esta questão repousa na abertura dos versículos da Bíblia que contam a história do primeiro homem e a primeira mulher. Mito ou fato? Esse homem moderno ter começado com um simples conjunto de pais era mais plausível do que a idéia de evolução espontânea em diferentes lugares. É menos provável que os nossos antepassados devem nos lembrar quem eram estes primeiros pais. Mas talvez seja esta lembrança, ao invés do detalhe histórico, que seja significativo para nós. Talvez a história ainda repouse na raiz de nossa cultura porque ela diz muito sobre nós hoje, como ela o faz sobre nossos antepassados tribais. Então, o que estas histórias do Jardim do Éden e da queda do homem poderiam significar? O que aconteceu? Será que realmente tudo começou com o comer de um fruto? A idéia era tão ridícula. Na igreja, os ministros pregavam sobre a desobediência de Adão e Eva. Mas certamente Deus, como um pai amoroso, poderia perdoar a desobediência sobre algo tão trivial como comer um fruto. A história tinha que ser figurativa. Moon considerou que para ser tão devastadora e definitiva, a queda do homem tinha que envolver amor, o coração de criação de Deus.

Como qualquer criança, Adão e Eva tinham que crescer, espiritualmente e fisicamente, para amadurecer. Eles estavam destinados a se tornarem uma unidade em coração com Deus, como indivíduos, antes de serem abençoados em matrimônio e terem uma família. As duas árvores no jardim, a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, simbolizavam Adão e Eva em maturidade. Mas antes deles terem alcançado a maturidade, o mal entrou na criação de Deus, no mundo espiritual com a queda do arcanjo Lúcifer. O arcanjo tentou a Eva imatura para um relacionamento sexual, embora espiritual, com ele. Ela então ofereceu o 'fruto' para Adão, e eles iniciaram um relacionamento sexual físico. Através deste ato prematuro, eles destruíram o ideal de Deus que era o amadurecimento de seu amor.

Ao mesmo tempo, eles se colocaram sob o domínio espiritual de Lúcifer decaído, que se tornou conhecido como Satanás. Deus parecia estar impotente, incapaz de alcançar e resgatar seus próprios filhos. A partir de sua união imatura, os filhos de Adão e Eva nasceram. Os filhos geraram filhos, e seus descendentes estiveram para sempre sob o domínio de Satanás. Seu primeiro filho, Caim, assassinou seu irmão. Assim, ao menos na mitologia das culturas Judeu-Cristã e Islâmica, começou a raça humana.

Quando Moon leu e re-leu a Bíblia, orando e meditando sobre seus conteúdos, parecia a ele que os eventos centrais após Adão se mantinham voltando para esta história da família de Adão. As vidas de Noé, Abraão e Jesus pareciam ser um eco de Adão. Porque? Como a primeira família, a família de Adão devia ser o modelo para o propósito de Deus da criação do homem, mas ela se tornou um modelo para o fracasso.

Se Deus ainda estava tentando salvar seus filhos, e tanto o ensinamento cristão como a experiência espiritual pessoal o convenceram que sim, então Deus ainda estava tentando alcançar hoje o que Ele esperava alcançar com a primeira família. A ênfase nos homens da história bíblica sugeria que este processo começou com o foco providencial no homem de Deus, o que parecia ter sido a busca de encontrar um homem verdadeiro, o Messias, um homem que conhecesse a verdade e a vivesse, um homem verdadeiro com uma personalidade como a de Deus que pudesse superar o mal com fé inabalável, e cujo coração pudesse se tornar uma unidade com o coração de Deus, um homem que começaria o processo de trazer o mundo de volta para Deus. Ele se tornaria o Adão aperfeiçoado, a Árvore da Vida, os pais ancestrais da humanidade.

Jesus foi a primeira pessoa desde a queda de Adão e Eva a se tornar uma unidade com Deus. Mas ele foi executado antes de ser capaz de revelar completamente seu ensinamento. Se Jesus tivesse vivido – Moon acredita – ele teria se casado, criado uma família, e teria sido o fundador vivo do Reino de Deus na terra. Sua morte prematura impediu que Deus ofertasse ao mundo o caminho para a total remissão pessoal.

Durante sua busca silenciosa e agonizante, Moon se tornou extremamente sensível. Quando ele era um estudante no Japão, ele uma vez abraçou uma árvore de cedro e explodiu em lágrimas.¹⁹ Em outra ocasião, de acordo com os primeiros seguidores, ele leu em um jornal que um estudante havia cometido suicídio, porque não pôde encontrar a verdade. Ele chorou incontrolavelmente, e quando seus amigos vieram para a casa onde ele estava, eles notaram água escorrendo através do *tatami* de seu quarto no segundo andar. Suas lágrimas tinham atravessado o piso. Ele esteve chorando por três dias.

No final de sua longa luta espiritual, quando estava certo da verdade que ele tinha descoberto, ele buscou confirmação antes de começar sua missão pública.²⁰ Ele começou um jejum de quarenta dias. Ele disse que, durante este período, ele encontrou espiritualmente com Confúcio, Buda, Maomé, Jesus e outros líderes religiosos no mundo espiritual. Embora ele tenha vindo de um fundamento do Cristianismo Protestante, Moon reconheceu que todas as maiores crenças contêm verdades. Em sua comunicação espiritual com os fundadores das maiores religiões, ele disse, eles deram sua aprovação sobre suas descobertas. A busca de Moon pelo Princípio, ele afirmou, durou nove anos desde seu encontro com Jesus em 1935.²¹

No final deste período, Moon explicou para seus seguidores, ele teve que confrontar Lúcifer, o arcanjo, que, ele acreditava, tinha causado a queda de Adão de Eva, antes que pudesse estar satisfeito com suas interpretações de suas revelações. Ele reivindica que durante esta experiência, Lúcifer aceitou tudo, exceto a interpretação da queda do homem. Neste ponto, Moon levou Lúcifer diante de Deus. Dizia-se que, naquele tempo, Deus não podia ser visto, mas que Sua voz podia ser ouvida. Deus se manifestava na forma de ondas e montanhas, e Deus apresentou diferentes explicações para a causa da queda do homem.

Ele perguntou se a queda tinha ocorrido por causa do fruto de uma árvore, por causa da liberdade, por causa do amor ilícito, ou por causa de qualquer outra coisa. Moon disse que foi amor ilícito. Então veio uma das mais devastadoras experiências de todas. Deus negou o que ele disse e falou que ele estava errado. Nesse ponto, uma força espiritual atingiu Moon tão fortemente, ele disse, que se ele não estivesse fisicamente de pé nesse momento, ele poderia nunca mais ter sido capaz de se levantar. Convencido da verdade de suas conclusões, ele insistiu, e Deus negou a ele novamente. Quando Moon afirmou a causa uma terceira vez, Deus reconheceu isto como a verdade, e a força má se afastou dele. Lúcifer admitiu que isto era a verdade.²²

O teste de rejeição tem sido necessário. Para Moon não acreditar simplesmente, mas para se tornar uma unidade com Deus e incorporar os princípios que ele havia descoberto, e para ensinar os outros a seguirem o mesmo caminho, exigindo essa convicção e determinação monumental que até mesmo teve que argumentar seu caso com Deus. Isto também significava que ele não poderia ser acusado por Satanás de agir somente sob inspiração espiritual ou impulso de Deus. Ao invés, ele teve que buscar esta verdade por si mesmo, e teve que senti-la até os ossos.

Mas pode haver uma explicação mais profunda para esta experiência de rejeição e abandono, que vai até o núcleo da visão de Moon do coração triste de Deus. Se Deus sofre de rejeição dos Seus filhos, tal como Moon reivindica, porque Deus deveria então confiar em um homem que reivindica ser diferente, que diz que ele é um filho que simpatiza e se preocupa? O sofrimento do coração de Deus demandará que ele prove isto. Moon não descreveu completamente esta experiência, nem explicou quanto ela durou, nem disse se houve outros episódios semelhantemente dolorosos. O caminho que ele tem seguido desde seu chamado por Jesus trouxe-o a um ponto onde sentiu que, como Jesus, ele explorou o coração de Deus. Ele sabia que sua missão era curar o profundo pesar de Deus. Ele estava preparado para a luta que repousava adiante.²³

Capítulo 3 A Igreja que Chora

Na primavera de 1938, Sun-myung Moon se graduou na Escola Elementar Jeongju. Era costume nesses eventos de graduação que os estudantes lessem um breve discurso de agradecimento aos seus professores. Aos 8 anos de idade, Moon foi o último na tribuna.

“Há algo que eu gostaria de dizer,” ele começou. Ele lançou uma crítica ao sistema de educação. Os convidados, que incluíam o chefe de polícia, o magistrado do condado e outros oficiais do distrito, se deslocaram em seus assentos. Então, para o espanto e constrangimento do diretor e da equipe, ele começou a criticar os professores, um por um, analisando suas personalidades, apontando as consequências, se eles tivessem a permissão de continuar ensinando da forma como fizeram, e sugerindo que eles resolvessem mudar. Depois de terminar com eles, ele tomou os líderes do país e os chamou a conduzir a nação de forma adequada. Isto durou uma hora inteira, e os alunos adoraram. A polícia anotou seu nome.¹

Ele esperava frequentar a Escola Normal em Pyongyang e se tornar um professor. Ele estudava bastante para os exames de ingresso, mas foi rejeitado por causa do daltonismo.² Ele decidiu ir para Seul, onde se matriculou no departamento de engenharia elétrica do Instituto do Comércio e Indústria de Kyongsong,³ uma escola média para rapazes no distrito de Heuksok dong, na margem sul do Rio Han.



*Foto de Moon
na escola
média.
(AES-UCM,
Seul)*

Seul na década de 1930 ficava na maior parte na margem norte do rio, mas em décadas recentes se espalhou para o sul. Atualmente a área sul que uma vez foi plantações de arroz, melões e aldeias agrícolas é o lar de metade dos dez milhões de pessoas de Seul, e mais de vinte pontes ligam as duas partes da cidade. Esse desenvolvimento começou com Heuksok dong, uma vizinhança de Sangdo dong e Noryang jin, que cresceu ao longo das duas primeiras estradas de ferro e pontes que atravessavam o rio. Quando Moon se mudou para a área, muitos oficiais e professores japoneses coloniais e suas famílias viviam nas melhores casas em Heuksok dong. Os nomes de ruas e sinalizações eram todos em japonês.

A escola tinha sido fundada em 1934 por seu diretor japonês, Doi Sanyo. Os cerca de quarenta professores eram japoneses, exceto o professor de ginástica, e todas as aulas eram em japonês. Doi Sanyo ensinava perseverança e superação.

“Se algo não acontece, faça-o acontecer,” ele diria. “Se você não tem algo, faça o que é necessário para obtê-lo.”



Uma rua de Seul na década de 1920 durante a ocupação japonesa (Kukusho Kankokai Co., Tóquio)

Os 1.900 estudantes, como todas as crianças na escola no Japão pré-guerra, eram ensinados a fazer o trabalho que se esperava deles e não desperdiçar o fôlego criando desculpas pelo fracasso. Os rapazes usavam uma túnica e calças estilo militar que desciam um pouco abaixo dos joelhos. As calças não tinham bolsos laterais, somente bolsos atrás. Luvas não eram permitidas, para que quando estivessem com frio, caminhassem com suas mãos nos bolsos de trás, em uma

postura que empurrava seus peitos para frente como se fossem soldados.⁴

Em seu primeiro ano, Sun-myung Moon viveu em três diferentes alojamentos. O terceiro era um lugar auto-suficiente que ele compartilhou com Kwon Duk pal, que tinha se graduado na escola dois anos antes e era o jovem pregador na igreja local, e um colega estudante chamado Yoo Koo-hok. No segundo ano, seu primo Seung-gyun veio estudar na escola e se juntou a eles no alojamento. Sun-myung e Kwon Duk-pal compartilhavam um quarto. Cada inquilino pagava vinte e dois wons por mês. As despesas escolares eram cinco wons e a comida era cerca de dez wons. A dieta básica deles era arroz e sopa, e eles comiam bastante biscoitos. Alguns meses eles ficavam sem comida por um ou dois dias, e quando o dinheiro deles chegava de casa, eles corriam para uma loja de bolo de arroz.



Moon esteve na escola em Seul de 1938 a 1941. Moon à direita, assume sua vez de cozinhar para seus colegas. A partir da esquerda, Yoo Koo-bok, o primo de Moon, Seung-gyun e Kwon Duk-pal, o pregador na igreja que Moon participava. (AES-UCM, Seul)

Muitos dos estudantes em outros alojamentos estavam infelizes vivendo perto de pessoas que particularmente não gostavam. Tais problemas eram piores nos alojamentos onde os estudantes faziam sua própria comida. Mas os dois Moons e seus amigos estavam bem, um fato que Seung-gyun atribui a uma regra introduzida por seu primo. Eles tinham um pacto pelo qual eram proibidos de reclamar sobre a outra pessoa que cozinhava: “Kwon comia na igreja e não cozinhava em casa,” disse Seung-gyun. “Sun-myung, Yoo e eu revésávamos para cozinhar. Cozinhávamos em uma única panela sobre um fogo de madeira. O arroz era barato. Tínhamos que escolher os grãos. Fazíamos uma sopa de tofu e cebola fatiada com pimenta vermelha. Para acompanhamento, tínhamos talvez cebolas, pequenos peixes e batatas. Se a sopa estava muito aguada ou salgada, tínhamos que manter a calma. Yoo e eu gostávamos das coisas fatiadas por cima, mas Sun-myung apenas colocava tudo na panela. Entretanto, não podíamos reclamar.” À noite, Sun-myung e seus amigos às vezes subiam a colina atrás da vila. Lá eles se deitavam para olhar para as estrelas e conversar.

Entre seus colegas, a reputação de um rapaz dependia em grande parte de quão bem ele podia lutar. ⁵ Embora ele fosse bom em luta, Sun-myung estava no time de futebol. ⁶ No segundo ano, seu primo Seung-gyun contou vantagem para seus amigos que seu "grande irmão" poderia facilmente vencer a luta, se ele quisesse. ⁷ Ele desafiou o campeão escolar de luta, Cho In bok, que era o presidente de sua classe. Cho aceitou. Seung-gyun tentou persuadir Sun-myung, que estava mais relutante.

“Porque eu devo lutar com ele. Ele é uma criança,” disse Moon. Cho veio até Sun-myung e formalmente o desafiou.

“Você acha que pode me bater? Porque não tenta?”

“Eu não quero lutar com você,” Sun-myung replicou.

“Vá em frente, você pode ganhar dele,” sugeriu seu primo, que estava ansioso para não perder o confronto.

“Tudo bem, então.” Cho já estava em seu calção de luta. Sun-myung estava com seu uniforme da escola. Ele tirou sua pequena mochila. Uma multidão se reuniu. Era para ser a melhor de três tentativas. A luta começou, Sun-myung venceu a primeira tentativa, então a segunda e a terceira. A notícia se espalhou e ele se tornou o campeão escolar não oficial.

Todos os dias, Sun-myung caminhava até o Rio Han para se banhar. Ali ele via os mendigos e as famílias pobres que viviam à beira do rio sob a ponte. Frequentemente ele cortava o cabelo deles. Em um verão, seu primo Seung-gyun ficou doente com malária. Todos os dias, por quase duas semanas, a febre surgia por volta do meio-dia.

“Vamos ao rio para nadar,” Sun-myung disse, um dia quente.

“Eu não posso. Estou com febre.”

“Eu sei como curar isto,” Sun-myung anunciou. Ele não queria nadar sozinho.

“É verdade?” seu primo perguntou.

“Sim. Isto depende de sua atitude mental. Venha comigo e eu mostrarei a você,” ele disse. Sun-myung levou-o para a margem do Rio Han. “Tire suas roupas e entre na água.”

Seung-gyun tentou resistir, mas Sun-myung insistiu e o empurrou para a água, e então ele mesmo saltou. Seung-gyun estava tremendo quando saiu, e a febre ficou pior. ⁸

Nas férias de verão e de inverno quando ele voltava para casa, a família de Moon observava que mesmo estando na cidade grande, isso não abalou seu fervor religioso. Em uma visita, ele estava fazendo a oração para a família antes da refeição, e ficou tão absorvido em sua oração que, na hora que ele terminou, todos, exceto seu irmão, estavam dormindo.

Quando os moradores da vila olhavam para fora de suas casas nas tardes de verão, eles viriam Sun-myung indo para a Colina Sul para orar. Ele era tão intenso que as crianças da vila vinham e contavam para suas mães que ele estava lutando com as árvores e deitado na grama no lado da colina.

Em seu primeiro ano longe de casa, ele participou nos cultos da igreja Pentecostal em Heuksok dong. A igreja era uma das seis estabelecidas pela denominação desde a chegada da primeira missionária americana, Mary C. Rumsey, em 1928.⁹ Ela tinha sido estabelecida alguns anos antes, quando Pak Kyong-joon, um diácono na primeira igreja no subúrbio sudoeste de Sobing go, se mudou para perto do rio Heuksok dong.¹⁰ O ministro, Pak Song san, realizava cultos em Sobing go de manhã e em Heuksok dong à tarde. Já em 1936, a congregação, que incluía um número crescente de estudantes que participavam, se mudou para uma sala maior que custava trinta wons por mês de aluguel. Em 1938, os líderes da igreja decidiram que deveriam obter um lugar maior. Como não havia nenhum membro rico na congregação, eles decidiram que deveriam obter o dinheiro dos missionários. O Rev. Pak e os líderes das seis igrejas se encontraram com dois missionários, um americano e um britânico, na casa na cidade de Seul, onde os missionários viviam. Traduzindo estava Henry Dodge Appenzeller, um americano que era o diretor da Escola Paichai (pronunciado como Pay chay), fundada por seu pai, que havia sido o primeiro missionário Metodista para a Coreia.

“Queríamos aumentar a igreja, mas precisávamos de dinheiro. Nossa posição principal era, ‘Se não nos dão dinheiro, iremos embora,’” disse Kim Hee-son, um dos jovens diáconos, lembrando do encontro quarenta e sete anos mais tarde.¹¹ As duas missionárias, ambas mulheres de meia idade, estavam em uma situação difícil. A tradição estabelecida pelas missões Protestantes na Coreia era de não financiar a construção de igreja, mas insistir que as congregações deviam ser auto-suficientes. Além disso, elas não tinham dinheiro.



*Grupo da igreja em Seul. Moon é o segundo de pé a partir da direita. O mais velho Kim Hee-son está no topo. Kwak No-pil, que esteve preso com Moon como um comunista suspeito, está sentado à direita.
(AES-UCM, Seul)*

“Tudo bem, podem ir,” a missionária americana disse. “Não, não devemos nos separar,” disse a mulher britânica, se desmanchando em lágrimas. Na atmosfera emocional, os coreanos resolveram mudar as denominações. A próxima questão era, a qual denominação se juntar, Presbiteriana, Metodista ou outra qualquer? O Rev. Pak, sofrendo com o conflito com as missionárias estrangeiras, disse que eles deveriam se juntar à nova Igreja de Jesus, porque esta era a primeira denominação iniciada por coreanos. Poucos na congregação sabiam alguma coisa sobre ela.

A Igreja de Jesus tinha se formado ao redor do carismático evangelista Lee Yong-do. Lee nasceu na Província de Hwanghae em 1901, o segundo filho de uma pobre família de agricultores.¹² Ele foi preso em 1919, por dois anos e meio, por atividades pela independência. Como um ativista marcado, ele foi incapaz de se graduar na escola superior. Em 1923, um missionário americano o ajudou a entrar no Seminário União Metodista em Seul onde se formou em Inglês.

Após se graduar em 1927, ele foi para Dongchon, Província de Kang won. Lá ele se levantava às quatro da manhã para orar. Foi lá, seus seguidores contaram mais tarde, que ele recebeu o espírito e se tornou um pregador.



Carismático pregador da Igreja de Jesus, Lee Yong-do, em 1932. (Lee Ho-bin)

Quando ele ficava inspirado, falava por sete ou oito horas. Se a inspiração não vinha, ele nem mesmo conseguiria falar, embora tivesse sido convidado para fazer isso. Logo ele recebeu o apelido de 'Shimuon,' que quer dizer 'aquele que fala somente quando as palavras são necessárias.' Em uma ocasião, é dito, ele estava orando e viu Satanás espiritualmente. Ele seguiu Satanás até a casa de um fiel onde Satanás tentou matar os membros da família. Ele enfrentou Satanás e exigiu que ele fosse embora. Outra história descrevia como Lee veio atrás de um fiel cristão no interior, que estava sendo atacado por uma cobra. Lee pegou um pedaço de pau para matar a cobra, mas ela escorregou para um lago.

Lee orava por horas, chorando copiosamente durante suas orações. Ele orava pelos pobres e era muito generoso com os mendigos. Uma vez, alguns ministros na cidade de Pyongyang que o haviam convidado para falar, estavam esperando por ele na estação. Eles naturalmente esperavam que o famoso pregador estivesse bem vestido. Quando desceu do trem vestido em suas usuais roupas de pobre, eles não o notaram. Não esperando uma festa de boas vindas, ele fez seu próprio caminho até a igreja e orou lá por duas ou três horas antes que os ministros o encontrassem.

Lee Ho-bin, um amigo próximo e colega de graduação do seminário, que mais tarde se tornou o líder da denominação, lembra como a fama de Lee se espalhou: “Seus sermões eram muito criativos e originais. Ele era muito versátil, ele era um músico, poeta, dramaturgo e pregador. Sempre que a YMCA queria uma boa reunião de reavivamento, eles pediriam para ele vir, porque ele sempre atraía muitos fiéis de diferentes igrejas.”

Kim Young-oon era uma Metodista em sua cidade natal de Haeju, quando Lee Yong-do veio e fez reuniões de reavivamento. “Alguns anciões na igreja começaram a criticar o Rev. Lee depois que os membros da congregação ficaram na igreja e oraram a noite inteira, e tiveram experiências espirituais, falando em línguas e entrando em transe e profetizando. Eu fui um daqueles que ficou a noite inteira. A igreja ficou dividida. Aqueles que estavam com Lee Yong-do começaram a realizar reuniões separadas as quais eu participava.”

Lee Ho-bin estima que por volta de 1932, cerca de trinta igrejas e seis mil fiéis se consideravam seguidores do carismático pregador. A inveja de Lee Yong-do cresceu, e ministros de outras igrejas espalharam boatos que os fiéis que ficavam orando a noite inteira de fato praticavam orgias. Estes clérigos rivais pediram para as autoridades japonesas não permitirem que Lee realizasse seus cultos de reavivamento. Mas os japoneses não desejavam ajudar o estabelecimento cristão, do qual eles se ressentiam porque eram protegidos e apoiados pelos missionários estrangeiros. Ministros perseguiram abertamente as congregações de Lee Yong-do dizendo para seus seguidores que ele era mal, e que não deveriam nem mesmo cumprimentá-los nas ruas.

Em julho de 1932, Lee foi convidado por um professor no Instituto Bíblico de Mulheres Martha Wilson no porto noroeste de Wonsan para participar no culto da manhã.¹³ O professor, Baek Nam-ju, também era uma figura controversa.

Ele e um grupo de dez fiéis estiveram por dois anos realizando cultos juntos, levantando às quatro ou cinco horas da manhã para orar. No inverno, eles caminhavam descalços como uma forma de treinamento espiritual. Ele ensinava que a interpretação da igreja sobre o segundo advento de Cristo e a destruição do mundo nos Últimos Dias estava errada. A Bíblia, ele dizia, devia ser interpretada espiritualmente e não literalmente. Fé é fazer com coração e vida, não cerimônias e aparências, ele dizia. Em dezembro daquele ano, Baek e seu grupo foram expulsos de sua igreja local por heresia. Eles continuaram a realizar cultos, e o grupo se expandiu. A polícia japonesa, pensando que era um grupo pela independência, continuou a observá-lo de perto.

Ao mesmo tempo, a pressão estava crescendo na igreja Metodista contra o carismático Lee Yong-do. Ele foi expulso alguns meses mais tarde. Ele era trans-denominacional e não gostava da idéia de criar outra denominação. Mas sem registro oficial, reuniões não poderiam ser realizadas. Em junho de 1933, um oficial do escritório do governo geral japonês se ofereceu para ajudar os ministros expulsos a conseguirem uma licença para realizar cultos.¹⁴ Os japoneses queriam claramente encorajar o desenvolvimento de uma igreja que não tivesse nenhuma conexão com os missionários estrangeiros. Os ministros aceitaram a oferta inesperada e decidiram chamar a eles mesmos simplesmente de a Igreja de Jesus. Lee Yong do foi indicado como o presidente. Os principais fundadores foram Lee Ho bin e Lee Hwan shin, colegas de seminário de Yong do, e Baek Nam ju e Han Joon myung do grupo Wonsan. A nova igreja declarou seu dia de fundação retroativamente como sendo 3 de janeiro de 1933. Entretanto, neste tempo, Lee Yong do estava doente com Tuberculose. Em outubro ele morreu, na idade de trinta e dois anos. Lee Ho bin o substituiu como presidente.

Dentro da nova igreja, havia bastante atividade espiritual associada com os membros Wonsan, que eram conduzidos por Baek. Por exemplo, alguém do grupo reivindicou ter recebido uma revelação que eles deviam se ligar com outro grupo espiritual conduzido por uma mulher na costa oeste. Baek disse ter caminhado as 130 milhas de jornada descalço para encontrá-la.¹⁵ Mais tarde, no inverno de 1934, a nova Igreja de Jesus expulsou Baek por ter cometido adultério.¹⁶ Embora este incidente tenha sido colocado de lado por seus amigos, parece estar ligado com rumores de pretensões messiânicas. Desde o reavivamento que varreu como um incêndio através da Coreia em 1907, pessoas espiritualistas estiveram recebendo revelações que o Messias viria na Coreia na carne.

Uma dessas mulheres espiritualistas era Kim Bom joon. Ela profetizou que a Coreia era o novo Israel e que um dia missionários sairiam a partir da Coreia para o mundo. Ela disse que Baek conceberia um filho com uma virgem, e que a criança seria o Messias. Uma criança nasceu, mas quando a notícia se espalhou, o estabelecimento cristão acusou Baek de heresia. Kim chorava e orava: “O que devemos fazer, Jesus está sendo crucificado novamente. Tudo está acabado.” Então ela recebeu outra revelação dizendo que, porque a missão de Baek não pôde ser cumprida, outra criança tinha sido preparada e já havia nascido em Pyongyang. Ela se preparou para ir para Pyongyang, mas sua família, pensando que ela estava louca, a impediu.¹⁷

Os líderes da Igreja de Jesus negaram qualquer papel messiânico. Essas mulheres espiritualistas foram repreendidas, mas por alguns anos a intensa espiritualidade que atraía essas pessoas persistiu. A Igreja de Jesus nasceu da perseguição e foi fundada por líderes espirituais inspirados. Mas com a ausência de objetivos claros e organização, seus líderes eram não-denominacionais e se moviam mais de acordo com a inspiração do que por qualquer plano de expandir números. A igreja cresceu a partir de 1930, embora sua fundação oficial seja em 1933, até cerca de 1935. Então sua espiritualidade rapidamente declinou e sofreu crescente opressão das autoridades japonesas.¹⁸

Em 1938, o ano quando Sun-myung se mudou para Seul, a Igreja de Jesus tinha trinta e duas igrejas na Coreia. Todas elas estavam na metade norte do país. Os únicos cultos realizados em Seul eram na casa de Kang Suk-kyong, uma participante rica da Igreja de Jesus que tinha se mudado de Pyongyang. Ocasionalmente, os líderes da igreja e revivalistas realizavam reuniões na casa dela. Eles choravam e gritavam muito durante suas orações, que os vizinhos relataram para a polícia. Foi decidido que uma nova igreja deveria ser estabelecida em Heuksok-dong, em Seul, onde duas das filhas de Kang viviam. Mas não havia dinheiro para enviar um ministro de tempo integral para a cidade. Foi neste tempo que a congregação Pentecostal em Heuksok-dong veio procurar uma nova igreja para se juntar. O Rev. Pak Song-san perguntou se a Igreja de Jesus assumiria seu rebanho de Heuksok-dong. Eles fizeram um acordo e uma nova Igreja de Jesus, chamada Sala de Adoração Myongsudae, com cerca de cento e vinte membros, começou a realizar cultos. Kwon Duk-pal, o jovem pregador leigo do grupo Pentecostal, foi colocado como encarregado. Ele conduzia esses cultos emocionais, e assim, a nova igreja se tornou conhecida localmente como a 'Igreja que Chora.'

Durante o último ano de seus três anos no colégio, Sun-myung participou nesta igreja. Durante este tempo, ele e seus três companheiros de alojamento na casa de Lee Kee-bong, e brevemente na casa de sua irmã, Lee Kee-ha. As duas mulheres eram as filhas da Sra. Kang, que tinha financiado a igreja.



Moon é o segundo de pé a partir da esquerda. Sentada à direita está sua senhoria, Lee Kee-bong. (AES-UCM)

Após a escola todos os dias, Sun-myung iria para a igreja estudar e orar. Ele mantinha a natureza de sua busca intensa de si mesmo; mas as pessoas ao redor dele percebiam que ele era diferente e sentiam sua profunda espiritualidade. Um amigo da escola lembrou: “Ele era um cristão exemplar. Ele frequentemente ia para as colinas orar. Muitos cristãos faziam isso, mas nenhum deles ficaria fora a noite toda orando como ele fazia.”¹⁹

Ele recebeu a tarefa de conduzir a Escola Dominical para as trinta ou mais crianças. Ele as ensinava a Bíblia e sobre Deus, e ocasionalmente as levava para passear.²⁰ Um dia ele agarrou o braço dela de brincadeira virando-o para trás e disse: “Não me chame de senhor, Me chame de seu irmão.”²¹



Grupo da escola dominical em Seul. Moon é o segundo a partir da direita no topo no grupo de rapazes (Pak Kyong-do)

Frequentemente após os cultos, que eram realizados todo domingo e quarta-feira, ele convidaria alguns dos diáconos para seu quarto e eles compartilhariam comida, cânticos, oração e conversas até tarde da noite. “Seis ou sete pessoas iriam cantar e orar,” lembrou Kim Hee-son, o diácono.

“Orávamos em círculo, um após o outro. Uma volta completa nos levava até o amanhecer.” Em outras noites eles às vezes apenas se sentavam para compartilhar uma sopa e conversas.

Os membros da Igreja de Jesus iam para Seul, e às vezes para as vilas vizinhas, para evangelizar. Às vezes quando uma multidão se reunia, e a polícia vinha e tentava parar Moon de pregar, “Qual é o crime em testemunhar sobre Deus?” ele protestaria.



Moon de pé abaixo do relógio, com colegas estudantes no grupo de estudo da Bíblia em Seul. Foto tirada em fevereiro de 1940. (Pak Kyong-do)

Uma tarde de domingo em março de 1940, ele estava retornando de um culto em uma nova Igreja de Jesus em Sangdo dong, o bairro vizinho, com alguns dos membros da igreja, quando eles encontraram um homem de meia idade deitado na estrada. O homem disse que estava doente e que estava tentando voltar para sua casa em Pyongtaek, uma cidade a quarenta milhas ao sul de Seul. Um dos diáconos cortou uma vara como bengala para ele. “Você precisa chegar a estação de trem em Noryangjin. É cerca de um quilometro daqui,” o diácono disse.

“Mas eu não tenho nenhum dinheiro para comprar o bilhete,” o homem respondeu.

“Carregaremos você até a estação,” disse Moon. No caminho ele pedia dinheiro para as pessoas. O bilhete custava um *won* e dez *chon*. Moon recolheu dois *wons* e cinquenta *chon*, comprou um bilhete e utilizou o restante para comprar um chá para o homem. O homem ficou tão comovido, e chorou.

“Vocês devem me dizer seu endereço, para que eu possa pagar vocês,” ele disse.

“Não se preocupe sobre nosso endereço,” disse o diácono Kim Hee-son. “Apenas vá para a Igreja de Jesus e acredite em Jesus.” Até o momento que eles retornaram pela colina arborizada de Heuksok-dong já estava escuro.

“Quando ajudamos pessoas assim, sentimos uma profunda satisfação, embora tenhamos perdido nossa refeição,” comentou Moon.²²

Capítulo 4

Emoto Ryumei

A viagem de Seul até Pusan levou sete horas.¹ O trem da tarde ruidosamente atravessou os campos e contornou as montanhas das províncias do sul, passando pelas vilas amontoadas onde os camponeses tranquilamente observavam sua passagem. Os campos cheiravam fezes humanas, espalhadas para fertilizar as plantações.

Sun-myung Moon se graduou na escola média em Seul e, tendo obtido permissão da polícia para estudar no exterior, seguiu seu caminho para Tóquio para se matricular na escola técnica superior afiliada à Universidade Waseda.² Era 31 de março de 1941, e Sun-myung estava deixando a Coreia pela primeira vez, seguindo para a terra do opressor.

Como o Japão se preparava para a guerra contra o ocidente, os coreanos estavam sendo recrutados para o exército, e convocados para trabalharem no Japão e em suas colônias.³ Milhares de garotas adolescentes foram presas e enviadas para bordéis na linha de frente. Cristãos estavam sendo aprisionados às centenas por se recusarem a adorar em santuários Xintoístas. De acordo com o mito xintoísta, o povo japonês, especialmente os imperadores, são descendentes da deusa-sol Amaterasu, e assim, são divinos. Os militares reavivaram a velha religião na década de 1930 para justificar seus objetivos imperialistas. Súditos coloniais na Coreia e China estavam sendo forçados a participar em cerimônias nos santuários que foram edificadas nas cidades ocupadas. Em 1941, os preparativos para a guerra estavam concluídos, e os missionários foram forçados a deixar a Coreia. Em 1942, denominações foram banidas e as igrejas Protestantes foram forçadas a se unirem sob o nome de Divisão (coreana) Escolhida da Igreja Cristã Japonesa. Os ministros que se opuseram a isto e à adoração forçada nos santuários Xintoístas foram aprisionados, removidos de seus trabalhos, colocados sob prisão domiciliar ou nos porões.⁴ A Coreia estava sendo sufocada, sua cultura, e mesmo seu idioma foram reprimidos. Em 1944, coreanos nativos estavam sendo presos em seu próprio país por falarem coreano, ao invés de japonês. Em seu esforço final para pisar na identidade de seus infelizes súditos, as autoridades japonesas forçaram os coreanos a assumirem novos nomes japoneses.

Sun-myung estava viajando sob seu novo nome, Emoto Ryumei.⁵ Passageiros desciam em cada parada, um sentimento de opressão entorpecendo seus movimentos. Alguns homens de negócio e oficiais japoneses com suas famílias estavam viajando no trem. Suas maneiras continham um pressuposto de superioridade que alguns coreanos aspiravam, mas que a maioria detestava. Apesar de seu nacionalismo, Moon não odiava os japoneses.

Nesse sentido, ele era bastante diferente da maioria, exceto para os colaboradores ou aqueles do outro mundo.⁶ Sua luta, como ele a via, era com o mal, e o mal era mais sutil do que se associar com a nacionalidade. Durante a viagem, um sentimento de sua própria missão e sobre o futuro da Coreia o oprimia. Ele orou para Deus proteger a Coreia. Ele puxou seu paletó sobre seu rosto para que os outros passageiros não pudessem ver que ele estava chorando. Estava escuro quando ele chegou em Pusan. No dia seguinte ele deixou Pusan em um navio japonês, o Shokei Maru.

Em Tóquio, ele se matriculou no departamento de engenharia elétrica da faculdade técnica. Ele encontrou alojamento com a família de um oficial do governo da cidade, Mitsunashi Kozo.⁷ Dois outros estudantes coreanos se alojavam com os Mitsunashis, e cada um deles tinha um quarto separado no segundo andar. Os coreanos estavam acostumados a serem tratados como cidadãos de segunda classe. Mas os Mitsunashis, que tinham cinco filhos, eram muito bondosos com seus inquilinos. Seu senhorio fazia caligrafia como um passatempo, um interesse que ele pôde compartilhar com Sun-myung. Ele era muito bondoso, “como um coreano,” lembrou um dos estudantes colegas de Sun-myung.

Entre os centenas de coreanos estudando em universidades e faculdades técnicas em Tóquio, alguns buscavam se passar por japoneses, o caminho natural de mobilidade ascendente. Mas a maioria, consciente de seu papel como estudantes, que desde o início do movimento de independência em 1919 se lançou na linha de frente da resistência, esperava pela independência de seu país. Duas vezes por ano, eles organizavam uma reunião, chamada Encontro Yupchon (a moeda coreana quadrada de bronze com um buraco no meio), quando cerca de cinquenta estudantes se encontravam para comer, conversar, cantar e conhecer uns aos outros. Um policial japonês à paisana que compreendia um pouco o coreano costumava participar nas reuniões, o que impedia os estudantes de discutirem o assunto que mais os preocupava – a independência.

Em sua primeira reunião, Sun-myung se levantou, apresentou-se e começou a cantar em estilo coreano *pansori*. Ele cantou metade em voz alta e metade gritando de tal forma que o policial não pudesse entender o significado. “O povo coreano tem uma grande missão. Vamos ajudar nosso país e nos tornar líderes que trabalham bastante por nosso povo,” ele cantou. O sentimento patriótico e o risco assumido eletrizaram a platéia.⁸

Sun-myung Moon se tornou um líder entre os estudantes cristãos em Tóquio e favoreceu o governo no exílio em Xangai liderado por Kim Ku.⁹ Entretanto, seus dois amigos mais próximos eram Comunistas. Kim Chang-soon que estava no mesmo alojamento, e Chang Bong-hee que estava em um alojamento próximo, e ambos estudavam economia na Universidade Waseda. Kim era o líder das atividades clandestinas no Japão. Mais tarde Chang teve que se esconder para fugir da polícia. Ele se disfarçou como um mendigo e se deixou infestar por piolhos para tornar o disfarce convincente. Os três eram como irmãos. Eles discutiam bastante e acabavam abraçando um ao outro. Em poucos anos as diferenças ideológicas que eles representavam dividiriam seu país, mas por enquanto o Japão era o inimigo comum.

Embora o ateísmo de seus amigos o ferisse, Sun-myung viu como o Marxismo dava a eles um objetivo utópico, um propósito e um papel histórico a desempenhar, um quadro para explicar todas as coisas e um fervor consequente para melhorar o mundo que os cristãos pareciam carecer. Aum Duk-moon, um estudante de arquitetura na escola técnica de Waseda, lembra que Sun-myung se levantou por seus amigos comunistas: “Ele me disse que eles eram pessoas boas. Ele não tenta me persuadir contra o comunismo e a favor do cristianismo. Ele explicou que os coreanos devem estar unidos e trabalhar juntos.”¹⁰

Neste ponto em sua vida, enquanto Sun-myung ainda estava formulando sua teologia, ele não discutia suas profundas convicções sobre a vida e Deus com seus amigos.

Seu comportamento inexplicável fez eles se preocuparem com Sun-myung. Às vezes na sala de aula ele continuava fazendo perguntas até o professor ficar sem respostas. O desconforto do professor envergonhava os outros estudantes. Em uma ocasião seus amigos o viram fazendo um discurso na rua para os transeuntes, criticando os tempos e exortando os jovens a assumirem responsabilidade.¹¹

Em seu quarto ele mantinha três Bíblias, uma em coreano, uma em japonês e uma em inglês. Ele as estudava constantemente. Nos domingos ele ia para a igreja. Ele começou a estudar suas próprias capacidades e a se treinar para ver se poderia fazer qualquer coisa. Às vezes ele comeria uma porção de sua refeição e jogaria o restante fora dizendo para si mesmo que devia esquecer sua fome e amar a Deus mais do que a comida.¹²

Um dia ele chamou seus amigos e anunciou que iria ver quantas tigelas de arroz poderia comer.

“Eu acho que você pode comer dez tigelas” alguém disse.

“Tudo bem, como é seu aniversário, você come o que quiser que eu pagarei,” brincou outro. Eles foram para a rua Takadanobaba onde havia vários restaurantes. Ele conseguiu comer sete tigelas de arroz com galinha e ovos. Ele ficou tão cheio que quase não podia se mover. Estar cheio com comida, ele descobriu que era mais doloroso do que estar com fome.¹³

Ele também se disciplinou para evitar a tentação sexual. Em particular, ele resistiu à sedução submissa das mulheres japonesas que, como os homens coreanos dizem, as tornam as melhores esposas do mundo. Às vezes ele caminhava pela rua com seus olhos para baixo para evitar olhar para as mulheres. Em outro esforço consciente para lutar contra a tentação, ele se fazia pouco atraente. Ele usava roupas baratas de segunda mão e não usava óleo em seu cabelo como seus amigos faziam.¹⁴

Isto não funcionou para uma das filhas do seu senhorio, que estava apaixonada por ele. Ele fingia não estar ciente dos sentimentos dela, e a ignorou tanto quanto pôde. Em uma noite, um dos amigos de Sun-myung estava esperando no quarto dele até 2 horas da manhã, e Sun-myung ainda não tinha retornado e o amigo decidiu ir embora. Quando desceu a escada, ele notou a garota em um quarto na escada. Ele entrou no quarto e fechou a porta, e na completa escuridão começou a tocá-la sob as roupas da cama. Pensando que era Sun-myung, ela não resistiu. No dia seguinte, ela subiu a escada até o quarto dele para continuar o que ela pensava ter sido o início de seu novo relacionamento. Quando ele a rejeitou, ela ficou arrasada. Em 1945, dois anos mais tarde, ele retornou para a Coreia, e ela contraiu uma doença e morreu na idade de dezenove anos.¹⁵

O jovem Moon não brincava ou se socializava muito com os outros estudantes, e ele não frequentava as cafeterias de estudantes ou fazia caminhadas nos finais de semana com outros estudantes. As aulas na escola técnica eram à tarde entre 18 horas e 21:30 horas, o que o deixava livre o dia inteiro.¹⁶ Ele era muito rigoroso com seu tempo e fazia somente o que sentia que Deus queria que ele fizesse. Frequentemente ele ia para a cidade vizinha industrial de Kawasaki para fazer algum trabalho. Sua motivação não era pelo dinheiro, o qual ele frequentemente dava para seus amigos, mas para fazer um esforço consciente de amar o Japão.¹⁷ O trabalho também deu a ele uma experiência mais ampla do que a vida de estudante.

“Quando nevava ou havia um tufão, eu não ia para as aulas. Eu ia para as docas de trabalhadores para trabalhar. Eu me sentia ótimo nessas ocasiões. O vento uivava e soprava, e minhas mãos ficavam pretas com a sujeira e eu as segurava na chuva para escorrer a sujeira. Eu trabalhava suando nesses lugares. Uma vez na balsa Kawasaki-Yokohama havia um cara realmente mal. Ele costumava tomar uma porcentagem do salário dos trabalhadores, mas eu me recusei a dar-lhe o meu. Ele se rendeu quando bati nele.”¹⁸

Às vezes ele pegava trabalhos de entregar carvão. Seu estilo era perguntar aos trabalhadores regulares quanto tempo o trabalho exigia, e então ele tentaria fazê-lo em três quartos ou metade do tempo. Ele se empurrava desta maneira para dominar seu ambiente e situação como um trabalhador, ao invés de ser dominado por ele. Em uma ocasião, depois de arrastar um reboque de carvão até uma casa, a dona da casa lhe deu uma gorjeta. O simples gesto o comoveu às lágrimas.

Em outra ocasião, ele economizou seu dinheiro e ficou no Imperial, um dos hotéis mais confortáveis em Tóquio naquela época. Ele uma vez visitou uma prostituta na região Shin ju-ku da cidade e pediu a ela para contar a ele a história de sua vida.¹⁹ Ele queria ver como o rico e o pobre viviam, o que os faziam felizes e o que os faziam pecar.²⁰ Ele escolheu permanecer com fome. “Não foi porque eu não tinha nenhum arroz,” ele disse. “Se está sempre cheio, você perde essa conexão com Deus e com a situação das pessoas.”²¹

Neste tempo, o Japão estava em guerra contra os Estados Unidos e seus estudantes aliados democráticos coreanos estavam planejando protestar contra o recrutamento forçado de coreanos no exército japonês, em um esforço para provocar uma revolta em casa. Mas a polícia conseguiu esmagar os protestos na fase de planejamento e não ocorreram grandes manifestações. Sun-myung estava sob a vigilância da polícia japonesa e era chamado uma vez por mês para se apresentar na delegacia de polícia na Rua Takadanobaba. Mais tarde, quando ele planejava retornar para a Coreia, a polícia comunicou para as autoridades na Coreia que ele estava voltando.

Em 1943, estudantes estavam sendo recrutados para o esforço de guerra. Seu curso foi abreviado em seis meses e ele se graduou em 18 de setembro de 1943. Seu amigo Aum Duk-moon, que se graduou no mesmo tempo, ficou em seu quarto em sua última noite no Japão.

“Eu acho que terei que casar quando chegar em casa, mas eu estou preocupado com quem meus pais irão fazer meu noivado,” disse Aum. “Você pode sugerir alguém?” Como o líder estudante cristão, Sun-myung tinha fotos de muitos amigos coreanos cristãos.

“E quanto a ela?” ele disse, segurando uma fotografia. Aum colocou a fotografia em seu bolso. No dia seguinte, eles partiram para casa.²²

Capítulo 5 O Segundo Israel

Quando ele chegou em casa, a vila inteira veio recepcioná-lo. “Vimos seu telegrama dizendo que você estava vindo no navio que afundou,” eles disseram. A balsa, o Kwon-non Maru, havia atingido uma mina e afundou no Estreito da Coreia, e centenas de passageiros se afogaram. “Eles escreveram os nomes dos sobreviventes no papel, mas seu nome não estava lá.”

“Eu não peguei o navio. Eu mudei de idéia,” Moon respondeu. Ele explicou que tinha comprado a passagem para o navio, mas de alguma forma ele teve uma forte premonição de perigo que suas pernas ficaram como chumbo. “Eu esperei pelo próximo navio.”

Quando ouviu sobre o acidente, sua mãe ficou em tal pânico que ela correu para Jeongju buscando por informação, esquecendo de colocar seus sapatos. Quando não pôde encontrar o nome de seu filho na lista de sobreviventes, ela desmaiou. Foi somente quando enviou outro telegrama que eles souberam que ele estava seguro.¹ Ela tinha ficado tão ansiosa que somente quando voltou para casa percebeu que seu pé estava ferido. Esta imagem de sua mãe correndo até Jeongju sem seus sapatos, marcou muito profundamente e ficou com ele através de sua vida.² “É assim como Deus ama Seus filhos?” ele se perguntava. Quão forte e espontâneo é o amor de uma mãe. Ele considerou quão difícil deve ter sido para Jesus ir contra sua família a fim de fazer a vontade de Deus, e ele esperava que seus pais não se colocassem contra sua missão no futuro. Se eles fizessem isso, ele teria que colocar sua missão em primeiro lugar. Ele praticou ao longo dos anos negar suas próprias emoções desta forma, cortando seus sentimentos quando seu coração o puxava para longe da vontade de Deus.



Choi Sun-kil, primeira esposa de Moon. (Pak Chong-hwa)

Em novembro de 1943, Sun-myung Moon se casou. De acordo com o costume, sua noiva, Choi Sun-kil, foi encontrada através de acordo entre os pais do casal. Para os coreanos deste período, e mesmo para muitos jovens coreanos modernos, a decisão para se casar vem primeiro e a procura pelo parceiro vem depois. Perante isto, não está claro o motivo pelo qual ele decidiu neste ponto de sua vida que era o momento para se casar. Ele pode ter simplesmente aceitado a sugestão de seus pais que era o momento, a partir do sentimento natural coreano de piedade filial. Ou então, ele pode ter aceitado porque viu o matrimônio como a próxima etapa de seu caminho espiritual. A resposta depende do grau em que Moon já havia desenvolvido sua visão sobre o matrimônio como um profundo relacionamento religioso, a reconstrução, como foi, em sua própria vida, da forma como deveria ter sido o relacionamento entre Adão e Eva.

Mais tarde, Moon ensinaria seus seguidores que o matrimônio centrado em Deus é o sacramento central da fé, que é necessário para uma vida plena e santa, e é o instrumento terapêutico pelo qual os pecadores podem curar suas feridas espirituais e emocionais. O homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem, pelo desígnio divino.

Um homem que compreende o coração de sofrimento de Deus deve se aproximar de sua esposa como se ela fosse a filha preciosa perdida de Deus, Eva, e vice-versa.

Quatro anos mais jovem, Choi (pronunciado Chay) era uma garota inteligente e atraente com um caráter forte. Os primos de Moon consideravam este último atributo um eufemismo. Pedido para descrevê-la, um deles se referiu a um ditado sobre a alegada intensidade do clã Choi: “Se um Choi se senta em uma parte da grama, nada crescerá no local por três anos. Ela é a Choi das Chois. Ela é teimosa e obstinada. Uma vez que ela decidisse de certa forma, ela não desistia.”³ Sua família era relativamente bem situada e eram membros da Igreja Jaegun, uma Igreja Presbiteriana fundamentalista em Cheolsan, norte da Província de Pyong-an.

A Igreja Jaegun (Reconstrução) acreditava que Satanás tinha assumido o controle das igrejas estabelecidas, e não tinha nenhuma tolerância por outras denominações.⁴ Não obstante, Moon convidou o Rev. Lee Ho-bin, o líder da Igreja de Jesus para ser o oficiante.⁵ Ele veio de trem de Pyongyang, e conduziu a cerimônia de casamento no pátio da casa da família dela. O casal passou a noite de núpcias na casa da família Moon em Sangsa-ri e, de acordo com um primo de Moon, ela ficou doente. Os moradores não ficaram impressionados com a noiva, que ficou doente no primeiro dia de sua vida de casada.⁶



Lee Ho-bin, o primeiro líder da igreja de Jesus.

Enquanto isso, a Guerra no Pacífico estava se intensificando, e mais estudantes estavam sendo graduados mais cedo para irem para a linha de frente. Como um engenheiro graduado, Moon estava isento da tarefa militar ativa, mas foi exigido encontrar trabalho em uma companhia para ajudar com o esforço de guerra.

Ele tinha arrumado um trabalho na Mansho Electric Company em Hailar, na Manchúria controlada pelos japoneses, perto da fronteira da Mongólia e Rússia.⁷

Mas após várias semanas em Seul, ele mudou seus planos e se instalou na capital, onde assumiu um trabalho como engenheiro elétrico na Kashima-gumi Construction Company.⁸

Os recém-casados se estabeleceram em Heuksok-dong, alugando um espaço de seu antigo senhorio da Igreja de Jesus, Lee Kee-bong.⁹ Depois do primeiro ano de casamento, ela ainda não estava grávida. Mas ao invés de recriminá-la, como teria sido o costume, ele era louco por ela. “Ele a amava muito, e todas tínhamos inveja,” disse Im Nam-sook, uma das filhas de seu senhorio, que tinha sido sua aluna na escola dominical anos antes.¹⁰ Ele queria construir um amor inviolável com ela para que pudessem amar profundamente a Deus como um casal.

Ele sabia que, por causa da natureza da missão que se apresentava diante dele, sua esposa experimentaria dificuldades. Ele esperava que estaria longe por longos períodos. Especificamente, ele sentia que os primeiros anos do matrimônio seriam repletos de luta espiritual. “Você deve ser capaz de se manter, se algo acontecer a mim,” ele disse a ela.

No final de novembro de 1944, um estudante amigo de Tóquio, que era um comunista e que o tinha visitado em Seul, tinha sido preso tentando fugir do recrutamento e o nome de Moon surgiu durante o interrogatório policial. A polícia veio para seu alojamento e vasculhou seu quarto. Ele foi levado para a delegacia central de polícia da Província de Kyong-gi em Seul onde suspeitos ideólogos estavam presos.¹¹

“Você é um comunista?” perguntou seu interrogador.

“Eu sou um cristão,” ele respondeu.

“Quem são seus amigos no comunismo clandestino?”

“Eu sou um cristão.” A polícia o espancou e começou a rotina de tortura para forçar uma confissão. Eles o prenderam de cabeça para baixo e derramaram água misturada com pimenta em seu nariz. Eles o levantaram, amarraram seus pulsos atrás das costas, o içaram no ar e o golpearam em uma forma de tortura conhecida como 'o avião.' Ele se recusou a confessar.

A Sra. Lee, a dona do quarto, foi autorizada a visitá-lo. Ele pediu a ela para trazer alguma coisa para induzir a diarreia. Antes da próxima sessão de tortura, ele esvaziou seus intestinos e se fez vomitar para esvaziar seu estômago para que a água com pimenta passasse direto através dele. Enquanto isso, sua esposa havia contraído febre tifóide e foi para a casa de seus sogros no norte da Coreia para se recuperar. A mãe de Moon veio para Seul quando ouviu que ele estava na prisão, e ficou na casa da Sra. Lee.

Uma semana mais tarde, a polícia prendeu outro amigo, Kwak No-pil, um cristão que viveu em Heuksok-dong e que tinha se graduado na mesma escola média. Eles foram colocados em celas separadas. A Sra. Lee vinha todos os dias com comida para os dois prisioneiros. No final, a polícia concluiu que os dois homens eram cristãos como haviam afirmado. Kwak foi liberado e uma semana mais tarde, após sessenta dias na prisão, Moon também foi liberado. Ele foi direto para a casa de Kwak.

“Eu me sinto responsável porque você também foi preso,” ele disse. “Não, não, eles já sabiam meu nome,” disse Kwak. Os dois homens falaram sobre a experiência e choraram juntos.

Moon se recuperou rapidamente e retornou ao trabalho. Algumas semanas mais tarde, quando a primavera chegou, ele visitou sua família no norte da Coreia. Seu primo de vinte anos de idade, Yong-gi, estava sendo chamado para o exército japonês e confidenciou que planejava desertar.

“Você não precisa fazer isso. Não se preocupe,” Moon disse a ele. “Em abril, a Alemanha se renderá e em agosto o Japão será derrotado. Mas você não deveria ficar no norte depois disso. Uma cultura fria está vindo.” Yong-gi ficou impressionado, pensando que uma educação universitária de alguma forma abria o caminho para alguém saber tais coisas. Ele foi liberado em maio e se inscreveu para uma base em Taejon, no sul da Coreia, e não viu nenhuma ação. Ele não entendeu a previsão sobre o comunismo naquela época, mas ele aceitou mais tarde o conselho de seu primo e fugiu para o sul antes dos comunistas solidificarem seu regime no norte da Coreia.¹²

Em agosto, quando os japoneses finalmente depuseram suas armas, houve júbilo na Coreia. O povo tomou as ruas e a histeria da libertação tomou conta. Sun-myung Moon marca o dia da Rendição, 15 de agosto – celebrado como o Dia da Liberação pelos coreanos – como o dia do início de seu ministério público.¹³ Desde seu encontro com Jesus em 1935, ele não tinha falado para ninguém sobre seu novo entendimento de Deus. Agora a derrota do Japão significava que ele poderia agir livre da vigilância policial. A Coreia estava livre de seus mestres coloniais e as nações cristãs haviam triunfado sobre o mal fascista. O Tempo era propício.

Uma das primeiras coisas que ele fez no fim da guerra foi ajudar vários moradores locais japoneses a fugirem. Ele ouviu que alguns de seus amigos estavam planejando se vingar de um policial japonês. Ele argumentou com eles: “O Japão está acabado. Ele fracassou. O país perdeu seu poder e Deus os punirá. Vocês não precisam se vingar.” Eles abandonaram a ideia. Ele calmamente aconselhou muitos japoneses que permaneciam em Heuksok-dong que fossem embora, antes que fossem feridos, e ajudou alguns a empacotarem seus pertences.¹⁴

Moon disse que previu enormes conflitos adiante para a Coreia, e encontrou dificuldade em se juntar às celebrações da independência. Em uma conversa, ele uma vez descreveu como não pôde se juntar aos gritos de júbilo de “*Mansei!*” (“Vida longa Coreia!” Literalmente, Dez mil anos!) “Minhas mãos simplesmente não se levantavam,” ele disse.¹⁵ De fato, a exaltação coreana teve vida curta. Em algumas semanas, como as complexidades da situação política se tornaram aparentes, os líderes coreanos começaram a compreender que, além de suas próprias divisões, as grandes potências não estavam indo embora e deixando-os em paz. As tropas russas e americanas se deslocaram para o país assumindo a rendição japonesa. As forças de Stalin haviam se movido rapidamente através da Manchúria e para o norte da Coreia. Os americanos, mais preocupados com a futura segurança do Japão, do que da Coreia, se moveram rapidamente, temendo que os russos pudessem tomar o país inteiro. Eles se encontraram, como havia sido previamente acordado, no paralelo trinta e oito bem ao norte de Seul. A Guerra Fria tinha chegado a Coreia.

Exilados nacionalistas coreanos estavam retornando para casa. Alguns haviam enfrentado os japoneses com os russos, alguns com os comunistas chineses, outros com os nacionalistas chineses. Outros vieram do Japão, Havaí, e do continente dos Estados Unidos. Caracteristicamente, nenhuma facção predominou. Nem o governo no exílio, que havia estado baseado em Xangai, teve algum peso. Ele não tinha sido reconhecido por nenhum governo estrangeiro em seus vinte e seis anos de existência.

Havia tal diversidade de facções entre os grupos políticos na Coreia. Nessas primeiras poucas semanas, a única aparência de ordem política foi oferecida pelos Comitês do Povo dominados por esquerdistas que surgiram em todo o país em alguns dias de libertação. O exército americano, sob ordens de não reconhecer nenhum grupo nem pessoa como legítimo representante dos coreanos, desmantelou estes comitês no Sul. Em seu lugar, eles estabeleceram o Governo Militar Americano, que regeu por três anos. No norte, os Soviéticos, enfrentando forte oposição ao regime comunista, foram astutos o suficiente para indicar o presidente do Comitê do Povo do norte da Coreia, o cristão nacionalista Cho Man-sik, como chefe do governo interino.

Mais tarde, os americanos e russos propuseram uma tutela de quatro-poderes para a Coreia, semelhante ao que governava a Áustria. Em retrospecto, era a única chance que o país tinha de permanecer unido, mas os coreanos protestaram fortemente contra isto e as superpotências abandonaram a ideia. No norte, Cho foi internado, e um jovem líder guerrilheiro, Kim Il-sung, rapidamente assumiu o poder sob a tutela Soviética. Os nacionalistas não-comunistas começaram a fugir para o sul. As duas metades da Coreia balançaram inexoravelmente na direção da divisão permanente. Em três anos, governos separados seriam estabelecidos em Seul e em Pyongyang.¹⁶



O Líder comunista da Coreia Kim Il-sung visita a estação de fronteira em outubro de 1949 (Pyongyang)

Nesta situação de rápida mudança política, Moon buscava os cristãos que poderiam aceitar seus ensinamentos. Durante a ocupação japonesa, inúmeros grupos espiritualistas tinham iniciado, e muitos rotulados como hereges pelo estabelecimento cristão, tinham recebido revelações que indicavam o retorno de Cristo. Temerosos de perseguição pelas autoridades japoneses e dos outros cristãos, eles estiveram adorando separadamente, e em muitos casos, secretamente. Entre os cristãos mais ortodoxos havia um racha entre aqueles que haviam obedecido as ordens japonesas de adorer em santuários Xintoístas, e aqueles que tinham se recusado e sofrido bastante como resultado. Com essas divisões, Moon pensou, o Cristianismo não pode trazer o reino de Deus. Ele acreditava que Deus queria um espírito de harmonia dentro do Cristianismo como uma base para terminar as animosidades entre todas as religiões e culturas.

Para este fim, ele esperava primeiramente atrair os grupos espiritualistas para seus ensinamentos, e então buscar a unidade com o estabelecimento cristão. Para sua proteção, ele buscou estabelecer conexões pessoais com pessoas em posições elevadas.¹⁷ Como alguém da elite educada em um país subdesenvolvido, onde o avanço tinha tradicionalmente sido patrocinado, isto não teria sido difícil. A igreja, família, escola e lar forneceram a ele fortes conexões com pessoas cuja ajuda puderam se confirmar como essenciais, considerando principalmente as incertezas e instabilidades do país. Se a família ainda não tivesse se afastado de seu tio avô, Moon Yoon-kook – que tinha ligações com as figuras cristãs da independência que assumiram o poder no sul da Coreia – portas teriam se aberto mais facilmente.

Logo após a libertação, Moon foi para o norte da Coreia e experimentou um segundo e inesperado aprisionamento. Ele estava em Kwaksan-myon, não muito longe de sua casa, com seu primo Yong-gi. Ele foram para uma loja comprar uma maçã.

“O que é isto?” o lojista perguntou, olhando para o dinheiro que ele tinha acabado de entregar.

“O que você quer dizer?”

“Porque você está tentando passar dinheiro falso?”



Rev. Moon Yoon-kook, ministro Presbiteriano na igreja local de Moon, em 1918. Foto no seminário de graduação. (Seminário Presbiteriano, Seul)

“Não é falso. É dinheiro do sul,” ele disse. O lojista entregou eles para a polícia, e eles foram presos por uma semana. Por feliz coincidência, o capitão da polícia tinha sido professor elementar de Sun-myung e arranhou sua libertação, um exemplo dos benefícios oportunos das boas relações.

Em outubro de 1945, Moon e sua esposa se mudaram de Heuksok-dong para as vizinhanças de Sangdo-dong. Sua nova casa tinha um quarto e uma cozinha, e era perto de uma empresa onde ele trabalhava. Sun-kil estava agora grávida. Um filho, Sung-jin, nasceu em abril de 1946.¹⁸

Por volta do final de 1945, Moon começou a ir a uma igreja em Sangdo dong onde participavam vários membros da Igreja de Jesus, a qual ele tinha participado como um estudante. A igreja estava funcionando com um pequeno grupo espiritual conduzido por um ministro de trinta e cinco anos de idade chamado Kim Baek-moon.

Kim vinha do sul da cidade de Taegu. Quando tinha dezessete anos, ele foi para ficar com seu irmão, que estava trabalhando no norte da cidade portuária de Chongjin. Eles encontraram novos alojamentos em Hoeryong, onde Kim foi convertido pela proprietária, uma mulher de meia idade chamada Kim Nam-jo. Ela estava associada com os dois pregadores carismáticos Baek Nam-ju e Lee Yong-do.¹⁹ Após sua conversão, Kim se matriculou no seminário em Seul. Um homem calmo, erudito, ele era muito devoto.

Sua conversão na década de 1930 coincidiu com um período de difundida atividade espiritual nos grupos cristãos coreanos. Milhares haviam começado a falar em línguas e a ter revelações que não podiam compreender. Durante as reuniões, muitos participantes entravam em êxtase, como se estivessem embriagados no espírito. Kim observou que o fenômeno, longe de ajudar as pessoas, de fato conduzia muitos crentes para o comportamento imoral, e finalmente destruía sua vida de fé.

Ele questionava porque o espírito de Deus vinha desta forma. Qual era o propósito, se isto causava tal devastação? Depois de muito orar, ele recebeu uma resposta: o espírito vinha para preparar o caminho para o Senhor, para purificar as almas daqueles que vieram para isto, e não para excitar seus sentidos. Mas, acima de tudo, isto veio porque Deus queria encontrar um único homem. Para trazer Seu reino, Deus precisa começar com uma única pessoa, como um novo Adão. O propósito por trás da vinda do espírito era fazer um único homem perfeito.

Kim começou a ensinar no final da década de 1930. A maioria daqueles que vinham ouvi-lo eram membros da Igreja de Jesus. Ele ensinava que a Coreia era o Israel dos tempos modernos, onde a segunda vinda de Cristo ocorreria. Em 1943, ele iniciou um retiro em Supchol-ri, em Paju, na região rural no norte de Seul. Quando a opressão dos japoneses sobre os cristãos aumentou, ele ensinava secretamente.

Em setembro de 1945, o mês após o fim da guerra, ele estabeleceu formalmente a Igreja Israel Jesus estabelecendo uma igreja em Sangdo-dong, Seul, e um pequeno centro de oração em Supchol-ri.²⁰ Dois homens e dez mulheres se juntaram a Kim em seu retiro, onde viviam uma vida de fé de celibato. Dois anos mais tarde, ele começou um curso de seminário de três anos.



Grupo de Kim Baek-moon na época que Moon começou a participar de seus cultos. Kim está no topo usando óculos. (Pak Kyong-do)

Kim vinha para Seul uma vez por semana para pregar. A congregação era pequena, por volta de cinquenta pessoas, mas composta por muitos intelectuais e outras figuras influentes. Se Kim sofresse a oposição do estabelecimento cristão por suas visões heréticas, ele seria capaz de chamar por aliados poderosos. Um dos diáconos era a esposa do proprietário do Chosun Ilbo, o principal jornal diário da Coreia. Sua filha era uma das celibatárias no retiro de Kim.

Outra mulher entre as fiéis era a esposa de Lee Bom-sok, que em 1948 se tornou o primeiro ministro da Coreia do Sul. Ela tinha se juntado à igreja através de um dos anciões que tinha sido um amigo na escola elementar.

O próprio Lee era um coreano nacionalista que tinha lutado contra os japoneses por anos na guerra de guerrilha na Manchúria. Um graduado das academias militares chinesas, ele esteve sob o comando do exército chinês, e serviu na equipe de Chiang Kai-shek, o líder nacionalista chinês. Ele retornou para a Coreia em 1945 com o apoio de um general americano, Albert C. Wedemeyer, que tinha sido um conselheiro para Chiang.²¹ Em 1946, Lee formou a Associação Nacional da Juventude da Coreia, a qual contava com o apoio do Departamento de Defesa em Washington, e que ele imaginava como uma base para um futuro exército coreano.

Ela cresceu rapidamente e logo tinha 1.300.000 membros em âmbito nacional. Pró-ocidente e anticomunista, seus membros apoiavam a polícia e enfrentavam as guerrilhas comunistas naqueles tempos altamente instáveis. Quando se tornou o primeiro ministro, Lee foi responsável pela redistribuição das propriedades retidas pelos japoneses. Ele utilizou sua posição para arranjar a transferência de uma empresa em Inchon, a Aegyong Company, que fazia sabonetes, perfumes e velas, para Kim. Os lucros eram utilizados para financiar o retiro.²²

Moon tinha um papel modesto quando visitava o grupo de Kim, e fazia trabalhos braçais. Sua esposa não aprovava Kim Baek moon e não frequentava a igreja com ele. De fato, ela reclamava da devoção de Moon.²³ Os outros membros começaram a reconhecer sua profunda espiritualidade.

Kim Yong-jin, que era um dos dois homens no retiro, lembrou: “Moon estudou a Bíblia na igreja de Kim, como eu fiz. A coisa especial sobre ele era que, embora não tivesse recebido nenhuma educação teológica formal, ele perguntava ao Rev. Kim muitas questões detalhadas, ao contrário das questões comuns que os outros perguntavam.” Hong Yi-sun, uma das mulheres celibatárias, lembra: “Sun-myung Moon orava muito.” Outro membro, Pak Sul-nam, lembrou que Moon uma vez estava orando na igreja com os outros, quando sua cabeça de repente empurrou tão fortemente que entortou uma placa da parede de madeira.

Eles viam isso como evidência de sua espiritualidade. O Rev. Kim dizia para seus seguidores que Moon tinha profunda sabedoria espiritual. Vários meses depois que Moon se juntou ao grupo, Kim colocou sua mão na cabeça de Moon em bênção e disse que a sabedoria de Salomão estava com ele.²⁴

Foi nessa época que ocorreu um fenômeno que mais tarde os seguidores de Kim considerariam a marca do verdadeiro início da história do grupo. Eles dizem que em 02 de março de 1946, o Espírito Santo desceu. É dito que Jesus apareceu, e que Kim começou a receber contínuas revelações referentes ao papel aparente da Coreia como o novo país escolhido. Ele recebeu a revelação “Vocês são Israel.” Ele perguntou a Deus o que isto significava, e recebeu a resposta que ele tinha a missão no futuro de espalhar o novo ensinamento por todo o mundo.²⁵

A partir da perspectiva da Igreja de Unificação, o reconhecimento de Moon por Kim foi o evento providencial, a pré-condição para o grupo receber o Espírito Santo. Kim deveria ter reconhecido naturalmente que Moon encarnava o objetivo da busca de Kim, e deveria ter levado seus seguidores a compreenderem que Moon era o novo Adão, o Cristo pelo qual eles tinham esperado.²⁶ Ele deveria ter se tornado o condutor dos seguidores de Moon.

Moon teria fornecido o núcleo substancial para a teologia que Kim teria desenvolvido para a obra. Se isto tivesse acontecido, Moon teria buscado, através da seita de Kim, integrar os grupos espiritualistas cristãos, e então criar um renascimento dentro do Cristianismo visando unificar as denominações. Tal movimento, no plano de Moon, teria fornecido uma base para criar a harmonia entre as maiores religiões.

A partir da perspectiva dos seguidores de Kim, Moon falhou em sua missão seguindo sozinho. Claramente, se tivesse havido unidade no momento deste encontro, ambos os homens teriam cumprido os objetivos e necessidades do outro: Moon, na verdade, tinha a chave para as questões teológicas sem respostas de Kim, e Kim tinha tanto as qualidades intelectuais para formular o pensamento de Moon, como para a organização para iniciar o trabalho de construir pontes dentro da comunidade religiosa.

O que não sabemos é quão seriamente Kim reconheceu a ‘sabedoria’ de Moon. Ele via Moon como um aluno dotado – inteligente, mas inferior a si mesmo? Ou ele nem mesmo via Moon como um 'aluno'? Depois de toda a intensidade de sua sondagem, Moon foi somente capaz de fazer um compromisso de tempo parcial. Ele não era um dos celibatários residentes de Kim, mas era um homem casado com um trabalho. Por outro lado, Kim estava demasiadamente consumido por sua própria busca espiritual para reconhecer a espiritualidade em Moon, que tinha impressionado os outros membros do grupo? Ou será que ele realmente o reconheceu, e se sentiu ameaçado por ele? Ou, no final, havia apenas um confronto previsível entre dois homens inspirados?

O grupo de Kim lembra que seu líder pediu para Moon ir embora. Se este foi realmente o caso e motivo, não está claro. Qualquer que seja a causa, Moon compreendeu após alguns meses que não seria capaz de trabalhar com o grupo de Kim.²⁷ Ele teria que continuar sozinho.

Os eventos que se seguiram não são claros. A história comumente aceita pelos Unificacionistas é que Moon recebeu uma revelação enquanto estava saindo para comprar arroz, que ele deveria ir imediatamente para o norte da Coreia. A versão mais detalhada diz que Moon em seu caminho para comprar arroz com a intenção de parar em Supchol-ri para dizer adeus para Kim, possivelmente para amenizar o intervalo, quando esta experiência ocorreu.

Entretanto, é possível que Moon possa ter desejado ir para o norte da Coreia de qualquer forma. Com os comunistas começando a reprimir a atividade religiosa no norte, Moon sentiu uma sensação de urgência pressionando para manter contato com grupos espirituais no norte da Coreia, que ele acreditava também terem sido preparados por Deus para receber seu ensinamento.²⁸ Em junho de 1946, Kim estava planejando levar alguns seguidores para o norte da Coreia para um encontro de reavivamento em Pyongyang. Ele não queria que Moon seguisse junto com ele. “Esta ficando mais difícil viajar para o norte,” disse ele. “Talvez você deveria ficar aqui. Pode ser perigoso.”²⁹ Moon decidiu ir de qualquer maneira.

Em 5 de junho, quando Kim estava para pegar o trem para o norte, Moon colocou algumas coisas em uma mochila e disse para sua esposa que estava indo para o norte da Coreia comprar arroz.³⁰ Ele disse que ficaria fora por cerca de quinze dias.³¹ Ele viajou para Munsan onde Kim estava se preparando para partir com Na Choi-sup, uma das mulheres celibatárias em seu grupo, e duas ou três mulheres idosas. O pai de Na tinha sido um proeminente ancião na Igreja de Jesus, e tinha morrido na prisão durante a ocupação japonesa. O grupo ficaria com a mãe de Na na casa da família em Pyongyang. Eles tomaram o trem para Kaesong. Lá eles esperaram até anoitecer e se esconderam através da fronteira para chegarem até a próxima estação e pegar o trem para Pyongyang.³² Mais tarde, a esposa de Moon tentou várias vezes, com o bebê, vir para se juntar a ele, mas foi parada na fronteira. Foram seis anos antes que eles se vissem novamente.



Foto antiga do Reverendo Sun Myung Moon.

Capítulo 6 A Jerusalém do Oriente

Pyongyang em 1946 ainda era um centro dinâmico para o Cristianismo coreano. Denominações que haviam sido banidas pelos japoneses foram restabelecidas. Havia igrejas em toda parte. Os cristãos chamavam a cidade de Jerusalém do Oriente. Mas as placas estavam na parede, quando as autoridades apoiadas pelos Soviéticos começaram a romper o poder cristão.¹

Kim Baek-moon esteve na cidade por alguns dias e realizou reuniões de reavivamento na casa de Na no subúrbio norte de Kyongchang-ri, antes de retornar para o Sul. Sun-myung Moon visitou alguns familiares que viviam em Chong-up, Pyongyang, e então ficou na casa de Na. Ele começou a realizar cultos lá.



Kim Baek-moon, fundador da Igreja Israel Jesus. (Pak Kyong-do)

Alguns dias após sua chegada em Pyongyang, ele encontrou Kim Chong-hwa e seu esposo, que viviam perto. Ela era a líder do grupo de mulheres na Igreja Somunae-pak, uma das maiores igrejas Presbiterianas na cidade. Ela se tornaria sua principal seguidora no norte da Coreia. “Um grande pregador chegou de Seul,” ela contou para a prima de seu esposo, Kim In-ju, também uma Presbiteriana. “Porque você não vem para ouvi-lo.”²

Em 11 de junho, as duas mulheres foram para a casa da família Na, onde algumas pessoas tinham se reunido para um culto de adoração. Elas notaram que o espaço não era dividido, com homens de um lado e mulheres do outro, como nas igrejas estabelecidas. Quando o culto começou, elas ficaram surpresas pelo estilo pouco ortodoxo.

Ao invés da reunião de uma hora que elas estavam acostumadas, com alguns hinos e um sermão curto, o culto parecia não ter forma. Os fiéis, a maioria mulheres de meia idade, cantavam o mesmo hino de novo e de novo. Elas também cantavam algumas canções folclóricas coreanas bem como hinos que, para os visitantes ortodoxos, parecia algo revolucionário.³ Enquanto cantavam, elas notaram que os olhos do jovem pregador estavam cheios de lágrimas.

Quando Moon orava, sua oração era diferente de qualquer coisa que elas já tinham ouvido nas igrejas. Ele orava com tal intensidade e sentimento que o suor e as lágrimas pareciam derramar dele. “Eu nunca tinha sido comovida tão profundamente pela oração de alguém em minha vida,” lembrou Kim. Moon leu uma passagem da Bíblia e começou a pregar. Seu sermão foi sobre o fato que a morte de Jesus na cruz não foi o plano original de Deus. Jesus deveria ter vivido por muito tempo na terra a fim de realizar a providência de Deus de salvação. Enquanto pregava, ele chorou pela tristeza de Jesus. As duas mulheres foram abaladas pela idéia que a morte de Jesus não estava destinada. Elas tinham entendido que a salvação foi possível em virtude da morte de Jesus na cruz e nunca tinham considerado o contrário. Nunca havia ocorrido a elas que ele não deveria ter morrido tão jovem, mas que deveria ter cumprido a obra de Deus de salvação através de uma vida longa. Kim In-ju começou a chorar.

Nessa noite, ela sonhou que estava viajando através de um túnel escuro. No fim dele ela encontrou Moon. Um cortejo fúnebre estava passando. Fluído do corpo em decomposição estava vazando do caixão e derramou nas roupas dela. Ela estava com medo. Moon limpou a roupa dela e disse para ela ir para um jardim. Lá, em meio a belas flores ela encontrou Jesus, que tomou sua mão e a conduziu enquanto caminhava. Anteriormente, ela tinha sonhado com Jesus somente após muitos dias de oração matinal. Ela começou a participar nos cultos de Moon na esperança de sonhar com Jesus mais frequentemente. Ela também começou a profetizar. Ela se levantava pela manhã e palavras começavam a derramar de sua boca. Às vezes ela tinha visões do mundo espiritual, e ouvia a voz de Deus tão claramente como se estivesse ouvindo um rádio. Ela sentia que estava experimentando Deus não apenas como uma abstração, mas como uma realidade concreta.

Em um sermão, Moon ensinou que a Coreia era o segundo Israel e que o retorno de Jesus ocorreria na Coreia. Mas, ele disse, o retorno não ocorreria de uma forma espiritual e nem sobrenatural tal como os cristãos tendiam a esperar. Ele disse que, tal como a missão do Profeta Elias do Velho Testamento passou no tempo de Jesus para João Batista, assim também a missão de Jesus passaria para outra pessoa.⁴ Após este sermão, In-ju orou para perguntar a Deus onde na Coreia o Senhor viria. Em sua oração, ela teve uma visão. Jesus apareceu, caminhou na sala, inclinou sua cabeça e começou a orar: “Esta sua filha tem seguido um caminho muito longo e difícil. Permita que ela complete sua jornada sem se perder.”

A voz era de Moon. Quando Jesus terminou de orar e disse: “Amém,” ela olhou de novo, mas não era mais Jesus. O rosto tinha mudado para o de Moon. Ela sentiu que a resposta para sua oração tinha sido dada. Moon era o Cristo.

Algum tempo depois, ela se sentiu orientada por Deus para ler as profecias do reino de Deus no capítulo 60 de Isaías na Bíblia, e ouviu uma voz dentro dela dizendo: “Este é o capítulo que o pregador Moon deve cumprir.” Na manhã seguinte, ela foi ver Moon, e antes que ela pudesse abrir sua boca, ele perguntou: “Deus não disse para você na última noite ler Isaías 60, e Ele não disse que este era o capítulo a ser cumprido agora?” Kim In-ju teve vários encontros com Moon. Tais experiências espirituais, longe de serem incomuns, eram comuns entre os primeiros seguidores.

Algumas semanas mais tarde, Kim In-ju levou seu sobrinho de dezoito anos de idade, Kim Won-pil, para um culto. Ele era tímido e envergonhado diante dos outros na congregação, que eram muito espirituais e que faziam perguntas que ele não entendia. “Você medita muito, não é?” Moon perguntou a ele. “Sua meditação deve ter algum ponto de concentração.”⁶

O conselho simples e perspicaz causou uma profunda impressão em Kim. Ele começou a vir regularmente aos cultos. Ele não tinha experiências espirituais como os outros. Ele não compreendia os conceitos sofisticados, e se sentia inadequado porque não era capaz de chorar como os outros em suas orações. Mas ele sentia uma sensação de paz na presença de Moon, e confiava nele. Ele tomava nota dos sermões e palestras de Moon, e estudava as anotações. “Por favor, lembre, nosso grupo é único,” Moon disse um dia para ele. “É totalmente diferente de qualquer coisa do passado, ou qualquer coisa se surgirá no futuro. Em toda a história, há somente um único grupo como este.”

Nestas primeiras semanas, Moon estabeleceu a rotina de seu novo papel como líder espiritual. Antes de cada culto dominical das 10 horas da manhã, ele orava por horas. Algumas das mulheres espiritualistas oravam a noite inteira, e outras chegariam mais cedo na manhã de domingo para orar. Desta forma, eles se preparavam para o culto.

Quando as pessoas apenas vinham por curiosidade, Moon descobriu que tinha dificuldade para pregar, mas se a congregação tivesse se preparado como as mulheres espiritualistas orientavam, a inspiração viria. Às vezes os cultos duravam por horas, e os fiéis ficavam tão inspirados que se levantavam e começavam a dançar. Como a casa de Na ficava de frente para a rua, o barulho começou a chamar a atenção.

Aqueles que participavam sem seus esposos ou esposas começaram a enfrentar problemas em casa. Após ouvir a explicação de Moon que a queda do homem tinha sido sexual e como o coração de Deus ficou ferido por perder seus filhos, muitos se sentiram impuros e pararam as relações sexuais com seus cônjuges. Esposos e esposas com suspeitas vieram para descobrir o que estava acontecendo, e viram muitos homens e mulheres no mesmo espaço, cantando e falando por horas, o que era muito incomum, dado os costumes rígidos coreanos proibindo o contato com o sexo oposto. Boatos sobre orgia se espalharam. Um esposo ficou convencido que o simpático jovem pregador estava tendo um caso com sua esposa, e o denunciou para as autoridades comunistas.⁷

Em 11 de agosto de 1946, em resposta à denúncia, os agentes vieram e levaram Moon para a Delegacia de Polícia de Daedong. Era 11 horas da noite quando eles chegaram, e os outros prisioneiros na cela lotada já estavam dormindo. Sua experiência atrás das grades em Seul o fez ciente do código social entre os reclusos. A primeira regra era que, independente de seu trabalho ou crime, o recém-chegado deve ficar no fundo da cela. Ele assumiu o espaço perto do banheiro.⁸ De manhã, o chefe da cela, o prisioneiro que estava há mais tempo na cela, o observou.

“Deixem este homem vir e sentar aqui perto de mim,” ele instruiu os outros na cela. “Ele é alguém especial.” Para surpresa de todos, quando Moon sentou ao lado dele, o homem se inclinou respeitosamente.

“Agora encontrei o homem que eu queria encontrar,” disse o homem. Ele se apresentou como Sr. Hwang, e explicou para Moon que ele era um membro de um grupo religioso que tinha recebido a revelação que encontrariam o Senhor na prisão. A líder do grupo, uma mulher espiritualista, Huh Ho-bin, e os líderes de outro grupo estavam nas celas vizinhas.

“Na noite passada eu sonhei que via nossa líder inclinando para alguém, e quando acordei esta manhã, vi que a pessoa estava aqui nesta cela. Era você.”

“Porque vocês estão sendo presos?” Moon perguntou.

“Eles dizem que se negarmos nossas revelações, eles nos deixarão ir, mas os líderes estão se recusando a fazer isto,” ele explicou.

O homem contou a história do grupo da Sra. Huh. A história começou em Cheolsan, a cidade natal da esposa de Moon, com uma mulher chamada Kim Song-do, uma fiel sem educação formal que tinha se convertido ao Cristianismo após ser curada de uma doença mental pela fé de um curandeiro.⁹ A mulher descobriu que tinha uma habilidade de cura, e colocava as mãos sobre seu filho e o curava quando estava doente. Enquanto sua fé se aprofundava, a perseguição por seu esposo confucionista aumentava. Ele rasgou as roupas dela para impedi-la de ir para a igreja. O esposo finalmente decidiu deixar sua esposa, e morreu pouco tempo depois. Ela continuou a ir à igreja.

Em 1924, o ministro da igreja de Kim foi preso por adultério.¹⁰ Ela ficou chocada e orou profundamente sobre como um homem de Deus poderia cometer tal erro. Satanás apareceu e zombou dela. Então Jesus apareceu em suas orações e disse a ela que adultério era a raiz do pecado. Ele também disse que sua crucificação tinha sido o resultado do mau entendimento de seu próprio povo, que o Segundo Advento de Cristo ocorreria através de outro homem e que ele apareceria na Coreia. Ela escreveu as palavras de Jesus em doze faixas de papel com seis pés de comprimento por um pé de largura. Foi dito a ela para ensinar o que tinha aprendido. Seu ministro disse que isto era a obra do diabo, mas sua história se espalhou e logo muitos cristãos começaram a visitá-la. Como o interesse cresceu, a Igreja Presbiteriana a expulsou.

Kim começou a realizar reuniões em casa, ensinando que os fiéis deveriam se arrepender pela morte de Jesus como se eles mesmos tivessem o assassinado. Ela recebeu a revelação que homens e mulheres deveriam se preparar para a vinda do Senhor, que pessoas solteiras não deveriam se casar, e que casais casados deveriam evitar as relações sexuais. Pessoas vinham vê-la de toda as partes da Coreia, e ela as ensinava a se prepararem para a vinda do Messias. O grupo dela se expandiu para as cidades vizinhas de Jeongju, Anju, Sukcheon, Pyongyang, Wonsan, Haeju e Seul.

As reuniões eram muito barulhentas e com muito entusiasmo. Em 1934, a Igreja de Jesus realizou reuniões em conjunto com o grupo não registrado de Kim para protegê-los das autoridades japonesas. Como vimos no capítulo três, a Igreja de Jesus estava se expandindo rapidamente. Este relacionamento durou por três nos até que a Igreja de Jesus, confusos pela crença herética do grupo que o Senhor retornaria na carne e pelas alegações de alguns fiéis que Kim era o Senhor, cortou relações. Baek Nam-ju, que tinha sido expulso da Igreja de Jesus por adultério, ajudou Kim a estabelecer seu grupo de forma independente e sugeriu o nome, Igreja do Sagrado Senhor. O filho mais velho dela, Chung Suk-cheon, foi registrado como o líder nominal.



Kim Song-do, fundadora do Grupo Sagrado Senhor (AES-UCM, Seul)

Alguns do grupo de Kim acreditavam que ela nunca iria morrer. A Sra. Kim, de forma mais realística, começou a preparar sua nora – a filha de um ministro – para herdar sua missão. Ela instruiu seu filho e nora a evitarem relações sexuais. Suk-cheon não assumiu a idéia, e ele se opôs. Mais tarde, metade de seu corpo ficou paralisado, o que os fiéis viram como um julgamento do céu por sua obediência. Em 1943, um dos jovens seguidores de Kim disse para uma pessoa para quem estava testemunhando que o Japão declinaria e a Coreia se tornaria um poder avançado no futuro. Ele não entendeu que estava com um policial. Kim e seus dois filhos foram presos e torturados severamente. Eles foram libertados sem qualquer acusação cem dias mais tarde. Enfraquecida pela tortura, Kim Song-do morreu no mês de abril seguinte, na idade de sessenta e dois anos.

O companheiro de cela de Moon explicou que a missão dela passou para outra mulher, Huh Habin, que era a líder da Igreja do Sagrado Senhor em Pyongyang. Huh e seu esposo, Lee Il-duk, eram esses seguidores fanáticos que iam para a estação de trem de Pyongyang para esperar pela chegada de Kim, mesmo depois que ela tinha morrido. Toda vez que a Sra. Huh recebia uma revelação, seu ventre se movia como se ela estivesse grávida. Esta experiência incomum era citada pelos seguidores como evidência da verdade do ensinamento de Kim que, ao contrário da crença cristã, o Senhor nasceria na carne. O grupo de Huh se tornou informalmente conhecido como 'Bokjung-Kyo', literalmente como a Igreja Dentro do Ventre.

É dito que Jesus apareceu para Huh e contou a ela detalhes de sua vida de sofrimento que não estão na Bíblia. Ela alegava que Jesus contou a ela que sua mãe o tinha negligenciado, que José não o amava, e que ele nunca recebia boa comida ou roupas decentes mesmo em seu aniversário. Como ele havia confidenciado a ela, Jesus disse: “Você é minha mãe.” Ele seria seu mestre, e queria experimentar a partir dela amor de uma mãe e de uma esposa, ele disse. Em uma expressão original e notável de devoção, a Sra. Huh e seus seguidores fizeram um conjunto de roupas coreanas e ocidentais para Jesus para cada três dias de sua vida a partir do nascimento até a idade de trinta e três anos. Um espaço foi especialmente reservado para a tarefa. Para cada item, eles compravam apenas o melhor material, eles não tentavam baratear o custo, e na mão da costura eles amarravam o terceiro ponto. Quando este trabalho estava completo, Jesus disse a ela para fazer o mesmo para a vinda do Senhor.

“O novo Senhor está com vinte e seis anos e você deve servi-lo bem, como tem me servido,” Jesus disse.

Cerca de trezentas pessoas a ajudaram nesta empreitada, oferecendo dinheiro e tempo. A disciplina era muito rígida. Seu esposo obedecia suas instruções, mesmo em uma ocasião de inverno, quando ela ordenou para ele sair para fora de casa, descalço, em uma rejeição simbólica do arcanjo que enganou Eva. “Não volte por seis meses. Você pode viver mendigando,” ela disse. Como ele aceitou totalmente a penitência, ela o aceitou de volta após seis dias.

Huh recebeu uma revelação que o Japão se renderia em 07 de julho de 1945, pelo calendário lunar (16 de agosto pelo calendário solar). Ela falava confiantemente sobre isto, e na sequência foi presa pelas autoridades coloniais japonesas. Em seu julgamento, ela foi perguntada: “Quem é maior, Deus ou o Imperador.”

“Deus,” ela gritou. Ela foi condenada à morte, mas o Japão foi derrotado alguns dias antes da sentença ser executada. Na prisão, ela tinha recebido uma revelação que o Imperador, cuja voz nunca tinha sido ouvida, seria transmitida para o povo. Seus seguidores acreditavam nela, e a profecia se tornou realidade. Então ela disse para seus seguidores que Deus havia dito que ela encontraria o novo Senhor quando o Japão caísse. Quando foi liberada, seus seguidores estavam entusiasmados, em antecipação. Eles começaram novamente a preparar roupas para o Senhor. Ela então recebeu uma revelação que as pessoas não deveriam orar, mas deveriam se inclinar para Deus como se Ele estivesse ali. O prisioneiro amigo de Moon, Hwang, disse que uma noite ele inclinou cinco mil vezes. Com a expectativa estabelecida, eles compraram uma bela casa em Pyongyang para o Senhor, assinada por doze discípulos e setenta apóstolos. A filha de Huh de dezesseis anos de idade estava preparada como uma noiva.

Huh disse que eles encontrariam o Senhor quando estivessem reunidos em um único lugar. Mais tarde ela esclareceu a mensagem, dizendo que tinha recebido uma revelação que encontraria o Messias na prisão como Choon-hyang – a heroína em uma antiga lenda folclórica coreana que estava presa injustamente por desprezar os avanços de um governante corrupto. No conto, o amante fiel de hoon-hyang vem para a prisão em trapos de mendigo, tendo aparentemente caído em tempos difíceis. Depois que ela compromete seu verdadeiro amor a ele, ele revela seu verdadeiro papel como um investigador disfarçado para o rei, e a resgatou.

Em 1946, os principais membros reuniram o grupo de Dentro do Ventre, pensando que encontrariam o Senhor. Ao invés, eles foram presos pelas autoridades comunistas. Como o grupo vivia de doações e muitos membros tinham vendido suas propriedades e doado o dinheiro, as autoridades acusaram os líderes de fraude. Entretanto, durante os interrogatórios, a polícia foi incapaz de encontrar evidência para corroborar as acusações. Eles decidiram como um pretexto para liberá-los, que os líderes deveriam negar a crença que o ventre de Huh se movia com se estivesse com uma criança toda vez que ela tinha uma revelação. Eles se recusaram, a despeito das torturas. Hwang disse para Moon que o irmão da Sra. Huh já tinha morrido por causa dos espancamentos.

“Seu grupo está preparado especialmente por Deus,” Moon disse para seu companheiro de cela. “Eu assumirei toda a responsabilidade se vocês negarem suas experiências para as autoridades. Apenas neguem os fatos, e vocês serão liberados. Por favor, diga para a Sra. Huh fazer o mesmo.”

Quando os prisioneiros foram reunidos para a refeição do meio dia, Hwang transmitiu a mensagem para Huh. Mas ela se recusou a aceitar o que ele disse. O próprio Hwang negou as revelações em seu próximo interrogatório e foi libertado.¹¹

Logo depois, o esposo de Huh foi transferido para a mesma cela de Moon. Moon deu a ele o mesmo conselho que tinha dado para Hwang, mas ele disse que seguiria sua esposa.

Então Moon tentou passar uma mensagem para ela. A mensagem, escrita com lama utilizando um osso de peixe em um pedaço de pano branco, dizia: “O escritor desta nota tem uma missão do céu. Ore para descobrir quem é ele. Se você negar todas as coisas que recebeu, você será liberada.” Depois que Huh leu isto, o bilhete foi descoberto por um guarda. Moon foi apontado como o culpado e foi severamente torturado.

Este incidente aconteceu em 18 de setembro. Ele já estava preso por quase seis semanas, tempo durante o qual seus interrogadores tentaram fazê-lo confessar ser um espião do Governo Militar Americano que estava regendo no sul da Coreia. Eles exigiam saber porque ele tinha vindo de Seul e estava vivendo em Pyongyang sem um cartão de identidade. Ele explicou que tinha vindo para pregar a palavra de Deus e que não era um espião.

Os norte coreanos haviam herdado os métodos de tortura japonesa e acrescentaram alguns refinamentos soviéticos. Por vários dias durante o interrogatório, Moon não recebia comida e não podia dormir. Quando ele começava a adormecer, uma guarda gritava ou batia nele. Os guardas revezavam a cada três horas de tarefa. Após alguns dias, ele desenvolveu uma forma de relaxar totalmente seu sistema nervoso por alguns minutos, enquanto continuava com seus olhos abertos. Ele era espancado de forma selvagem. Ele se esforçava em suportar cada vez. Com cada suspiro, ele pensava que a bênção de Deus aumentaria.¹²

Moon foi interrogado por um investigador soviético e declarado inocente. Em 31 de outubro, as autoridades notificaram seus seguidores que eles poderiam vir recolhê-lo. Sua seguidora principal, Kim Chong-hwa, e seu esposo, Chong Myong-sun, vieram para a prisão com o jovem Kim Won-pil e Na Choi-sup, a filha da sua senhoria. Eles ficaram chocados quando o encontraram. Ele tinha sido atirado em uma vala, semimorto com os espancamentos, suas roupas coladas ao seu corpo por causa do sangue coagulado. Quando eles o levaram para casa, ele estava vomitando tanto sangue, que eles pensaram que ele iria morrer. Houve uma conversa sobre preparar o funeral.

Kim Won-pil foi até uma clínica chinesa perto da colina Mansudae no centro da cidade e comprou alguns remédios chineses. Após três semanas, Moon começou a se recuperar.

Logo ele estava ensinando novamente. Em dezembro, o cunhado de Kim Chong-hwa, Cha Sang-soon, e duas mulheres, Ok Se-hyun e Chong Dal-ok, se tornaram seguidoras. Ok era uma mulher rica de meia idade, que tinha recebido revelações que o Senhor viria.

Uma das primeiras coisas que Moon fez quando tinha se recuperado, foi pedir para Cha de trinta e sete anos de idade, uma Presbiteriana de longo tempo, para descobrir o que tinha acontecido com a Sra. Huh. A Sra. Cha visitou a mãe de Huh, que contou a ela que os membros ainda estavam na prisão. Ela parecia feliz ao encontrá-la.

“Eu tive uma revelação ontem que uma importante visitante viria,” ela disse. Cha perguntou sobre como ela pensava que o Senhor retornaria. “Ele terá um bom caráter, será de boa aparência e educado, e minha filha irá encontrá-lo na prisão,” ela disse.¹³



*Ok Se-hyun, seguidora
desde Pyongyang.
(AES-UCM)*

Huh de fato morreu na prisão. Os outros líderes do grupo foram todos enviados para um campo de trabalho quando a Guerra da Coreia estourou em 1950, e acredita-se que estão mortos.

Huh devia simplesmente ter orado sobre quem tinha enviado o bilhete, os Unificacionistas mais velhos ensinam, e Deus teria mostrado a ela, e ela teria negado suas revelações para os interrogadores para obter sua liberdade.¹⁴ Novamente, tal como a Igreja Israel de Kim Baek-moon, podemos somente especular sobre o desenvolvimento da missão de Moon, se o grupo Dentro do Ventre tivesse se unido a ele. Onde Kim teria formulado a doutrina e fornecido a influência, Huh e seus seguidores teriam trazido as cerimônias e a espiritualidade disciplinada para um novo movimento conduzido por Moon. Embora eles tivessem preparado a filha de Huh como a noiva para o Cristo, Moon não teria se casado com ela, naturalmente, porque ele já estava casado. A preparação era um gesto de devoção e obediência para as revelações de Huh. Entretanto, como um adendo a este encontro, deve-se notar que, quando a esposa de Moon o deixou e ele se casou novamente, sua nova noiva era a filha da única sobrevivente conhecida do grupo de Huh. Se o encontro com Huh tivesse um desfecho feliz, na decadência do clima político, Moon poderia também ter tomado seu caminho para o sul da Coreia, ao invés de ficar em Pyongyang, onde ele em breve enfrentaria uma segunda prisão.

Em janeiro de 1947, ele se mudou para a casa de Kim Chong-hwa e seu esposo, Chong Myong-sun, que tinham se tornado os principais membros de seu pequeno grupo. Ele disse para as irmãs de Na que a mudança era necessária porque a casa delas era muito perto da estrada e os cultos chamavam muito a atenção. Mas ela também pode ter duvidado do comprometimento delas, pois Choi-sup já estava ficando perturbada pelas experiências espirituais do grupo que equiparavam Moon com Jesus. “Eu orava muito para ver se o que ele dizia era verdade,” ela contou. “Eu orava tanto que não podia comer. Finalmente decidi que isto era falso. Eu acreditava nele apenas como um bom professor de Bíblia.” Ela e sua irmã foram para o sul da Coreia, onde se inscreveram no novo curso de seminário de Kim Baek-moon.

“Porque ele diz isso?”, um Kim indignado perguntou em um sermão, após as irmãs de Na relatarem que Moon estava dizendo que Kim deveria segui-lo, não o contrário. Em outro sermão, ele disse a seu grupo que Moon estava se proclamando ser o novo Cristo.¹⁵ O novo senhorio de Moon, Chong Myong-sun, trabalhava em uma fábrica de meias nas proximidades que era dirigida por seu irmão.¹⁶

Ele apoiava Moon, e sua esposa fazia roupas para Moon e também as lavava. Ali, Moon realizava cultos que, no final de 1947, estavam sendo atendidos regularmente por cerca de quarenta pessoas.

Durante o dia ele cuidava dos membros, orava e estudava a Bíblia. Ele investia completamente em seus seguidores. Muitos tinham sido conduzidos diretamente através de revelações. Ele jejuava três dias, e às vezes sete dias, por cada nova pessoa.

Em 1947, ele escreveu um hino para a congregação cantar. Ele o chamou 'Canção dos Vitoriosos'. O primeiro verso é:

Cantem alto Hosana ao Senhor.
Vamos tudo a Ele ofertar.
Sirvam ao Senhor com seu coração
O mundo Sua luz verá.
Decididos vamos hoje encontrar
Toda a glória que nos dá o Senhor.
Ao Jardim iremos para cantar,
A canção de liberdade e amor.¹⁷

Um dia em 1947, uma mulher de meia idade, Chi Seung-do, entrou no final de um culto após ouvir o cantar de um hino enquanto ela estava passando.



“De onde você vem?” Moon perguntou a ela.

“Eu acabei de vir do culto na Igreja Sangjon-hyon.”

“Há quanto tempo você tem sido uma cristã?”

“Por 24 anos.”

Chi Seung-do, que se juntou a Moon em Pyongyang. (AES-UCM, Seul)

“Então Deus deve ter dado a você uma revelação especial nesse tempo.”

“Em 1943, Deus me disse que eu encontraria o Messias em cinco anos, se eu orasse. Agora me conduziu até aqui.”

“Bem, se Deus conduziu você tão bem, você deveria orar mais.” Em suas orações na semana seguinte, Deus mostrou a ela sinais que a convenceram que Moon era o Senhor.¹⁸

Enquanto isso, as igrejas cristãs estavam enfrentando mais e mais dificuldades com o governo. Os comunistas tinham sido obrigados a tratar de forma branda as igrejas no início, tendo em conta a contribuição dos cristãos para o movimento antijaponês. Não somente eles tinham sido mais efetivos do que os comunistas durante os anos de ocupação, mas também, na independência, o Cristianismo era a força mais influente do país.

Além disso, o Norte, e especialmente Pyongyang, era a região mais forte dos Cristãos. Havia cerca de trezentos mil fiéis Protestantes e cinquenta mil Católicos no norte da Coreia em 1945. Ironicamente, os comunistas tinham sido mais fortes no sul da Coreia do que no norte na época da independência.

O primeiro confronto aberto não demoraria a acontecer. Ele seguiu ao estabelecimento em 1945 em Shin-ujju, Província de Pyong-an do Norte, do Partido Democrático Social Cristão como o primeiro partido político no norte da Coreia.¹⁹ Os fundadores foram dois ministros Presbiterianos, Yoon Ha-yong e Han Kyong-jik.

Em uma invasão comunista em uma reunião do comitê em uma igreja local para planejar a inauguração do partido em Yong-am-po, vinte e três pessoas foram mortas. Isto levou a um grande protesto em Shin-ujju por estudantes cristãos. Em Pyongyang, o líder cristão Kim Hwa-sik e mais quarenta pessoas foram presos no dia anterior à inauguração planejada de um Partido Liberal Cristão.

A virada veio quando o clero cristão se recusou a participar em uma cerimônia comunista marcando o aniversário do Movimento de 1º de março (independência). Cerca de sessenta ministros foram aprisionados, mas os cristãos foram em frente e realizaram sua própria cerimônia com dez mil pessoas na Igreja Jangdae-hyon em Pyongyang. A igreja foi invadida pela polícia de segurança durante o culto, e protestantes tomaram as ruas. Confrontados com essa oposição em massa, as autoridades se voltaram para táticas mais sutis, explorando as divisões e se infiltrando nas igrejas. Para cooptar os poderosos líderes cristãos, os comunistas cativaram o ministro Protestante Kang Yang-uk, um tio materno do líder comunista Kim Il-sung, para tentar convencer os cristãos a se absterem da política. Sua Liga Cristã pró-Comunista, estabelecida na primavera de 1946, se reuniu com pouco sucesso no início. Ele tinha sido um dos ministros que exortou os cristãos a adorarem em santuários Xintoístas durante o regime Japonês, e não era popular. Mas em 1949, os ministros e leigos estavam sendo coagidos a se juntarem à Liga. Aqueles que se recusavam eram presos.

Ao mesmo tempo em que a Liga foi estabelecida, o governo confiscou a propriedade pertencente a quinze mil templos Budistas, igrejas Cristãs, e outras organizações religiosas, sob uma lei de reforma agrária. Em agosto, quando a indústria pesada foi nacionalizada, o governo aproveitou a oportunidade para confiscar todas as propriedades restantes, deixando assim os grupos religiosos totalmente dependentes de doações de seus membros. A educação também foi trazida sob o controle do governo, e as escolas de gerência de cristãos foram tomadas. Em 3 de novembro de 1946, os cristãos, organizados pela Associação Presbiteriana Cinco Províncias, boicotaram a eleição geral que foi realizada em um domingo. O boicote intensificou a pressão do governo.

A despeito da crescente opressão, muitos fiéis religiosos, através da visão mundana ou simples ingenuidade não conseguiram captar a seriedade da direção anti-religiosa. Muitos sucumbiram à pressão comunista ou simplesmente tentaram ignorá-la. A experiência colonial cegou muitos coreanos para suas divisões fundamentais. “Eu não estava tão preocupado sobre os comunistas. Eles eram coreanos,” disse Han Joon-myong em uma entrevista. Han, que era um dos fundadores da Igreja de Jesus, disse: “Eu pensava que discordávamos na política, mas que no coração éramos irmãos. Eu estava errado.”

Durante a Guerra da Coreia, ele sobreviveu milagrosamente a um massacre de cerca de trezentos criminosos ideológicos pelas autoridades comunistas em um ataque em outubro de 1950. Esta foi a experiência, ele disse, para convencê-lo que os comunistas não olhavam para ele como um irmão.²⁰

Os comunistas também eram capazes de fazer uso das rivalidades inter-religiosas e inter-denominacionais. Nenhum cristão é conhecido por ter feito objeção à prisão dos membros da Igreja Dentro do Ventre, por exemplo. Na realidade, parece que eles apoiaram tais ações, vendo a mão de Deus se movendo em castigo divino contra os hereges.

Da mesma forma, Sun-myung Moon não podia esperar nenhum apoio para seu direito de pregar a partir do estabelecimento cristão, para quem ele representava um transtorno crescente. Ele estava atraindo bons cristãos para fora de suas igrejas. Vários de seus seguidores eram figuras proeminentes, e seus ministros se ressentiam de suas partidas abruptas e a perda das doações semanais.²¹ Kim Chong-hwa, por exemplo, tinha sido a líder das mulheres na Igreja Presbiteriana Somunae-pak, uma igreja enorme com milhares de membros, que tinha duas escolas de missão. O pai de Kim In-ju, Kim Chi-joon, era um diácono da Igreja Presbiteriana Jangdae-hyon, a maior igreja da cidade. O esposo de Ok Se-hyun era um diácono na Igreja Presbiteriana Jangdong. Chi Seung-do era um membro da Igreja Presbiteriana Sangjon-hyon. Chong Dal-ok era a filha de um ministro Metodista.

Entretanto, o maior desafio com o qual as igrejas estavam preocupadas era que Moon estava ensinando heresias. Ele estava convencendo as pessoas que a segunda vinda de Cristo ocorreria na Coreia. Vários ministros o visitaram para discutir algumas questões teológicas, mas desistiram quando ele polidamente respondia com explicações bíblicas.²² Ele respondia as questões sobre seu próprio papel dizendo para as pessoas que elas deveriam orar sobre isto. Depois de sair da prisão, ele disse para os seguidores que eles deveriam orar em nome do novo Cristo. Algumas pessoas acreditavam que, com base em revelações e experiências espirituais, que ele mesmo era o novo Cristo. Outros, tal como Kim Won-pil, chegaram a uma conclusão semelhante ao ouvir seu ensinamento e observar seu estilo de vida e comportamento.²³

As críticas e a oposição raivosa de suas famílias e igrejas faziam até mesmo os membros mais espirituais duvidarem às vezes, mas quando eles resolviam suas dificuldades, sua fé crescia. Eles discutiam seus problemas com Moon. Ele às vezes oferecia interpretações de sua experiência espiritual, mas caso contrário, ele raramente falava sobre fenômeno espiritual. A atração de Moon para o pequeno grupo de cristãos que crescia ao redor dele residia em sua paixão e suas novas idéias sobre Deus, não sobre qualquer habilidade sobrenatural. Ele nunca se referia às suas visões, nem fazia profecias ou realizava curas. Ele ouvia os problemas de seus seguidores e os aconselhava sobre suas vidas de fé.²⁴

Os seguidores nem sempre eram tão sensíveis uns com os outros. Os tipos mais espirituais testemunhavam impulsivamente, sem deixar que os outros descobrissem os ensinamentos de Moon e seu significado para eles mesmos. Uma senhora em um culto declarou que ela tinha visto Jesus no coração de Moon. Outra mulher espiritualista anunciou aos outros membros que o próprio Moon era o Cristo. Aqueles que tinham recebido revelações semelhantes foram ainda mais inspirados, mas para outros, estes pronunciamentos dos espiritualistas eram perturbadores. As tentativas de alguns seguidores de convencer as pessoas de fora que Moon era o Cristo logo acabou com qualquer esperança de consideração razoável de seus ensinamentos por parte das igrejas oficiais estabelecidas.

Quase todos aqueles que continuaram seguindo-o tiveram que suportar alguma perseguição. Ok Se-hyun foi espancada por seu esposo. Kim Won-pil foi expulso de sua casa por sua família, e se hospedou na casa de Ok. Kim In-ju foi informada por seus pais que ela estava nas garras de Satanás. Eles acreditavam que Jesus retornaria literalmente nas nuvens, como a Bíblia diz, e foram convencidos que sua filha, que estava falando sobre Cristo retornar como outro homem, estava completamente possuída.

“Devemos expulsar Satanás para resgatar você do anti-Cristo,” eles diziam. Eles a espancavam e a chicoteavam regularmente. Ela foi proibida de sair e participar do que estava sendo chamado a 'Casa Moon.' Às vezes depois que ela tinha sido chicoteada, ela olhava para fora da sua janela e podia ver dois ou três dos membros vestidos de branco, parados na rua, orando. Ela sabia que Moon tinha enviado eles e se sentia confortada. Em uma ocasião, seus pais visitaram a casa de seu sobrinho, Chong Myong-son, onde Moon estava morando. Quando ele viu Moon, o pai dela agarrou seu cabelo e começou a gritar com ele.

“Você pensa que é Jesus? Você acha que é Jesus?” Ele não o deixava ir. Moon não se movia. Na confusão, Kim Chong-hwa chutou a mãe de In-ju, e uma dos membros, uma mulher chamada Chong Deuk-eun, mordeu a mão do pai de In-ju. “Olha que tipo de pessoa você está seguindo,” ele disse para ela mais tarde, segurando o punho machucado.²⁵ As coisas não melhoraram quando a mulher que tinha contado para a mãe de Kim In-ju que In-ju tinha sido arrastada para a 'Casa Moon' ficou cega, e o diácono da igreja, que disse para o pai dela não permitir que ela participasse das reuniões de Moon, teve um derrame e ficou semi-paralizado.

Um caso ainda mais sério que os seguidores interpretaram como compensação envolveu o esposo de outra seguidora, um cristão fervoroso chamado Pak Ul-nae. O esposo de Pak às vezes vinha para a casa e gritava obscenidades através da janela do quarto de Sun-myung Moon. Uma noite depois de fazer isto, ele de repente morreu de um ataque cardíaco. Estes incidentes aumentaram o sentimento de controvérsia que cercava a dinâmica do jovem pregador.

Moon tentou abrandar um pouco da animosidade, enviando Cha Sang-soon para explicar seus ensinamentos para um número de personalidades cristãs. A ação teve pouco sucesso. Na Igreja Jangdong, quando tentou ver Choi Pil-gun, o ministro e presidente do Seminário de Pyongyang, Cha foi atirado para fora da igreja por seis ou sete funcionários.²⁶

As igrejas compreenderam que, sem o poder do governo, elas não seriam capazes de impedir Moon de pregar, assim, começaram a escrever protestos formais contra ele.

No início de 1948, seus seguidores dizem, as autoridades comunistas haviam recebido cerca de oitenta reclamações que Moon estava enganando os cristãos, rompendo famílias e cometendo adultério. A fim de investigar as acusações, a polícia enviou um espião, uma mulher que ficou por alguns dias e fez muitas perguntas.

Enquanto isso, em meados de fevereiro de 1942, Chi Seung-do disse que ela tinha recebido uma revelação que 1º de março seria um dia especial para o Céu. Moon, que sempre era sensível com as experiências espirituais de seus seguidores, disse que eles deveriam se preparar para celebrar o dia, e pediu para Cha ir para Jeongju e convidar a família dele. Cha tomou o trem e ficou na casa de Moon em Sangsa-ri por três dias. No jantar com toda a família reunida, incluindo os demais familiares, Cha disse a eles que seu filho era o retorno de Cristo. Cha sentiu que o avô de Moon aceitou o que tinha contado, mas que os outros familiares ficaram céticos.²⁷ De fato eles foram críticos. Eles esperavam que Moon se tornaria algum tipo de líder, e agora que a Coreia estava livre do controle japonês, ele poderia se tornar um político sem se meter em problemas. Ele poderia até mesmo ser o presidente um dia, alguns familiares pensavam. Mas o que ele estava fazendo ao afirmar ser o Messias?

O Messias estava vindo nas nuvens, como a Bíblia dizia. Nunca tinha sido sugerido que o Messias poderia ser alguma outra pessoa além de Jesus. Era como se ele estivesse disposto a causar problemas. Eles murmuraram contra ele: “Estávamos esperando que ele se tornasse um traidor, mas ele se tornou um traidor no sentido religioso.” Mas, ainda assim, ele era da família, e eles ficaram preocupados com ele.

Cha retornou para Pyongyang em 02 de fevereiro – com a mãe e o irmão de Moon – para descobrir que Moon tinha sido preso pela polícia. Os seguidores disseram que a polícia tinha vindo cerca de duas horas antes de começar o culto de domingo. Kim Chong-hwa, Ok Se-hyun, Kim Won-pil, e uma jovem mulher que tinha vindo para o culto foram presos no mesmo momento. A mulher e Won-pil foram liberados depois de duas horas de interrogatório. Ok foi liberada depois de nove dias. Eles não foram espancados, mas sofreram privação de sono.

Kim Won-pil concluiu a partir de seu interrogatório que as autoridades acreditavam que Moon estava enganando os fiéis para fazê-los doar seu dinheiro para ele. A polícia questionou crianças da escola primária de Won-pil para descobrir o que ele estava ensinando para elas. Ok foi questionada se Moon era um espião da Coreia do Sul.

O julgamento foi marcado para 3 de abril, e então adiado para 7 de abril, para que a polícia comunista e outros oficiais pudessem participar. Isto tinha sido anunciado como o julgamento de ‘Jesus que desceu das nuvens para salvar as pessoas.’²⁸ Muitos cristãos vieram para o tribunal.²⁹ A maioria dos seguidores veio, exceto Kim In-ju que estava sendo confinada em sua casa por seus pais.

Sun-myung Moon, com sua cabeça raspada, foi trazido com outros prisioneiros cujos casos estavam sendo ouvidos nesse dia. Entre eles estava seu seguidor, Kim Chong-hwa. As algemas de Moon foram removidas e ele sentou em um banco em frente ao juiz. Então ele se levantou, se esticou e sentou novamente.³⁰ Os outros prisioneiros mantiveram suas cabeças para baixo, com seus olhos no chão. Alguns dos seguidores sentados na parte de trás começaram a orar em voz alta.

Ele foi acusado de espalhar falsidades. Enganar pessoas inocentes por seu dinheiro, e usar essas pessoas para obter mais dinheiro de outras pessoas. Ele também foi acusado de destruir a família e as instituições, trazendo transtorno para a sociedade.

“Como você desceu a terra?” o promotor perguntou a ele. “Das nuvens ou de avião?” Os cristãos no tribunal riram. Ele não respondeu.

“O que você estava vestindo quando desceu do céu? Jesus tinha uma coroa de espinhos. E você?” Ele se manteve em silêncio.

“O que você estudou na faculdade?”

“Eu me formei em engenharia elétrica.”

“Por favor, explique como eletricidade é produzida.” A questão foi formulada para demonstrar que Deus, como a eletricidade, é invisível, mas criada pelo homem. Ele explicou os princípios da eletricidade em detalhes. Em determinado momento o juiz o interrompeu: “Tudo bem, isso é suficiente.” O advogado de defesa, que tinha concordado em defendê-lo por solicitação de seus seguidores, fez um apelo por clemência. Mas dada a natureza do sistema e a importância política do julgamento no contexto da orientação anti-religiosa, o gesto foi inútil. Durante o curso do julgamento, algumas pessoas gritavam ameaças e pediam pela pena capital. “Ele deve ser morto!” alguém gritava da galeria. “Ele deve ser espancado até a morte!” gritava outro.

O julgamento durou quatro horas e terminou na hora do almoço. Quando o juiz leu o veredicto, Moon solicitou que ele retirasse a parte sobre espalhar mentiras e enganar as pessoas. O juiz ignorou a solicitação e anunciou sua decisão. Moon foi sentenciado a cinco anos. Kim Chong-hwa recebeu dezoito meses. A multidão de comunistas e espectadores cristãos parecia satisfeita com o resultado.

As algemas foram colocadas de volta. Seus seguidores puderam entregar a ele uma caixa com o almoço. Ele segurou a caixa na mão e, enquanto era levado embora, ele sorriu, levantou a mão livre e acenou.

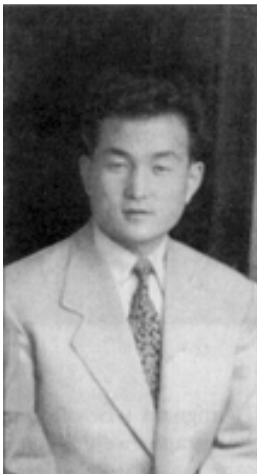
Capítulo 7 Campo de Morte

Sun-myung Moon foi levado para uma cela em Pyongyang em 10 de abril, antes de ser transferido para um campo de trabalho para cumprir sua sentença. Consciente de sua posição como o recém-chegado, ele caminhou direto para o ponto mais próximo do banheiro e se sentou. Um prisioneiro olhou para ele por algum tempo, e então disse a ele para vir e sentar perto dele.

“Porque você está preso?” o homem perguntou. Consciente de outra regra entre os prisioneiros – não fazer muitas perguntas – Moon imaginou se o homem era um informante. Ele não disse nada. “Qual é seu crime?” o homem insistiu.

Moon começou a contar a ele sua história, na terceira pessoa, utilizando o nome inglês Lawrence. Ele contou ao homem como Lawrence tinha buscado encontrar a vontade de Deus e tinha terminado na prisão.

O prisioneiro ouviu atentamente, balançando a cabeça ocasionalmente, como se o conto confirmasse algo para ele. Quanto Moon terminou, o homem contou a sua história. Seu nome era Kim Won-dok.¹ Ele tinha estado na cela por mais tempo do que qualquer outro, e por isso era o líder da cela.



*Kim Won-dok,
prisioneiro amigo de
Moon e seguidor.
(AES-UCM, Seul)*

“Eu me graduei na Academia Militar Japonesa,” Kim começou. “Eu sou um major no Exército do Povo.” Kim explicou que não era um comunista, mas que ele era um assessor do General Mu-long, um oficial norte coreano com laços próximos aos comunistas chineses.² Enquanto o general estava ausente em uma viagem para a China, agentes da inteligência descobriram que o Major Kim tinha conexões com oficiais sul coreanos. Ele foi preso, acusado de ser um espião, julgado culpado, e colocado na cela para aguardar a execução.

Uma noite enquanto dormia em sua cela, Kim teve um sonho que alguém estava chamando seu nome. Duas vezes ele ignorou o chamado. Na terceira vez ele respondeu. Em seu sonho um homem idoso vestido em roupas tradicionais coreanas apareceu e garantiu que ele não seria executado. O homem idoso disse para Kim que em breve encontraria um jovem mestre da Coreia do Sul. Alguns dias mais tarde, ele foi convocado e informado que sua sentença tinha sido comutada para cinco anos de prisão. O General Mu Jong tinha ouvido sobre seu caso quando retornou da China e pediu em seu benefício.

Algumas noites depois, o homem idoso apareceu novamente em seu sonho, repreendendo-o por sua complacência e instruindo-o para se preparar para encontrar o jovem mestre do sul. Então seu falecido pai apareceu e o conduziu por um longo corredor por alguns passos. No topo dos degraus estava um trono, tão brilhante que ele não podia ver quem estava sentado nele.

Quando Moon chegou à cela e eles começaram a conversar, Kim intuitivamente soube que esta era a pessoa para quem ele tinha sido orientado a se preparar em seu sonho. Com a força desta experiência, ele se tornou seguidor de Moon.³

Em 20 de maio de 1948, Sun-myung Moon e Kim Won-dok estavam entre um contingente de prisioneiros transferidos para um campo de trabalho ao lado da vila de Dong-ri, perto da cidade industrial da costa leste de Hungnam. Os quatrocentos moradores da vila tinham pouco interesse nas chegadas, sendo que ninguém era da localidade.⁴ Esta era uma indiferença que as autoridades cultivavam. Prisioneiros de províncias ocidentais eram aprisionados em campos no lado oriental longe do sistema de apoio do clã, e onde eles estariam menos propensos a tentar fugir.⁵ Os prisioneiros recebiam menos visitas do que se tivessem sido presos localmente, como os familiares eram desencorajados pela distância, e muitas vezes pelas dificuldades das viagens.

Dos campos de trabalho forçado na Coreia do Norte naquele tempo, a mina de carvão Aoji no Norte da Província Hamgyong era considerada a mais severa. Hungnam era próximo, e então Bongung, que era próximo e onde as condições eram um pouco melhores. Um prisioneiro, um caixeiro na Estação Wonsan que foi preso por distribuir panfletos antigoverno, ouviu antes de ser enviado para Hungnam que uma pessoa tinha que estar acima de cinquenta quilos para se qualificar para trabalhar na mina Aoji. Na cela, ele bebeu apenas água por vinte dias e trouxe seu peso para quarenta e dois quilos. Enquanto dois companheiros ativistas foram enviados para Aoji, ele foi enviado para Hungnam.⁶

A primeira turma de novecentos prisioneiros chegou ao campo de Hungnam no dia 04 de fevereiro. Nesse primeiro dia, quando eles começaram a encher os frios edifícios da antiga prisão japonesa, havia uma atmosfera turbulenta misturada com apreensão.⁷ Os guardas estavam empurrando-os para as celas. Cada cela tinha entre vinte a vinte e cinco presos.

Uniformes foram distribuídos com a inscrição *kyo*, a primeira sílaba de *kyodoso*, significando campo de prisão, em tinta vermelha em caracteres coreanos nas costas.

“Quem escreveu isto tem uma escrita pior do que a minha,” brincou um prisioneiro.

“Você acha que estas letras vermelhas combinam com o azul do meu uniforme?” disse outro. Os criminosos comuns do grupo brincavam e riam. Os prisioneiros políticos mantinham um silêncio tenso.

“Calem a boca!” Quatro guardas chutaram a porta aberta da cela. “Tirem suas roupas de baixo e virem para a parede.” Os guardas pintaram as letras vermelhas nas costas de suas roupas de baixo, e os criminosos começaram a rir novamente.

Depois dos guardas saírem, os presos começaram a conversar sobre seus crimes. “Eu moro perto do paralelo trinta e oito,” disse um rapaz de dezessete anos de idade. “Um dia fui pescar, e desci rio abaixo, quanto mais peixe eu pegava. Assim, continuei descendo. Então fui capturado por um agente policial.” O rapaz foi sentenciado por tentar fugir para o sul da Coreia.

“Então seria melhor chamarmos você de elemento reacionário,” disse um dos criminosos.

“Eu fui enviado aqui, mas sou inocente,” disse um jovem de vinte anos de idade fazendo um olhar inocente. “Uma garota bonita em minha vila se apaixonou e me tentou. Então eu fiz amor com ela para nosso prazer mútuo. Mas eu fui preso por estupro.”

“Mostre-nos o que aconteceu,” disse um de seus companheiros de cela. O prisioneiro se levantou e começou a girar como se houvesse uma música imaginária de strip-tease. Os prisioneiros riram.

“Não pare. Você está me deixando entusiasmado,” disse alguém.

Um homem idoso confessou: “Eu trabalhava na construção. Eu tentei esconder alguns pregos e pedaços de madeira para reparar minha casa. Eles me prenderam. Vocês sabem do que eles chamaram meu crime? Apropriação de propriedade do governo.”

As histórias continuaram, mas os verdadeiros criminosos e os infratores políticos se mantinham em silêncio. Enquanto um prisioneiro estava contando como ele foi preso por se recusar a aceitar o cartão de identidade de cidadania das autoridades comunistas por motivos religiosos, um guarda gritou para eles pararem de falar. Os prisioneiros ficaram em silêncio e em poucos minutos estavam dormindo.

Na manhã seguinte uma sirene ruidosa anunciou o novo dia. Os guardas começaram a gritar: “Levantem! Levantem!”

O café da manhã foi passado para as celas em vasilhas de metal barulhentas. Os prisioneiros olharam para a sopa salgada, e perceberam como estavam com fome. Mesmo os criminosos comuns estavam em silêncio. Em trinta minutos todo o campo estava reunido do lado de fora.

O comandante, um capitão do exército, discursou a eles. “Este é o Campo Especial de Trabalho de Hungnam. O propósito de nosso campo é fornecer trabalho para a Fábrica de Fertilizantes de Nitrogênio da Coreia,” ele anunciou. Guardas armados dividiram os prisioneiros em equipes de trabalho de dez. Dez equipes formavam um grupo de trabalho.

Era uma caminhada de dois quilômetros até a fábrica. Os prisioneiros caminhavam passando por várias casas na manhã fria. Um pequeno menino saiu sonolento de uma casa, esfregando os olhos, e urinou no chão.

O complexo industrial de Hungnam parecia se estender por quilômetros. Era de fato, o mais extenso complexo de produção de química básica e metais leves da Ásia Oriental. Ela era dominada por três enormes fábricas, a Fábrica de Explosivos de Nitrogênio da Coreia, a Fábrica de Fertilizantes de Nitrogênio da Coreia e a Fábrica Química Bogun. Várias fábricas menores faziam couro, munição, granadas e outros produtos.

Quando os presos chegaram à fábrica de fertilizante, eles a encontraram fervilhando com atividade. Fumaça sendo expelida das chaminés. Trens indo e voltando nos trilhos. Durante a ocupação japonesa, ela era conhecida como Companhia de Fertilizante de Nitrogênio Chosen, e tinha se desenvolvido desde sua criação em 1927 para se tornar a segunda maior fábrica de fertilizante do mundo.

O grupo de prisioneiros foi levado para uma montanha de sulfato de amônia que tinha se solidificado e tinha que ser quebrado e ensacado em sacos de quarenta quilos. O trabalho os manteria ocupados por mais de dois anos. Cada equipe de dez homens tinha a instrução de fazer setecentos sacos em um dia de trabalho de oito horas. De volta ao campo naquela noite, os prisioneiros foram revistados individualmente, e então empurrados para suas celas. Então a ceia chegou – um punhado de grãos cozidos e a mesma sopa salgada. Após a refeição, eles observaram a pele da ponta de seus dedos que tinha sido arrancada por causa da exposição ao fertilizante.

O dia não havia acabado. Às 19:30 horas, os prisioneiros foram obrigados a terem uma 'reunião para ler jornal' em cada cela. Eles não sabiam o que isto significava. Pouco tempo depois, um guarda distribuiu o Rodong Shinmun, o diário coreano do Partido dos Trabalhadores. Um prisioneiro que podia ler era obrigado a ler o editorial do jornal em voz alta. Então eles tinham que discuti-lo. Os presos ficaram em silêncio, sem saber o que dizer.

“Vocês devem criticar o desempenho de seu trabalho, e confessar os crimes pelos quais foram enviados aqui,” disse um guarda. Eles discutiram desanimadamente, com suas mentes sob a fadiga e a fome. Algum tempo mais tarde a sirene soou. Um guarda ia de cela em cela batendo nas paredes com uma vara gritando: “verificando.” Ele olhava para cada cela para verificar se nenhum preso tinha fugido.

“Durmam,” ele ordenou. Os prisioneiros deitaram amontoados em esteiras de palha, com um cobertor para quatro pessoas, caindo em sono profundo. Na manhã seguinte a sirene soou novamente, a mesma sopa aguada veio, e os prisioneiros se reuniram no lado de fora como antes.

“Algum prisioneiro deseja relatar doença?” O comandante gritou. Metade da assembléia deu um passo adiante. Os guardas se aproximaram.

“Onde você se sente mal,” um guarda perguntou a um homem idoso.

“Aqui. Meu quadril dói. Eu acho que não poderei trabalhar hoje.” O guarda bateu seu bastão violentamente no quadril do homem. Após alguns golpes, o prisioneiro caiu no chão.⁸

“Assim é como um doente precisa estar para ir para a enfermaria,” o guarda gritou. “Se alguém está realmente doente, dê um passo a frente.” Os prisioneiros voltaram para suas filas. Eles foram para a fábrica onde receberam a informação que a cota diária tinha sido aumentada para mil e trezentos sacos.⁹ Se uma equipe falhasse em alcançar a nova meta, eles tinham que ficar, faltando ao jantar, se necessário!¹⁰

Recordando este dia, Kim In-ho escreveu: “A partir deste dia, começou nosso miserável trabalho forçado. A mensagem parecia ser: 'Se você não pode suportar, morra.'” Os prisioneiros trabalharam através do inverno rigoroso, seus corpos famintos colocados contra o frio. Com a primeira brisa morna da primavera e o amolecimento doloroso da terra ao redor, seus corpos estavam extenuados, e os prisioneiros mais fracos caíram doentes.

Quando Sun-myung Moon e Kim Won-dok chegaram em maio de 1948, uma mortalha de miséria pairava sobre o quartel. O lugar tinha a aparência de um campo de extermínio. Os presos, que agora somavam mil e quinhentos, e se amontoavam em quarenta por cela, estavam magros e sem vida. Todos os dias, homens morriam e novos prisioneiros chegavam para substituí-los.

Inicialmente, cerca de dez por cento dos detentos eram presos políticos e outros dez por cento eram soldados ou oficiais sentenciados por prevaricação. O restante era de criminosos comuns. Mas o número de prisioneiros políticos aumentava constantemente. Eles agora estavam sendo mantidos em abrigos separados, e em equipes de trabalho separadas na fábrica. Mas a definição de prisioneiro político foi perdida. Quase qualquer crime próximo ao paralelo trinta e oito, mesmo tentar vender um boi para o outro lado da fronteira, era considerado político.

Um criminoso ideológico, um comandante de brigada no Exército do Povo, tinha sido sentenciado a cinco anos por colocar uma bandeira de 'Vida Longa a Kim Il-Sung!' em um campo como um alvo para prática de tiros. "Não havia mais nada para atirar," ele explicou para seus companheiros de cela.¹¹

Verdadeiros oponentes do regime comunista tinham que ser cuidadosos com quem eles confidenciavam. Prisioneiros que eram considerados como verdadeiros anticomunistas, eram perigosos porque às vezes informavam as conversas ouvidas nas celas.

Moon foi colocado na barraca dois, cela cinco. Uma placa do lado de fora listava o número de cada ocupante, o crime e o prazo, identificando seus companheiros de cela como prisioneiros políticos. Seu número era 596. Ele tirava suas forças do fato que este número soava como a palavra para 'sofrimento injusto'.¹² Deus tinha dado este número, ele disse para si mesmo.

Fazendo um balanço de seus companheiros prisioneiros, ele viu que alguns tinham desistido de lutar, e percebeu que alguns morreriam em breve. Se uma vez que homens saudáveis estavam morrendo depois de apenas alguns meses, como ele poderia suportar uma sentença de cinco anos? Ele compreendeu que também tinha sido enviado para morrer. Era inútil tentar escapar e igualmente inútil tentar manter a dignidade através de provocação dos guardas da prisão. Um prisioneiro desafiador seria destacado imediatamente para a punição severa. Em sua determinação de sobreviver, Moon viu somente uma maneira.

Seu desafio seria espiritual. Ele resolveu lutar como se a salvação de todos os homens dependesse dele. Na verdade, como se a única esperança de Deus para o mundo repousasse em sua vitória. A batalha era espiritual, e ele foi chamado para derrotar Satanás, para derrotar as forças espirituais que conduziam os homens para o mal. Suas armas seriam a oração, a disciplina e o amor. Ele se determinou a manter uma atitude amorosa a Deus, para seus companheiros prisioneiros e para os guardas comunistas, independentemente de quão miseravelmente ele fosse tratado. Essa vontade espiritual, que foi dada a ele através de uma experiência anterior na prisão, estava para enfrentar em Hungnam seu derradeiro teste. Se seu amor por Deus enfraquecesse, ele seria dominado pela mesma paixão que consumiu a maioria de seus companheiros prisioneiros, por puro desespero pela sobrevivência.

Seu desafio mais imediato era lidar com a dieta de fome e evitar cair como vítima da obsessão por comida que desviava quase todos os prisioneiros. Ele decidiu doar metade de sua ração de trezentos gramas de grãos para um dos homens ao lado dele, reduzindo sua ração para igual a dos homens na enfermaria. Ele fez isto em todas refeições por duas semanas. Então ele começou a comer toda a ração novamente, vendo a duplicação de sua comida como um dom de Deus. Ele estudou a reação de sua própria mente e corpo para ver se ele poderia desejar o amor de Deus tanto quanto os homens desejam comida. Ele se concentrou mais em confortar a Deus do que em seu desejo por comida.¹³

“Eu compreendi muito claramente como Deus me amava e sabia quanto eu estava sofrendo. Sendo que Ele sabia disso, eu não poderia pedir a Ele para aliviar ou remover o sofrimento. A menos que exista uma condição para Deus salvar uma pessoa de tais circunstâncias difíceis, Ele não pode fazê-lo. Portanto, se eu tivesse orado para Deus tirar esse sofrimento de mim, isto teria dado a Ele mais dor. Eu não orava para isto. Eu orava: 'Deus, não se preocupe comigo.' Eu não dizia: 'Me ajude, Pai.' Portanto, sob nenhuma circunstância não trai Deus ou o neguei, mas somente confiei Nele e nunca o preocupe. Eu me examinava para ver se poderia ser grato sob tais circunstâncias, e se poderia continuar nos ideais elevados de estabelecer Seu reino na terra.

“Sob tais circunstâncias, uma pessoa poderia esperar por coisas mundanas, por uma vida fácil. Essas coisas vieram para minha mente também. Embora eu tivesse uma família que me amava e de quem poderia depender, eu sempre procurava por coisa maiores. Meu único desejo era obter a vitória na batalha de bem e mal. Para alcançar isto, eu estava disposto a pagar indenização. Eu sabia que o segredo de superar o mal era deixar o mal me golpear primeiro. Eu poderia superá-lo mais tarde.”¹⁴

Ele estava determinado a se lançar no trabalho para que isto se tornasse uma fonte de realização. Ele entrou na rotina da prisão – sirene às 6 horas da manhã; café da manhã às 7 horas; e às 7.30 horas um sino tocava, guardas abriam a porta da cela e os homens formavam fila no lado de fora.¹⁵ O comandante discursaria para eles a partir de um estrado, gritando instruções. Não fumar, não fugir. Nos primeiros meses, dois homens tentaram fugir. Seus corpos foram exibidos como uma advertência. Quatros outros, que foram capturados, receberam um ano extra em suas sentenças. Os duzentos e cinquenta guardas designados para o campo observavam os prisioneiros constantemente. Toda manhã, os mil e quinhentos prisioneiros caminhavam para a fábrica em duas colunas de quatro homens lado a lado, as mãos unidas e seus olhos no chão para evitar pensamentos de fuga. Um homem que olhasse para cima era espancado.

Eles chegavam à fábrica às 8 horas. O líder dos prisioneiros se encontraria por dez minutos com os quinze líderes de grupos de trabalho e daria a designação do dia, e o trabalho começava. Um trabalhador civil era designado por cada equipe para verificar o peso dos sacos. Caso contrário, os prisioneiros trabalhavam e comiam separadamente dos trabalhadores comuns da fábrica.

Ao meio dia, a sirene soava para o almoço. O refeitório tinha longas mesas de madeira e bancos. Os grãos e a sopa eram colocados em cada lugar. Guardas armados ficavam na porta para ter certeza que os homens não olhariam uns para os outros. Quando um homem faminto observa outro homem comer após ele ter terminado sua própria comida, ele mastiga, um fenômeno inconsciente que acelera o processo de inanição.¹⁶

No entanto, muitos prisioneiros tinham seus olhos colados nos outros que ainda não tinham terminado de comer. Às vezes durante a refeição, um homem faminto entraria em colapso e morreria, e os outros prisioneiros brigariam por causa dos grãos de arroz na boca do homem morto. Após o almoço, havia um período de descanso de trinta minutos. Os guardas faziam os prisioneiros cantar ou representar. Aqueles selecionados nunca podiam desempenhar bem. Moon nunca foi escolhido para se apresentar.

O trabalho da tarde começava às 13 horas e continuava até às 17 horas. Uma equipe que falhasse em alcançar a cota não tinha mais que ficar para trás, mas teria que compensar o déficit no dia seguinte. Os prisioneiros voltavam para o campo através do portão, onde o líder e um guarda os contavam. Um médico e três presos, que eram médicos, atendiam na enfermaria. Ela estava sempre cheia. Mas a maioria dos homens que morreram nunca foram lá. Eles morreram em suas celas.

A tarefa de Moon era encher os sacos com fertilizante e os arrastar até as escadas. Ele enfrentava o trabalho com um vigor que deixava os outros curiosos.

“Porque você trabalha tanto, Sr. Moon,” perguntou Kim In-ho, um guerrilheiro anticomunista de dezenove anos em sua cela.

“Se eu trabalhar bastante, isto significa menos trabalho para os outros, não é?” Moon respondeu.

Kim tinha notado que Moon nunca se deixava cair exausto no fim do dia como os outros companheiros de cela, mas sempre se sentava com uma expressão calma em seu rosto. Ele imaginava o motivo. Ele estava curioso também sobre o motivo pelo qual, após o trabalho, Moon nunca lavava a sujeira e a poeira do fertilizante na água da fábrica com os outros prisioneiros.

Uma manhã Kim se levantou mais cedo por volta das cinco horas e foi ao banheiro. Ele se sentou, e com seus olhos focados, ele viu Moon sentado no canto da cela, orando. Ouvindo o movimento, Moon abriu seus olhos.

“Sr. Kim, você levantou cedo,” disse Moon. Eles sussurravam para os guardas não os ouvirem.¹⁷

“Você sempre levanta tão cedo? Você não se sente cansado?” perguntou Kim.

“Este é meu hábito. Eu me sinto desconfortável se dormir demais.” Moon tirou sua camisa. Ele molhou uma flanela em um resto da água de beber e começou a se limpar.

“Você não sente frio?” Kim perguntou. “Se você pegar um resfriado...”

“Eu não me lavo na água da fábrica. Eu me limpo assim,” Moon explicou. Após se lavar, ele orou novamente.

Uma vez, Moon foi descoberto se exercitando bem cedo de manhã quando deveria estar dormindo e estava confinado em uma cela de punição por uma semana. Depois disso, ele continuou sua rotina, mas fingia que dormia quando os guardas passavam.

Através deste tipo de disciplina, Moon foi capaz de evitar o mergulho no desespero. Todos os dias ele acordava com a expectativa que algo novo aconteceria. Ele olhava para frente para os pequenos incidentes e desafios que fazia cada dia diferente. Desta forma, ele sustentou sua visão de um futuro mundo de paz em meio à miséria do campo de trabalho. Na longa caminhada para a fábrica toda manhã, ele dizia para si mesmo que estava caminhando para um mundo ideal.

Um dia um homem novo, com o número 919, se juntou ao grupo de trabalho de Moon. Como ele não estava habituado ao trabalho manual, o líder da equipe¹⁸ deu para o 919 a tarefa de segurar aberto os sacos enquanto Moon e outro prisioneiro enchiam com fertilizante. Ele não pôde fazê-lo adequadamente, então Kim o colocou para amarrar os sacos, a tarefa mais simples na equipe, mas mesmo nisso ele estava tendo dificuldades. O prisioneiro 919, cujo nome era Pak, estava desorientado, com fome e estava atrasando a equipe, e os outros prisioneiros estavam ficando ansiosos se não poderiam cumprir a cota.¹⁹ Nos dias seguintes, Moon decidiu cuidar dele. Depois de encher cada saco, Moon pacientemente o ajudava a amarrá-lo até que ele pudesse fazê-lo adequadamente sozinho. O homem foi movido pela bondade e sentiu que podia confiar em Moon.

Pak tinha comprado algum óleo de fígado de peixe com algum do dinheiro que ele tinha, e o compartilhou com alguns dos mais magros colegas de sua cela. “Não ajude a todos,” Moon o aconselhou. “Você pode estar ajudando Satanás.”

“O que você quer dizer?”

“Alguns dos prisioneiros aqui são inocentes e devem ser ajudados. Mas outros estão aqui porque estão pagando por crimes que cometeram. Se você interfere com sua indenização, você não está realmente ajudando-os. Por favor, me pergunte sobre quais ajudar.”

Algumas semanas mais tarde Pak veio para conversar com ele.

“O comandante do campo me pediu para ser o líder do campo. O que você acha? Eu disse a ele para me dar dois dias para pensar sobre isto.”²⁰ O trabalho do líder geral era supervisionar os quinze líderes de grupos, que não trabalhavam.²¹ O líder anterior tinha terminado sua sentença, e Pak, como um oficial do exército, era respeitado pelos guardas e visto como uma escolha aceitável para substituí-lo.

“Há um significado especial nisto. Por favor, aceite-o,” disse Moon.

Pak foi apresentado pelo comandante na reunião da manhã. “O prisioneiro 919 é seu novo líder. Vocês devem fazer o que ele diz.”

Nessa noite Pak teve um sonho. Um homem idoso em um traje branco tradicional coreano o sacudiu: “Você sabe quem é esse homem que ajudou você por aqueles poucos dias?” Ele disse que não sabia. “Esse jovem homem é aquele que você tem procurado desde sua infância. Ele é o Messias. Jesus disse, porque você olha para mim, eu voltarei como você me viu ir. Esse homem é esta pessoa,” disse o homem idoso.²²

Pak, que tinha frequentado uma escola cristã e servido como um diácono em uma igreja em Pyongyang, foi profundamente sensibilizado pelo sonho. Ele ficou acordado por duas noites pensando sobre sua experiência. Se o sonho fosse verdade e este homem é o segundo Senhor, o que ele estava fazendo aqui?

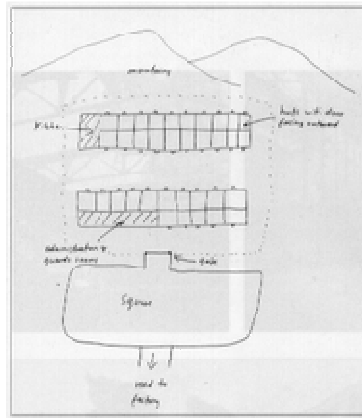
Dois dias mais tarde, ele se sentou atrás de Moon na reunião da manhã. Moon se virou para ele e disse: “Você teve um sonho duas noites atrás, não é?” Pak ficou atordoado.

Ele começou a trabalhar com a equipe de Moon novamente para observá-lo. Pak arranhou para Moon ter algum tempo para que eles pudessem conversar. Uma vez eles estavam sozinhos, e os dois homens se apresentaram formalmente pela primeira vez e contaram suas histórias.

“Eu sou Pak Chong-hwa,” Pak começou. “Eu sou do Sul da Província Pyong-an. Eu estava no exército e fui aprisionado por abuso de autoridade e negligência.”



Pak Chong-hwa, prisioneiro companheiro de Moon em Hungnam, que mais tarde viajou com ele para a Coreia do Sul durante a Guerra. (AES-UCM, Seul)



Esquema do campo de trabalho Hungnam feito por Pak Chong-hwa.

“Eu sou de Jeongju, Norte da Província Pyong-an. Eu sou Moon Yongmyung. Meu número da prisão é 596. Eu estava conduzindo atividades de evangelização no sul da Coreia. Deus me revelou que eu devia retornar para o norte da Coreia. Eu fui preso por perturbar a sociedade.”

Pak, que estava com trinta e cinco anos, explicou que era um tenente-coronel na polícia militar da Coreia do Norte e tinha sido sentenciado depois que um capitão em seu comando foi descoberto ajudando alguns comerciantes sul coreanos no contrabando de bens através da fronteira.

Além disso, ele tinha sido acusado de incompetência e por desobedecer ordens, permitindo que sua unidade de fronteira se envolvesse com as forças sul coreanas sem permissão. Após alguns dias no campo, ele disse que a fome tinha começado a levá-lo à loucura. Na hora do almoço, os prisioneiros recebiam um rabanete com seus grãos e a sopa. Quando ele via alguém com um rabanete maior, ele levava o dia inteiro para superar a angústia. Agora, como o líder, os prisioneiros dariam a ela alguma comida trazida por seus familiares em troca de favores.

A conversa deles chegou à Bíblia.

“Se você estudou a Bíblia, então sabe quem é João Batista,” Moon perguntou.

“Sim, ele foi um grande profeta. Ele vestia peles de camelo e jejuava, e vivia de gafanhotos e mel.”

“Ele fez essas coisas, mas ele não pôde cumprir sua responsabilidade. Essa foi a razão pela qual Deus não pôde evitar que o Rei Herodes cortasse sua cabeça,” disse Moon.

“Isso não é verdade,” disse Pak. “Ele foi um grande homem de Deus. É o que diz a Bíblia.”

“Ele deveria ter se tornado o seguidor principal de Jesus e testificado sobre ele,” disse Moon.

“Ele testificou sobre Jesus. Na Bíblia, está dito que, quando ele batizou Jesus, o pombo desceu, e ele testificou,” Pak argumentou.

“Ele apenas teve uma experiência espiritual, mas então ele apenas continuou em seu caminho,” Moon afirmou. “Porque ele não seguiu Jesus?” Eles conversaram a maior parte do dia, com Pak disparando questões e desafiando a afirmação de Moon que João Batista tinha falhado ao não seguir realmente Jesus, a despeito de ter aparentemente reconhecido que Jesus era o Messias. Moon afirmou seus pontos com voz baixa, não desejando se envolver em discussão ou deixar Pak zangado. Ele queria que Pak intuitivamente compreendesse que ele estava falando sobre Pak, não sobre a história, mas sobre o que ele via como a própria missão de Pak.

“Talvez a melhor coisa é você orar sobre isto, e me contar o que você sente depois,” disse Moon.

Pak estava perturbado por sua discordância. Moon tinha o irritado tanto que ele até mesmo perdeu seu desejo por comida. Novamente, ele não pôde dormir adequadamente por três dias. Pak orou e intuiu que seu espírito estava abalado porque não tinha acreditado no homem idoso em seu sonho. Quando ele viu Moon, se desculpou por não ter ouvido ele.

“Eu acredito em você agora,” ele disse.

Moon explicou algumas de suas experiências pessoais com Jesus, e tentou ajudar Pak a considerar de forma realística a situação de Jesus, como poderia ter sido naquela época, ao invés de analisar a partir da perspectiva de dois mil anos de culto e doutrina cristã.

“É fácil acreditar em Jesus agora, mas quando ele estava vivo, era quase impossível para pessoas comuns compreenderem e aceitá-lo,” Moon disse. “Por isso Deus preparou pessoas como João Batista para testemunhá-lo, e ajudar os outros a reconhecerem que Jesus era o Messias. Mas foi difícil para João acreditar no que Deus mostrou a ele sobre Jesus. Ele conhecia Jesus como o filho ilegítimo de Maria. Se Jesus tivesse nascido em um palácio, pense sobre quão fácil teria sido para as pessoas aceitá-lo. Mas Jesus era uma espécie de rejeitado, mesmo em sua própria família, devido às circunstâncias incomuns de seu nascimento. Este foi um fardo terrível para ele superar. Jesus teve uma vida familiar miserável. Isto era culpa de sua mãe,” ele disse.

“O que?” disse Pak.

“Você não acha que se o início da vida de Jesus tivesse sido feliz, e que se sua família tivesse reconhecido seu caráter especial, a Bíblia não teria registrado isto? Sua infância está envolta em mistério porque foi um período de infelicidade. Sua família o negligenciou.”

“Eu não posso acreditar nisso,” Pak esbravejou.

“Porque você acha que Jesus perguntou: 'Oh mulher, o que você tem a ver comigo' quando Maria falou com ele no casamento?²³ Isto significa alguma coisa. Ela tinha cumprido um papel providencial ao gerar ele, mas ela não tinha...”

“Sobre o que você está falando?” Pak se afastou dele, furioso com as afrontas de suas crenças.

Pak ficou tão agitado que não pôde dormir naquela noite. Sua alma se sentia atormentada, e até mesmo seu corpo foi sacudido com dor. O desconforto durou uma semana, e com certeza o convenceu que sua atitude estava errada.

“Sinto muito,” ele disse a Moon.

Moon sorriu para ele. ‘Eu estava pensando em dar a você um pouco de dificuldade pelos próximos dez dias, mas agora que você se arrependeu, está tudo bem.’²⁴

Em uma terceira ocasião, Pak ficou irritado quando Moon disse que Jesus foi abandonado por seus discípulos e que Judas tinha traído ele por ciúme.²⁵ Nessa noite o homem idoso apareceu novamente em seu sonho e disse: “A partir de agora, você o seguirá. Não duvide mais dele.”²⁶

Pak começou a chamar Moon de Sonseng-nim (Mestre), e Moon o chamava por seu primeiro nome, Chong-hwa. Dado que Pak era o líder dos prisioneiros e era sete anos mais velho do que Moon, isto era incomum no contexto de relacionamentos hierárquicos coreanos. Isto pode ser comparado em um contexto ocidental com um professor e seu jovem aluno invertendo os papéis.

Pak ofereceu atribuir a Moon a tarefa mais fácil na equipe de trabalho que era amarrar os sacos, mas Moon recusou.

“Se eu faço as tarefas mais fáceis, Satanás pode atacar nosso trabalho para edificar o reino de Deus.²⁷ Devemos começar com a tarefa mais difícil.”

“Bem, carregar os sacos é o mais difícil,” disse Pak.

“Então a partir de agora, eu farei isso,” disse Moon.

Em 15 de agosto, o terceiro aniversário do fim do regime colonial japonês, Moon foi premiado como o melhor trabalhador na prisão. Houve uma cerimônia e o comandante o presenteou com um certificado que dizia: 'O prisioneiro 596 trabalhou bastante e tem um caráter correto.' Os prisioneiros reunidos aplaudiram, de forma sincera. Moon sentiu como se o próprio Satanás tivesse reconhecido sua determinação para vencer. O prêmio era concedido duas vezes por ano, em 1º de janeiro e em 15 de agosto. Ele ganhou os dois próximos prêmios.²⁸

“Veja como fazemos este trabalho terrível,” Moon disse para Pak um dia, com uma intensidade calma. Nossos dedos sangram e mesmo depois de meses, a montanha de fertilizante parece não diminuir.”

“Sim, eu sei.”

“Um dia, todo este trabalho poderá ser feito por um único homem controlando uma máquina. Um único homem poderá fazer em três horas o que todos nós fazemos todos os dias!”

“Bem, talvez,” disse Pak. “Mas estamos em uma prisão, e ninguém irá nos trazer uma máquina.”

“Mas pense sobre o futuro. Onde você estará daqui a trinta anos? Você estará aqui? Naturalmente não. Você sabe, um dia o mundo será um só. O mundo será o reino de Deus. Ele será unificado no amor de Deus. Não haverá barreiras entre raças, nações e ideologias. Falaremos a mesma língua. As pessoas não trabalharão para sobreviver, mas porque elas se aborreceriam sem trabalhar. As pessoas trabalharão talvez por três horas por dia. Tudo será automatizado. Este é o reino de Deus. Não podemos apenas pensar sobre ele, devemos trabalhar para construí-lo. Devemos prometer para Deus que seguiremos este objetivo. Você entende?”²⁹

“Sim.” Pak olhou para ele. Ele tinha notas rabiscadas em pedaços de papel.³⁰ Ele ficou inspirado, mais pelo fato que um homem podia ter essa visão em tais circunstâncias, do que pela própria visão. “Sim, eu vejo,” ele disse novamente.

Moon pediu para Pak encontrar doze outros que poderiam compartilhar sua visão, que pudessem ser discípulos, como Jesus tinha. Pak informou sete dos quinze líderes de grupo sobre seu sonho, e explicou sobre Moon a eles. O próprio Moon testemunhou para outros cinco prisioneiros. Destes doze, a maioria era atraída pelo caráter de Moon, ao invés de pelo tipo de experiência espiritual de Pak e Kim Won-dok.³¹

Destes prisioneiros, aquele que podia ter tido o entendimento mais profundo sobre Moon era Kim Jin-soo, que compartilhava a cela de Moon e era um dos seus ministros cristãos na prisão. Kim, 48 anos, já era bem conhecido por suas atividades durante o regime japonês, tendo sido aprisionado várias vezes pelas autoridades coloniais. No tempo de sua prisão, ele era o presidente da Associação Presbiteriana Cinco Províncias. Sua esposa o visitava todos os meses. Ela tinha se mudado para perto do campo, e todos os dias o observava da colina caminhando para a fábrica.

Ele tinha atendido a Escola Soongshil em Pyongyang, a mesma de Pak. Todos os meses o comandante, por respeito, o chamava a seu gabinete para uma conversa e dava para ele várias tigelas de bolo de arroz. O ministro trazia a comida para a cela, orava sobre ela e a distribuía para seus companheiros, se recusando em tomar alguma.

Quando Pak estava em conflito com o ensinamento de Moon, Kim disse para ele: “Embora você seja o líder, ele tem uma teologia extraordinária e experiência espiritual, por isso você deve ouvi-lo.” Contra o conselho de Moon, Kim aceitou a transferência para o campo próximo de Bongung com Kim Won-dok, onde ele foi executado em um massacre de prisioneiros, logo após o início da Guerra da Coreia.

Outros seguidores de Moon incluíam Moon Jong-bin, um membro do partido comunista e oficial de condado em seus vinte e poucos anos, que tinha sido sentenciado por negligência em suas tarefas, e Ju Heung-shik, um dos líderes de equipe de trabalho. Ju tinha sido transferido da mina de Aoji, a prisão perto da fronteira Soviética. Ele reivindicava ter sido um representante provincial de uma organização nacionalista chamada Bekeuidan, ou o grupo Povo de branco, uma referência à roupa branca tradicionalmente usada pelos coreanos.³³ Embora não envolvido no incidente, ele disse que tinha sido preso depois que os membros da organização tentaram explodir um trem na ponte do Rio Daedong em 27 de abril de 1947. O alvo era o General Coronel Terenti F. Shtykov, o representante Soviético da articulação entre a Comissão Estados Unidos-Soviética, que tinha sido formada para supervisionar a unificação coreana e a proposta de cinco anos de tutela das quatro potências. Shtykov tinha chegado na Coreia como o comandante do 28º Grupo Militar Soviético. O líder comunista, Kim Il-sung, tinha sido um major em seu comando.³⁴ Mas aparentemente os guerrilheiros explodiram o trem errado. Ju chegou em Hungnam com um conto fascinante de um tesouro enterrado. Um prisioneiro que morreu em Aoji disse a ele que tinha retornado para a Coreia da Índia com jóias e dinheiro, que ele tinha enterrado perto de um cemitério na cidade sul coreana de Yosu. Ju deu o mapa para Pak. Se o tesouro existiu mesmo ou não, nunca foi provado, mas ao menos o mapa deu a Ju uma posição como um líder de grupo de trabalho.³⁵

Um dos outros prisioneiros, que dizia ter sido seguidor de Moon era Chong Choon-shik, um empresário, que foi condenado por ser reacionário, e que mais tarde foi morto. O destino dos outros permanece desconhecido. Eles eram: Kim Nam-seon, líder da unidade de trabalho de Moon e um oficial do governo, que foi preso por negligência no dever; Kim Yeon-ok, outro oficial do governo, que tinha sido acusado de ser um reacionário; Cho Jung-soo e Kang Shim-heun, ambos membros da Associação da Juventude Democrática antigoverno; Pak Myeong-hwan, que tinha uma empresa de pesca e tinha sido rotulado como reacionário; e Kim Seung-tae, um pescador, acusado de fraude.

Entretanto, ao longo de 1948, o conflito entre esquerda e direita pelo controle da Coreia se intensificou. A Coreia do Norte tinha dado instruções para seus agentes no sul bloquearem as eleições gerais supervisionadas pelas Nações Unidas em 10 de maio. Eleições foram realizadas separadamente no sul, exceto pela Ilha Cheju, que foi sacudida por um levante popular conduzido pelos comunistas. Em 15 de agosto, o Governo Militar Americano, cujo regime foi caracterizado pela ignorância e falta de preparo, entregou o poder para Syngman Rhee, o primeiro presidente da recém-estabelecida República da Coreia. Três semanas mais tarde, em 9 de setembro, a Coreia do Norte foi formalmente estabelecida como a República Democrática Popular da Coreia com Kim Il-sung como premier. As sentenças de prisão foram reduzidas para marcar a ocasião. O prazo de Moon foi reduzido de cinco anos para três anos.

Quando terminava cada dia de trabalho e os presos tinham voltado para o campo, os números daqueles que tinham visitantes seriam anunciados pelo alto-falante. Os prisioneiros tinham permissão de uma visita por mês. Eles iriam para a sala de visitas onde poderiam encontrar seus visitantes por dez minutos. De três a cinco encontros ocorriam sobre uma longa mesa, sob os olhares de um guarda. Eles sentavam e conversam, recebiam roupas e, mais importante, recebiam farinha de arroz. Um prisioneiro tinha permissão de receber quatro litros de farinha de arroz.

Sem a farinha de arroz para suplementar a dieta da prisão, eles morreriam. Os condenados mais pobres, cerca de um terço do total, não recebiam nenhuma farinha de arroz. Aqueles que recebiam, entre os criminosos comuns, guardavam isto para si mesmos. Mas os prisioneiros políticos, que tendiam a receber mais visitas familiares, compartilhavam. Geralmente, ao menos uma pessoa de cada em cada grupo de três teria farinha de arroz.

Uma noite enquanto todos dormiam, alguém comeu metade da farinha de arroz de Moon. Quando a perda foi descoberta no dia seguinte, os outros presos saltaram sobre o ladrão, e estavam prontos para espancá-lo. Moon interveio.

“Não batam nele,” ele disse. “Deixem ele ir.” Eles fizeram como ele disse, mas relutantemente. “Pensem quanta fome ele deve ter para roubar. Se eu deixar a farinha aí, a mesma coisa acontecerá de novo, assim, vamos compartilhá-lo.”

Ele distribuiu o restante.³⁶

Fora as trinta e cinco pessoas que trabalhavam na cozinha que se alimentavam bem, a maioria dos prisioneiros era pele e ossos. Pak, como o líder, recebia bastante farinha de arroz em pagamento por dar aos presos as tarefas mais fáceis. Ele costumava dá-lo para Moon, que o compartilhava com os outros prisioneiros.

A mãe de Moon costumava trazer sua farinha de arroz. Mas, por outro lado, as visitas dela foram as experiências mais difíceis de seu aprisionamento. Sua luta para manter sua dignidade no campo de morte, e suportar o que ele via como o mais severo teste de sua fé, dependia de sua habilidade de concentrar sua preocupação distante de si mesmo em Deus e nos outros prisioneiros. Se alguma coisa era capaz de abalar seu coração, e fazê-lo se voltar para seu próprio sofrimento, isto era as lágrimas de sua mãe.

“Quando sua sentença terminar, você deve parar de pregar e pensar em sua família. Você não deve continuar a se meter em encrencas. Você deve voltar para casa,” ela implorou a ele.³⁷

“Eu devo continuar a obra de Deus quando sair. Eu tenho uma missão para cumprir.”

“Mas você vai apenas estar em apuros. Queremos que você volte para casa,” ela implorou.

“Se você vai chorar por mim, por favor, não venha aqui novamente,” ele disse, escondendo sua agonia. Ele pegou as roupas e a farinha de arroz que ela tinha trazido, e deu isso para os outros presos na frente dela.

Ela retornou para a vila e bateu no chão com suas mãos e chorou: “Porque meu filho me dá essa angústia? Ele deu toda a comida. Essa é a última vez que eu fui vê-lo.”³⁸

Mas no mês seguinte, ela preparou mel, feijão, bolos de arroz e frutas. “Desta vez ele vai comer tudo sozinho,” ela disse para a família, antes de pegar o trem. De novo, ele deu toda a comida na frente dela. De volta para casa, ela chorou e murmurou para si mesma: “Eu fiz tudo para você, e você deu tudo.” Por uma semana ela ficou com raiva.

No outono, ela fez meias e roupas quentes para ele, mas ele as deu novamente, e ela voltou para casa e chorou. Uma vez, ela ficou por três semanas com Ok Se-hyun em Pyongyang, no seu caminho de volta de Hungnam. Ela disse que quando ele fosse libertado, ela nunca o deixaria sair de casa novamente. Ok explicou um pouco sobre sua pregação e sua missão. Ela não se opôs a nada, disse Ok, mas não parecia entender.³⁹

Em Pyongyang, seus seguidores não mantiveram contato uns com os outros. O único membro que poderia ter mantido os outros juntos na ausência de Moon era Kim Chong-hwa, que tinha sido condenada há dezoito meses na prisão no mesmo tempo com Moon, mas ela tinha sido incapaz de reconciliar sua fé em Moon com a aparente incapacidade de Deus de evitar que ela fosse enviado para a prisão. Ela foi libertada depois de um ano, e não estava mais interessada nele ou seus seguidores. Somente Ok Se-hyun e o jovem Kim Won-pil continuaram realizando cultos juntos.



Kim Won-pil, o jovem seguidor que veio com Moon para Pusan. (AES-UCM)

Kim Won-pil mantinha um calendário, marcando os dias para a liberação de Moon. Ele o visitou duas vezes. Ok o visitou cinco vezes. Toda vez, quando alguns dos visitantes que chegavam com ela ouviam que seu filho ou esposo tinha morrido, e ela se perguntava toda vez se Moon ainda estaria vivo. Uma vez os guardas recusaram deixar ela dar a ele algumas meias que ela tinha feito. Ela imaginou que era porque as meias pareciam muito caras, então ela fez mais algumas meias usando seu próprio cabelo, as quais eles permitiram dar a ele na próxima vez.

Os guardas apressavam os visitantes para saírem, após terem entregue a comida e as roupas. Às 18 horas, as visitas terminavam. Os prisioneiros sentavam em um círculo em suas celas para comer. Eles não tinham permissão de dormir até a sirene das 22 horas. A noite era o único tempo durante o dia inteiro que eles realmente tinham para conversar, mas conversar era proibido nas celas. Não havia livros, assim, eles sussurravam em voz baixa entre eles.

Pak, que tinha permissão de se movimentar livremente antes das 22 horas, veio para a cela de Moon e eles conversaram em voz baixa sobre a Bíblia e o ensinamento de Moon. Pak não falava aos outros na cela de Moon, porque ele sabia que havia informantes em cada cela, observando se havia negociação com os guardas em troca de comida.⁴⁰ Às 22 horas, todos dormiam. Moon orava e lavava seu rosto com sua toalha, e dormia às 22:30.

Aos domingos eles não trabalhavam. Eles se sentavam em suas celas e comiam as mesmas três refeições. Eles não tinham permissão para dormir, assim, eles conversavam em voz baixa e faziam a barba com pedaços de garrafas quebradas que pegavam na fábrica. Fumantes economizavam pontas que pegavam no chão da fábrica durante a semana, esfregando algodão e fios de corda para acendê-los.

Cerca de uma vez a cada seis meses, os presos eram obrigados a escrever 'reflexões' e entregá-las nas próximas semanas.

Eles tinham que escrever sobre seu desenvolvimento revolucionário e arrependimento por seus 'crimes,' e listar qualquer reclamação sobre as facilidades da prisão.⁴¹ Proibidos de caminhar pelo campo, eles somente conheciam seu próprio alojamento. Cada alojamento era feito de cimento e tinha pisos e colunas de madeira e uma porta de madeira grossa. Havia uma pequena janela de vidro, com barras do lado de fora, que permitia alguma luz penetrar a escuridão. Um banheiro estilo agachar, em um canto do espaço, não oferecia nenhuma privacidade. Mas ao menos ele tinha uma tampa, pelo que o homem dormindo mais próximo era grato.

Durante o rigoroso inverno, as tubulações de vapor forneciam calor nas celas. Cada homem tinha um único cobertor para se deitar e um único para se cobrir. Como as celas estavam tão lotadas, eles dormiam perto e se mantinham aquecidos. Não havia aquecimento na fábrica, mas mesmo no inverno, eles suavam por causa do trabalho. O verão era insuportavelmente quente.

Eles usavam a mesma roupa o ano inteiro, a menos que os visitantes comprassem roupas extras. Moon pegou malária e ficou doente, mas recusou a sugestão de Pak que ele fosse para a enfermaria. “Eu não vim aqui por causa de qualquer crime,⁴² mas por minha missão,” ele disse. Ele continuou trabalhando e se recuperou depois de uma ou duas semanas.

Quatro vezes por ano – o ano novo lunar, o aniversário de Kim Il-sung (15 de abril), o Dia do Trabalho (1º de maio) e o aniversário da fundação da Coreia do Norte como um estado (09 de setembro) – era feriado. Em uma dessas ocasiões, os guardas sorridentes disseram para os prisioneiros que eles tinham abatido uma vaca para a alimentação do dia seguinte. Houve grande agitação no campo.

“O camarada Kim Il-sung gentilmente permitiu que vocês tivessem carne hoje,” o comandante disse aos prisioneiros reunidos, após um longo discurso elogiando o líder do país. Quando a sopa veio, não parecia nada diferente da sopa de costume.

“Uma vaca caminhou através da sopa com suas patas?” Um criminoso comum resmungou na cela. “Não há nem mesmo um pêlo da vaca na sopa.”

“Há algumas fatias de carne nela,” um líder de equipe de trabalho disse corajosamente. Depois disso, os prisioneiros não ficavam tão animados sobre a comida extra nos feriados.

Em outra ocasião, carne de baleia foi acrescentada à sopa, e ao entardecer, a maioria dos prisioneiros estava experimentando dores de estômago e diarreia. Alguns casos mais graves desmaiaram e seu cabelo começou a cair.

“O que há nisto?” Pak perguntou para Moon.

“A carne estava podre. Todos ficamos doentes porque estamos com tanta fome. Não se preocupe, as pessoas ficarão boas em algumas horas. Você deve relatar para as autoridades, mas não se preocupe. Ao invés disso, se preocupe sobre como espalhar o Princípio.” Os prisioneiros receberam dois dias de folga para se recuperar.

Na primavera de 1950, as autoridades da prisão começaram a classificar os presos de acordo com seus crimes e a extensão das sentenças. Muitos criminosos comuns foram convocados pelo comandante e liberados.

Pak mais tarde concluiu que eles tinham sido recrutados. De fato, eles tinham oferecido uma escolha de se juntarem ao exército ou continuarem suas sentenças.⁴³ Telas escuras foram colocadas nos alojamentos.

“Eu posso dar a você um pouco de farinha de arroz?” Pak perguntou para Moon um dia, ao invés de apreensivamente, temer que ele pudesse ser acusado de tentá-lo com comida.

“Não se preocupe comigo,” Moon respondeu. “Em breve coisas especiais acontecerão. Preocupe-se com sua saúde.”

Moon escreveu uma canção utilizando uma das etiquetas para marcar o peso dos sacos de fertilizante. Ele a chamou de 'Jardim da Restauração' e a cantou no tom de uma marcha naval japonesa e pediu para Pak memorizá-la.⁴⁴

Neste mundo de ódio e rancor,
Através de milênios,
Deus procurou achar um
Coração vencedor;
Manchas de sangue deixou, por onde caminhou;
Na providência nos dá semelhante amor,
Na providência nos dá semelhante amor.
Flor de alegria encontrei
Liberdade de Deus;
A esperança em flor nasce no Seu jardim;
Fragrâncias vindas do Céu nos alegrará;
Tal vida é o ideal, o desejo do Pai,
Tal vida é o ideal, o desejo do Pai.
Um buquê de felicidade,
Pela brisa agitado;
O nosso lar é um Céu de eterno prazer;
Junto à beleza de Deus, viveremos nós;
Tal é o dom do Senhor, Pátria Celestial,
Tal é o dom do Senhor, Pátria Celestial.
O Reino do Céu na terra,
É a meta final;
Seu verdadeiro jardim
Ele quer contemplar;
Alegre canto de amor, Nós vamos espalhar;
Tal é a glória do Pai, coroando a terra,
Tal é a glória do Pai, coroando a terra.

Um dia, alguns dos trabalhadores da fábrica que costumavam verificar o peso dos sacos contaram para Pak que as forças da Coreia do Norte estavam se preparando para atacar o sul. O fertilizante que tinha sido deixado pelos japoneses estava indo para a Rússia para pagar por armas, eles disseram.

“O que você acha que acontecerá?” Pak perguntou para Moon.

“Agora o tempo está chegando,” Moon respondeu com confiança. “Eu disse a você que o mundo satânico seria destruído. Em breve o reino de Deus na terra será estabelecido. Você já memorizou o 'Jardim de Restauração?’” Eles entoaram a canção juntos. Na atmosfera tensa que permeava o campo nessa primavera, Pak descobriu-se cantando a canção para acalmar seu nervosismo.

Alguns dias mais tarde, o chefe da unidade médica na prisão contou a ele que armas estavam chegando da Rússia e que as viagens estavam sendo restringidas.⁴⁵

No dia 25 de junho de 1950, os tanques norte coreanos atravessaram a fronteira em um ataque maciço que pegou de surpresa as forças sul coreanas mal equipadas. Em três dias, as forças comunistas estavam em Seul. Os prisioneiros em Hungnam com idade entre vinte e vinte e cinco anos foram recrutados, exceto os presos políticos. As condições no campo deterioraram.

Em alguns dias, as primeiras tropas americanas, que tinham saído do sul em 1949, estavam de volta à península, desta vez sob a bandeira das Nações Unidas. Dezesesseis nações enviaram forças para lutar pelo sul nas forças da ONU lideradas pelos americanos. Por dez dias, desde 7 de julho, uma formação de nove ou dez bombardeiros B-29 voaram sobre Hungnam e despejaram bombas, que destruíram pontes de cidades e outros alvos-chaves. Toda manhã, cerca de vinte mil das cento e oitenta mil pessoas da cidade se refugiavam nas colinas, e retornavam para casa depois de terminado os bombardeios.⁴⁶

Planejadores militares dos Estados Unidos logo voltaram sua atenção para o complexo industrial de Hangman.⁴⁷ Quando se soube que uma das fábricas químicas estava processando elementos utilizados no programa nuclear Soviético, o comandante das forças da ONU, o general americano, Douglas MacArthur, ordenou missões especiais contra o local. Uma solicitação dos planejadores militares para utilizar munições incendiárias foi rejeitada pelos líderes políticos em Washington, temendo que os ataques com fogo causassem vítimas civis indevidas. Os chefes do comando americano também instruíram que panfletos de advertência fossem distribuídos antes dos ataques aéreos para dar tempo para os civis fugirem. Estas considerações podem ter salvado as vidas de Moon e seus amigos prisioneiros.

No dia 30 de julho, logo após as 10 horas da manhã, um ataque massivo de quarenta e sete bombardeiros B-29 voaram sobre Hungnam em formações ‘V’. Sua missão, denominada Nanny Baker, era tomar a Fábrica de Explosivos de Nitrogênio da Coreia. Os esquadrões, voando acima das nuvens, bombardearam a fábrica, dando início a grandes incêndios. Chamas saltavam para o céu tão altas e intensas, que elas queimavam as nuvens para que os últimos esquadrões pudessem lançar suas bombas sem radar.

Dois dias mais tarde, pela manhã, um avião de reconhecimento voou sobre a fábrica de fertilizante. “Os bombardeiros estarão aqui logo. Devemos ir para a cantina,” um prisioneiro, um ex-capitão do exército, disse para Pak. Em breve as sirenes soaram. Os trinta mil trabalhadores se moveram para abrigos subterrâneos. Os prisioneiros se abrigavam onde podiam. Quarenta e seis aviões B-29 apareceram no céu claro na mesma formação “V” e bombardearam a fábrica por três horas. Seus duzentos e trinta quilos de bombas causaram explosões que balançavam a aeronave voando a dezesseis mil pés. O último esquadrão teve que utilizar seu radar para ver a área alvo através das nuvens de fumaça preta que subiam da fábrica destruída. A operação Nanny Baker, como era conhecida, tinha posto a fábrica completamente fora de operação.



Hungnam após a invasão de bombardeio americana (Museu Imperial da Guerra, Londres)

“Você não foi ferido?” Pak perguntou para Moon depois que terminou. Moon estava trabalhando na área onde eram armazenados os sacos vazios quando o bombardeio começou.

“Deus disse que ninguém será ferido dentro de um raio de doze metros de mim. Enquanto o bombardeio estava acontecendo, eu estava orando e me comunicando com os santos no mundo espiritual,” Moon respondeu. Pak, satisfeito que ambos tinham sobrevivido, começou a cantar a canção ‘Jardim de Restauração.’

Depois de uma contagem de corpos, os guardas anunciaram que duzentas e setenta pessoas tinham sido mortas durante a invasão.⁴⁸

Naquela noite, Moon deu um pouco de sua farinha de arroz para três prisioneiros, que estavam morrendo de fome. Pak estava para ser liberado no dia seguinte, e passou a maior parte da noite conversando com Moon em sua cela.

“O que eu devo fazer quando sair?”

“Vá para Kyongchang-ri em Pyongyang e fale para meus seguidores não se preocuparem comigo.”

“Eu não deveria partir antes de você,” Pak disse, com lágrimas em seus olhos.

“Isto não é nada. É apenas um curto momento. Temos muito para realizar. Vá para Pyongyang e diga a eles que eu serei libertado em breve.”

De manhã, Pak foi libertado. Ele foi para a fábrica de fertilizante e viu Moon à distância. Então ele partiu para Pyongyang. No dia seguinte, 3 de agosto, os aviões B-29 retornaram e destruíram seu último grande alvo industrial em Hungnam, a Fábrica Química Bogun.

Com a fábrica de fertilizante fora de operação, os prisioneiros foram obrigados a ficar em suas celas.⁴⁹ Os criminosos comuns restantes foram recrutados no serviço militar auxiliar, deixando cerca de quinhentos prisioneiros políticos, que em várias ocasiões pelas próximas semanas, foram utilizados em Hungnam para ajudar a reconstruir casas destruídas no bombardeio.

Enquanto isso, o avanço comunista no sul tinha sido verificado e, após a chegada das tropas das Nações Unidas em Inchon e a retomada de Seul em setembro de 1950, as forças norte coreanas estavam sendo derrotadas. Quando a retirada começou, as autoridades da prisão planejavam executar os prisioneiros anticomunistas, e evacuar outros agressores políticos para campos mais ao norte. Enquanto isso, as tropas sul coreanas cruzaram o paralelo trinta e oito em 30 de setembro, e seguiram para a costa leste, indo para Wonsan.⁵⁰

Massacres em larga escala começaram nos campos de prisão em Wonsan e Bongung, perto de Hungnam.

Uma noite na segunda semana de outubro, os guardas pararam no lado de fora de cada cela na prisão de Hungnam, e gritaram vários números. Eles ordenaram os prisioneiros cujos números tinham sido chamados, para saírem.

“O que aconteceu” um prisioneiro perguntou a um guarda através da janela da cela mais tarde nesse dia.

“Eu não sei,” o guarda disse. “Eu apenas vi que eles tinham uma grande placa pendurada em seus pescoços com seus números de prisão escritos bem grande. Suas mãos estavam amarradas. Eles foram provavelmente executados.”

Os guardas vieram de novo e convocaram mais números. Cerca de dez prisioneiros partiram da cela de Moon. Antes da terceira chamada, as forças sul coreanas atacaram uma área perto de onde os guardas da prisão viviam. Os guardas partiram para ajudar suas famílias a fugir, e retornaram no dia seguinte, 14 de outubro. Os cento e cinquenta e dois prisioneiros restantes foram reunidos, e cada um recebeu uma bolsa de arroz para carregar.

Eles se enfileiraram fora do campo, seguindo na direção da cidade de Hamheung em grupos de cerca de vinte. Sete ou oito guardas armados acompanhavam cada grupo. Ao anoitecer, depois de várias horas de caminhada na chuva, o grupo de Moon alcançou uma colina fora de Hamheung e parou.

“Devemos chegar com vocês em Aoji,” o chefe dos guardas disse. “A estrada de ferro foi bombardeada, por isso não podemos seguir de trem. Não há nenhum navio disponível. Devemos caminhar.” Aoji, a cidade mineira no nordeste, perto da fronteira Soviética, estava a quase quatrocentos quilômetros de Hungnam. Os prisioneiros, enfraquecidos pelos anos de trabalho duro e pela dieta da prisão, não tinham nenhuma condição de fazer esta jornada.

“Não podemos marchar essa distância,” alguns prisioneiros disseram. “Porque vocês apenas não nos deixam livres?”

Os guardas concordaram que a jornada seria quase impossível. Eles discutiram a situação entre eles. Após algum tempo, eles pediram para cada prisioneiro confirmar seu nome, endereço, crime e quanto de sua sentença faltava. Quando a lista estava completa, o guarda chefe se dirigiu aos prisioneiros.

“Vocês prometem que quando a guerra acabar, voltarão e terminarão suas sentenças?” ele perguntou.

“Sim, sim,” os prisioneiros prometeram. Eles não podiam acreditar no que estavam ouvindo.

“Tudo bem,” disse o guarda. “Se qualquer oficial perguntar o que aconteceu, eu assumirei a responsabilidade. Vocês estão livres para ir para casa.”⁵¹

The prisioneiros começaram a partir em dois ou três. Moon desceu o declive para Hamheung com Hahn Byoung-ku, um jovem estudante antigoverno, que tinha estado em sua cela. Quando eles alcançaram o centro da cidade, Moon pediu para Hahn ir para o oeste com ele, mas Hahn declinou.

“Eu devo ir para casa. Minha vila está apenas há algumas horas daqui,” ele disse. Eles se separaram no centro da cidade.⁵²

Na estrada, Moon encontrou com um de seus seguidores no campo, Moon Jong-bin, o jovem oficial do partido comunista.⁵³ Jong-bin decidiu não ir para sua casa, e os dois homens partiram juntos a pé para Pyongyang.

Dois dias mais tarde, as tropas sul coreanas tomaram Hungnam e Hamheung, e continuaram sua marcha para o norte. A maré da Guerra mudou antes que as forças do sul alcançassem o campo Aoji. Este nunca foi liberado.





A fábrica de fertilizante em Hungnam onde Moon foi um trabalhador prisioneiro de 1948 a 1950. Estas fotografias foram tiradas na década de 1930 quando a fábrica estava funcionando como uma empresa japonesa. (Nippon Nitrogen Fertilzer Co., Tóquio)

Capítulo 8

Quarenta Dias em Pyongyang

Foi necessário dez dias para Sun-myung Moon e seu companheiro, Moon Jong-bin, chegarem a Pyongyang. Com suas cabeças raspadas, em várias ocasiões, eles foram confundidos com soldados norte coreanos fugitivos, mas foram capazes de convencer tropas sul coreanas e os moradores ao longo do caminho, que eles tinham sido liberados da prisão.¹ Em seu bolso, Moon carregava o restante de sua farinha de arroz da prisão. Ele a estava economizando como um presente para seus seguidores em Pyongyang. Os dois homens viveram de raízes de vegetais, que estavam nos campos ao longo do caminho.

Após sete dias fora da prisão, ele compôs uma canção de gratidão a Deus, que ele chamou 'Bênção da Glória.'

Hoje a luz da glória aparece
como o sol reluz o céu;
Busquem ora a liberdade.
Voltem a amar, voltem a viver.
Pelos vales e montanhas;
Surge agora a nova primavera.
Brilha o mundo para sempre com a luz do renascer.
Brilha o mundo para sempre com a luz do renascer.
A dar glória fomos chamados
para o Pai que está no céu.
O Senhor em sua grandeza
Preparou um mundo de amor,
Procurando as almas vivas,
A chamá-las à liberdade.
Como devo server, quem a mim está a chamar.
Como devo server, quem a mim está a chamar.
Do temor da morte desperto
Grande graça vive em mim
Se o que veio para salvar-me
Tão suave está a me abraçar
Alegria e conforto
Traz-me o amor que tem por mim
Quantas bênçãos de glória, para sempre vou cantar.
Quantas bênçãos de glória, para sempre vou cantar.
Eis que agora vem abraçar-me
Grandes bênção a mim traz.
Que alegria e recebê-lo
Num amor tão terno e divinal;
Nunca irei corresponder-Lhe
Por maior que seja o meu ardor.
Sou levado a sentir como tão indigno sou.
Sou levado a sentir como tão indigno sou.²

Quando chegaram em Pyongyang, eles foram para a casa do tio de Sun-myung Moon, onde ele soube que alguns de seus primos já tinham ido para a Coreia do Sul, mas que sua família ainda estava em Sangsa-ri. Eles não queriam deixar as terras da família e esperavam que, após a guerra, as coisas se acalmassem. Ele somente precisaria de três dias de caminhada até sua casa, mas ele ignorou seu próprio desejo de ir para casa, e ao invés, olhou para seus seguidores. Deus tinha trazido estas pessoas até ele, e ele era responsável por elas diante de Deus. A escolha teria consequências dolorosas. Seis semanas mais tarde, quando as forças chinesas inundaram o norte da Coreia e começaram a empurrar as forças das Nações Unidas na direção do sul, ele se juntaria aos refugiados na direção do sul. Ele nunca viu seus pais ou seu amado irmão novamente.³

Ele sabia que, quando chegasse inesperadamente, alguns seguidores ainda na cidade se sentiriam culpados que não tinham preparado uma recepção para ele. De fato, anos mais tarde, depois de mais de trinta anos como um discípulo principal, Kim Won-pil disse que ele se sentiu negligente por não ter ignorado o risco pessoal, e ido para Hungnam esperar Moon sair da prisão.⁴ Com isto em mente, Moon decidiu simplesmente voltar da porta. Ele pediu para Moon Jong-bin ir e contar para Ok Se-hyun, que tinha visitado ele na prisão, e Kim Won-pil, que morava na casa dela, que ele estava em Pyongyang.

Kim veio imediatamente. Ele viu Moon vestindo as mesmas roupas que os seguidores haviam dado a ele durante uma visita na prisão, cerca de dois anos antes – esfarrapada e rasgada, com pedaços de pano dentro para prover calor adicional. Apesar de não estar tão magro, ele parecia doente. Ele tossia continuamente. Eles foram para a casa de Ok na parte norte da cidade, perto do Rio Daedong. Lá Moon misturou sua farinha de arroz com água, e cozinhou bolos de arroz em uma panela para eles.⁵

Muitas das pessoas que participavam dos cultos de Moon, antes que ele fosse enviado para a prisão, tinham se juntado ao êxodo cristão e seguido para o sul. Mas alguns ainda estavam em Pyongyang. Ele pediu para Kim Won-pil e a Sra. Ok contarem a eles que ele tinha retornado. Alguns, eles descobriram, haviam perdido a confiança em Moon, depois de seu aprisionamento. Um se recusou a aceitar sua carta de Kim Won-pil. Outros, como Cha Sang-soon, ficaram felizes ao ouvir que ele estava salvo, mas foram incapazes de se juntar imediatamente a ele, porque tinham outras prioridades – como suas famílias sobreviveriam à guerra.⁶

Kim também visitou a Igreja Dentro do Ventre. Ele descobriu que a maioria dos membros do grupo tinha sido enviada para campos de trabalho ou mortos, mas alguns permaneceram em Pyongyang, onde eles acreditavam que seu líder um dia retornaria. Um dos mais velhos do grupo veio ver Moon, mas não houve nenhum contato duradouro.

Moon enviou Kim Won-pil e Moon Jong-bin para Mangil-ri, uma vila perto de Daepyeong, quatro milhas a oeste da cidade, onde Pak Chong-hwa vivia. A ex-esposa do prisioneiro disse que ele estava se hospedando na casa de sua prima no subúrbio de Sangsuku-ri em Pyongyang onde, em 28 de outubro, eles o descobriram sofrendo de uma fratura no tornozelo esquerdo.

“*Sonseng-nim*⁷ está na casa da Sra. Ok em Kyongsang-gol,” disse Moon Jong-bin.⁸ “Ele nos enviou para encontrar você.”

Pak subiu em um carrinho e eles o puxaram. Quando eles chegaram em Kyongsang-gol, uma região rica com sete ou oito casas com grandes terrenos, Sun-myung Moon desceu a colina para cumprimentá-lo.

“Você pensou que iria morrer, não é?” ele disse para Pak. “Mas porque você morreria se eu estava vindo encontrar você?” Pak começou a derramar lágrimas.

“Eu pensei que você tinha sido liberado, e sabia que você me prometeu que entraria em contato, mas eu pensei que você não viria. Eu pensei que se não pudesse confiar em você, eu não poderia confiar em mais ninguém no mundo,” Pak disse. Enquanto eles empurravam o carrinho na colina, Moon segurou a mão de Pak. Pak explicou o que tinha acontecido desde sua libertação.

“Levei quatro dias para chegar em Pyongyang,” ele começou. Ele tinha caminhado e pegado carona em caminhões militares. Quando chegou na cidade, ele foi, como Moon tinha pedido, para a casa da seguidora de Moon, Kim Chong-hwa. Ele a encontrou vazia. Ela já tinha partido para a Coreia do Sul. Ele foi para sua casa no vilarejo, onde sua esposa e seus pais tinham ficado cuidando de seus cinco filhos, e ele começou a trabalhar lá, na fábrica de borracha de seu primo.

“Como as forças da ONU de aproximavam, os comunistas se esconderam. Os moradores locais formaram patrulhas para capturá-los, e eles me pegaram e me espancaram. É assim como eu quebrei minha perna. Quando as tropas da ONU chegaram, eles perguntaram pelos três piores comunistas, e eu fui entregue.”

“Havia cerca de cem pessoas na cela. Três ou quatro eram chamados toda noite para interrogatório. Eu não sei o que aconteceu a eles. Eles não voltaram, assim, imaginamos que eles foram executados. Depois de cerca de duas ou três semanas, eu fui chamado com duas outras pessoas. Bem, eu pensei que era o fim. Agora era minha vez. Nesse momento eu não pensei em minha família. Eu pensei somente se poderia encontrar o Sonseng-nim uma última vez. Eu me senti abandonado por Deus, como Jesus na cruz. Mas os soldados da ONU, que eram sul coreanos, decidiram que, porque eu tinha estado na prisão Hungnam, estava tudo bem, e eu fui liberado com os outros dois. Eu não queria voltar para casa imediatamente, porque achava que ainda poderia ser perigoso, assim, eu fui ficar na casa da minha prima.”

Moon ouviu atentamente a história. “As outras duas pessoas foram liberadas graças a você. Elas puderam se beneficiar da proteção que Deus dá a você por seguir Sua vontade,” ele disse.

Os quatro homens ficaram na casa da Sra. Ok. Ok e suas duas filhas mais jovens, Woo Jong-soon e Woo Jong-ae, prepararam refeições e banho para eles. Na maior parte do tempo os homens descansaram, se recuperando lentamente de seu longo calvário na prisão. Todas as noites, eles realizavam um culto breve, e Moon falava a eles sobre a vida na prisão, e sobre o futuro, e o vindouro reino de Deus. Quando o esposo de Ok, que tinha ido para Seul e tinha sido recrutado no exército sul coreano, retornou, e seus outros sete filhos vieram para ficar, os convidados partiram. Eles pegaram um quarto alugado em Sosong-ri, na parte ocidental da cidade, de uma mulher idosa cuja família tinha se mudado para o sul.

No dia 26 de novembro, as tropas chinesas começaram a cruzar a fronteira coreana para apoiar os soldados norte coreanos. As forças das Nações Unidas começaram a recuar. Mais uma vez a maré da guerra estava mudando. Fiéis religiosos, latifundiários, anticomunistas e pessoas comuns norte coreanas, temendo os maciços bombardeios americanos sobre a Coreia do Norte, se juntaram na trilha de refugiados para o sul. A ordem veio para evacuar Pyongyang. Muitos jovens, temendo represálias pelos comunistas ou preocupados que poderiam ser recrutados para o exército norte coreano, fugiram. Eles deixaram suas famílias para trás esperando retornar em alguns meses quando as hostilidades terminassem.

Em 3 de dezembro, o primo de Pak Chong-hwa voltou para casa. Ele disse que o levaria para sua casa e mandaria o filho de Pak vir buscá-lo.

“Eu vou esperar minha perna ficar melhor e então ir para o sul,” Pak disse para Moon e seus companheiros.

“Tudo bem, veremos você na Coreia do Sul,” disse Moon. Ela empurrou Pak em um carrinho de duas rodas.

Antes de partir, Moon queria encontrar um dos últimos membros de sua antiga congregação. Kim Won-pil encontrou a seguidora, uma mulher de oitenta anos de idade, doente e perto da morte. Ele teve que gritar em seu ouvido para fazê-la entender que Moon tinha retornado da prisão. Ela parecia estar feliz com as notícias. Quando Kim chegou de volta ao alojamento com as notícias que ele tinha encontrado a mulher, Moon se levantou.

“Isso termina nosso trabalho em Pyongyang. Agora é o tempo para partirmos,” ele disse.

As 3 horas da tarde, a Sra. Ok chegou com a notícia que seu filho, um segundo tenente na polícia militar sul coreana, tinha arranjado para a família seguir em um caminhão do exército. “Vocês devem vir também, mas devemos nos apressar. Eles estão esperando na Ponte Sudokyo.”

Moon, Kim Won-pil, Moon Jong-bin e Ok chegaram na ponte uma hora mais tarde. O filho de Ok não ficou feliz ao ver que sua mãe tinha trazido Moon. A família dela, que era Protestante, tinha se ressentido de sua associação com Moon desde o início.⁹

“A pessoa que destruiu nossa família pode viajar neste caminhão?” ele disse. “Impossível.” Ele se recusou em deixar Moon subir a bordo. Ok ficou chateada e envergonhada.

“Esta tudo certo,” disse Moon. “Você vai, e veremos você no sul.”

A Sra. Ok subiu a bordo e o caminhão partiu. Os três homens agora ficaram sem outra escolha a não ser caminhar para a Coreia do Sul. Moon se sentiu inseguro sobre a jornada. Teria ocorrido alguma justiça simbólica ao ser conduzido para a segurança pela família de um de seus seguidores cristãos. Afinal, foram os Protestantes cuja oposição tinha levado ao seu calvário na prisão. Também teria sido mais seguro, sendo que o filho de Ok era um soldado sul coreano. Mas agora, três homens jovens viajando sem esposas e filhos, poderiam ser facilmente confundidos com soldados comunistas se infiltrando.

Eles caminharam para a casa da prima de Pak em Sangsuku-ri. Pak ainda estava lá. Sua prima os ajudou a prepararem comida e dinheiro para a viagem. Nessa noite, eles foram incapazes de dormir por causa do barulho das explosões, enquanto as tropas das Nações Unidas destruíam os suprimentos de munição antes de chegarem na cidade. Uma explosão quebrou as janelas. A cidade brilhava com os incêndios causados pelas explosões.

De manhã, Moon estava na varanda olhando para baixo da encosta sobre a cidade. Ele chamou os outros.

“Eu vim para fazer de Pyongyang a Segunda Jerusalém, mas ela me rejeitou e me enviou para a prisão.” Ele estava chorando enquanto falava. “Pyongyang cairá nas mãos de Satanás, e assim, não temos outra escolha agora a não ser deixá-la.”

Eles amarraram os sacos de arroz e outras necessidades no quadro de uma bicicleta de entrega. Kim carregava uma mochila com comida extra. Quase todos os soldados e a polícia já tinham deixado a cidade. Aviões da ONU bombardearam a ponte de ferro, a ponte de pedestres e outra ponte improvisada sobre o rio para retardar o avanço chinês. Moon e seus seguidores partiram às 9 horas da manhã, e sem nenhum lugar para cruzar o rio, eles seguiram para oeste da vila de Pak, e se revezaram para empurrar Pak na bicicleta.

Depois de caminharem nove horas, eles chegaram na casa de Pak em Mangil-ri, onde havia cerca de trinta familiares e amigos, muitos viajando para o sul, passando a noite. Moon orou sobre a viagem que estava por vir.

Os quatro homens receberam o jantar no quarto de Pak e se prepararam para passar a noite.

“Embora estejamos cansados, devemos cruzar o rio esta noite,” disse Moon.

“Mas ele tem uma perna quebrada,” disse o pai de Pak. “Ele não pode viajar assim.”

“Não, está tudo bem pai, eu devo ir com eles,” disse Pak. Ele tinha aprendido a confiar na intuição de Moon a partir de sua experiência na prisão. A filha de Pak se ofereceu para ir com eles, mas o pai de Pak prevaleceu e disse que ela deveria ficar.

“Não se preocupe, podemos cuidar dele,” disse Moon. Moon se virou para Jong-bin. Em suas orações, Moon tinha sentido que deveria viajar em um grupo de três, não de quatro. Ele pediu para Jong-bin ficar na casa de Pak.

“Tudo bem, eu irei para o sul assim que puder,” disse Jong-bin.

Pak disse para sua esposa que retornaria logo, mas pensando de novo nas palavras de Moon na casa de sua prima nessa manhã, ele se perguntou quanto tempo isso seria.¹⁰

Moon, Pak e Kim levaram somente dez minutos para andarem até o rio. A prima de Pak tinha arranjado um barco com um amigo. Eles remaram através para Horam-ri, uma pequena vila do outro lado do rio e seguiam para o sul.



Refugiados atravessam sobre a ponte danificada do Rio Daedong em Pyongyang durante a Guerra da Coreia (Agência de Notícias Yonhap, Seul)



Foto da Guerra da Coreia (Agência de Notícias Yonhap, Seul)

Capítulo 9

A Trilha de Refugiado

Enquanto Sun-myung Moon e seus dois acompanhantes sentavam ao lado da estrada e comiam o almoço, algumas milhas ao norte, tropas comunistas estavam marchando em Pyongyang. Após um breve descanso, os três homens, sem saber que a cidade já tinha sido tomada, continuaram em seu caminho. No final da tarde desse primeiro dia, eles pararam em uma casa abandonada. Kim e Pak estavam ansiosos sobre as incertezas que estavam à frente.

“Pode parecer perigoso, mas não se preocupem, porque estamos unidos como uma trindade, Deus está conosco. O caminho que estamos viajando agora é uma estrada histórica que conduzirá ao céu. Devemos seguir com uma mente alegre e pacífica.” Eles oraram e dormiram.

De manhã, eles se levantaram cedo e cozinharam arroz suficiente para o café da manhã e o almoço. Durante a primeira semana, eles viajavam somente sete ou oito quilômetros por dia. O clima estava ruim, e empurrar Pak na bicicleta era difícil. Como não havia nenhuma linha de trem onde tinham cruzado o rio, eles abandonaram qualquer pensamento de pular em um trem. Eles viajaram por estradas secundárias, para evitar a estrada principal que estava cheia de soldados e refugiados. O ritmo era lento. Eles partiam no final da manhã, e começavam a procurar um lugar para passar a noite por volta das três ou quatro horas da tarde. Pak era o organizador. Ele planejava as rações alimentares. Kim cozinhava, sempre medindo as porções um pouco maiores do que Pak tinha instruído. Se Pak percebeu, ele não disse nada.

No sétimo dia, eles chegaram a um ponto entre as cidades de Heug-gyo e Hwangju, onde a estrada subia abruptamente uma colina. Eles pararam, incapazes de empurrar mais um pouco Pak na bicicleta. Pak sentou na beira da estrada.

“É impossível vocês me levarem nesta colina,” Pak disse. “Porque vocês não seguem em frente, e fazem suas missões sem mim? Vocês têm muito para fazer. Por minha causa, vocês não serão capazes de alcançar o sul. Eu tentarei encontrar alguma maneira de cuidar de mim mesmo.”

“Não,” disse Moon. “Won-pil, você empurra a bicicleta e eu carregarei Chong-hwa.” Eles fizeram isso na subida da colina, Moon carregando Pak em suas costas por parte do caminho e abaixando-o para descansar. Nessa noite, Moon disse que, para manter a proteção de Deus, eles tinham que ficar juntos e não contemplar a separação, qualquer que fosse a circunstância. “Devemos nos unir como uma trindade. Então Deus pode estar conosco. Esta é apenas uma pequena tribulação comparada ao que estar para vir na missão à frente. Por isso devemos superar isto,” ele disse.

No décimo dia, eles chegaram na cidade de Sariwon, onde esperavam se juntar à estrada principal para Seul. Mas a estrada estava restrita ao uso militar, e refugiados estavam sendo desviados para a rota costeira, que passava pela cidade de Haeju. A estrada estava congestionada com uma fuga em massa de refugiados, que seguiam lentamente, mas ansiosos. Pais carregavam bebês e suas posses em suas costas. Muitas crianças mais velhas foram separadas de suas famílias nos ataques.

Aviões americanos atacaram as colunas de refugiados três vezes, seguindo relatórios da inteligência que norte coreanos, que agora estavam no controle da região, estavam utilizando o fluxo dos refugiados como cobertura para se infiltrarem através das linhas. Com cada ataque cerca de trezentas a quatrocentas pessoas foram mortas.¹ Os refugiados passavam por cima dos corpos, e seguiam para o sul. Em um ataque, as pessoas exatamente à frente de Moon e de seus acompanhantes foram mortas.

Moon tentava acalmar os outros dois. “O Céu está nos protegendo” ele disse. “Em Hungnam, Deus prometeu que ninguém seria ferido perto de mim. Não se preocupem.”

Com as forças das Nações Unidas em pleno voo, os comunistas locais já estavam reassumindo o controle das cidades e vilas em preparação para recepcionar as forças norte coreanas. Pak havia servido na região de Sariwon e conhecia bem a estrada, e estava preocupado que eles poderiam voltar.

“Há um ponto em Haeju onde esta estrada fica estreita para que apenas quatro soldados possam bloqueá-la,” ele disse. “Eu acho que devemos seguir outro caminho, através de Cheongdan. Isto seria mais seguro.” Eles decidiram não seguir o fluxo para Haeju. Mais tarde, eles ouviram que os refugiados que foram para a cidade, estavam sendo enviados de volta para suas vilas pelas autoridades comunistas.

No caminho para Cheongdan, eles ouviram que alguns fugitivos estavam planejando ir para a Ilha Yongmae para pegar um barco para Inchon. Moon disse que eles deveriam ir até lá. Ele tinha um amigo de seus tempos de estudante no Japão, cuja família tinha um negócio de pesca na ilha. Quando chegaram na praia, eles encontraram a maré baixa que eles poderiam caminhar algumas centenas de jardas até a ilha. Moon disse para Kim seguir na frente com a bicicleta, e ele colocou Pak em suas costas e o carregou até a ilha. Eles foram para a casa do amigo de Moon e a encontraram deserta. Eles passaram o dia lá, e comeram pequenas bolas de arroz com sal e cozinham um pouco de arroz para a jornada do dia seguinte. A família tinha deixado para trás um barco, que os três homens decidiram utilizar para sua fuga para Inchon.

Eles dormiram no barco, e de manhã, com a subida da maré, ele começou a flutuar. Outros refugiados começaram a aparecer, e logo havia cerca de cento e cinquenta pessoas a bordo. Antes que eles pudessem partir, soldados sul coreanos vieram e requisitaram o barco para evacuar os soldados e policiais com suas famílias. Eles foram obrigados a sair. Aniquilados, eles caminharam de volta para o continente e se dirigiram para Kaesong.

Em um caminho perto de Cheongdan, quatro camponeses bloqueavam a estrada. “Onde vocês vão?” um deles perguntou. Os homens estavam armados.

“Somos refugiados. Estamos indo para o sul.”

“Temos que verificar vocês. Mostrem suas identidades,” ele disse, olhando para Moon. Com seu cabelo raspado e ainda não crescido, eles devem ter pensado que ele era um soldado.

“Eu não tenho nenhuma,” ele respondeu.

“Venhm conosco. Você também,” o homem disse, apontando para Kim.

Pak ficou com a bicicleta, e os homens conduziram seus dois acompanhantes para longe. Ele esperou. Os bandidos estavam provavelmente se auto indicando como polícia, ele pensou, camponeses anticomunistas com armas, que roubavam refugiados e, sem dúvidas, matavam qualquer um que eles considerassem comunistas. Ele ficou preocupado. Eles estavam em uma estrada vazia que corria pelos campos, e não havia nenhuma casa à vista. Uma hora e meia mais tarde, Moon e Kim retornaram.

Won-pil tinha lágrimas em seus olhos. “Eles o espancaram,” ele disse. Os homens tinham levado eles para um vilarejo próximo, e os interrogado. Moon tinha dito a eles que era um ministro, e que tinha sido liberado da prisão, mas eles não acreditaram, mesmo quando encontraram sua Bíblia em sua mochila. Finalmente, um deles disse: “Se você é um ministro, o que está em João 16:1?” Ele recitou o versículo e os homens, convencidos que ele estava falando a verdade, os deixaram seguir.

“Se eu tivesse uma arma, teria atirado neles,” Pak disse.

“Você não precisa pensar em vingança,” disse Moon. “Devemos ser pacientes de coração. Esta é apenas uma pequena tribulação. Em mais um dia, chegaremos a um lugar onde seremos servidos com comida maravilhosa.” Pak pensou que ele estava apenas tentando fazê-lo se sentir melhor.

No dia seguinte, eles chegaram em uma casa situada ao lado de um lago. À distância, eles notaram um homem entrando e saindo da casa, como se estivesse esperando alguém. Quando eles se aproximaram, o homem os chamou para entrar. Dentro da casa, uma mesa de comida tinha sido preparada, com uma folha de papel branco sobre a comida para afastar a poeira. O homem e sua esposa, de forma cortês, convidaram Moon para se sentar onde o assoalho estava mais morno. Normalmente, Pak, sendo o mais velho, teria recebido o lugar honrado, mas o casal, que disseram que eram diáconos em uma igreja local, explicaram que ambos tiveram um sonho dois dias antes, que alguns convidados importantes viriam, e que eles deveriam servi-los bem. Os três homens eram exatamente como eles tinham sonhado, eles disseram. Eles sabiam que Moon tinha que ser tratado como o mais velho.

Kim e Pak ficaram surpresos com a história. Eles aprofundaram sua resolução de confiar em Moon. Para Pak, um administrador natural acostumado à liderança, a experiência foi humilhante. Kim, que tinha sempre sido ciente sobre seu líder espiritual, sentiu que sua própria falta de fé e sua constante necessidade de encorajamento, de alguma forma tinha sido a causa do espancamento de Moon no dia anterior. Durante a jornada, ele chegou a simples compreensão que Moon sofria da mesma fome e desconforto como todos os demais.

“Eu não compreendia que você tinha os mesmos sentimentos como pessoas comuns,” ele disse um dia para Moon. “Se eu tivesse sido um dos seguidores de Jesus dois mil anos atrás, eu poderia ter sentido o mesmo sobre ele, e se ele estivesse com fome, eu poderia não ter oferecido qualquer comida para ele comer. Eu teria suposto que ele nunca precisasse de comida, e talvez por minha causa, ele teria morrido de fome.”

Eles passaram a noite na casa do casal cristão, e continuaram sua jornada de manhã. Toda noite, quando eles ficavam em uma casa vazia ao longo do caminho, Kim fazia uma fogueira no chão para aquecer. Uma noite, ele utilizou as partes de uma maca, que ele tinha encontrado ao lado de um túmulo em uma colina próxima, e iniciou o fogo. A família, ele pensou, tinha muito provavelmente utilizado a maca para carregar o corpo para o túmulo, e apenas a deixou lá. Enquanto Kim atçou o fogo, os outros dois se deitaram para dormir no quarto ao lado.

“Que madeira você está queimando?” Moon perguntou a ele de repente.

“Eu olhei por toda parte buscando algo para queimar, mas não havia nem mesmo grama seca. Então encontrei estas madeiras em um túmulo na colina. Elas eram parte de uma maca.”

“Nem toda madeira deve ser utilizada como lenha,” Moon disse. Ele sabia, Kim pensou, que a madeira tinha vindo de uma sepultura.

Eles começaram a viajar com urgência cada vez mais crescente. Pak ainda era incapaz de caminhar e tinha que ser empurrado na bicicleta, mas mesmo assim eles foram capazes de cobrir entre quinze e vinte quilômetros por dia. Uma noite, após a ceia em uma casa abandonada em Jangdan, uma cidade perto do Rio Imjin e das linhas das Nações Unidas, Kim e Pak se deixaram cair exaustos e adormeceram.

“Acorde. Temos que ir.” Moon sacudiu Pak.

“Não podemos apenas ficar aqui esta noite?” Pak perguntou. Ele tinha dormido menos de uma hora.

“Não, devemos ir.” Won-pil estava em um sono profundo e foi difícil para acordar.” Devemos ir agora ou algo terrível acontecerá,” Moon disse com urgência. Ambos acreditaram nele. Eles rapidamente juntaram o pouco que tinham, e partiram. Eles se apressaram no ar congelante da madrugada, e logo alcançaram o rio. Ele não estava totalmente congelado, mas eles foram capazes de flutuar em um pedaço de gelo para a margem sul.

Do outro lado, um guarda americano parou eles, e levou Moon e Kim para um interrogatório. Pak esperou cerca de uma hora na bicicleta. Eles retornaram usando luvas com o símbolo das Nações Unidas. Os soldados sul coreanos contaram a eles sobre um plano que pela manhã ergueriam barreiras para evitar que tropas norte coreanas e chinesas cruzassem o rio. Eles foram informados que eram os últimos refugiados que seriam oficialmente permitidos cruzar o rio.

“Agora vocês entendem porque eu os acordei?” disse Moon.

Eles seguiram seu caminho para Munsan, então para Seul. Na véspera de Natal, eles cruzaram o Rio Han e chegaram em Heuksok-dong, onde Moon tinha atendido a escola dez anos antes. Pak e Kim ficaram chocados com a devastação da cidade arruinada. Para ambos, esta foi sua primeira experiência no sul da Coreia.



Refugiados são rastreados por soldados no sul com detectores de minas. (Agência de Notícias, Seul)

“Eu tenho muitos amigos aqui, amigos de fé,” Moon disse para encorajá-los. Ele levou-os para a casa de Lee Kee-bong, sua antiga senhoria. Alguns dos familiares dela estavam no pátio, quando Moon atravessou o portão.

“Onde estão minha esposa e filho?”² ele perguntou, sem qualquer cumprimento formal.

“Olha quem é. Ela está em Pusan,” eles disseram.

Moon e seus companheiros ficaram por uma semana, mas como a casa de dois cômodos estava muito lotada, eles se mudaram para a casa vazia de seu velho amigo, Kwak No-pil, que tinha levado sua família para Pusan. Eles passaram as próximas quatro noites na casa. Agora eles tinham ficado sem comida. Kim bateu na porta de várias casas. Todas estavam vazias. Ele entrou em algumas delas, e em uma, encontrou algum arroz. Exultante, ele retornou para a casa de Kwak e começou a preparar a comida.

“Onde você conseguiu isto?” Moon perguntou.

“Em uma casa vazia,” Kim respondeu.

“Se você pegar algo de alguém, você deve se determinar a devolver a ela três vezes a quantia que tomou,” Moon disse. “Se você faz esta promessa para si mesmo, então pode pegar a comida, mas você deveria ainda tentar devolvê-la substancialmente em algum momento.”

No dia de Ano Novo em 1951, alguns policiais vieram e levaram Moon e Kim. O governo estava recrutando homens fisicamente aptos, especialmente refugiados, para formar unidades locais de exército voluntário. Por causa de sua lesão no tornozelo e sua idade, Pak foi dispensado. Kim recebeu a informação para se apresentar para um exame médico, e Moon foi levado para uma delegacia de polícia perto de Piwon, na cidade de Seul para interrogatório. Mais uma vez, seu cabelo curto despertou suspeita. Ele ficou detido durante a noite e interrogado novamente de manhã. De manhã, veio para vê-lo.³

“Se eu não posso vê-lo mais, como posso continuar? Como eu posso manter minha fé? O que eu posso fazer por mim mesmo? Por favor, me dê um conselho.” Kim pediu, temendo que eles fossem separados.

“Siga sua mente, sua mente original,” Moon respondeu. “Sua mente original guiará você, e você deve orientar sua vida de acordo com ela.”

Kim tentou explicar para um dos policiais que Moon era seu mestre, e que ele tinha sido aprisionado pelos comunistas, e que eles tinham vindo para o sul juntos como refugiados. O policial olhou para a gentileza de Kim com seus lábios grossos, rosto sorridente e voz estridente, e imaginou se ele não era uma mulher, provavelmente a esposa do prisioneiro Moon, vestida como um homem.

“Venha aqui,” ele disse, levando-o para uma sala vazia. “Tire sua camisa.” Kim obedeceu. Satisfeito com a história, o policial liberou Moon, e ordenou que os dois homens se inscrevessem para o exército. O processo de inscrição começou com o exame médico. Os soldados instruíram que aqueles que estivessem doentes formassem uma fila separadamente. Moon, embora um lutador na sua infância e sem qualquer dificuldade física, sabia que sua missão estaria acabada se ele derramasse sangue na frente de guerra. Ele se juntou à fila dos doentes, e chamou Kim também. Kim tinha as costas ruins, o resultado de uma queda de um telhado quando Moon estava na prisão em Pyongyang, mas ele duvidava que a desculpa convenceria o examinador. Na frente deles, um homem com um único olho e outro com hemorróidas foram recrutados.

Moon explicou seu recente aprisionamento e as péssimas condições para o soldado e foi declarado inapto. Kim explicou sobre suas costas e, para sua surpresa, também foi considerado inapto. De fato, os homens nem precisaram exagerar. Ambos estavam extremamente degradados e exaustos por causa de sua fuga, e em forma muito pior do que os outros moradores e refugiados da cidade na fila que tinham vindo para o sul de trem. Eles receberam certificados de desqualificação.

“Você deveria ter se preocupado muito sobre nós, se tivéssemos sido recrutados, mas felizmente o céu nos auxiliou,” Moon disse, quando encontraram Pak Chong-hwa. Outros jovens recrutados para o Corpo de Defesa Nacional entre os refugiados nesse inverno foram menos afortunados. Grande parte do dinheiro para a força de quinhentos mil homens foi desviado, com o resultado que os suprimentos nunca chegaram às tropas. Milhares sofreram e várias centenas são estimadas de terem morrido de fome. Na primavera de 1951, líderes dos Corpos foram julgados e executados.⁴

Os três homens foram para a delegacia de polícia com a Sra. Lee como testemunha, e obtiveram papéis adequados, que os identificaram como refugiados.

Enquanto isso, forças chinesas e norte coreanas estavam se aproximando de Seul. O nervosismo das autoridades sul coreanas começou a executar prisioneiros e oponentes políticos.⁵ A capital, bombardeada e quase aniquilada, estava para mudar de mãos pela terceira vez. No dia 3 de janeiro, as tropas da ONU chegaram perto da cidade.

Um visitante chegou na casa de Lee. Moon reconheceu a voz e veio para cumprimentá-lo. Era Kim Hee-son, que tinha sido diácono na igreja Myongsudae, que Moon tinha atendido como estudante.

“Você ainda vai para a igreja?” Moon perguntou a ele.

“Não, eu parei. Kim tirou o ministro, Kwon Duk-pal. O Rev. Kwon costumava ficar zangado com pessoas que estavam atrasadas. Ele trancava a porta da igreja depois que o culto começava. Ele foi para o norte agora.”⁶

“Estamos indo para Pusan. Você virá comigo?” Moon perguntou a ele.

“Eu não posso. Eu tenho nove membros da família para cuidar,” Kim disse. Ele ajudou a fazer alguns documentos, demonstrando que Moon tinha sido um residente de Heuksok-dong.

Eles partiram, levando mantas e comida da casa de Kwak.⁷ A principal rota seguia para o sul através de Suwon, mas eles viajaram para o sudeste através de Ichon, Yoju, Wonju e Jechon, onde vivia uma das irmãs de Pak. Eles caíram no mesmo padrão da primeira parte da jornada, exceto que havia poucas casas vazias ao longo do caminho. Muitas pessoas idosas ficaram em suas casas. Eles tinham que perguntar se poderiam ficar, e tinham que carregar, ou comprar sua própria comida.

A casa da irmã de Pak estava vazia e eles passaram uma noite lá. Quanto mais eles viajavam para o sul, mais frequentemente eles tinham que mostrar seus papéis de identidade. Mesmo nos pequenos vilarejos, patrulhas tinham sido organizadas. Refugiados sem papéis adequados eram às vezes espancados e assassinados.

A partir de Jechon, eles pegaram a estrada velha, a qual costumava ser a principal ligação de comunicação de Seul para o sudeste nos tempos antes da estrada de ferro. Isto exigiu de sete a oito horas de um dia de luta sobre a passagem Moongyeong, na fronteira das províncias de Chungchong Norte e Kyongsang Norte. Kim carregava a bicicleta, e Moon carregava Pak subindo a trilha íngreme e gelada, que estava coberta de neve recente. No topo da passagem, eles caminharam através do portão antigo. Eles pararam na cidade de Caun. A perna de Pak estava melhorando e a partir daqui, ele era capaz de andar de bicicleta sem ser empurrado.

No dia seguinte em Jeomchon, Moon pediu para Pak ir para uma casa perto, oferecer algum dinheiro para a família e pedir a eles para fazerem alguns bolos de arroz. Pak disse para as pessoas que eles eram refugiados e que tinham estado viajando por dois meses. As pessoas fizeram bolos de arroz suficientes para dez. Eles estavam com tanta fome, que comeram todos. Eles ficaram na cidade por quatro dias, antes de continuar sua jornada.

Em um lugar chamado Yeongcheon, Moon apresentou uma carta de dentro de seu casaco. Ele explicou que tinha escrito em Hungnam para um seguidor, que estava na prisão em Pyongyang, mas que tinha retornado sem ser aberta. Ok Se-hyun, em uma de suas visitas a ele em Hungnam, tinha dito que a pessoa tinha se recusado a aceitar a carta. Ele a tinha guardado por quase três anos, esperando que o seguidor pudesse mudar e aceitá-la. Ele orou e rasgou a carta.⁸

Em algumas cidades, Moon usava um pouco do escasso dinheiro que tinham trazido, ou pedido pelo caminho, para comprar frutas. Em uma ocasião, em um pequeno vilarejo, pessoas ofereceram a eles o jantar em uma noite específica, quando eles chegavam em uma casa vazia. Eles limparam uma panela para cozinhar o arroz, e Kim saiu para procurar por lenha. Ele retornou um pouco depois dizendo que não pôde encontrar nada para queimar. Moon fechou seus olhos por um momento. “Vá para a colina passando alguns arbustos e você encontrará algo,” ele disse isso descrevendo um local próximo. Kim retornou com algumas tábuas de madeira. Eles cozinham o arroz.

“Como você sabia?” Pak perguntou depois que tinham comido.

“A madeira veio de um local de sepultamento,” Moon disse. Ele explicou que o espírito do homem que tinha sido sepultado lá, veio e contou a ele. “Se uma pessoa não fez suficientes boas ações na terra, é muito mais difícil para ela no mundo espiritual fazer seu espírito crescer. As pessoas no mundo espiritual tentam crescer através das pessoas que estão vivas, que têm corpos físicos. Muitas pessoas no mundo espiritual cooperam e me ajudam a fim de alcançar crescimento espiritual.”

Com Pak agora capaz de caminhar, eles viajaram rapidamente para o sul através de Andong, Uiseong, e Yongcheon. Eles chegaram em uma noite em Koncheon, perto da cidade histórica de Kyongju. Pak estava procurando por uma casa para parar e ele viu uma igreja. Ele se aproximou de uma casa ampla pensando que os ocupantes seriam cristãos e mais caridosos. Ele contou ao proprietário que eles eram refugiados, e perguntou se poderiam usar um quarto para a noite e cozinhar seu arroz.

“Por favor, entrem,” disse o homem. “Eu sou um diácono na igreja. Dois dias atrás eu sonhei que três importantes convidados viriam. Por favor, entrem.” Ele mostrou a eles um quarto, e já havia comida preparada. “Eu serei seu anfitrião e os servirei bem.” Ele disse.

No dia seguinte, eles foram para Kyongju, chegando à noite. Eles encontraram um espaço para ficar, mas não tinha luz, nem vela ou eletricidade. Kim saiu para comprar lula, e fez uma sopa com ela no escuro.

“Vendo que temos essa boa sopa, porque não levamos um pouco para o dono da casa?” Moon disse. Kim tirou um pouco para ele e voltou. Após terem tomado a sopa, o dono veio para o quarto com uma vela em sua mão.

“Que tipo de sopa é esta?” ele perguntou.

“É lula. Compramos e preparamos aqui.”

“Antes de cozinhá-la, você deve remover a tinta. Olhem.” Ele segurou a vela sobre a sopa para que eles pudessem ver. A sopa estava preta. Todos eles riram. Após terem passado quatro dias na casa, o proprietário, que era um carpinteiro, disse que eles teriam dificuldades em Pusan, porque a cidade estava agora cheia de refugiados.

“Porque vocês dois mais jovens não seguem para Pusan e o Sr. Pak fica aqui e eu cuidarei dele?” o homem sugeriu.⁹

Moon concordou, e ele e o jovem Kim Won-pil continuaram para Pusan, um porto de pesca na costa leste. Eles compraram bilhetes de trem, e viajaram os últimos cinquenta quilômetros de sua jornada para Pusan em duas horas. Como não havia nenhum espaço no carro de passageiros, eles ficaram na frente, agarrados na frente da locomotiva, com o calor do motor a vapor em suas costas, e um vento congelante de inverno batendo em seus rostos. Eles chegaram na Estação Choryung em Pusan, com frio e com fome, em 27 de janeiro de 1951.

Capítulo 10

A Rocha de Lágrimas

Por todo o congelante inverno de 1950 a 51, refugiados, fugindo do avanço das forças comunistas, chegaram à Pusan. No fim de janeiro, os ataques chineses e norte coreanos foram verificados a sessenta milhas ao sul de Seul e, até meados de março, a capital foi retomada para o sul pelas forças da ONU. Mas enquanto o resultado da guerra permanecia incerto, os refugiados continuavam chegando. Pusan era o lugar mais seguro, ou ao menos o mais distante dos comunistas que se podia chegar.

No combate do norte, noventa e uma mil pessoas tinham sido evacuadas de navio de Hungnam. Centenas de milhares vieram de caminhão, trem ou a pé para Pusan, a Ilha Koje abrigou mais de um milhão de refugiados e um composto de cento e trinta mil prisioneiros de guerra norte coreanos e chineses. Houve épocas de escassez de alimento, exacerbada pela acumulação. Um mercado negro floresceu, e a criminalidade era crescente. Contudo, no meio da vida em ruínas, os coreanos orgulhosos mantinham uma dignidade. Escolas foram iniciadas. Autoridades locais e meninas vestidas alegremente se enfileiravam para recepcionar os navios visitantes dos Estados Unidos. Se recuperando do surto de pânico no início da guerra, os sul coreanos estavam mais confiantes que as tropas da ONU levaria de volta o exército norte coreano. O símbolo mais significativo desta esperança dependente foi a colocação de placas ao longo da estrada do aeroporto para esconder a miséria dos campos da vista de autoridades estrangeiras visitantes.

Cidadãos aplaudiam educadamente os soldados estrangeiros que marchavam através deles para a linha de frente, imaginando em particular por quais meios ou razão, qual intervenção divina ou humanitária, para que tantos estrangeiros viessem em seu auxílio. Alguns se importavam em especular sobre o futuro e perguntar se, como em tempos anteriores na história da Coreia, as forças estrangeiras mais tarde ficariam relutantes em partir quando o conflito terminasse.

Sun-myung Moon e Kim Won-pil chegaram na estação de trem de Pusan no escuro e passaram a primeira noite de cócoras ao lado de uma fogueira que eles fizeram em uma lata de manteiga vazia deixada pelas tropas da ONU.¹ De manhã, no frio, o sol surge revelando o movimento da cidade no tempo da guerra.

Moon começou a procurar conhecidos que ele sabia que estavam na cidade. Ele encontrou Kwak No-pil, o amigo da escola cuja casa vazia ele tinha utilizado recentemente em Seul, em um pequeno quarto alugado, onde ele estava vivendo com sua esposa e a filha bebê.² Eles se cumprimentaram calorosamente, e sentaram a noite toda conversando sobre religião. Moon tentou convencer Kwak que Deus iria resgatar a humanidade do mal. Para Kwak, tudo isto era um conto de fadas. Como cristão, ele estava enfrentando dúvidas sobre sua fé da infância. Ele estava em seu primeiro ano estudando política na Universidade Yonsei em Seul quando a guerra começou, e tanto os seus estudos como a brutal realidade da guerra o levaram a questionar suas crenças.

“A existência de Deus é um problema filosófico para mim. Eu nem mesmo tenho certeza se Ele existe,” Kwak disse.

“Você está fazendo a pergunta errada,” disse Moon. “Você não deveria estar pensando se Deus existe ou não. Isto é tão teórico. Ao invés disso, pergunte porque Deus existe? Para quê Ele existe? Se há uma resposta para essa pergunta, a questão sobre a existência de Deus se responde por si só.”

“Isso é fácil de dizer. Como isto contorna a questão básica, se Deus existe ou não?” insistiu Kwak.

“O que quero dizer é, se você descobre o motivo pelo qual Deus existe, tudo se encaixa, incluindo o fato sobre a existência de Deus. Ponderar somente sobre a existência de Deus carece de um ponto. A questão é, o relacionamento existe, o relacionamento entre Deus e o homem.”

Kwak não ficou convencido. De manhã, Moon começou a falar sobre seu próprio futuro.

“Todas as religiões serão unidas um dia,” ele disse. “Devemos unir as diferentes crenças.” Ele disse que iria escrever um livro e que seu ensinamento tinha que ser espalhado por todo o mundo.

“Um dia a Coreia será uma grande nação. Cristãos virão aqui de todas as partes do mundo e aprenderão este ensinamento,” Moon disse.

Kwak ouviu em silêncio, pensando consigo mesmo, “Coreia? Grande? No momento Pusan é tudo o que resta da Coreia. Ele está louco.”³

Em uma tarde, após acabar de chegar na cidade, Moon estava subindo uma escada na estação de Pusan. Estava chovendo bastante. Havia quarenta degraus. No topo, ele viu uma pessoa que reconheceu. Era Aum Duk-moon, seu velho amigo de faculdade. No primeiro instante, Aum pensou que a pessoa olhando para ele, que era vagamente familiar, era um mendigo. Moon, barba por fazer e encharcado, estava vestindo uma camisa branca estilo tradicional, cinza de sujeira, calças cáqui e sapatos pretos de borracha.

“Moon!” Aum gritou ao reconhecê-lo. Eles se abraçaram.⁴ Moon disse que ele tinha fugido do norte da Coreia. Aum estava trabalhando na cidade como arquiteto quando a guerra começou, e agora estava trabalhando no projeto de construção de um hospital.

“Quando você chegou aqui? O que você está fazendo?” Aum perguntou. Moon sorriu e não respondeu. “Onde você está ficando?” Aum perguntou.

“Eu cheguei ontem, por isso não tenho um lugar para ficar,” Moon disse.⁵ Como Kim Won-pil havia encontrado um trabalho como garçom e tinha recebido alojamento do dono do restaurante, Moon estava por sua própria conta e sem teto.

“Venha e fique comigo,” Aum disse.

“Eu não quero causar nenhum problema a você,” disse Moon.

“Não se preocupe. Venha e fique,” Aum insistiu.

“Tudo bem, mas eu ficarei apenas por três dias,” disse Moon. Aum, sua esposa e dois filhos estavam alugando o segundo andar de uma casa particular na região de Bumin-dong da cidade. Aum deu para Moon algumas roupas secas.

“Não há aquecimento aqui. Está realmente gelado. Vamos sair e tomar uma bebida,” Aum disse. Ele lembrou que Moon não bebia e disse que Moon poderia comer no bar.

“Eu prefiro não ir lá,” disse Moon.

“Tudo bem,” disse Aum. A esposa de Aum, Ko Hee-yong, preparou o jantar para eles e lavou as roupas de Moon. Durante o jantar, Moon contou a história de sua jornada com Pak Chong-hwa e Kim Won-pil desde Pyongyang.

“Sendo que você esteve lendo a Bíblia tão fielmente durante nosso tempo de estudo no Japão, vamos conversar sobre o Cristianismo,” disse Aum. Quando Moon começou a falar, Aum sentiu um poderoso calor por dentro.

Moon ensinou para Aum seu ponto de vista sobre Deus e sua providência durante vários dias. Educado como um Budista, Aum não tinha nenhum entendimento do Cristianismo, mas respeitava Moon e não desafiava seus pontos de vista. Uma noite, ele teve um sonho no qual uma mulher apareceu para ele, reivindicando ser a irmã de Jesus. A mulher disse que Jesus se ressentia de sua própria mãe e que Moon tinha a chave para libertar Jesus de seu ressentimento. Aum falou para Moon sobre o sonho, e Moon explicou sobre a vida de sofrimento de Jesus, que ele afirmava, que nem mesmo os cristãos compreendiam. Aum abandonou sua atitude familiar e começou a chamar Moon de *Sonseng nim*. Como uma cortesia considerando seu novo respeito, ele deu para Moon seus pauzinhos de prata, os quais ele mesmo tinha utilizado anteriormente, e pediu para sua esposa servir Moon primeiro nas refeições.

Aum e sua esposa sentiram suas vidas sendo transformadas. Moon, eles acreditavam, possuía alguma conexão especial com Deus. Um dia, a esposa de Aum caiu da escada e desmaiou. Aum queria levá-la para o hospital, mas Moon a pegou e a deitou no chão, e orou sobre ela intensamente até que ela voltou.

Naquele domingo, Kim Won-pil e Ok Se-hyun vieram até a casa de Aum e eles realizaram um pequeno culto de adoração. Moon e Kim tinham encontrado a Sra. Ok através do Rev. Han Sang-dong, um ministro refugiado cujos cultos ela tinha atendido em Pyongyang.⁶ Moon também encontrou a Sra. Lee, sua antiga senhoria em Seul. Ela deu para Ok algum material para fazer algumas roupas para Moon e Kim, mas eles venderam mais tarde o material para pagar o aluguel.

Logo após o primeiro culto de domingo, a senhoria idosa de Aum disse que ela queria que Moon partisse. Ela pensava que era incomum que Moon estava vivendo com Aum, sua esposa e dois filhos nessas condições tão apertadas e ficou irritada por suas conversas que seguiam até a madrugada. Aum a impediu de ordenar diretamente para Moon sair, e em retaliação, ele fez toda a família sair.

Eles encontraram outro alojamento com dois quartos, onde Kim Won-pil pôde se juntar a eles, e os homens dormiam em um quarto e a esposa de Aum e os filhos no outro quarto. Depois de uma semana, eles foram colocados para fora novamente. Aum enviou sua família para encontrar um lugar em Masan, uma cidade ao longo da costa de Pusan. Aum então dormia no carro de um amigo.

Enquanto isso, Moon tinha localizado Kim Won-dok, o oficial do exército norte coreano que ele tinha encontrado na prisão. Após sua transferência de Hungnam, Kim sobreviveu a um massacre de prisioneiros pelo recuo de guardas comunistas durante a Guerra da Coreia. Ele fugiu para a Coreia do Sul, onde se tornou um policial.⁷ Moon ficou com ele e sua mulher recém-casados há duas semanas.

Às vezes Moon trazia Kim Won-dok e Aum Duk-moon para o restaurante onde Kim Won-pil estava trabalhando. Won-pil pedia para o proprietário se ele poderia servir comida para eles. Foi somente quando notou como Moon devorava sua comida, que ele compreendeu quão faminto ele devia estar. De fato, Moon frequentemente não tinha nenhuma comida para comer, e em abril, ele não tinha nenhum lugar para ficar. Alguns dias ele foi para as docas de Pusan para procurar trabalho, e ele trabalhava por toda a noite e dormia ao relento no calor do dia.

Mas havia a esperança que as circunstâncias mudariam, pois Moon ainda carregava com ele o mapa do tesouro que Pak tinha recebido na prisão. No verão de 1951, Moon levou Aum para a cidade costeira de Yosu para procurar o tesouro. Yosu obteve alguma notoriedade como o local de um levante comunista alguns anos antes, e as vítimas foram enterradas no cemitério público. Foi lá que, de acordo com o conto que Moon tinha ouvido na prisão, o viajante coreano retornando da Índia tinha enterrado suas jóias. Eles ficaram em uma pousada perto do cemitério, e começaram a procurar por um pequeno poste com as marcas '*nam-hae-bo*' (tesouro do mar do sul) no cemitério. Depois de dois dias, eles desistiram e retornaram de mãos vazias para Pusan.⁸

Moon e Kim pegaram um quarto em uma pensão para trabalhadores, em frente à estação Choryung. Moon tinha começado a escrever sua teologia na casa de Kim Won-dok, mas a atmosfera do novo lugar não era propícia para continuar este trabalho. As paredes de papel não davam nenhuma privacidade ou fuga do barulho das noites de bebedeira dos outros hóspedes. Depois de dez dias, eles decidiram que deviam procurar um lugar para construir sua própria casa, e eles se mudaram, em julho, para Pomne-gol, uma encosta no distrito de Pomil-dong, na periferia da cidade.⁹

Com Aum e Kim em seus trabalhos durante o dia, Moon fez sozinho a maior parte da construção para fazer o nível da fundação, ele levantou o lugar com pedras, que ele recolheu ao redor da colina e carregou em uma caixa de madeira, amarrada em suas costas. Ele escavou o solo e carregou sacos de pedras para o lugar. Ele cobriu cada camada de pedras com terra e derramou água sobre ela, e então colocou outra camada. As paredes e telhado foram construídos de madeira e caixas de papelão de lojas. Ele fez uma janela e cobriu o telhado com papelão. Por causa da pesada chuva de verão, os dois primeiros esforços para fazer a fundação fracassaram. Na terceira vez a fundação ficou sólida. A casa de um cômodo de três por dois metros foi terminada em setembro. “Aos nossos olhos, essa cabana era como um palácio,” lembrou Aum.¹⁰



A cabana que Moon construiu com caixas de ração em Pusan em 1951. (AES-UCM, Seul)

Moon, Kim e Aum dormiam lá em um tapete, cabeça de um virada para os pés do outro, e faziam suas refeições do lado de fora de uma caixa de maçãs. Da colina à noite, eles podiam ver o porto da cidade onde os navios americanos e das Nações Unidas atracavam, trazendo tropas e suprimentos. Às vezes Moon pediria para Aum cantar, e eles conversariam e cantariam até a madrugada.

Vinte metros a baixo na colina, havia outra casa construída por refugiados, na qual viviam dezesseis membros de uma família chamada Song. Os Song, uma vez bem sucedidos budistas na Coreia do Norte, tiveram que vir de trem de Pyongyang.¹¹ Um dos filhos dos Song, Moon-kyu de doze anos de idade, liderou um grupo de trinta meninos refugiados na região que ocasionalmente ajudaram Moon e Kim Won-pil com a construção da casa.

Um dia Moon, a quem os meninos chamavam de 'Grande Tio,'¹² o chamou. “Siga-me até a colina,” ele disse. Song Moon-kyu o seguiu.

“Você sabe quem é Jesus Cristo?” Moon perguntou de repente.

“Eu não sei,” Moon-kyu respondeu.

“Você sabe onde é Israel?”

“Não.”

“Você não sabe, mas da próxima vez, filho, eu contarei a você,” disse Moon. O menino não estava tão interessado, mas ele ficou impressionado com o Grande Tio.

Depois de construir a casa, Moon escavou a nascente perto para fazer um poço, que a família Song utilizava. Uma noite na estação dos tufões, o telhado dos Song se foi. De manhã, Moon trouxe a eles uma sopa quente. Os Song reconstruíram sua casa como Moon tinha feito a sua, com uma base de pedras e barro.

Frequentemente Moon levava o jovem Moon-kyu para o alto da colina até uma rocha grande e pedia para ele esperar enquanto Moon escalava a rocha. Moon desaparecia por horas. Embora inquieto e curioso, Moon-kyu esperava como ele tinha dito. Mais tarde ele soube que Moon estava escrevendo sua teologia. Em dia de vento forte, Moon-kyu relutantemente concordou em deixar o Grande Tio ter um momento com sua pipa. Moon-kyu, o líder do grupo de meninos, tinha amarrado pedaços de vidro quebrado ao fio, para que se este tocasse outras pipas, isto poderia cortá-las. Moon correu e depois de algum tempo com a força do vento, o fio da pipa quebrou e ela voou para longe. O menino estava inconsolável. Ele não pôde dizer nada para o Grande Tio, que tinha sido gentil com ele antes, assim, ele descarregou sua raiva gritando com os membros de seu grupo.

Os vizinhos se tornaram próximos. O pai de Moon-kyu convidou Moon várias vezes para vir e tomar uma bebida, mas Moon recusou. Sua mãe e irmã às vezes ajudavam Moon e Kim a preparar e cozinhar as refeições. Alguns anos mais tarde, o jovem Moon-kyu, seu pai, sua irmã e outro membro do grupo de meninos se tornaram seguidores de Moon.

Enquanto isso, a Sra. Ok Se-hyun vinha duas vezes por semana para cozinhar para eles e lavar suas roupas. Mais tarde ela passou mais tempo cuidando de Moon, Kim e seus convidados, um compromisso que criou mais atrito com sua família. Mais tarde Aum deixou a casa para se juntar a sua família.¹³

Antes do amanhecer, Moon subia a colina para orar. Às vezes ele levava Kim Won-pil e pedia para ele parar em um ponto e orar, enquanto ele seguia para outra rocha para orar também. Moon passava bastante tempo neste lugar, o qual mais tarde ficou conhecido por seus seguidores como a 'rocha das lágrimas'.

As orações de Moon naquela época sempre eram cheias de lágrimas. No meio da noite, Kim às vezes despertava com o som de Moon chorando ou cantando baixinho, enquanto orava ajoelhado.

Moon passava muito de seu tempo escrevendo o Princípio. Depois de escrever várias páginas, ele pedia para Kim ler de volta para ele, e então fazia as correções. Quando as idéias vinham, ele as rabiscava nas paredes ou no teto da casa. Em uma manhã bem cedo, ele acordou Kim e pediu para ele acender a lamparina de querosene. Ele ditou o capítulo inteiro sobre o retorno de Cristo de uma vez.¹⁴

Kim Won-pil, estava agora trabalhando como um ajudante de pintor em uma base do exército americano. Ele arranjou para Moon um trabalho por um mês de carpinteiro na base. Um dos colegas de trabalho de Kim costumava fazer pinturas para as tropas americanas, de esposas e namoradas e membros da família, a partir de fotos. Um dia, para retribuir Kim por cobri-lo enquanto trabalhava à noite, o colega de trabalho subcontratou Kim para fazer o mesmo trabalho de retratos.

“O primeiro serviço que ele me deu era uma foto de uma garota negra. Até aquele momento, eu nunca tinha visto uma pessoa negra. Porque era uma fotografia em preto e branco, eu estava completamente perdido sobre qual cor pintar seu rosto na pintura. Depois de tentar com bastante dificuldade por quatro horas, eu finalmente terminei uma pequena pintura. Com a incerteza, eu trouxe a imagem para trabalhar no dia seguinte, pensando que teria sucesso se meu colega de trabalho ficasse feliz com ela, embora ele poderia pensar que não estava bom o suficiente para pagar por ela. Para minha surpresa, ele realmente gostou do retrato e disse que eu era muito bom. Ele não somente me pagou mais do que eu esperava, mas me deu mais serviços. Então eu me tornei profissional.”¹⁵

Na hora que Kim chegava em casa do trabalho por volta das seis horas da tarde, Moon teria as tintas e pincéis prontos. Enquanto mais trabalhos vinham, eles passariam seis ou sete horas trabalhando nos retratos.

Kim, o artista, fazia o esboço da figura e Moon pintaria as roupas e preencheria o fundo, até que eles estavam produzindo em massa à taxa de um retrato a cada vinte e cinco minutos. Kim dava seus proventos no final de cada mês para Moon comprar arroz, madeira, querosene e alimento para o acompanhamento. Certa manhã, ele se desculpou com Kim porque ele tinha usado todo o dinheiro, e meticulosamente relatou quanto tinha gastado com comida ou dado dinheiro para transporte para os visitantes, que estavam vindo em número crescente.

Anos mais tarde, os discursos publicados de Kim sobre estas experiências de seus primeiros anos vivendo na intimidade com Moon teria uma grande influência sobre uma nova geração de seguidores de Moon. Um incidente causou a inveja de Kim de outro seguidor, que ele se tornou tão ruim, que um dia se recusou a falar com Moon.

“Várias vezes, o Pai disse: ‘Você tem que falar comigo, por favor, fale comigo.’ Mas eu me recusava a responder. Depois que o Pai repetiu isto para mim várias vezes, em meu coração eu sentia muita tristeza, mas meu orgulho me impedia de respondê-lo. Finalmente, o Pai começou a chorar, implorando para mim: ‘Por favor, fale.’ Porque o Pai estava chorando, eu fiquei comovido e também comecei a chorar. Então eu pude falar com ele.”

“O Pai ouviu o que eu tinha para dizer, e então me disse: ‘Se você tem um problema ou sentimento ruim sobre algo, não prenda dentro de você por mais de três horas. Você deve resolver isto em três horas.’”¹⁶

Em 10 de maio de 1952, Moon completou o trabalho de escrever o Princípio. Nesse mesmo dia, uma seminarista Presbiteriana de vinte e cinco anos de idade chamada Kang Hyun-shil fez seu caminho até a encosta lamacenta onde Moon vivia em Pomne-gol para encontrá-lo. Sua intenção era convertê-lo, mas ao invés, ela se tornou a primeira evangelista da ainda sem nome Igreja de Unificação.



Kang Hyun-shil, a primeira evangelista da Igreja de Unificação

A Srta. Kang vinha de uma família fortemente cristã.¹⁷ Seu pai foi um ancião da igreja que tinha sido aprisionado pelos japoneses por recusar as ordens do governo de adorar em um templo Xintoísta. Enfraquecido pela tortura, ele morreu algumas semanas depois de sua libertação. Kang dedicou sua vida para Deus e, depois da derrota dos japoneses, se matriculou no Seminário Teológico da Coreia em Pusan onde o fundador, o Rev. Han Sang-dong, tinha estado na prisão com seu pai. O seminário era rigoroso e fundamentalista em sua abordagem. Ela participava na igreja em Pomil-dong.

“Naquele tempo eu era louca por Jesus. Eu estava determinada a testemunhar até que toda a Coreia fosse convertida. Eu orava por horas todos os dias. E também visitava pacientes terminais com tuberculose no hospital, cujas famílias nem mesmo chegavam perto, por medo de infecção, e orava, chorava e as abraçava para salvá-las.”¹⁸

Quando um membro da congregação em sua igreja contou a ela que havia um jovem ensinando sobre a queda do homem e a salvação de uma forma diferente, ela orou por uma semana por orientação se ela deveria ir salvá-lo.

No dia 10 de maio, estava chovendo e, ao invés de visitar membros da igreja, ela foi para a igreja orar. Lá ela teve uma inspiração para ir vê-lo. Com alguma dificuldade, ela encontrou o casebre de Moon e foi convidada para entrar pela Sra. Ok. Algum tempo mais tarde, Moon chegou. Ele estava vestindo calça escura estilo coreana sem as fitas habituais do tornozelo. Um casaco antigo cor castanho, sapatos de borracha e meias com o símbolo do exército dos Estados Unidos. Ela pensou que ele era um operário.

“Olá. De onde você vem?” Moon perguntou.¹⁹

“Eu sou da igreja Presbiteriana na aldeia,” ela respondeu. “Eu sou uma evangelista.” Moon colocou um tapete sujo no chão e convidou uma hesitante Kang para se sentar.

“Deus tem dado a você tanto amor pelos últimos sete anos,” Moon disse. O comentário foi tão inesperado que atingiu Kang. Ao invés de seguir para o motivo pelo qual ela estava ali, ela se viu tentando descobrir o que ele quis dizer. Ela se lembrou que faziam sete anos desde que ela tinha dedicado pela primeira vez sua vida a Deus.

“Hoje é um dia muito especial, e você é muito afortunada por estar aqui,” Moon disse. Ele mais tarde contaria a ela que tinha terminado seu manuscrito naquele dia, e tinha acabado de retornar da colina, onde tinha orado para Deus enviar discípulos para ele.

Moon começou a falar sobre o retorno de Cristo. Quando aqueceu o assunto, ele começou a falar energeticamente, e no volume que a jovem senhora cristã começou a se sentir constrangida. Ela inclinou para longe dele na direção da parede e olhou para o rosto dele. Seus olhos pareciam estar em chamas, e ele continuava tomando goles de água de uma garrafa.

“O messias virá da Coreia,” Moon disse.

“Esta seria uma idéia maravilhosa,” Kang disse. “A Coreia é um país muito pobre com tantos problemas. E também, seria tão afortunado se o messias viesse com um corpo carnal como o nosso. Mas é impossível acreditar nesse tipo de coisa.”

Após três horas, Moon parou. Kang, aliviada, se levantou para partir, mas Moon insistiu que ela ficasse para o jantar. Ele ofereceu uma refeição de cevada, kimchi azedo e queijo de soja em uma pequena mesa de pinho.

“Você poderia orar?” Moon pediu antes deles comerem. Kang, ainda incapaz de organizar seus pensamentos após a três horas de bombardeio, recusou. Exausta e irritada, ela tinha abandonado qualquer idéia de converter este herege. Moon fechou seus olhos para dizer a oração. Ele começou uma oração de consolação para um Deus sofredor e, como ele fazia, começou a chorar.

“Eu gostaria de resolver a Sua dor. Pai Celeste, o Senhor tem esperado para encontrar alguém que possa cumprir Sua vontade. Eu quero cumprir Sua vontade e trazer o mundo de volta para o Senhor.”

Kang estava assustada. Nestas palavras, ele viu um grande contraste entre a atitude dele com Deus e a sua. Ela esteve orando, por horas todos os dias, para a congregação e para a Coreia, mas sua abordagem fundamental era um apelo a Deus para ajudá-la e para dar o que ela precisava. Mas este homem estranho na colina estava dizendo para Deus: “Não se preocupe, eu cuidarei do Senhor.” Ela nunca tinha se deparado com tal atitude em relação a Deus. Ela foi profundamente comovida. Ela compreendeu que ele era aquele que deveria ensiná-la sobre fé, e não o contrário.

“Você já disse tudo o que quer me dizer?” Ela perguntou a ele após acabarem de comer.

“Se eu quiser falar a você, isto levará o dia inteiro e a noite inteira por vários dias,” ele disse. “Tudo o que estou falando é novo.”

“Então eu devo voltar novamente,” Kang disse.

“Embora esta sala seja tão medíocre e pouco apresentável, eu estou abrindo esta porta para toda a humanidade. Eu sei que muitas pessoas perderam seu caminho e não sabem o que fazer. Tantas pessoas estão sofrendo. Devemos ajudá-las. Por isso, mantenho minha porta aberta vinte e quatro horas por dia.” Moon a acompanhou de volta para sua igreja na escuridão.

Kang retornou na semana seguinte e Moon explicou suas perspectivas sobre o propósito de criação de Deus.

Em sua terceira visita, Kang ficou tão absorvida no discurso de Moon que ela ficou até às 3:45 da manhã, o que era muito inadequado para uma jovem mulher de sua idade na sociedade coreana. Ela voltou correndo para sua igreja para conduzir a reunião de oração diária das 4 horas da manhã, preocupada que ela não tinha preparado nada para a congregação. Ela falou espontaneamente na reunião e ficou muito surpresa quando as pessoas começaram a chorar, a bater no peito e se arrepender de seus pecados. A experiência com Moon tinha preenchido ela com inspiração e fervor, mas ela ainda não podia compreender para onde isto estava conduzindo. Ela perguntou a Moon, esperando que ele dissesse que ela devia apenas acreditar no que ele estava dizendo ou que ela iria para o inferno.

“Você não quer saber se este ensinamento vem de Deus ou do homem? Você deve descobrir isto,” ele disse.

“Mas como posso obter a resposta?” ela perguntou.

“Deus ama muito você. Ele dará a resposta para você,” ele disse.

Ela começou a orar toda manhã pela resposta. No início, ela começou a ter dúvidas sobre Moon. Tem havido muitas teorias teológicas através da história, mas nada realmente mudou. Este ensinamento é lógico e racional, mas é provavelmente apenas uma moda passageira.

Enquanto seguia esta linha de pensamento, ela se sentia bloqueada até Deus, incapaz de orar. Ela desenvolveu dores de cabeça e dores no peito. “Este é o inferno,” ela pensou. “O inferno não é um lugar, mas a ausência de comunicação com Deus.”

No quarto dia deste tormento, um versículo da Bíblia veio para sua mente:

“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”²⁰

Ela começou a se arrepender por sua falta de confiança em Moon e sentiu seu coração aberto mais uma vez para o espírito de Deus.

“Onde você estava?” Moon perguntou, quando ela foi vê-lo.

“De fato, eu estive no inferno,” ela respondeu zangada.

“O que você quer dizer?” ele perguntou. Kang relatou sua experiência. “Antes de encontrar você, eu não tinha nenhum problema,” ela disse. “Tudo estava muito bem. Mas agora eu tenho dores e minha cabeça dói. Meu coração está confuso e cheio de problemas. Eu nunca tinha sido incapaz de orar antes. Você tem que pagar de alguma forma pelo dano que está me causando.” Moon olhou para ela com tristeza. Suas queixas o deixaram incomodado e ele saiu para orar, deixando a Sra. Ok para aconselhá-la.

“Ele é realmente um grande homem. Deus ama muito ele,” Ok disse.

“Porque você sempre o elogia? Ele é apenas um homem,” Kang resmungou.

“Eu compreendi quem ele é através de uma revelação de Deus,” Ok disse.

“O que você quer dizer, uma revelação de Deus? Deus realmente falou a você?”

“Sim, eu ouvi a voz de Deus falando comigo,” Ok disse.

“Como soa a voz de Deus?” Kang perguntou.

“Bem, ela soa semelhante à voz de um homem,” Ok disse.

“Eu tenho sido uma cristã por um longo tempo, e nunca ouvi a voz de Deus. Por isso, da próxima vez que você o ouvir, porque você não me convida?” ela disse.

“Quando Deus fala para uma pessoa, esta é uma experiência espiritual para essa pessoa,” Ok disse. “Nesse momento, somente essa pessoa pode ouvi-lo.”

“Eu mesma posso ouvir então a voz de Deus?” Kang perguntou.

“Se você jogar fora seus pensamentos egoístas e orar com um coração sincero, e apenas abrir-se para Deus, então Ele pode falar a você,” Ok respondeu.

Após vários dias de oração, Kang ficou surpresa ao ouvir uma voz baixa falando uma citação da Bíblia:

“Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.”²¹

Ela estava em sua igreja, sozinha, quando ouviu a voz. O versículo foi repetido três vezes. Ela olhou ao redor buscando a origem da voz, mas não pôde ver ninguém.

“Você está ficando louca?” Moon perguntou quando ela contou a ele.

“O que você quer dizer? Eu apenas estou tentando entender,” ela disse.

“Não se preocupe,” ele brincou com ela. “Se você está ficando louca por Deus, está tudo bem.”

Um dia, ela estava sentada na casa simples com Moon. Ela olhou para as paredes, manchadas pelos vazamentos, e para o resto de lona cobrindo o chão e disse: “Aqui estamos sentados nesta pequena e suja cabana, e você está falando sobre unificar o Cristianismo e todas as religiões, e edificar o reino de Deus na terra. Antes de começar a falar sobre isso, você não acha que deveria conseguir uma casa decente, onde possa convidar as pessoas?”

“Abra sua Bíblia,” ele disse. “Em qualquer lugar.”

Antes que ela pudesse olhar qual página tinha aberto, ele disse: “É Mateus 14.31. Leia.” Surpresa, ela leu:

“E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o, e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidaste?”

“Porque você duvidou?” Moon repetiu as linhas em voz baixa. Kang sentiu que Deus estava falando com ela.

Em outro dia, Moon pediu para ela começar a testemunhar. “Você irá encontrar alguém amanhã,” ele disse.

“Eu não posso testemunhar. Eu não sei como ensinar seu Princípio. Com a Bíblia era muito fácil, mas isto é muito complicado,” ela protestou.

“Apenas fale,” Moon disse. “Diga alguma coisa.”

No dia seguinte, após o culto de oração matinal, Kang convidou Kim Je-san, a evangelista líder em sua igreja, para sua casa.²² Ao contrário de Kang, Kim Je-san tinha uma ampla experiência de fenômenos espirituais.

Quando era muito jovem, ela pensava que Deus era como o sol e uma vez ela saiu furtivamente de sua casa no amanhecer para encontrá-lo. O vilarejo inteiro saiu para procurá-la. Por volta dos vinte anos, uma vez seu esposo a espancou por dar o dízimo para a igreja, e ela ficou em coma por três dias, período durante o qual, ela disse ter encontrado anjos, São Pedro e Jesus, e perguntado a eles onde ela poderia encontrar Deus. Por cinco anos, ela orou desde a meia-noite até às 5 horas da manhã pela libertação da Coreia do regime japonês. Ela teve uma visão da Segunda Guerra Mundial antes dela começar, e mais tarde, antes da Guerra da Coreia, teve uma experiência na qual Jesus apareceu diante dela e disse para mudar com sua família de Seul para Pusan. Lá ela se juntou à mesma igreja de Kang Hyun-shil.

“Ambas acreditamos em Jesus, mas nosso propósito é encontrar o Senhor quando ele retornar,” Kang disse. “Vamos orar sobre isto.”

Depois delas terem orado, Kim disse que ela tinha visto três lâmpadas, então três rosas de Sharon (a flor nacional da Coreia), e então o rosto de Jesus.

“Isto significa que a luz virá para a Coreia,” ela anunciou.

No dia seguinte, elas oraram juntas novamente, e Kim Je-san teve outra experiência espiritual. Em sua oração, ela disse, ela viu Jesus acenando para ela a partir de uma colina. Ela subiu a colina e um anjo apareceu, segurando uma balança na qual estava uma pêra, que se transformou em um sol. Ele parecia estar tentando dizer algo para ela. “Há somente um sol,” ela disse para o anjo. “E este está no céu. Ele é Deus. Há outro na terra?”

O anjo colocou o sol para baixo e a conduziu para descer a colina até uma casa. “Talvez Satanás está tentando me enganar,” ela pensou. Ela abriu um pouco a porta e viu um homem na casa.

“Hoje minha oração não foi bem sucedida,” ela contou para Kang. “Eu vi um anjo, uma casa e uma pessoa, mas isto não fez sentido.”

No terceiro dia, Kang levou ela para encontrar Moon. Quando ela se aproximou da casa de Moon, Kim disse que ela reconheceu a casa como aquela que tinha quase entrado em sua visão. Ela entrou e viu Moon na pequena sala, e explodiu em lágrimas.

“Como foi possível você vir aqui?” Moon perguntou.

“Sinto muito” disse Kim, não captando o sentido que ele falou.

“Sua herança de antepassados capacita você. Você deu vida para muitas pessoas que estavam mortas,” ele disse.

“Foi Jesus, não eu,” Kim disse.

“Você tem sofrido muito,” Moon disse, com sua voz embargada de emoção. Quando ela explicou as recentes visões que a conduziram, Moon disse que elas eram para Kang, não para seu próprio benefício. “É tão difícil para Hyun-shil confiar em alguma coisa,” ele disse.

Enquanto isso, Moon soube que Kim Baek-moon, o líder da Igreja Israel Jesus, cujos cultos ele tinha participado em Seul em 1946, tinha fugido para Pusan com alguns seguidores. Moon enviou a ele um presente de arroz e foi vê-lo, mas foi rechaçado. Grandes e influentes seguidores de Kim dispersaram durante a guerra e ele mais tarde reconstruiria o grupo, embora ele nunca recuperou sua antiga estatura.²³ Quatro ou cinco seguidores vieram ver Moon. Uma era Lee Kee-hwan, a quem Moon tinha conhecido quando era um estudante.²⁴ Uma mulher profundamente fervorosa, ela ficou surpresa quando Moon pediu a ela para orar sobre ele.²⁵ Naquela noite em suas orações, ela sentiu Deus dizendo que Ele amava Moon mais do que o restante da humanidade. Quando ela contou para Moon, ele disse que ela devia perguntar a Deus a quem ele amava mais, Jesus ou Moon. Como uma cristã devota, ela ficou relutante em orar dessa maneira blasfema. Mas, lembrando a resposta para a primeira pergunta, ela foi em frente. Na forma de resposta, ela recebeu uma visão na qual Jesus e Moon apareceram diante dela, com Deus de pé, em espírito, entre eles. Deus se moveu na direção de Moon e desapareceu dentro dele. Na base desta profunda experiência, ela se tornou uma seguidora.

Um outro dos seguidores de Kim Baek-moon era Pak Kyong-do, um dos ex-alunos da escola dominical de Moon em Seul. Ele agora era um tradutor para a 2ª Infantaria dos Estados Unidos. Pelos sete ou oito meses seguintes, Pak foi um visitante regular, e às vezes passava a noite.²⁶ Ele levou Moon para visitar o Rev. Pak Song-san, que liderava a Igreja Pentecostal em Heuksok-dong, Seul, e pediu a ele se poderiam realizar uma reunião de reavivamento em conjunto. Moon explicou que, como sua casa não era uma igreja oficial, seus cultos estavam começando a atrair a atenção. O ministro recusou.

Um dia em Pusan, Pak Kyong-do viu um soldado americano distribuindo panfletos, em inglês e coreano, convidando as pessoas para uma igreja local. Pak parou para conversar com o homem e convidá-lo para Pomne-gol. O soldado aceitou, evidentemente com o objetivo de fazer proselitismo.²⁷ Ele se apresentou como Clayton O. Wadsworth e disse que trabalhava na administração do hospital do exército em Pusan. Com a interpretação de Pak, Moon falou a ele sobre suas perspectivas sobre o propósito de Deus para a criação e sobre a queda do homem.

Ok Se-hyun pediu para Pak dizer ao americano que Moon era o Messias. Embora ele ainda não estivesse convencido do fato, Pak fez isso quando Wadsworth visitou a casa de Moon pela terceira vez. Wadsworth os visitou em mais duas ocasiões, e então disse que não queria vir mais.

“Por favor, ore sobre isto,” Pak pediu.

“Eu não preciso,” Wadsworth disse. “Há muitas pessoas assim na América também.”²⁸

Em dezembro de 1952, Moon teve uma visita de um evangelista cristão de trinta e seis anos chamado Lee Yo-han. Lee era de Sonchon, apenas alguns quilômetros da própria casa de Moon no Província de Pyong-an do Norte. Ele tinha participado no seminário no Japão e tinha sido expulso por se recusar participar nas cerimônias Xintoístas. Ele tinha ouvido sobre Moon pela primeira vez quatro anos antes, em outubro de 1948, quando ele estava em Seul e Moon estava na prisão em Hungnam. Alguns dos seguidores de Moon, incluindo a Sra. Ok, tiveram que ir para Seul e falar sobre o jovem pregador, que dizia que todas as igrejas deveriam se tornar unidas.²⁹



Lee Yo-Han, que se juntou a Moon em Pusan.

Quando a Guerra da Coreia começou, Lee foi com um grupo de refugiados Presbiterianos para Pusan e mais tarde para Cheju, uma grande ilha entre Japão e Coreia. Lee tentou convencer amigos cristãos que a crença na salvação não era suficiente. “Devemos utilizar a Bíblia para desenvolver a nossa personalidade e superar nossa natureza decaída e maus hábitos,” ele dizia.³⁰ Era também sua visão que eles estavam vivendo nos Últimos Dias, o período profetizado do retorno de Cristo, e que Cristo retornaria como um homem. Por isto, Lee foi denunciado a partir do púlpito, diante de de quatrocentos fiéis refugiados, como um herege. Um de seus vizinhos cristãos percebeu que as páginas da Bíblia de Lee estavam pesadamente sublinhadas, o que era incomum. Ele também foi considerado estranho porque ele orava com seus olhos abertos. O vizinho imaginou se Lee era um Comunista, mas foi impedido de denunciá-lo para a polícia por sua esposa.³¹ O perigo de tal suspeita não deve ser subestimada. A Ilha Cheju tinha sido o local da pior brutalidade anticomunista na história moderna coreana, quando uma rebelião popular comunista estourou em 1948 e foi impiedosamente reprimida. Por várias estimativas, entre dez e vinte e cinco por cento dos trezentos mil habitantes da ilha foram assassinados pela polícia e milícias anticomunistas de grupos de jovens da Coreia do Norte.

Em setembro de 1952, Lee retornou para Pusan, e formou um grupo com cristãos que tinham recebido revelações sobre o retorno de Cristo. Em novembro, ele encontrou a Sra. Ok, que falou novamente a ele sobre Moon. Ela disse que ele estava ensinando sobre os Últimos Dias e que seus cultos eram muito inspirados. No dia que ele veio para Pomne-gol, Lee recebeu algum dinheiro de Moon que pediu para ele sair e comprar alguns mantimentos.³² Tendo em conta a percepção coreana sobre posição social, Lee poderia ter se ofendido e ido embora. Afinal de contas, ele era um evangelista com seus próprios seguidores, e não um menino de recados. Mas, se Lee sentiu qualquer ofensa, ele não deixou isto entrar no caminho de sua razão para visitar Moon. O que mais tarde seria interpretado por outros Unificacionistas como um 'teste' de sua humildade, para a própria modéstia de Lee, não era nada mais do que isso – um pedido para comprar mantimentos.

Lee ficou inspirado pelas explicações de Moon sobre a queda do homem e a vida de Jesus. Mas foi seu ensinamento sobre os padrões da história providencial de Deus que o convenceram que era verdade. Ele se juntou e foi morar com Moon.

Ele ficou impressionado pela misteriosa perspicácia de Moon e o conhecimento detalhado do passado de uma pessoa.

“Você se recusou a adorar em um templo Xintoísta, não é?” Moon perguntou um dia.

“Sim. Eu fui expulso do seminário por isto. Como você soube?” Lee perguntou. Se era porque a Sra. Ok tinha contado para ele, Moon não disse. Lee assumiu que Deus tinha contado para ele.

Moon agora teve que enfrentar uma nova e dolorosa luta pessoal, de uma origem inesperada – sua família. Em novembro de 1952, ele finalmente encontrou de novo sua esposa, Choi Sun-kil. Ela nunca tinha perdido a esperança que eles seriam reunidos, e tinha permanecido fiel durante os anos de separação causada pela prisão e a guerra. Mas tragicamente, sua agonia não tinha acabado.

O primeiro encontro deles deu o tom do que viria a seguir. Ela havia conhecido um dos primos de Moon e obteve o endereço da casa de Pomne-gol. Um dia, ela invadiu a casa com raiva, enquanto ele estava falando com algumas seguidoras, entre elas a Sra. Ok e Kang Hyun-shil.³³ Choi estava vestindo calças roxas, uma blusa cinza e sapatos esportivos. O filho deles, Sung-jin, que estava agora com seis anos de idade, estava vestido com calças largas e uma camisa com listras multicoloridas.

“Você está vivo,” ela gritou. “Porque você não disse nada por todos estes anos? Eu tenho sofrido muito. Eu tive que comer cevada e dar o arroz bom para o bebê, e cuidar dele tão bem quanto pude.” Moon ficou sentado, sem dizer nada. Lentamente, os demais na sala se levantaram e saíram.

A Sra. Choi esteve trabalhando no mercado internacional em Pusan.³⁴ Quando Moon tinha partido para a Coreia do Norte, sua empresa pagou para ela o salário por três meses, e então parou os pagamentos. Depois disso, ela trabalhou no mercado de Dongdaemoon em Seul, vendendo frutas e outros itens. Ela tinha tentado várias vezes ir para a Coreia do Norte para se juntar a Moon, mas tinha sido parada na fronteira pelos soldados soviéticos. Em 1946, ela foi agarrada por guardas sul coreanos da fronteira que, suspeitando que ela pudesse ser uma comunista, a detiveram e a torturaram com pontas de cigarro antes de deixá-la ir.³⁵

Ela se mudou para a casa de Pomne-gol, mas foi incapaz de encontrar tempo a sós com seu esposo, e reconstruir o relacionamento, e aliviar a dolorosa solidão e amargura dos últimos anos. Pessoas estavam lá, o tempo todo, mesmo à noite. Kim Won-pil era tão inocente e desatento que não lhe ocorreu que Moon e sua esposa pudessem querer passar as noites sozinhos. Em conversas posteriores com Unificacionistas sobre este período, Kim se angustiaria sobre sua ignorância, se responsabilizando em parte pelo fracasso do casamento.

Moon, ele explicou, não poderia pedir a ele para sair, nem pediria para os outros seguidores darem a ele tempo livre para ficar com sua família, porque isto significaria colocar a si mesmo na frente das necessidades espirituais dos seguidores. Portanto, era a própria responsabilidade de Kim sair e talvez encontrar alojamento em outro lugar. Isto ele falhou em fazer.³⁶

Logo o ressentimento do passado de Choi começaria a ser substituído pela contrariedade sobre a atual vida de Moon como um pastor. Educado e capaz, ele teria sido capaz, mesmo durante a Guerra da Coreia, de encontrar trabalho que traria mais dinheiro e permitiria que eles construíssem uma vida normal juntos. Porque ele estava escolhendo viver na pobreza, e mantendo sua porta aberta para tantas pessoas? Ela não podia entender. Todos os dias, ao que parece, ela estouraria em acessos de gritos e Moon tentaria argumentar com ela.

“Você não lembra que, quando estávamos fazendo nosso compromisso, eu disse que você deveria estar preparada para passar sete anos sozinha e então se casar comigo?” ele disse.³⁷ “Eu disse que você precisaria ser capaz de encontrar trabalho e conseguir dinheiro, no caso de acontecer algo comigo. Então, porque você está se comportando assim agora? Aconteceu como eu disse que aconteceria.”

Moon sabia que sua esposa, no contexto de seu papel espiritual como eventual co-líder com ele do movimento messiânico, seria colocada em um curso árduo de sofrimento espiritual por Deus. Ele entendia que isto seria um período de sete anos. Mas seus argumentos foram pouco para acalmá-la. O atrito se tornou tão intenso que Moon deixou sua esposa em Pomne-gol e se mudou para outra parte da cidade, chamada Sujong-dong, a fim de que ele pudesse continuar seu ensinamento.

No dia 14 de março de 1953, Kang Hyun-shil, que estava ficando em sua casa na cidade de Kimchon, Província de Kyongsang do Norte, chegou na casa em Pomne-gol. Moon tinha escrito para convidá-la para celebrar seu aniversário. Em sua carta, ele descreveu as atuais dificuldades com sua esposa como sendo uma 'crucificação familiar.' Kang foi incapaz de conseguir o dinheiro para a passagem e faltou ao aniversário.³⁸ Ela chegou na estação de trem tarde da noite, e a polícia carimbou sua mão com a autorização para estar fora depois do toque de recolher.³⁹ Como ela não sabia a exata localização da nova casa em Sujong-dong, ela foi para Pomne-gol, onde a esposa e o filho de Moon estavam sozinhos. A esposa de Moon gritou com ela.

“Onde você escondeu meu esposo?” ela demandou, esbravejando. Uma Kang envergonhada passou a noite em uma tenda que tinha sido erguida ao lado da casa para ser usada como cozinha. Estava muito frio e ela ficou sentada a noite toda, esfregando suas pernas para se aquecer. Às 4:30 da manhã, ela saiu carregando duas malas.

Quando desceu do ônibus em Sujong-dong, ela foi parada pela polícia, que pensava que ela poderia ser um agente norte coreano. Os homens a levaram para a delegacia de polícia e vasculharam sua bagagem. Kang colocou a carta com o endereço de Moon em sua meia. Depois que ela mostrou seu cartão de identidade do seminário, eles a deixaram ir.

Por volta das 10 horas da manhã, Kang viu Lee Yo-han em seu caminho para evangelizar. Ele contou para ela que Moon tinha saído às 4 horas da manhã para uma colina perto para orar.

No final da tarde, a esposa e o filho de Moon chegaram com o filho de Ok Se-hyun, o policial militar que tinha se recusado a deixar Moon e seus acompanhantes em seu caminhão durante a evacuação de Pyongyang. Ele tinha dois colegas com ele. Eles empurraram Kang para dentro da casa. A esposa de Moon xingava ela.

“Você disse que não sabia onde ele estava,” ela gritava. Ela rasgou a Bíblia de Moon e começou a jogar pratos e talheres contra as paredes. Os agentes da polícia ficaram e observaram. Do lado de fora, uma multidão de pessoas se reuniu.

“Eu vou matar você, sua p...!” Ela gritava para Kang, que, como a única mulher jovem ali, tinha se tornado o alvo dos ataques de Choi.

“Desculpe-me, eu acho que preciso ir ao banheiro,” Kang disse. Uma mulher gentil e inofensiva, ela pensou que seria prudente desaparecer. Ela saiu da casa e desceu a rua, onde encontrou a Sra. Ok e Kim Won-pil, que estavam voltando do trabalho.

“Temos que pegar o dinheiro antes que eles o encontrem,” Kim disse. Seus salários estavam escondidos nas vigas da casa. Era um receio razoável que se o dinheiro fosse descoberto, a esposa de Moon o reivindicaria como seu, ou a polícia simplesmente o tomaria. Mas a polícia os bloqueou de entrar na casa, e três deles foram passar a noite com um amigo no distrito Yongjudo da cidade.

Enquanto isso, Moon estava observando a cena da colina. Depois de algum tempo, ele pôde ver que isto não seria resolvido até que ele aparecesse. Ele caminhou até a casa. Quando ela o viu, sua esposa começou a gritar e praguejar, impressionando a multidão na rua com sua linguagem vulgar. A polícia o levou embora. Uma seguidora, a Sra. Song, o acompanhou.⁴⁰ Por feliz coincidência, Kim Won-dok, seu ex-colega de cela na Coreia do Norte e em cuja casa ele tinha ficado no início em Pusan, estava trabalhando na delegacia de polícia, e foi capaz de assegurar sua liberação no dia seguinte.

A Sra. Ok, a Sra. Song, Lee Yo-han, Kim Won-pil e Kang Hyun-shil retornaram no dia seguinte para a casa de Sujong-dong.

“Se esconda rapidamente,” Moon disse para Kang, logo que ele a viu. “Se ela ver você, ela começará novamente.” Mas ela foi muito lenta. A esposa de Moon saiu, viu ela e golpeou-a no braço. Kang correu e se escondeu em um campo de cevada próximo.

Dentro da casa, Moon e seus seguidores tentaram argumentar com sua esposa perturbada. Eles conversaram por várias horas. Moon tentou explicar que ele não estava se comportando de forma egoísta ao querer ensinar seus seguidores. Ela tinha grande dificuldade de entender. Porque eles tinham se casado antes que Moon tivesse compartilhado sua teologia com alguém mais, e antes que ele tivesse começado seu ministério religioso, ela não tinha nenhuma idéia do que ele estava ensinando para estas pessoas, e nem de sua convicção que ele tinha uma missão providencial dada por Deus.

“Eu não estou apenas fazendo o que eu quero, nem agindo de forma humanista. Eu estou trabalhando pela vontade de Deus,” ele disse. “Apenas viva comigo e não tente parar meu trabalho, e eu cuidarei de você e farei tudo por você.” Ela concordou.

“Agora você deve se desculpar com a Sra. Ok,” ele disse. Ela disse que estava arrependida por ter se tornado zangada e rude.

Kim Won-pil, que tinha tirado o dia de folga por causa da crise, saiu para encontrar Kang.

“Está tudo bem. Ela se arrependeu. Você pode entrar,” ele disse.

“O que você quer dizer com ela se arrependeu? Eu não quero ir lá.” Kang estava relutante no início, mas cedeu e entrou nervosa na casa.

“Você deve dizer que está arrependida para Kang Hyun-shil,” Moon disse para sua esposa.

“Eu já disse isso uma vez. Eu tenho que dizer isso para todos?” Ela resmungou.

“Sim,” Moon disse. Sua esposa olhou para Kang.

“Sinto muito. Eu estava errada,” ela disse.

“De agora em diante, por favor, vivam em harmonia e sejam como irmã mais velha e irmã mais jovem juntas,” Moon disse para as duas mulheres. Então ele orou, e todos, incluindo sua esposa, choraram. Alguns dias mais tarde, a esposa de Moon foi para Seul para buscar seus pertences. Quando ela retornou, eles compraram uma casa em Sujong-dong onde o grupo viveu comunalmente.

Entretanto, o conflito de Sun-kil estava longe de acabar. Ela nunca participava nos cultos de adoração de Moon, nem se sentava para ouvir as conversas dele para os membros ou demonstrava qualquer interesse no Princípio. Como resultado, ela nunca pôde entender porque as pessoas continuavam vindo.

“Porque tantas pessoas gostam do meu esposo?” ela disse em várias ocasiões. “Ele é meu esposo.”

Estava claro para os seguidores que ela amava Moon como uma paixão. Mas, enquanto ela tentava dissuadi-lo de continuar a sua obra religiosa, ele parecia manter ela à distância. Os seguidores notaram que ele não a tratava como sua esposa especialmente na frente deles. De fato, ele a tratava como qualquer pessoa, o que adicionou a ela frustração e inveja.

“Porque você segue meu esposo?” Ela questionou Kang Hyun shil, atirando lascas de carvão na porta. Kang sentou na cozinha, sem dizer nada e pensando que a mulher estava em raiva delirante. Após cada explosão, ela se desculparia.

Nesta época, Moon também estava sendo perseguido pelo irmão de uma recente convertida, Kim Song-shil. Ela era uma familiar dos Kims de Pyongyang, incluindo Kim Won-pil, que tinha sido o principal seguidor na Coreia do Norte, e o sogro dela era um proeminente educador.⁴¹ O irmão dela acreditava que Moon tinha destruído sua família e estava determinado a levá-lo para a prisão, e seu trabalho parou. A pressão das famílias dos seguidores, e a partir dos cristãos oficiais, que começou em Pyongyang, ganhou impulso na década de 1950 com o rápido crescimento de seguidores de Moon na Coreia do Sul.

Em março de 1953, Moon mudou formalmente seu nome de Yong-myung para Sun-myung. De acordo com Pak Chong-hwa, que realmente fez a papelada para os documentos de identidade de Moon, a principal razão para a mudança do nome era porque os cristãos poderiam usar o nome Yong, que significa 'dragão', como evidência que Moon era o anticristo. A razão mais prática para isto pode ter sido a tentativa de evitar as famílias dos membros, que estavam importunando a polícia para prendê-lo.⁴²

Por volta desta época, duas das mulheres que tinham participado dos cultos de Moon em Pyongyang, Chi Seung-do e Chong Dal-ok, se juntaram a ele.⁴³ Outro visitante foi o primo de Moon, Seung-gyun, que estava casado agora, e que soube de seu cunhado que Moon estava na cidade.⁴⁴ Por sugestão de Moon, Seung-gyun trabalhou com Kim Won-pil como ajudante de pintor na unidade 8069 do 8º Exército dos Estados Unidos, onde eles faziam esboços dos soldados da ONU que chegavam na Coreia antes deles seguirem para o fronte. Os dois homens viviam na base durante a semana. Aos finais de semana, Kim retornava para a casa de Sujong-dong.

Kim explicou a ele sobre o ensinamento de Moon, e os dois homens iam para a Igreja Yongnak, uma igreja Presbiteriana estabelecida por refugiados do nordeste da Coreia. Seung-gyun foi convencido que seu primo era um herege. Ele lembrou a previsão do pai dele que Sun-myung ou seria um grande homem ou um traidor. Era verdade: Sun-myung tinha se tornado um traidor do Cristianismo. Ele manteve sua preocupação sobre si mesmo. Não obstante, quando visitava Moon, ele ficava inspirado pela sabedoria de seu primo.

“Você sabe, ao estudar a Bíblia, você deve olhar para o alfa e o ômega,” Moon disse para Seung-gyun. “Do contrário, é impossível interpretar o significado. As pessoas tentam desatar os nós no meio, mas isto não funciona. Você deve ir desde o Gênesis até o Apocalipse.”

Moon falou sobre sua visão do futuro. O mundo, ele disse, será unificado pelo Princípio, centrando na Coreia, Japão, América e Alemanha. “Devemos aprender inglês.” Moon disse para seu primo que seria necessário cinco anos para se tornar proficiente no idioma.

Enquanto ele falava para seu primo, geralmente por quatro ou cinco horas, Seung-gyun fica lembrando da afirmação de Cha Sang-soon, o seguidor de Pyongyang que tinha visitado a família de Moon no vilarejo, anos antes, que Moon era o retorno de Cristo.

“É impossível,” pensou Seung-gyun. “Ele é meu grande irmão.”⁴⁵ Enquanto Moon falava sobre unificar o mundo, Seung-gyun lembrava de suas façanhas como crianças. Um homem pensativo e prático, Seung-gyun não rejeitou a idéia como absurda ou blasfema. Ele considerou isto por um período de tempo, antes de fazer sua decisão de se tornar um seguidor. A partir de seu estudo do Princípio, ele veio a acreditar que, ao contrário do que ele tinha aprendido como um cristão, o Cristo teria que retornar na carne.

“Onde está a lei que diz que seu grande irmão não pode ser a segunda vinda de Cristo” ele perguntou para si mesmo.⁴⁶

Até então deve ter ficado aparente para Moon que havia pouca probabilidade de sua esposa assumir o papel que ele esperava. Mas ele mantinha a agonia de seu casamento falhando para si mesmo. Em setembro de 1953, ele se mudou para Seul e ela ficou em Pusan. Em suas raivas de ciúmes, Sun-kil o acusou de adultério com suas seguidoras femininas, o que, se tivesse sido provado como verdade, teria resultado em sua prisão.⁴⁷ Mais tarde ela assumiu os procedimentos de divórcio e o casamento terminou legalmente em 1958.

No verão de 1953, as conversações de paz internacional, as quais tinham se arrastado por meses, finalmente produziu uma trégua. Um armistício foi assinado em 27 de julho. A Guerra da Coreia terminou – bem, quase terminou, pois o sul tinha se recusado a fazer parte do armistício. Além disso, os governos rivais de Kim Il-sung no Norte e Syngman Rhee no Sul permaneceram intactos, o que significava que o calor da guerra meramente tinha entrado em um período de guerra fria. O conflito terrível tinha cimentado a divisão de Norte e Sul com uma amargura que duraria por décadas.

Em julho, antes do armistício, Moon disse para Kang Hyun-shil que ele queria que ela fosse sozinha para Taegu, uma cidade sessenta milhas ao norte de Pusan, para ensinar o Princípio. Ele explicou que, como era o mais forte centro de cristãos no sul da Coreia, havia muitas pessoas prontas para ouvir a palavra de Deus. Ao contrário da anterior solicitação aos seguidores de espalhar a palavra, isto marcou uma nova forma de evangelizar.

“Vocês devem sair por quarenta dias,” ele disse. “Façam isto exatamente por quarenta dias. Se vocês voltarem depois de trinta e nove dias, eu não abrirei a porta para vocês. Vocês devem suportar por quarenta dias.” Um dos membros deu para Kang dois conjuntos de roupas extras, mas Moon tomou de volta um conjunto, dizendo: “Um é suficiente.” Ele deu a ela dinheiro suficiente para um bilhete de trem e somente dois quilos de arroz.

“Você terá muitos momentos de solidão e dificuldade,” ele a advertiu. “Mas sempre que você orar e sempre que você chamar Deus, Ele estará lá para ajudar você com este amor.”

Ela partiu no dia 20 de julho. Moon orou com ela, antes dela sair: “Por favor, Pai, esteja com esta pequena filha, que sai agora, e ajude-a a estabelecer um bom fundamento em Taegu.”

Enquanto ela caminhava descendo a colina a partir da casa, Kang olhou para trás. Moon estava de pé lá, observando-a, seus olhos cheios de lágrimas. Para Kang, a imagem magra e pobremente vestida de Moon parecia tão miserável e triste. Quão triste era ter tão poucas pessoas, que ele tinha que confiar em alguém tão sem experiência como ela. Ela pensou isso com um coração triste.

Em agosto, Moon enviou Lee Yo-han para se juntar a ela em Taegu e seu pequeno grupo de seguidores estava se expandindo rapidamente. Durante este tempo, uma mulher idosa no grupo de Taegu, Lee Jae-gun, foi questionada por um cristão sobre a qual igreja ela pertencia.

“A Igreja de Unificação,” ela disse, criando o nome que permaneceria.

No ano seguinte, Moon escolheu como título jurídico para seu grupo, a *Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial*.⁴⁸ Ao criar sua associação, Moon ainda esperava que o Princípio e seu posterior crescimento servisse para renovar, e tivesse um efeito unificador sobre o Cristianismo. Ele não esperava ser identificado como uma denominação separada. Mas, de fato, isso é o que ela se tornou, de forma surpreendente, ligada ao nome informal de Igreja de Unificação.



Reverendo Sun Myung Moon com antigos seguidores. Moon no alto à esquerda. Eu Won-hyo no alto à direita. Kim Won-pil abaixo no centro. (AES-UCM, Seul)



Sun Myung Moon conduz um culto de adoração externo na Coreia do Sul no início da década de 1950. (AES-UCM Seul)

Notas

Capítulo Um, O Vilarejo Moon

1. Alguns Unificacionistas, atribuindo os caracteres chineses sang (superior) e sa (pensamento) ao nome, declararam o significado como sendo, providencialmente, 'vila do pensamento celeste'. Este é um caso de excesso de interpretação.
2. Existem 275 nomes coreanos de família e 3.349 clãs. Todos os coreanos com o sobrenome Moon pertencem ao mesmo clã. Há cerca de 400.000 Moons no sul da Coreia. Sun-myung Moon é o líder deste clã enquanto este livro está sendo escrito.
3. Homens coreanos geralmente recebem um pseudônimo em sua idade média, se alcançarem uma boa posição social. O nome pode ser dado por uma pessoa mais velha como um líder do clã. Os amigos mais próximos então passarão a chamar a pessoa por seu pseudônimo.
4. Ver artigo '*Jeongju-eso Somun-nan Bolz-padul Jib*' (A Casa em Jeongju que havia boatos que era Abençoada) em Tong-il Se-gye, a publicação mensal da Igreja de Unificação da Coreia, Fevereiro de 1983, p. 30, citação de Kim Heung-bok, então na idade de setenta e um anos, que viveu em uma vila próxima.
5. A inscrição escolar aumentou consideravelmente sob o domínio japonês, mas mesmo assim, em 1945 somente vinte por cento dos coreanos tinham recebido qualquer educação formal. Uma pesquisa de 1944 revelou que quase metade dos dezessete milhões da população era analfabeta. Ver *Coreia: a Política do Vórtice* por Gregory Henderson, Gráfica da Universidade de Harvard, Cambridge, Mass., 1968, p.89.
6. O livro foi escrito por Lee Dam no início dos anos de 1600.
7. O endereço era 2221, Sangsa-ri, Dokon-myon (município), Jeongjugun (condado), Pyong-an Buk-do (província). O nº .221 era um número no nível do município.
8. Três filhos de Kyong-bok e dois filhos de Kyong-chon vivem agora na Coreia do Sul.
9. A reputação dos 'Moon' foi confirmada por Lee Yong-chul, que vivia na vila vizinha antes de sua fuga para a Coreia do Sul durante a Guerra da Coreia. Entrevista do autor.
10. Sun-myung Moon, sermão: '*Manual do Amor*,' 5 de fevereiro de 1984, AES-UCM, Nova York, p.11. AES-UCM é uma abreviação para Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, o nome oficial da Igreja de Unificação.
11. Sun-myung Moon, sermão: '*Curso Individual de Vida*,' 20 de janeiro de 1980, AES-UCM, Nova York, p. 8.
12. De acordo com o registro em suas sepulturas na Coreia do Norte, a mãe de Moon nasceu em 25 de outubro de 1888, e seu esposo em 11 de julho de 1893. Estas datas são pelo calendário

lunar, o qual corre um mês atrasado em relação ao calendário solar. Ele morreu em 11 de outubro de 1954 e ela em 7 de janeiro de 1968, pelo calendário solar.

13. A casa da família dela era 207, Daesan-dong, município de Dokon, condado de Jeongju.

14. Este é um exemplo raro de um sobrenome de duas sílabas.

15. Chondo-kyo, ou Religião do Caminho Celeste, é uma fé nativa coreana, que se desenvolveu no século XIX como uma alternativa ao Catolicismo Romano. Originalmente conhecida como Tonghak (Aprendizado Oriental, como oposição ao Aprendizado Ocidental), era nacionalista e antiestrangeira. Embora ainda em existência, teve pouca influência na Coreia moderna.

16. Alguns historiadores sul coreanos veem o '*Movimento de 1º de Março*' como causador do nascimento da Coreia moderna. Ver, por exemplo, a *História da Coreia* por Han Woo-keun, Eul-yoo Publishing Co., Seul, 1970, p. 477-8.

17. A moeda corrente era o yen japonês. Nas transações coreanas, o caracter chinês é won.

18. O documento foi disponibilizado para o autor pelo primo de Sun-myung Moon, Yong-gi, que afirmou que Yoon-kook apareceu para ele em um sonho, e deu a ele um endereço em uma vila de uma montanha na Coreia do Sul. Yong-gi escreveu para o endereço e recebeu uma resposta que Moon Yoon-kook havia realmente vivido ali, mas que já estava morto há vários anos.

19. Em outras palavras, Moon celebra seu aniversário em 6 de janeiro, no calendário lunar. Este dia cai em um dia diferente a cada ano pelo calendário solar.

20. Ver capítulo 10, nota 42.

21. Estes detalhes são de entrevistas com o primo de segundo grau de Moon, Seung-gyun. Na década de 1960, Seung-gyun mudou seu nome para Seung-yong sob o conselho de um vidente que alegou que 'yong' traria a ele mais saúde e sorte.

22. Moon desde a infância, era vidente e clariaudiente. “Eu podia ver através das pessoas e ver seus espíritos.” A partir de uma sessão de perguntas e respostas com seguidores americanos e convidados durante uma turnê nos EUA em março de 1965, publicado pela *A Família Unificada*, Washington DC, 1967. Ref: MS-I, p. 1.

23. Ver *Teologia da Unificação*, edição revisada, por Young Oon Kim, AES-UCM, Nova York, 1987, P.15.

24. Ibid.

25. Sun-myung Moon, sermão: '*Nossa Igreja e a Coreia vistas a partir da Providência de Deus*,' 19 de fevereiro de 1989, Seul. Notas do autor.

26. Incidente contado para o autor por Moon Seung-gyun.

27. Sun-myung Moon, sermão: '*A Bênção de Deus Através da História*,' 13 de fevereiro de 1965, Oakland, Califórnia, p. 4, *A Família Unificada*, Washington DC, 1967.

28. Primo de Moon, Yong-hyon, em entrevista.

29. Até agora, foi impossível confirmar esta afirmação. Pode haver outra explicação que sua viúva teve medo de revelar publicamente na presença de oficiais comunistas locais na comitiva de Moon. Em uma entrevista, um vizinho, Lee Yong-chul, que ficou até o último momento, fugindo do avanço das forças comunistas em novembro de 1950, disse que as autoridades comunistas costumavam se referir a Morum e Sangsa-ri como '*ee-nam bu-rak*' (segunda vila da Coreia do Sul) porque muitos cristãos anticomunistas viviam lá. Essa reputação sugere que Yong-soo e outros que ficaram, podem ter sido vítimas do regime após a guerra.

30. Encontrei aqui alguma discrepância entre as fontes. Moon Yong-sun diz sete anos. Moon Seung-gyun diz que era quatro anos, e que os meninos não começavam a escola até estarem com dez anos de idade.

31. Apesar de seus idiomas serem diferentes, coreanos, chineses e japoneses podem se comunicar através de sua raiz linguística comum da escrita chinesa. Sul coreanos aprendem caracteres sino-coreanos (isto é, caracteres chineses na pronúncia coreana).

32. Detalhes a partir das entrevistas do autor com Moon Seung-gyun.

33. Ver *Today's World*, uma revista mensal publicada pelo Departamento Mundial de Missão, AES-UCM, Nova York, maio de 1986, p. 8.

34. Esta citação e incidentes pertencem às entrevistas com Moon Seung-gyun.

Capítulo Dois - A Conversão

1. Curiosamente, os missionários americanos podem ter tido conhecimento sobre o incidente envolvendo Hyo-shim, mas não sobre a resultante conversão. A missão perto de Syenchun (ortografia de Soonchun naquela época) relatou um caso estranho de uma mulher em um lugar chamado Syengmyen que estava aparentemente possuída por um demônio. Os anciãos da igreja ofereceram orações e o espírito presente anunciou que estava indo para determinada casa em um lugar chamado Samyen. Isto pode ser uma referência a Nam (sul) So-myon onde Hyo-shim foi curada. Uma das obreiras da igreja visitou mais tarde esta casa para ver se estava tudo bem, e ficou sabendo que uma das mulheres da casa havia se tornado recentemente "possuída por um demônio." Ref: '*Triunfo em Cristo de Syenchun*,' relato datilografado em 1931-2, Missão Eleita da Igreja Presbiteriana, EUA.

2. Para as contas do desenvolvimento do Cristianismo na Coreia no tempo da infância de Moon, ver *Wildfire: Crescimento da Igreja na Coreia* por Roy E. Shearer, William B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, Michigan, *História da Missão da Coreia*, Igreja Presbiteriana, EUA, 1884-1934 editado por Harry A. Rhodes, publicado pela Missão, Igreja Presbiteriana, EUA, Seul, e *Missão para a Coreia* por George Thompson Brown, Junta das Missões Mundiais,

Igreja Presbiteriana, EUA. Para uma descrição da antiga obra missionária no norte da Coreia, ver *Ouro na Coreia* por William Newton Blair, Igreja Presbiteriana dos EUA, Cidade de Nova York, 1957. Para uma história mais completa, ver *Uma História da Igreja na Coreia* por Allen D. Clark, Sociedade de Literatura Cristã da Coreia, Seul, 1971.

3. O Rev. Gye estava vivendo na Califórnia na década de 1980, mas declinou de ser entrevistado para este livro.

4. O irmão era chamado Yong-gwan. De acordo com o primo Moon Yong-gi, o nome da irmã era Yong-ho.

5. Entrevista do autor com Moon Seung-gyun.

6. Sun-myung Moon, sermão na Igreja de Chongpa-dong, Seul, 30 de dezembro de 1990. Nota do autor.

7. Sessão de perguntas e respostas com seguidores americanos e seus convidados durante a turnê americana em março de 1965, publicado pela *Família Unificada*, Washington DC, 1967. Ref: MS- I, p. 1.

8. Colina Sul é Namsan em Coreano. O primo de Moon, Seung-gyun, disse que esta era utilizada por Moon para orar. Esta elevação, não mencionada em mapas locais, era obscurecida por uma colina maior, chamada Monte Myodu, que foi identificada em uma publicação oficial como o local onde Moon encontrou Jesus. Ref. Impressões do Movimento de Unificação Vol. I, I AES-UCM Internacional, Seul, 1996, p.20.

9. Moon estava com quinze anos de idade nesta época. Entretanto, pela contagem coreana, pela qual um bebê já tem um ano ao nascer, ele estava com dezesseis anos. Muitas contagens, por esta razão, assumem que este evento ocorreu em 1936. A data é também frequentemente citada como a Páscoa. De fato, a Páscoa caiu em 21 de abril de 1935. Yu Kwang-yol reivindica que Jesus revelou a Moon que 17 de abril era a data real da ressurreição. Ver: História da Igreja de Unificação, Vol. I por Yu Kwang-yol, AES-UCM, Seul, 1978, p. 13.

10. Esta é a explicação padrão na Igreja de Unificação do encontro de Moon com Jesus. Entretanto, em uma entrevista com o autor, Lee Yo-han, diretor do seminário da igreja na Coreia e um seguidor desde o início, sugeriu que a descrição de Moon sobre o evento é um sumário, e que, de fato, a missão teria sido dada durante um período de tempo, e não de uma única vez. “Há sofrimento e experiência, então oração e intercâmbio com Deus, então mais sofrimento e experiência,” ele disse. “Para o Pai (Moon) houve um período de compreensão da sua missão. Isto não aconteceu da noite para o dia. Houve o desenvolvimento de um questionamento. Revelação é condicional, não absoluta. É uma reserva, não um bilhete.”

11. Sun-myung Moon, sermão, *'Fé e Realidade,'* impresso em New Hope, AES-UCM, Nova York, 1973, p. 2.

12. Sun-myung Moon, sermão, '*Homens estão Destinados a Seguir a Estrada de Restauração*,' 14 de março de 1965, p. 6, '*A Família Unificada*,' EUA, 1967.
13. Ibid.
14. Op. cit. MS-I, p. 4.
15. Op. cit. MS-3, p. 13.
16. Ibid. 'O Princípio' se refere ao ensinamento de Moon. Os textos teológicos utilizados pela Igreja de Unificação têm sido escritos sob a orientação de Moon por seguidores. O primeiro foi *Wonri Haesul* (Explicação do Princípio) publicado em Seul em 1957. O segundo, *Wonri Kangron* (Discurso do Princípio) publicado em Seul em 1966, foi traduzido para o inglês como *Princípio Divino* nos Estados Unidos em 1973. Um texto mais amplamente utilizado é *Resumo do Princípio - Nível 4*, publicado nos Estados Unidos em 1980. Um novo texto, *Exposição do Princípio Divino*, foi publicado nos Estados Unidos em 1996.
17. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal era uma das duas árvores no Jardim do Éden, como descrito no Livro do Gênesis.
18. Op. cit. MS-I, p.3.
19. Sun-myung Moon, '*Sonseng-nimeui long-gyong Yoohak Shijeol*' (Dia do Estudante e do Professor), discurso para estudantes Unificacionistas na Universidade Waseda, Tóquio, em 8 de outubro de 1965, traduzido do japonês no *Moon Sun-myung Sonseng Malseum Seonjib* ('*Os Sermões do Reverendo Sun Myung Moon*'), Vol. 15, AES-UCM, Seul, 1986, p. 180-4.
20. Dois pontos do Princípio foram desenvolvidos mais tarde. Moon disse que foram vários anos antes de chegar à visão que Deus não podia intervir para impedir a queda, porque Ele tinha criado o homem livre. Embora ele se referiu no início da década de 1950 às 'características duais' de Deus e da criação, a noção específica de caráter interno e forma externa como um dos pares de características duais apareceu primeiro em 1957 no *Wonri Haesul*, escrito por Eu Hyo-won. Para este ponto o autor é grato a Kang Hyun-shil.
21. Ver sessão de perguntas e respostas com o Rev. Lee Sang-hun, um discípulo próximo, e diretor do Instituto do Pensamento de Unificação em Seul, e participantes do seminário, na Sede do Pensamento de Unificação, Nº 7, Seul, 1984.
22. Ibid.
23. Uma possibilidade interessante e não pesquisada, é que vários outros à margem do Cristianismo coreano estavam tendo experiências semelhantes a Moon. Lee Yo-han contou ao autor que, enquanto ele acreditava que a Coreia tinha sido 'escolhida' por Deus por causa de sua tradição de piedade filial, a pessoa a trazer a nova verdade de Deus poderia ter sido um dos vários. Lee, que era um pastor cristão antes de encontrar Moon no início da década de 1950 (ver

cap. 10), disse que em 1945 havia cerca de setenta 'messias' na Coreia e que no início da década de 1960 eles rapidamente diminuíram.

Capítulo Três – A Igreja que Chora

1. Sun-myung Moon, op. cit., discurso em Waseda.
2. Primo segundo de Moon, Seung-gyun, em entrevista com o autor.
3. Em coreano, Kyongsong Sang-gong Kang-seup Hag-won. Em fevereiro de 1939, foi re-denominada de Kyongsong Sang-gong Shilmu Hak-kyo (Kyongsong Escola Prática de Negócios para Comércio e Indústria de Kyongsong). Kyongsong era a palavra para Seul durante a ocupação japonesa. O edifício foi destruído por incêndio em 1965. A escola secundária naquele tempo era afiliada à Universidade Joong-ang.
4. Entrevista do autor.
5. Luta geralmente significa *ssirum* em coreano, semelhante ao sumo japonês, onde a idéia é atirar seu oponente ao chão.
6. Os meninos podiam escolher entre futebol, basquetebol, e *ssirum* que eram realizados após a escola.
7. É comum que primos e amigos homens na Coreia se refiram um ao outro como 'irmãos.'
8. Contado ao autor por Moon Seung-gyun.
9. Rumsey se juntou em 1932 a outro americano, T. M. Parsons, e dois missionários britânicos, E. H. Meredith e L. Vessey. Em 1938, havia seis igrejas e 192 fiéis. Após este pico, o número diminuiu. Os missionários foram forçados pelas autoridades japonesas a saírem no final da década de 1940. Ref: *A Enciclopédia Cristã*, A Gráfica de Literatura Cristã, Seul, 1980, p. 1181.
10. De acordo com o irmão de Pak, Pak Kyong-do, em entrevista com o autor.
11. Entrevista do autor com Kim Hee-son.
12. Este relato sobre Lee Yong-do e a Igreja de Jesus foi compilado a partir das entrevistas com: a nora de Lee, Chun Chul-ja; membros fundadores da Igreja de Jesus, Han Joon-myung e Lee Ho-bin; Lee long-sun, o diretor do Seminário Joong-ang em Seul, fundado pela Igreja de Jesus; e a teóloga da Igreja de Unificação Kim Young-oon.
13. O instituto era na região Kwangsuk-dong da cidade. Ele foi fundado por duas missionárias Presbiterianas canadenses, ambas irmãs, que a denominaram com o nome de sua mãe.
14. O funcionário era Kim Dae-wu, um coreano na seção de assuntos sociais do escritório do governo geral.

15. Ver capítulo seis sobre a história do grupo Sagrado Senhor da costa oeste. Han Joon-myung disse ao autor que Baek estava acompanhado por Lee Ho bin e a irmã de Han, e que ele caminhou parte do caminho descalço como um gesto de disciplina.

16. Han Joon-myung disse que Baek “teve um problema de disciplina” depois que sua esposa morreu, e que ele foi expulso “por causa de uma indiscrição cometida no outono de 1934.”

17. Este fato foi relatado ao autor pela sobrinha de Kim Bom-joon, Kim Bok-soon. Han Joon-myung disse que a sobrinha confundiu o grupo de Baek como o grupo 'Dentro do Ventre' em Pyongyang (ver capítulo seis).

18. De acordo com Kim Young-oon, Moon atribuiu este declínio à introdução por Han Joon-myung das idéias de Swedenborg. Kim disse que discordava desta opinião.

19. Entrevista do autor com Kwak No-pil.

20. Pelo menos sete de seus ex-alunos mais tarde encontraram seu caminho para a Igreja de Unificação.

21. Entrevista do autor com Im Nam-sook. As crianças utilizavam 'Shi' (senhor) e 'Sonseng,' (professor) na referência a Moon.

22. Este episódio foi contado ao autor por Kim Hee-son.

Capítulo Quatro - Emoto Ryumei

1. Ref: *História da Igreja de Unificação*, Vol. I por Yu Kwang-yol, AES-UCM, Seul, 1978, p.22.

2. O sistema de educação japonês era desde a escola elementar até a escola média, colégio, escola técnica, faculdade e universidade. As aulas na escola técnica eram ministradas por professores.

3. Cerca de 723.000 trabalhadores coreanos foram recrutados para trabalhar no Japão, e para apoiar o exército japonês como trabalhadores no Japão e no estrangeiro. Em 1941 havia 3.208 coreanos no exército. Em 1945 havia 269.270. Ver *Coreia: a Política do Vórtice* por Gregory Henderson, Gráfica da Universidade Harvard, Cambridge, Mass., 1968.

4. Nos anos de guerra, mais de cinquenta obreiros da igreja foram assassinados, dois mil ministros e obreiros da igreja foram aprisionados, e cerca de duas mil igrejas foram fechadas. O número de Protestantes foi reduzido pela metade, para 350.000. Ver *Uma História da Igreja na Coreia* por Allen D. Clark, Sociedade de Literatura Cristã da Coreia, Seul, 1971, p. 230-1.

5. Emoto é um sobrenome japonês comum. Ryumei é a pronúncia japonesa dos caracteres chineses para o primeiro nome de Moon, Yong-myung.

6. O ressentimento coreano existia, e ainda existe, de forma profunda. Um exemplo: Cho Yong-gi, o proeminente pastor sul coreano que conduz a maior congregação cristã da Coreia, a Igreja do Evangelho Pleno em Seul, disse a um grupo de cristãos japoneses em Tóquio na década de 1970 que levou vinte e cinco anos para remover o ódio em seu coração, e aceitar que Deus queria “salvar” os japoneses também.
7. Os dois que estavam no alojamento eram Tosuga-cho e Yodobashi-ku.
8. Este incidente foi relatado ao autor por Aum Duk-moon, que estava presente na reunião.
9. De acordo com Aum Duk-moon, o apoio para Kim Ku era ideológico, não ativo, pois as punições eram muito duras. Por exemplo, um estudante poderia esperar uma sentença de dez anos simplesmente por distribuir panfletos antigoverno.
10. No tempo de escrever este livro, Chang, que mudou seu nome para Chang Chol, é o Ministro de Artes e Cultura na Coreia do Norte. Kim foi para a China após a Segunda Guerra Mundial, mas seu atual paradeiro não é conhecido.
11. Sun-myung Moon, op. cit., discurso de Waseda.
12. Ibid.
13. Ibid.
14. Ibid.
15. Aum Duk-moon, que relatou este incidente para o autor, não sabia qual era a doença.
16. Este ponto foi feito por Lee Hee-wook em uma entrevista com o autor. Lee esteve na turma de arquitetura de Aum, e no mesmo alojamento com Moon por um ano. Lee disse que muitos estudantes coreanos trabalhavam em escritórios durante o dia e podiam receber de quarenta a cinquenta wons por mês.
17. Sun-myung Moon, op. cit., discurso de Waseda. Lee Hee-wook contou ao autor que Moon era muito pobre, mas uma vez, por causa da amizade, ele comprou um terno para Lee.
18. Op. cit., discurso de Waseda.
19. *A Vida do Rev. Sun Myung Moon - Parte I: Cronologia 1920-1987*, Seminário Teológico da Unificação, Barrytown, Nova York, 1988, p. 8. Esta é uma tradução da História Japonesa da Igreja de Unificação Vol. 1, ed. Kachi Masayuki.
20. Yu Kwang-yol, *'História da Igreja de Unificação desde os Primeiros Dias,'* discurso reimpresso na New Hope News, 7 de outubro de 1974, AES-UCM, EUA.

21. Sun-myung Moon, op. cit., discurso de Waseda. “Esse é o motivo pelo qual, até que eu tivesse trinta anos, não houve um único dia que eu não tivesse fome,” ele disse.

22. Aum trocou fotos e cartas com a garota, mas seus pais foram contra o relacionamento e ele se casou com alguém que seus pais escolheram para ele.

Capítulo Cinco – O Segundo Israel

1. O primo de Moon, e a partir da *História da Igreja de Unificação Vol. 1*, cap. 6, por Yu Kwang-yol, AES-UCM, Seul, 1978.

2. Por exemplo: “*Você será o tipo de pessoa que Deus correrá para encontrar com lágrimas, até mesmo esquecendo de colocar seus sapatos na expectativa de encontrar você?*” ele perguntou em um sermão em 1979, “*O Caminho Correto de Abel a partir do Ponto de Vista Providencial*,” Barrytown, Nova York, 30 de dezembro de 1979, AES-UCM, EUA.

3. Entrevista do autor com Moon Seung-gyun.

4. O autor está agradecido a Kang Hyun-shil por este ponto. Kang, era uma estudante do seminário Presbiteriano quando se juntou a Moon em 1952, e disse que a mãe de Choi desaprovava Moon porque ele não estava na Igreja Jaegun.

5. Estes detalhes foram relatados ao autor por Lee em entrevista. Lee morreu em 1989.

6. Entrevista do autor com Moon Yong-hyon.

7. *A Vida do Rev. Sun Myung Moon Parte I: Cronologia 1920- 1987*, OP. cit., p. 9.

8 A empresa japonesa é agora conhecida como Kashima Kensetsu Construction Company.

9. Im Nam-sook em entrevista com o autor.

10. Pak Sul-nam, uma mulher celibatária no grupo de Kim Baek-moon, contou ao autor que Moon “realmente respeitava as mulheres” e ouvia as opiniões de sua esposa. Esta observação é observada no contexto da sociedade dominada pelos homens na Coreia.

11. Este é um relato obtido das entrevistas com Kwak No-pil e Im Nam sook.

12. Moon Yong-gi, em entrevista com o autor.

13. Moon afirmou que a busca pelo Princípio exigiu nove anos, o que significava que ele estaria pronto para iniciar sua missão em 1944. É possível que ele ainda não tivesse decidido como proceder ou simplesmente que estivesse sendo cauteloso, dada sua recente prisão. Também poderia ser argumentado que sua missão não tenha começado até o verão de 1946, quando ele começou a ensinar publicamente o conteúdo do Princípio (ver capítulo 6).

14. Sun-myung Moon, op. cit., discurso de Waseda.
15. Sun-myung Moon, sermão na Igreja de Chongpa dong, Seul, 30 de dezembro de 1990. *Mansei* é o equivalente ao *Banzai* japonês. O grito é feito com as duas mãos erguidas ao ar.
16. Para mais detalhes deste período, ver Bruce Cumings, *As Origens da Guerra da Coreia: Libertação e a Emergência de Regimes Separados, 1945-47*, Gráfica da Universidade Princeton, Princeton, 1981.
17. Sun-myung Moon, sermão, '*O Significado de 1º de Julho de 1973, A Vontade de Deus e o Mundo*, AES-UCM, Nova York, 1985, p.140. Moon não identificou quem ele encontrou para este propósito.
18. O bebê nasceu em casa, com a irmã da dona da casa, Lee Kee-yon, e Pak Sul-nam, uma celibatária do grupo de Kim Baek moon. Entrevista do autor com Pak Sul-nam.
19. O relato de Kim Baek-moon foi compilado das entrevistas com: Shin Hyon-shik, o ancião da igreja de Kim em Seul; Pak Kyong-do, um antigo seguidor de Kim que se juntou a Igreja de Unificação; Kim Yong-jin, um ministro Presbiteriano em Chonju, norte da Província Cholla, que era uma celibatária no retiro de Kim; e Hong Yi-sun, uma mulher celibatária no retiro, que mais tarde se tornou a segunda mulher ordenada ministro na Igreja Metodista coreana. Para as comparações entre as teologias de Moon e Kim, o autor se baseou em Pak Sang-ne, um teólogo formado na Universidade Yonsei, que foi um membro da Igreja de Unificação por dois anos na década de 1950 e então se juntou à igreja de Kim, o qual ele deixou em 1982 após vinte e sete anos. O ancião Shin Hyon-shik rejeitou vários pedidos do autor e intermediou o encontro com Kim. Informações adicionais foram fornecidas por Choe Joong-hyun, um Unificacionista e um estudioso de grupos cristãos coreanos.
20. A igreja era chamada de Israel Yasokyo, o retiro de Israel Yasokyo Sudowon. Israel era escrito em coreano e o restante do nome em caracteres chineses. Yaso é Jesus na leitura coreana dos caracteres chineses.
21. Wedemeyer teria sido a primeira escolha para chefiar o Governo Militar Americano na Coreia, mas foi descartado, pois seu papel no norte da China foi considerado mais importante. Ver *Coreia: a Política do Vórtice* por Gregory Henderson, Gráfica da Universidade de Harvard, Cambridge, Mass., 1968, p. 416, nota 32.
22. Lee mais tarde perdeu seu favor com Rhee e foi nomeado embaixador para Taiwan. Ele morreu em 1972 na idade de setenta e dois anos. A informação biográfica é a partir da entrevista do autor com An Ho-sang que era o principal ideólogo do grupo jovem de Lee e o primeiro ministro da educação da Coreia. Ver também Henderson, op. cit., e *Embaixada na Guerra* de Harold Joyce Noble, Gráfica da Universidade de Washington, 1975, p. 64-5,247.
23. De acordo com Pak Sul-nam e Im Nam-sook em entrevistas. Im disse que a esposa de Moon reclamava para ela que durante este período ele daria seu salário para Kim, ao invés de dar para ela.

24. Sun-myung Moon, série de conferências, '*História da Igreja de Unificação*,' 27 de dezembro de 1971, *A Família Unificada*, Washington DC, p. 6.

25. De acordo com o ancião de Kim, Shin Hyon-shik. Shin disse que a partir deste tempo, Kim começou a compilar suas revelações em uma teologia compreensiva.

26. A posterior alegação dos seguidores de Moon que ele é o segundo Messias (Cristo, Senhor da Segunda Vinda) não significava no sentido cristão tradicional que ele é a segunda pessoa da Trindade. Para maiores explicações, ver *Exposição do Princípio Divino*, AES-UCM, Nova York, 1996, especialmente Parte 1, cap. 4 e 7, e Parte 11, cap. 2 e 6.

27. Moon não desistiu de esperar que Kim reconhecesse seus ensinamentos. Ver capítulo 10.

28. Para uma explanação sobre a visão de Moon de como Deus havia preparado tais grupos para se unirem, ver sua conferência '*História da Igreja de Unificação*,' 27 de dezembro de 1971, Washington DC.

29. De acordo com Baek Hee-suk, filha de Lee Kee-hwan de Heuksok dong, em uma entrevista com o autor.

30. Kim In-ju, que foi a segunda pessoa a seguir Moon no norte da Coreia, diz que ele chegou em Pyongyang em 6 de junho.

31. A ex-esposa de Moon, Choi Sun-kil, em uma entrevista conduzida para o autor por Im Nam-sook. Na visão de Im, Choi foi ingênua em acreditar nele: “Era obviamente uma desculpa para ela não se preocupar. Ele poderia ter comprado arroz em Seul.” Kim Won-pil disse que em seu caminho para comprar arroz, Moon teve uma revelação que devia ir para Pyongyang (ver Kim Won-pil, *O Curso do Pai e Nossa Vida de Fé*, AES-UCM, Londres, 1982, p. 145. Outras versões deste evento dizem que Moon foi juntar lenha.

32. Na Choi-sup, em uma entrevista com o autor.

Capítulo Seis - A Jerusalém do Oriente

1. Números oficiais do governo japonês mostram que os cristãos declinaram de 508.000 em 1940 para 383.000 em 1942. Os Budistas cresceram de 538.000 para 607.000 por volta do mesmo período. Cerca de 92.000 seguidores do Xintoísmo provavelmente, muitos deles japoneses residentes, estavam registrados em 1942. Ref: *Chosen Chongdolzbu Tong-gye Yeonbo* (Estatísticas Anuais do Governo Geral Coreano). Para mais detalhes sobre isto e o período pós-guerra, ver Allen D. Clark, *A História da Igreja na Coreia*, cap. 10, A Sociedade de Literatura Cristã da Coreia, Seul, 1971.

2. Entrevista do autor com Kim In-ju.

3. Embora incomum para os dois Kims, este era um formato comum para grupos espirituais, e não desenvolvido especialmente por Moon.

4 Ref: Malaquias 4:5, Mateus 17:12-13, e João 1:21.

5. Moon Somseng em coreano.

6. Kim Won-pil, '*O Minitério Inicial do Pai em Pyongyang*', Revista Today's World. Janeiro de 1982, p.7. Para o relato de Kim sobre este período no norte da Coreia, ver também '*Testemunho da Vida do Pai*,' um discurso dado em 14 de outubro de 1979, impresso pela AES-UCM, Nova York, e uma série de discursos para Unificacionistas, traduzido e publicado em inglês como *O Curso do Pai e nossa Vida de Fé*, AES-UCM, Londres, 1982.

7. De acordo com a irmã de Na Choi-sup, Yoo-sup, a denúncia foi apresentada pelo esposo de Kim In-ju.

8. Esta seção descrita por Sun-myung Moon, série de conferências, '*História da Igreja de Unificação*,' 27 de dezembro de 1971, *A Família Unificada*, Washington DC.

9. A história das duas mulheres espiritualistas, Kim Song-do e Huh Ho-bin, é relatada por: Sun-myung Moon, '*A História da Igreja de Unificação*,' 27 de dezembro de 1971; entrevista com Kim Sun-yong, nora de Kim Song-do; Chung Soo-won, filho de Kim Sun-yong e um líder da Igreja de Unificação, '*So-myongha-shin Deut Kil Dara*' (Seguindo o Chamado da Providência de Deus) em *Testemunho: Experiências de Fé, Vol. I* (uma coleção de testemunhos de antigos membros da Igreja de Unificação), AES-UCM, Seul, 1982, p. 346-59; Hong Soon-ae, uma mulher membro de ambos os grupos e que mais tarde se tornou sogra de Moon, em um discurso dado em 1º de agosto de 1974, a partir de anotações manuscritas; pontos adicionais em entrevistas com Lee Ho-bin e Han loon-myung da Igreja de Jesus e de Kim Won-pil, op. cit. O Curso do Pai, cap.4.

10. Adultério ainda é um crime sob a lei sul-coreana.

11. Entretanto, Hwang já estava debilitado pela tortura e morreu logo após sua libertação. Kim Won-pil, Revista Today's World Janeiro de 1982, p.11.

12. “Quando eu estava na prisão na Coreia do Norte, passei por várias torturas. Quanto mais severa era a tortura, mais forte eu me tornaria. Cada célula do meu corpo estava mobilizada para lutar contra a dor. Eu imaginava que com cada golpe a bênção de Deus seria multiplicada. Por causa disto eu não tinha medo da tortura e podia facilmente suportá-la.” Ref: Sun-myung Moon, '*Que Deus Possa nos Proteger*,' New Hope, AES-UCM, Nova York, 1973, p.28.

13. Entrevista do autor com Cha Sang-soon.

14. Kim Won-pil, Revista Today's World, Janeiro de 1982, p. 11.

15. Na Choi-sup, Na Yu-sup, e Pak Kyong-do em entrevistas com o autor.

16. O seguinte relato foi elaborado a partir de entrevistas com Kim In-ju, Ok Se-hyun, e Cha Sang-soon.

17. Este hino é um dos 47 'Cânticos Sagrados' da Igreja de Unificação. Sete outros foram escritos por Moon: 'Jardim da Restauração' (1950), 'Novo Cântico de Inspiração' (1950), 'Bênção da Glória' (1950), 'Coração Sofredor' (1951), 'Graça do Jardim Sagrado' (1953), 'Cântico dos Soldados do Princípio' (1959) e 'Soldados Unificados' (1962).
18. Chi Seung-do, *Hana-nim-eui Indo-dero* (De acordo com a Orientação de Deus) no *Testemunho: Experiências de Fé, Vol. 1*, AES-UCM, Seul, 1982, p. 362-81.
19. Mais tarde renomeado como Partido Social Democrata para ampliar seu apelo. Para mais detalhes sobre este período, ver Allen D. Clark, op. cit.
20. Entrevista do autor com Han Joon-myong.
21. Por mais injusta que a acusação pudesse ser, este era indubitavelmente um fator significativo. Ver Kim Won-pil, *Revista Today's World*, Janeiro de 1982, p. 18.
22. Kim Won-pil, *Ibid.*
23. Kim Won-pil, op. cit. *O Curso do Pai*, cap. 16.
24. Kim Won-pil, *Revista Today's World*, Janeiro de 1982, p.15.
25. “Eu me senti terrível por anos,” Kim In-ju disse ao autor. Ela disse que em 1970, pouco antes de sua morte, o pai dela escreveu uma apologia para Moon. Anos mais tarde, o esposo dela ouviu o Princípio e veio a respeitar Moon, ela disse.
26. Entrevista do autor com Cha Sang-soon.
27. Este relato foi elaborado a partir das entrevistas com Cha e o primo de segundo grau de Moon, Seung-gyun. A lembrança de Seung-gyun é que Cha disse que Moon era o Messias. Cha negou se referir a Moon como o segundo Cristo, mas disse que o descreveu como “um grande homem.” É possível que foram outros seguidores de Moon que disseram para a família que eles pensavam que ele era o Messias, quando a mãe de Moon e o irmão os visitaram em Pyongyang.
28. O relato do julgamento está baseado em entrevistas com Ok Se-hyun, entrevistas escritas com Kim Won-pil, e a revista *Today's World*, Jan. 1982, p. 19. O autor não pediu para ver os registros do julgamento na Coreia do Norte, no pressuposto que a permissão seria negada. Entretanto, de forma interessante, os registros podem de fato estar nos Estados Unidos, e não em Pyongyang. Toneladas de documentos foram apreendidos pelas forças americanas quando eles capturaram Pyongyang durante a Guerra da Coreia, e armazenaram em caixas no Arquivo Nacional, onde permanecem, em grande parte sem identificação.
29. Nem Kim Won-pil e nem Ok Se-hyun puderam lembrar detalhes tais como o nome do advogado de defesa ou a localização do tribunal. Havia somente dois tribunais em Pyongyang naquele tempo, o Tribunal Distrital (Chi-bang Bobwon) e o Tribunal Superior de Justiça (Go-deung Bobwon). O autor assumiu que o julgamento foi realizado no primeiro.

30. Este era um comportamento incomum para um prisioneiro coreano. No sistema judicial tanto da Coreia do Norte como da Coreia do Sul, uma vez preso, o réu perde sua posição social e é considerado culpado, e tem uma grande batalha para provar a inocência. Portanto, a abordagem usual é agir com arrependimento para assegurar o melhor tratamento dos guardas e a sentença mais branda do juiz. Agindo com confiança, o inocente não é considerado.

Capítulo Sete – Campo de Morte

1. Este relato de Kim Won-dok está baseado em Sun-myung Moon, “*A História da Igreja de Unificação*,” 29 de dezembro de 1971, Washington DC, e Kim Won-pil, ‘*Testemunho da Vida do Pai*,’ 14 de outubro de 1979, AES-UCM, Nova York, e entrevistas do autor com Park Chong-hwa.

2. Mu Jong tinha comandado uma unidade coreana da Oitava Rota do Exército de Mao Tse-tung, e participou na famosa Longa Marcha com Mao. Um líder da facção 'Yenan' dos comunistas do norte da Coreia, ele foi mais tarde expulso por Kim Il-sung.

3. Pak Chong-hwa reivindicou que o sonho do homem no trono foi fabricado pelos primeiros seguidores. O autor foi incapaz de encontrar com Kim Won-dok para verificar a história.

4. Em uma entrevista com o autor em Seul, um ex-morador da vila, Kim Yu-song, disse que os moradores não estavam cientes da natureza dos crimes dos prisioneiros.

5. Esta afirmação foi feita por Kim In-ho (prisioneiro número 424) em entrevista com o autor. Kim, um jovem guerrilheiro anticomunista no tempo de sua prisão, fugiu para o sul da Coreia durante a Guerra da Coreia e se tornou um oficial da inteligência envolvido em operações secretas contra o norte da Coreia. Outro ex-prisioneiro, Hahn Byoung-ku, contou ao autor que muitos dos prisioneiros políticos eram estudantes de Pyongyang. Hahn também fugiu para o sul, foi para os Estados Unidos para estudar e era um professor de comunicação de massa na Universidade Kyung-hee em Seul, na época da entrevista. Ambos estavam na mesma cela de Moon.

6. Entrevista do autor com o prisioneiro, Lee long-kook (prisioneiro número 1084, mais tarde 247), agora um médico de medicina oriental em Seul.

7. Este relato do campo antes da chegada de Moon é elaborado a partir da autobiografia de Kim In-ho, *Além da Linha da Morte*, cap. 9-12, Jinheung Munhwa Co., Seul, 1984.

8. Kim contou ao autor que esta seleção era aleatória.

9. Um ex-prisioneiro, Lee long-kook, disse que ele pensava que eram mil cento e cinquenta sacos. Destes, seiscentos e cinquenta eram para exportar para a União Soviética e a China, e tinham que ser amarrados três vezes. Os sacos para uso doméstico eram amarrados uma vez. Entrevista do autor.

10. Kim In-ho, op. cit., p.76.

11. De acordo com Lee Jong-kook, o nome do prisioneiro era Chon Hasong.
12. Os números 5, 9, 6 em coreano são o-ku-ryuk. As duas primeiras sílabas soam como a raiz da palavra eok-ul-hada, que significa sofrer injustamente.
13. Sun-myung Moon, série de conferências, *“História da Igreja de Unificação”* 28 de dezembro de 1971.
14. Sun-myung Moon, sermão: *'Eu devo ser o Vitorioso para Deus,'* 20 de fevereiro de 1965, *A Família Unificada*, Washington DC, p. 7. Ver também *'Três Estágios de Julgamento'* em op. cit., New Hope, p. 35.
15. A descrição da prisão que segue é descrita por Sun-myung Moon, *'História da Igreja de Unificação,'* Kim In-ho op. cit., Entrevistas com Kim In-ho, Pak Chong-hwa, e seis outros sobreviventes na Coreia do Sul: Kang Sam-won, Ju Heung-shik, Hahn Byoung-ku, Lee Jong-kook, Kim Dong-ok e Kim Jong-chan. Pak é de longe a fonte mais autorizada. Embora também um prisioneiro, como o líder geral, ele desfrutava de relativa liberdade. Outros prisioneiros não tinham permissão de conversar, ou caminhar pelo campo, e conheciam a maioria pelo número. O autor teve várias entrevistas longas com Pak, e também teve as anotações de um discurso de Pak dado em Seul na visita de clérigos americanos em 11 de abril de 1985.
16. Este ponto foi descrito por Kim In-ho em uma entrevista com o autor.
17. Os prisioneiros não tinham permissão de conversar. Kim In-ho, op. cit. p. 78, disse que a presença de suspeitos de informantes nas celas limitava a quantidade de conversas.
18. O nome do líder do grupo de Moon era Kim Nam-seon.
19. Recordando sua fome em uma entrevista, Pak citou um antigo provérbio coreano: “Quando nossos pais morrem ficamos tristes, quando nossos filhos e cônjuge morrem também ficamos tristes, mas a experiência mais insuportável de todas é a fome.”
20. Pak Chong-hwa disse que houve três comandantes enquanto esteve na prisão. O primeiro foi Kim Byong-sup, que tinha sido subordinado de Pak no Comitê da Juventude Democrática, uma organização comunista. Ele foi substituído por Hong Kee-soo, que também tinha sido um membro do Comitê da Juventude Democrática. Pak não pôde lembrar o nome do terceiro comandante.
21. Kim In-ho contou ao autor que os chefes do Partido do Trabalho eram “ladrões, estupradores e assassinos.” Isto difere do relato de Pak Chong-hwa, que disse que a maioria era de oficiais do governo ou soldados, que, como ele mesmo, tinha sido sentenciado por prevaricação. Para Kim, o anticomunista, pode não ter havido nenhuma distinção.
22. Foi de fato um anjo que perguntou para as pessoas porque estavam procurando no céu pelo retorno de Cristo. Ver a Bíblia, Atos 1:11.

23. A Bíblia, João 2:4. Ver também Mateus 12: 46-50.

24. Estas conversas foram reconstruídas pelo autor na base das lembranças de Pak sobre os pontos principais. Para mais explicações sobre as razões de Moon, ver discursos públicos, '*A Esperança de Deus para o Homem*,' '*A Esperança de Deus para a América*,' '*O Futuro do Cristianismo*' e '*O Novo Futuro do Cristianismo*,' no livro de Sun-myung Moon, *A Vontade de Deus e o Mundo*, AES-UCM, Nova York, 1985. (disponível no www.unificacionista.com)

25. De acordo com Pak, Moon disse que Judas estava com ciúme porque Jesus pretendia se casar com a mulher que ele amava, a irmã de Lázaro, Maria. Judas rejeitou a sugestão de Jesus que ele, Judas, se casasse com a irmã de Maria, Marta, e traiu Jesus para as autoridades. O autor deixou isto como uma nota devido às dúvidas sobre as lembranças de Pak. Quanto aos pontos sobre João Batista e a mãe de Jesus, Maria, podem ter sido feitos em outro lugar, e o autor não está familiarizado com o ponto sobre Judas e não está disposto a atribuir isto a Moon. Moon pode ter simplesmente dito que era sua visão que Judas foi motivado por ciúme.

26. Pak disse que inúmeras pessoas na prisão tinham sonhos com Moon. Kim In-ho, op. cit., observa que rumores se espalharam que Moon tinha poderes estranhos. Os guardas, ele disse, não abusavam de Moon, depois que um guarda experimentou algum castigo sobrenatural por fazer isso. Kim pode ter ouvido a história de Pak de segunda mão e assumido que era um guarda.

27. Pak disse que Moon usou a palavra wonhwa-won, literalmente '*jardim de harmonia circular*.' Esta expressão não tem sido utilizada em seu ensinamento subsequente.

28. O vencedor era escolhido pelas autoridades do campo a partir de uma lista curta de sete ou oito nomes fornecidos por Pak. Entrevista do autor.

29. Isto está reconstruído a partir da memória de Pak das discussões com Moon em duas ocasiões, quando Pak arranhou para Moon ter o dia de folga.

30. Como o líder, Pak tinha permissão de ter lápis e papel. Ele manteve um diário durante os anos de prisão.

31. Moon disse para Pak: "O fato que você teve o sonho é porque seus antepassados acumularam mérito no mundo espiritual. Mas alguns prisioneiros têm maus antepassados, por isso é muito difícil para eles até mesmo se você os ajudar." Entrevista do autor com Pak.

32. Os nomes dos seguidores foram dados ao autor por Pak. Informação sobre Kim Jin-soo de Kim In-ho, op. cit., e *A Enciclopédia Cristã*, Gráfica de Literatura Cristã, Seul, 1980, p.295. Pak disse que ele, Kim Won-dok e Kim Jin-soo eram os únicos que entendiam Moon em qualquer extensão. Portanto, o leitor deve entender que o simbolismo do número doze, ecoando os discípulos de Jesus, era importante para Moon, mas a definição de 'seguidores' deve ser visto como sendo ampla.

33. Ju, que mais tarde mudou seu nome para Chang-woo, foi apresentado ao autor por Pak Chong-hwa. O autor foi incapaz de verificar com independência se Ju era um ativista anticomunista, como ele reivindicava, e não um criminoso comum. Ver nota 43 abaixo.
34. Em outubro de 1948, Shtykov foi indicado como o primeiro embaixador Soviético para Pyongyang.
35. Na Coreia do Sul, Moon e Ju tentaram encontrar o tesouro separadamente, mas não tiveram sucesso. (Ver capítulo 10).
36. Pak disse que estava na cela de Moon nessa ocasião, e testemunhou este incidente.
37. Reconstruído a partir da entrevista do autor com Ok Se-hyun e a partir de Kim Won-pil, *'Vida na Prisão em Hungnam,'* Today's World, julho de 1983. Ambos ouviram falar sobre a experiência a partir da mãe de Moon, e mais tarde a partir de Moon. Moon fez referência a este conflito em sermões. Por exemplo: “Quando eu estava na prisão, meus pais me visitavam, e me pediam para abandonar minha missão de Deus, para negar minha missão. Embora fosse como me cortar com uma faca, eu os rejeitei.” Ver *'A Bênção Deus através da História'* 13 de fevereiro de 1965, *A Família Unificada*, Washington DC, p. 4.
38. Entrevista do autor com Moon Yong-gi.
39. Ok disse que a mãe de Moon ficou com ela por uma noite, antes de visitá-lo em uma ocasião, e por vinte dias depois de outra visita. “Ela era muito dedicada a ele e não queria deixá-lo na prisão,” ela disse. Ela disse que sua mãe foi somente duas vezes para Hungnam, mas Moon Yong-gi indicou que houve mais visitas.
40. Pak disse que um informante foi nomeado para observá-lo.
41. De acordo com Pak, estas reflexões eram atiradas em um balde e nunca lidas, e muito menos respondidas.
42. A palavra para 'crime' em coreano é a mesma da palavra para 'pecado.' O entendimento de Moon sobre sua missão era que ele não deveria descansar ou aceitar favores.
43. Kim In-ho alegou, em uma entrevista com o autor, que Ju Heung-shik estava entre este grupo.
44. Na década de 1950, uma nova melodia foi composta por um amigo de Pak. A canção agora é um dos Cânticos Sagrados da Igreja de Unificação.
45. O diretor médico, Lee Moon-jae, não era um prisioneiro.
46. Entrevista com Won Jang-sup que foi o chefe da polícia em Hungnam por três meses da ocupação sul coreana em 1950. No tempo da entrevista, na Coreia do Sul, Won era o diretor do escritório de Hungnam na sombra do governo para a Coreia do Norte.

47. Por conta da campanha de bombardeio estratégico e os ataques em Hungnam, ver Robert F. Futrell, *A Força Aérea dos Estados Unidos na Coreia 1950-1953*, Departamento da História da Força Aérea, USAF, Washington DC, 1983, p. 183-90.

48. Pak em uma entrevista com o autor.

49. O relato das dez semanas finais no campo é definido a partir das entrevistas com quatro sobreviventes que finalmente encontraram o caminho para a Coreia do Sul. Eles são Hahn Byoung-ku, Lee Jong-kook, Kim Dong-ok, e Kim Jong-chan.

50. Para o relato oficial sobre a ida para a costa leste pelos sul coreanos, ver *História das Forças da ONU na Guerra da Coreia, Vol. IV*, Ministério Nacional da Defesa, Seul, 1975, p. 306-8.

51. Hahn Byoung-ku, Lee long-kook, e Kim long-chan estavam neste grupo. Kim Dong-ok estava em um grupo diferente, onde os prisioneiros saíram da casa, que tinha sido requisitada na primeira noite, quando os guardas estavam dormindo.

52. Pak Chong-hwa e Ju Heung-shik oferecem uma versão diferente da versão de Moon, de acordo com a qual as tropas sul coreanas liberaram o campo, exatamente antes da convocação agendada de Moon para ocorrer a execução. Esta de fato, é a versão padrão ensinada para os Unificacionistas. Pak já tinha sido liberado, mas Ju reivindica que ele e Moon partiram juntos quando caminhavam para fora do campo, prometendo se encontrar novamente.

53. Ver Kim Won-pil, op. cit., *O Curso do Pai*, p 93. Kim não se refere a Moon Jong-bin pelo nome.

Capítulo Oito – Quarenta Dias em Pyongyang

1. Ver Kim Won-pil, op. cit., *O Curso do Pai*, p 93.

2. *'Bênção da Glória'* é a primeira canção no livro de Cânticos Sagrados da Igreja de Unificação. Moon também escreveu outro hino, chamado *'Novo Cântico de Inspiração'*, durante as seis semanas em Pyongyang.

3. Em referência a isto, ele relatou mais tarde para seu primo Moon Yong-gi, *"A Providência de Deus é surpreendente"* (entrevista do autor com Moon Yong-gi.) Moon encontrou duas irmãs e sua cunhada, quando ele retornou para a Coreia do Norte em 1991.

4. Ver Kim Won-pil, op. cit., *O Curso do Pai*, p. 94. Ver também Kim *'De Pyongyang até Pusan'*; Revista Today's World, abril de 1983.

5. Bolos de arroz são tradicionalmente consumidos em feriados e ocasiões especiais.

6. Pelo menos dezoito ex-membros do grupo de Pyongyang se sabe que tenham ido para a Coreia do Sul. Seis deles permaneceram seguidores: Kim In ju, Kim Won-pil, Chong Dal-ok, Cha Sang-soon, Ok Se-hyun e Chi Seung-do. Kim Chong-hwa, a principal seguidora desse período, se opôs

a Moon depois que ela foi liberada da prisão. Na Coreia do Sul, Moon enviou Pak Chong-hwa para encontrá-la sete vezes, antes de finalmente aceitar que ela não retornaria. Ela agora vive nos Estados Unidos. O autor foi incapaz de localizá-la.

7. Como já mencionamos, este é um título comum indicando respeito. As regras sociais coreanas exigiam esse título para Moon. Os seguidores se referiam a ele como 'Sonseng-nim' (nim é um sufixo honorífico), significando 'professor' ou 'Mestre.' As tentativas de tradução são difíceis porque nem 'professor' e nem 'mestre' transmitem adequadamente o sentido social de alguém que o orador aceita que seja superior em sabedoria e posição. (os primeiros sermões de Moon foram publicados pelos seguidores na América sob o título incorreto de 'O Mestre Fala.'). Publicamente, ele é ainda chamado 'Reverendo Moon' no ocidente. Para os coreanos, 'Moksa-nim' (Reverendo) é bastante comum para o fundador de uma igreja. A partir do início da década de 1960, ele também tem sido referido pelos Unificacionistas como Abo-nim (Pai), que ao contrário de 'Sonseng', tem uma conotação religiosa, inaceitável para os não fiéis.

8. Este relato é baseado na entrevista do autor com Pak Chong-hwa.

9. Seu esposo era um ancião da igreja Protestante e tornou-se um ministro em Pusan após a Guerra da Coreia.

10. Pak nunca viu sua família novamente e se casou na Coreia do Sul. Ele escreveu para seu antigo endereço em 1989 e recebeu uma carta de seu filho. Pak mais tarde soube de outro refugiado na Coreia do Sul, que sua prima em Sangsuku-ri tinha se juntado ao êxodo com seu esposo e três filhos, mas tiveram que voltar por causa do frio intenso. Não se ouviu mais sobre Moon Jong-bin desde então. Supõe-se que ele não escapou da Coreia do Norte.

Capítulo Nove – A Trilha do Refugiado

1. Estimativa de Pak. Este capítulo está baseado nas entrevistas com Pak, e nas lembranças de Kim Won-pil na Revista Today's World, abril de 1983, p. 9-21.

2. Filha de Lee, Im Nam-sook, em uma entrevista com o autor.

3. A lembrança de Pak é diferente. Ele achava que Moon e Kim retornaram às 21 horas naquela mesma noite.

4. Ver Gregory Henderson, *Coreia: As Políticas do Vórtice*, Gráfica da Universidade de Harvard, Cambridge, Mass., 1968, p. 163-4.

5. Ver Jon Halliday e Bruce Cumings, I, Pantheon Books, New York, 1988, p. 132-8.

6. Entrevista do autor com Kim Hee-son.

7. Entrevista do autor com Im Nam-sook.

8. Pak recontou este incidente em uma entrevista, mas não pôde lembrar para quem era a carta. O autor assume que era para Kim Chong-hwa. Pak não sabe o motivo pelo qual Moon decidiu rasgá-la naquele momento.

9. Pak ganhava seu sustento, vendendo as mesas feitas pelo carpinteiro e mais tarde alugou se quarto quando se juntou a Moon em 1953.

Capítulo Dez – A Rocha de Lágrimas

1. Kim Won-pil, Revista Today's World, abril 1983, p.21. As lembranças de Kim sobre o período de Pusan foram compiladas a partir de vários discursos e publicadas na Today's World, maio de 1982, p. 9-19.

2. Entrevista do autor com Kwak No-pil. O diálogo que segue é reconstruído com alguma licença poética. 'O autor também assumiu alguma licença com o tempo deste evento. Ele pode ter ocorrido alguns dias ou semanas mais tarde.

3. Mais tarde, quando Kwak foi para o exército por quatro anos para o serviço militar, Moon veio para visitá-lo, e pediu para se juntar a ele quando o serviço militar acabou, um convite que Kwak se arrependeu que nunca seguiu. “Eu acho que se tivesse feito isso, eu seria uma pessoa muito importante agora. Eu pensava que ele era louco na época, mas agora penso que ele é um grande homem,” ele disse trinta anos mais tarde.

4. Este episódio é baseado em Aum Duk-moon, *'De colega de escola a discípulo'*, Revista Today's World, junho de 1982, p.6, com detalhes adicionais a partir das entrevistas do autor com Aum.

5. Aum contou para o autor que este encontro foi em 30 ou 31 de janeiro. Moon pode ter usado 'ontem, ao invés de três dias atrás' no mesmo sentido vago como 'Eu cheguei aqui.'

6. Entrevista do autor com Ok Se-hyun.

7. Kim entrou mais nos negócios. Ele se juntou à Igreja de Unificação e a deixou em 1959.

8. Aum Duk-moon, em uma entrevista com o autor.

9. Administrativamente, a região era Pomil-chon. Pomne-gol, que significa 'Vale do Riacho do Tigre', era o nome local não oficial.

10. Op. cit., Revista Today's World, junho de 1982.

11 Revista Today's World, setembro de 1983, p. 16-20.

12. 'Tio' (Ajoshi em coreano) é uma referência polida para um homem mais velho. Moon era 'Grande Tio' para distingui-lo de Kim Won-pil, que era 'Pequeno Tio'.

13. Entrevistas do autor com Ok e Aum.

14. O texto original do Princípio, escrito por Moon, foi mantido muitos anos por Kim Won-pil, e está agora guardado na sede da Igreja de Unificação em Seul. Kang Hyun-shil também tem uma versão escrita à mão. O texto oficial foi escrito mais tarde por outros seguidores. (Ver capítulo 2, nota 16.)

15. Revista Today's World, maio de 1982, p. 13.

16. Revista Today's World, maio de 1982, p. 16. Essas lições simples e comoventes tiveram um profundo impacto nos Unificacionistas ocidentais no final da década de 1970, quando Kim foi indicado para uma missão na Inglaterra, e, até certa extensão, se tornou uma interpretação autoritária da doutrina de Moon que prevaleceu no início do movimento europeu.

17. A história de Kang Hyun-shil é a partir de suas entrevistas com o autor, com pontos adicionais a partir do texto '*De Evangelista a Discípulo*', Revista Today's World, agosto de 1982, e um discurso não publicado que ela deu para clérigos cristãos americanos em Seul em 1985.

18. Entrevista do autor.

19. Moon utilizava a frase coreana “Odi-so o-shos-oyo?” que é uma forma mais polida de perguntar “Como posso ajudá-lo?” do que uma pergunta direta.

20. I João 4:20.

21. Filipenses 3:20.

22. A história incomum que segue foi recontada para o autor por Kim Je-san em uma entrevista. O relato da Sra. Kim era, às vezes, uma mistura de visão e realidade – característica de alguém que passa a maior parte de seu dia em oração – que o autor se baseou em Kang Hyun-shil para o esquema básico da experiência de Kim.

23. Na década de 1980, Kim Baek-moon ainda tinha um pequeno grupo de cerca de cinquenta pessoas, que se reuniam em uma igreja chamada a Igreja Songsu no distrito Chongnung de Seul. Ele morreu em 1990. Sua teologia está contida em três trabalhos: *Songshin Shinhak* (Teologia do Espírito Santo), 1954; *Kumbon Wonri* (O Princípio Fundamental), 1958; e *Shinang Inkyoron* (Teoria da Natureza da Fé), 1970 – todos publicados pela Daeji Publishing Co., Seul. De acordo com o teólogo Pak Sang-ne (ver cap.5, nota 19), os ensinamentos dos dois homens, embora superficialmente semelhantes em categorias, são muito diferentes em conteúdo. Críticos mais tarde reivindicaram que Moon roubou o ensinamento de Kim, um encargo que Pak Sang-ne rejeitou.

24. Lee Kee-hwan era uma irmã de Lee Kee-bong e Lee Kee-ha, senhorias de Moon em Heuksok-dong, Seul. Este relato é a partir de entrevistas com sua filha, Baek Hee-suk, e com Pak Kyong-do.

25. Detalhes de acordo com Kim Won-pil, Today's World, maio de 1982, p. 15.
26. Pak Kyong-do contou ao autor que se sentia culpado sobre deixar Kim Baek-moon, sendo que Kim pagou por seus estudos. Ele ficou com a igreja de Kim e se juntou a Moon alguns anos mais tarde.
27. Isto é aparentemente de uma longa carta que Wadsworth escreveu mais tarde para Pak.
28. Wadsworth era pastor de uma igreja em Maine em meados de 1980. Ele declinou de um convite dos membros da Igreja de Unificação da América para visitar a Coreia com outros clerigos para uma introdução aos ensinamentos de Moon.
29. Estes detalhes são das entrevistas do autor com Lee Yo-han.
30. Lee tinha um dom de tornar as histórias bíblicas relevantes para a vida de fé do indivíduo moderno. Algumas de suas conferências foram publicadas em *Fé e Vida, Cruzada Internacional por Um Único Mundo*, Tóquio, 1977.
31. O vizinho, Lee Bong-eun, mais tarde se tornou um Unificacionista. Ver Lee Bong-eun, 'Chookbok' (Bênção), 'Testemunho: experiências de Fé,' Vol. 2, AES-UCM, Seul, 1984, p.171. Além disso, os pontos sobre Lee Yo-han são a partir da entrevista do autor com o filho do vizinho, Soo-kyung, que se tornou um proeminente Unificacionista.
32. Kim Won-pil, Revista Today's World, maio de 1982, p. 14.
33. O relato da esposa de Moon foi contado ao autor por Kang Hyun-shil.
34. Im Nam-sook, em uma entrevista com o autor.
35. Este detalhe a partir da entrevista de Im Nam-sook com a Sra. Choi.
36. Ver Kim Won-pil, *O Curso do Pai e Nossa Vida de Fé*, AES-UCM, Londres, 1982, cap. 21.
37. É aparente que Moon considerava o período anterior ao matrimônio, durante este tempo de teste, no sentido de um compromisso. A chave 'teste' durante este tempo seria para ambos Moon e sua esposa colocarem a vontade de Deus adiante de seus próprios desejos.
38. Aniversário de Moon em 6 de janeiro (lunar) caiu em 19 de fevereiro nesse ano pelo calendário solar.
39. O toque de recolher estava em vigor desde o início da guerrilha em 1946 e durou até 1981, quando foi abolido pelo novo regente, Chun Doo-hwan. O toque de recolher era na maioria a partir da meia noite até às 4 horas da manhã, embora às vezes funcionava a partir das 23 horas até as 5 horas da manhã.

40. Kang, Ok e Kim foram informadas sobre os eventos que se seguiram após sua partida pela Sra. Song. Ela era a esposa de um oficial do Exército da Salvação e tinha sido recentemente apresentada a Moon por Lee Yo-han.

41. De acordo com Pak Chong-hwa, o sogro, Chang Hee-wook foi um ex-presidente da Universidade Nacional de Seul.

42. Isto é de acordo com Pak Chong-hwa. Pak também disse ao autor que ele aumentou a idade de Moon para 44 anos a fim de que ele pudesse evitar o treinamento de reserva. Moon foi multado por esta falsa afirmação em 1955. Moon pode ter mudado informalmente seu nome já em 1951. Kang Hyun-shil lembrou que quando ela o encontrou em julho de 1952, ele estava usando 'Sun-myung.'

43. Chi Seung-do teve que mudar para Seul depois que Moon foi aprisionado na Coreia do Norte. Ela estava em Taegu, quando soube através de seu filho que Moon estava em Pusan. Chong Dal-ok mais tarde se casou com Kim Won-pil.

44. Os seguintes detalhes são de Moon Seung-gyun, em uma entrevista com o autor.

45. Ver capítulo 3, nota 7.

46. Moon Seung-gyun se mudou para Seul no final de 1953. Ele decidiu se juntar à Igreja de Unificação em fevereiro de 1956 e formalmente se juntou em 1º de janeiro de 1957.

47. Quando Moon foi preso em 1955, promotores investigaram acusações de adultério, mas fracassaram em descobrir alguma evidência.

48. A Igreja de Unificação foi formalmente estabelecida em 1954 como Se-gye Kido-kyo Tong-il Shilyong Hyop-hae.

Nomes Coreanos

A seguir está a lista dos nomes coreanos que aparecem no texto, indicando sua relação com Sun Myung Moon.

Aum Duk-moon, estudante coreano em Tóquio, que se juntou à Igreja de Unificação.

Baek Nam-ju, controverso co-fundador da Igreja de Jesus.

Cha Sang-soon, Unificacionista da Coreia do Norte.

Chang Bong-hee, amigo comunista em Tóquio. Mudou seu nome para Chang Chol. Atualmente, ministro das artes na Coreia do Norte

Chi Seung-do, Unificacionista da Coreia do Norte

Cho Eung-soo, prisioneiro em Hungnam

Cho In-Bok, campeão escolar de luta em Seul.

Cho Man-sik, líder cristão nacionalista, chefe do governo itinerante na Coreia do Norte.

Choi Pil-gun, presidente do Seminário de Pyongyang.

Choi Sun-kil, primeira esposa de Moon Sun-myung.

Chong Choon-shik, prisioneiro em Hungnam.

Chong Dal-ok, Unificacionista desde a Coreia do Norte.

Chong Deuk-eun, Unificacionista na Coreia do Norte.

Chong Myong-sun, Unificacionista na Coreia do Norte, esposo de Kim Chong-hwa.

Chong Shin-taek, professor na vila Monum.

Chung Suk-cheon, filho de Kim Song-do da Igreja Sagrado Senhor.

Emoto Ryumei, nome japonês de Sun-myung Moon.

Gye Hyo-on, ministro na igreja Presbiteriana local quando os Moons se converteram.

Hahn Byoung-ku, prisioneiro em Hungnam.

Han Joon-myung, co-fundador da Igreja de Jesus.

Han Kyongjik, ministro Presbiteriano, co-fundador com Yoon Ha-yong do Partido Democrático Cristão Social na Coreia do Norte.

Han Sang-dong, refugiado cristão em Pusan.

Hong Yi-sun, mulher celibatária no retiro da Igreja Israel Jesus.

Huh Ho-bin, líder do grupo Dentro do Ventre na Coreia do Norte.

Im Nam-sook, estudante na escola dominical, filha de Lee Kee-bong.

Ju Heung-shik, prisioneiro em Hungnam.

Kang Do-sun, professor na escola da igreja local.

Kang Hyun-shil, Unificacionista em Pusan.

Kang Shim-heun, prisioneiro em Hungnam.

Kang Suk-kyong, membro rico da Igreja de Jesus.

Kang Yang-uk, ministro Protestante, tio materno de Kim Il-sung.

Kim Baek-moon, fundador da Igreja de Israel Jesus.

Kim Bom-joon, espiritualista que profetizou que a Coreia era o novo Israel.

Kim Chang-soon, amigo comunista em Tóquio.

Kim Chi-joon, ancião da igreja Presbiteriana, pai de Kim In-ju.

Kim Chong-hwa, líder Unificacionista na Coreia do Norte.

Kim Chee-son, diácono na igreja em Seul.

Kim Hwa-sik, líder cristão no norte da Coreia.

Kim Il-sung, líder comunista da Coreia do Norte.

Kim In-ho, prisioneiro em Hungnam.

Kim In-ju, Unificacionista desde o norte da Coreia.

Kim Je-san, Unificacionista em Pusan.

Kim Jin-soo, ministro cristão na prisão de Hungnam.

Kim Ku, líder nacionalista.

Kim Kyung-gye, mãe.

Kim Nam-jo, mulher que apresentou Kim Baek-moon ao Cristianismo.

Kim Nam-seon, líder de equipe na prisão de Hungnam.

Kim Seung-tae, prisioneiro em Hungnam.

Kim So-wol, poeta da cidade de Jeongju.

Kim Song-do, fundador da Igreja Sagrado Senhor.

Kim Won-dok, seguidor desde a prisão Hungnam.

Kim Won-pil, Unificacionista desde o norte da Coreia.

Kim Yeon-ok, prisioneiro em Hungnam.

Kim Young-oon, membro da Igreja de Jesus, e mais tarde, teólogo Unificacionista.

Kim Yongjin, homem celibatário no retiro da Igreja Israel Jesus.

Ko Hee-yong, esposa de Aum Duk-moon.

Kwak No-pil, amigo em Heuksok-dong, preso pela polícia em Seul.

Kwon Duk-pal, colega de alojamento e pregador leigo na igreja em Seul.

Lee Bom-sok, primeiro ministro da Coreia do Sul.

Lee Ho-bin, co-fundador da Igreja de Jesus, que oficializou o matrimônio de Moon.

Lee Han-shin, co-fundador da Igreja de Jesus.

Lee Il-duk, esposo da líder do grupo Dentro do Ventre, Huh Ho-bin.

Lee Kee-bong, senhoria, membro da Igreja de Jesus, filha de Kang Suk kyong.

Lee Kee-ha, senhoria, membro da Igreja de Jesus, filha de Kang Suk kyong.

Lee Kee-hwan, filha de Kang Suk-kyong, seguidor de Kim Baek-moon, se juntou a Moon em Pusan.

Lee Kwang-su, escritor da cidade de Jeongju.

Lee Myong-nyong, latifundiário local, ancião da igreja, figura da independência.

Lee Seung-hoon, fundador da Escola Osan, figura da independência.

Lee Yo-han, Unificacionista em Pusan.

Lee Yong-do, Carismático co-fundador da Igreja de Jesus.

Moon Chi-kook, avô paterno.

Moon Da-song, antepassado do século VII do clã Moon.

Moon Hyo-shim, irmã.

Moon Hyong-chon, primeiro professor no vilarejo Morum.

Moon Ik-jum, diplomata do século XIII que trouxe o algodão para a Coreia.

Moon Jong-bin, seguidor na prisão Hungnam.

Moon Jong-ul, bisavô paterno – seu nome era Sun-ok.

Moon Kyung-bok, tio e vizinho.

Moon Kyung-chun, primo do pai e vizinho.

Moon Kyung-koo, tio.

Moon Kyung-yoo, pai.

Moon Seung-gyun, primo segundo que mudou seu nome na década de 1960 para Seung-yong.

Moon Sung-jin, filho.

Moon Yong-gi, primo.

Moon Yong-gwan, irmão mais jovem que morreu na infância.

Moon Yong-ho, irmã mais jovem que morreu na infância.

Moon Yong-hyon, primo.

Moon Yong-myung, nome original de Sun-myung Moon.

Moon Yong-soo, irmão mais velho.

Moon Yong-sun, primo.

Moon Yoon-kook, tio avô e ministro Presbiteriano local.

Mu Jong, general norte coreano.

Na Choi-sup, mulher celibatária no retiro da Igreja Israel Jesus.

Ok Se-hyun, Unificacionista da Coreia do Norte.

Pak Chang-je, professor na vila Morum.

Pak Chong-hwa, seguidor desde a prisão Hungnam.

Pak Ki-ho, professor em Sangsa-ri.

Pak Kyong-do, aluno da escola dominical, seguidor de Kim Baek-moon, que se juntou a Moon em Pusan.

Pak Kyongjoon, irmão de Pak Kyong-do, diácono na igreja Pentecostal em Seul.

Pak Myeong-hwan, prisioneiro em Hungnam.

Pak Song-san, ministro na igreja Pentecostal em Seul.

Pak Sul-nam, mulher celibatária no retiro da Igreja Israel Jesus.

Pak Ul-nae, Unificacionista na Coreia do Norte.

Rhee Syng-man, (geralmente conhecido como Syngman Rhee) primeiro presidente da Coreia do Sul.

Song Moon-kyu, jovem vizinho em Pusan.

Woo Jong-ae, filha de Ok Se-hyun.

Woo Jong-soon, filha de Ok Se-hyun.

Yoo Koo-bok, companheiro estudante e de alojamento em Seul.

Yoon Ha-yong, ministro Presbiteriano, co-fundador com Han Kyong-jik do Partido Democrático Social Cristão na Coreia do Norte.

Tradução: Marcos Alonso
www.unificacionista.com

